Edson Viggiani Júnior

**Bom Retiro:
imagens, culturas e identidades**

Dissertação apresentada à Escola de
Comunicação e Artes da Universidade
de São Paulo para obter o título de
Mestre em Ciências da Comunicação

São Paulo
2016

EDSON VIGGIANI JÚNIOR

Bom Retiro: imagens, culturas e identidades

Dissertação apresentada à Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo para obter o título de Mestre em Ciências da Comunicação. Área de concentração: Teoria e Pesquisa em Comunicação. Linha de Pesquisa: Linguagens e Estéticas da Comunicação.

Orientador: Prof. Dr. Boris Kossoy

São Paulo

2016

Autor: Edson Viggiani Júnior

Título da Dissertação: Bom Retiro: imagens, culturas e identidades

Presidente da Banca: Prof. Dr. Boris Kossoy

Banca Examinadora:

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Aprovada em: ____ / ____ / ____

AGRADECIMENTOS

Esta pesquisa não seria possível sem a colaboração e o incentivo de inúmeras pessoas e instituições. Início pelo orientador, Prof. Dr. Boris Kossoy, que foi fundamental no desenvolvimento e na qualificação deste trabalho. Agradeço às docentes da USP Profa. Dra. Cremilda Medina, Profa. Dra. Sandra Reimão, Profa. Dra. Stella Maris Scatena Viladarga, Profa. Dra. Sylvia Cauiby Novaes e Profa. Dra. Maria Luiza Tucci Carneiro pela gentileza e disposição. Às Profas. Dras. Simonetta Persichetti, da Faculdade Cásper Líbero, e Cristina Maranhão, do Senac pelas observações. À CAPES pela bolsa de estudos. Agradeço a minha companheira, Denise Ramiro, que esteve presente em todo o processo, realizando leituras críticas e comentários; a minha filha Alice Viggiani, acompanhando desde o início do trabalho, sua interferência foi decisiva na produção gráfica e na finalização; a meu filho, Camilo Viggiani pelas dicas e os comentários; a minha mãe, Ivone Regente Viggiani e a meus irmãos, Magdalena Viggiani Jalbut e Ricardo Viggiani, por me apoiarem sempre. Alguns amigos colaboraram das mais diferentes formas e a eles dirijo tamb'ém meus agradecimentos: Rosangela Andrade, do Clube do Analógico, que foi imprescindível pelo trabalho do laboratório fotográfico; Marcos Issa e Salomon Cytrynowicz da Prata e Pixel, pela digitalização dos negativos; Julio Epifany que cuidou da versão; e a editora Denise Pessoa que trabalhou na revisão dos textos. Agradeço a todos os moradores do Bom Retiro e a algumas pessoas e instituições em especial: Jung Yun Chi, Margarida Regula, Marina e Hugueta Sendacz, Paulo Frangiotti, Jairo Degenszajn, Francisco Moreno, Helio Joffe, Jorge Gutierrez Lopez, Casa do Povo, Associação de Comunicadores Bolívia Brasil, Unibes, Ten Yad e Colégio Polilogos. Agradeço ainda a amigos, parentes e colaboradores da pesquisa: Rodrigo Brancher, Adri Felden, Jonas Chun, Patrícia Negrão, Marina Pecoraro, Marcelo Min (*in memoriam*), Milton Belintani (*in memoriam*), Júlia Ramiro Belintani, Diego Chilio, Carolina e Iara Ramiro, Mateus Lopes, Virgínia Albertini, Ricardo e Júlia Jalbut, Sylvia (*in memoriam*), Mônica, Patrícia e Décio Jackievicus, Fabíola Lugão Viggiani, Lena Viggiani, Neide (*in memoriam*) e Carmen Vasconcellos.

RESUMO

Esta pesquisa tem por objeto identificar e compreender as difusas fronteiras e os encontros entre as distintas etnias, culturas e nacionalidades presentes no bairro do Bom Retiro, zona central de São Paulo. A abordagem é multidisciplinar, e a fotografia é utilizada como método de pesquisa, meio de informação e expressão. A urbanização do lugar iniciou-se na última década do século XIX e intensificou-se com a construção da estação da Luz, no início do século XX. Desde então, o bairro é o mais cosmopolita do Brasil, porta de entrada para as mais diferentes origens; uma de suas principais características é a conexão residência-trabalho, desde a formação do bairro até os dias de hoje. O Bom Retiro tornou-se uma referência do comércio de confecções na capital paulista a partir da inserção da comunidade judaica no início do século XX, depois desenvolvido pela comunidade coreana e, mais recentemente, com o trabalho dos sul-americanos. É um pequeno universo de acentuadas diferenças étnicas e culturais e classes sociais distintas em convivência. A luta pela construção da própria narrativa pelos diferentes grupos alimentou identidades e alteridades, criando um espaço singular de polifonia cultural e de relações incomuns.

Palavras-chave: cultura; etnia; fotografia; identidade; imigração

ABSTRACT

This research has the purpose to identify and understand the diffuse borders and encounters between different races, cultures and nationalities present in the neighborhood of Bom Retiro, in central Sao Paulo. The approach is multidisciplinary, and photography is used as a research method, means of information and expression. The urbanization of the place began in the last decade of the nineteenth century and intensified with the construction of the Estação da Luz, in the early twentieth century. Since then, the neighborhood is the most cosmopolitan of Brazil, gateway to the most different origins; one of its main features is the connection home-to-work, since the formation of neighborhood up to the present day. The Bom Retiro became a reference on trading of clothing goods in São Paulo from the insertion of the Jewish community in the early twentieth century, then developed by the Korean community and more recently with the work of the South Americans. It's a micro world of sharp ethnic and cultural differences and coexistence of different social classes. The struggle for the construction of the narrative itself by different groups fed identities and otherness, creating a unique space of cultural polyphony and unusual relationships.

Keywords: culture; ethnicity; photography; identity; immigration

SUMÁRIO

LISTA DE ABREVIATURAS _____	7
INTRODUÇÃO _____	8
CAPÍTULO 1. Ensaio fotográfico _____	16
CAPÍTULO 2. Fotografia: teoria e método _____	77
2.1 A experiência fotográfica _____	79
2.2 Fotografia: arte e ciência, sua complexa tradução _____	83
2.3 Referencial teórico _____	89
CAPÍTULO 3. Os tempos do Bom Retiro _____	94
CAPÍTULO 4. O lugar da memória _____	111
4.1 A Casa é do povo _____	111
4.2 As vozes da América do Sul _____	121
4.3 O álbum da travessia _____	129
CAPÍTULO 5. Fotografia e cultura _____	133
5.1 Sob a luz de santo Eduardo _____	134
5.2 A escolha da terra prometida _____	140
5.3 O estúdio da rua Prates _____	142
CAPÍTULO 6. Atores sociais, identidades e representações _____	148
6.1 O charango e a Bíblia _____	148
6.2 Coreia sem fronteiras _____	152
6.3 Entre o Oriente e o Ocidente _____	159
6.4 Reinventando a Mãe Terra _____	163
6.5 O barbeiro de La Paz _____	168
6.6 As identidades de Dóris _____	170
CONSIDERAÇÕES FINAIS _____	173
ANEXO: Mapa do bairro do Bom Retiro _____	178
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS _____	179
REFERÊNCIAS CINEMATOGRAFICAS _____	183

LISTA DE ABREVIATURAS

ABEC	Associação Brasileira de Educação Coreana
AMA	Assistência Médica Ambulatorial
Conseg	Conselho Comunitário de Segurança do Bom Retiro
CPDOC	Centro de documentação
CPTM	Companhia Paulista de Trens Metropolitanos
ECA	Escola de Comunicação e Artes
FAPESP	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo
FAU	Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
FFLCH	Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
FGV	Fundação Getúlio Vargas
FUNARTE	Fundação Nacional de Artes
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ICIB	Instituto Cultural Israelita Brasileiro
MERCOSUL	Mercado Comum do Sul
ONG	Organização Não-Governamental
TAIB	Teatro de Arte Israelita Brasileiro
UBS	Unidade Básica de Saúde
Unibes	União Brasileiro-Israelita do Bem Estar Social
Unicamp	Universidade de Campinas
USP	Universidade de São Paulo

INTRODUÇÃO

Este projeto de mestrado começou a ser elaborado a partir do desenvolvimento do trabalho de documentação fotográfica do bairro do Bom Retiro, no primeiro semestre de 2013, que foi contemplado com o Prêmio Marc Ferrez 2012, da FUNARTE. O Bom Retiro é um bairro essencialmente cosmopolita e de tramas sociais em sincronia com a globalização. Ao fotografar o Bom Retiro, a singularidade do lugar ficou evidente. O que eu via em minhas próprias fotos me inquietava; percebi que minha documentação fotográfica ganharia valor na medida em que fosse sistematicamente situada e contextualizada em termos históricos e sociais. Foi quando comecei a considerar a ideia de uma pesquisa de mestrado.

Os jogos infantis realizados nas ruas do Bom Retiro foram objeto de pesquisa do sociólogo Florestan Fernandes no artigo de 1944 “As trocinhas do Bom Retiro: contribuição ao estudo folclórico e sociológico da cultura e dos grupos infantis”. Fernandes discorre, entre outras coisas, sobre a consciência de grupo que as brincadeiras proporcionavam. Nasci no Bom Retiro, na rua Adoração, em 1958, e lá passei a primeira infância. Minha família se instalara no bairro em 1888, vinda do sul da Itália. O olhar de criança mirava a ocupação da rua e a relação com amigos de diferentes origens; a vizinhança propiciava o convívio com a diferença. As casas geminadas e a rua sem saída facilitavam a diplomacia infantil através dos rituais das brincadeiras. As crianças expressavam a inquietude das tensões e contradições, mas também a chance de um convívio lúdico e de múltiplas relações.

Diferentes classes sociais vivem no bairro, as relações sociais e culturais são assimétricas, mas é possível observar no Bom Retiro uma troca cultural concomitante à luta pela preservação da cultura de origem. A composição social e étnica faz do bairro um lugar singular no Brasil. Mesmo em São Paulo, não há um bairro com tanta diversidade de etnias e de nacionalidades. Por outro lado, não há uma “pequena Itália”, nem “cidade

dos coreanos” e tampouco uma área restrita aos judeus tradicionais. Todas as comunidades estão próximas geograficamente. Trama social complexa em espaço exíguo.

Uma das complexidades são as questões étnicas camufladas nos conflitos entre classes sociais; em geral, as comunidades étnicas e religiosas são socialmente estratificadas. Outra é identificar quais são os grupos étnicos e culturais que sofrem maior discriminação por parte da sociedade brasileira. A assimilação de migrantes no Brasil, em particular em São Paulo, é contraditória e vinculada ao lugar de origem e à classe social. Cada migração tem um histórico distinto, com características próprias; algumas emigrações forçadas forjando trajetórias intensas. Sobre o Bom Retiro, devemos falar em identidades, sempre no plural. No interior das comunidades há conflitos e contradições, os diversos grupos não são necessariamente homogêneos, buscam construir o discurso afinado com os seus interesses, de classe social, de etnia ou de comunidade religiosa. Cada um que viveu ou conheceu o Bom Retiro poderá contar uma história distinta sobre o bairro; as diferentes comunidades buscam construir a própria narrativa, quase sempre em oposição ao senso comum, ao preconceito e à discriminação.

O Bom Retiro é um laboratório da pós-modernidade neste momento histórico de questionamentos dos paradigmas sobre nacionalismo, identidades culturais e migrações na era globalizada. O conceito de nação de Benedict Anderson contribui para iniciar o debate sobre a questão do nacionalismo: “definição de nação: uma comunidade política imaginada – e imaginada como sendo intrinsecamente limitada e, ao mesmo tempo, soberana”.¹ Limitada porque há fronteiras definidas e finitas, e imaginada porque não é possível conhecer todos os membros da comunidade. Fronteiras reais e simbólicas operam no bairro e tangenciam a transformação dos conceitos de nação. É impossível ignorar o outro no Bom

¹ ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 32.

Retiro. As comunidades estão muito próximas, e as novas levas de imigrantes em geral ocupam o espaço utilizando de estruturas preexistentes. O outro é sempre presente e muito próximo.

Néstor García Canclini, em *A globalização imaginada*, procura olhar para o processo de globalização não apenas pelo prisma das questões econômicas, mas também pelo das articulações culturais surgidas nessas novas relações. Canclini expõe a dificuldade pós-globalização com relação ao estudo de sociedades nacionais e de etnias, pois já não se constituem como observatórios (antropológicos) definidos. O autor contesta quem diz que a globalização tem caráter apenas homogeneizador: “Muito do que se fala sobre a globalização é falso; por exemplo, que ela uniformiza todo o mundo”.² No Bom Retiro ocorre um processo dialético entre as culturas de origem e a luta de resistência através da preservação da cultura original e da integração numa sociedade distinta e culturalmente plural. Canclini argumenta que a globalização não é um paradigma político ou cultural, sendo consequência de movimentos muitas vezes contraditórios (local-global, local-local):³ “Os conhecimentos disponíveis sobre a globalização constituem um conjunto de narrativas, obtidas por meio de aproximações parciais, em muitos pontos divergentes”. No caso do Bom Retiro, as conexões globais se misturam e se confundem com as conexões locais. Os movimentos migratórios sentidos no bairro expressam, muitas vezes, projetos internacionalistas: instituições de origem coreana debatendo sobre a unificação da Coreia; diferentes grupos da comunidade judaica articulando possíveis colaborações com o Estado de Israel; bolivianos discutindo, até via internet, o destino político do Estado Plurinacional da Bolívia.

Os objetivos desta pesquisa foram: tentar identificar por que o lugar se renova continuamente como um bairro agregador de etnias e classes sociais distintas e como as relações culturais se definem na dinâmica dessa trama social urbana; atentar para a criação dos novos códigos e

² CANCLINI, Néstor García. *A globalização imaginada*. São Paulo: Iluminuras, 2003, p. 41.

³ Ibidem, p. 43.

representações entre os diferentes grupos e as redes sociais criadas. É interessante como cada grupo vê o bairro e se vê no bairro em relação aos outros. Procurei detectar, no desenvolvimento deste trabalho, as identidades e alteridades, o preconceito velado e as fronteiras rompidas. Busquei, de forma genérica, lançar um olhar sobre as nuances das fronteiras construídas pelas relações sociais dos diferentes grupos e, de forma específica, realizar o registro das reiteraões culturais, do cotidiano e das ações sociais, a condição que cada imigrante ou grupo de imigrantes que se instalou no Bom Retiro reflete na forma como irá se relacionar com o país e o bairro. Os condicionantes se referem ao período e às circunstâncias da emigração, as necessidades de mão de obra naquele período determinado no país receptor e em que situação material e de formação educacional se encontrava o imigrante. Esses condicionantes influenciam não só na relação com o lugar de chegada, mas também, como é o caso do Bom Retiro, no modo como os imigrantes e seus diferentes grupos irão se relacionar entre si.

Como argumenta David Harvey em *A produção capitalista do espaço*, "a consciência dos moradores urbanos influencia-se pelo ambiente da experiência, do qual nascem as percepções, as leituras simbólicas e as aspirações";⁴ as relações são construídas no cotidiano e se expressam pelas ações sociais e culturais. Vivenciando o bairro, é possível ouvir os mais díspares idiomas: coreano, guarani, aimará, espanhol, português, iídiche, grego, entre outros. Os letreiros das lojas e até mesmo placas indicativas de eventos são escritos em diversas línguas. Nem sempre o cardápio do restaurante, a academia de ginástica ou a fachada da creche têm alguma referência em português. A televisão de um estabelecimento comercial pode estar ligada num programa da Coreia do Sul, e o culto religioso pode ser celebrado em grego. Há encontros e desencontros, fronteiras fluídas e difusas, e ao mesmo tempo trocas culturais improváveis.

No início da pesquisa, em 2013, entrevistei o historiador Roney Cytrynowicz, e ele atentou para uma perspectiva possível sobre o bairro do

⁴ HARVEY, David. *A produção capitalista do espaço*. São Paulo: Annablume, 2005, p. 170.

Bom Retiro: a do trabalho, por ser ele o denominador comum da diversidade social e étnica. Sem dúvida, esse é um caminho. Por outro lado procurei olhar para o bairro não apenas a partir da perspectiva da luta de classes. Para revelar a riqueza das relações que estão ocorrendo procurei observar as nuances culturais e estabelecer as tramas na evidente tensão que há por conta da desigualdade social e cultural. Jung Yun Chi, pesquisadora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, considera que o bairro pode ser visto como lugar de passagem, pois é muito comum o sujeito, ao ascender socialmente, ir embora do Bom Retiro, caso de grande parte da comunidades italiana, judaica e coreana. Outro olhar é entender o bairro como o lugar do devir, o canto do mundo escolhido para morar, fazer negócios, trabalhar, constituir família, ir à igreja, beber com os amigos e viver. É o discurso de muitos no lugar, especialmente dos mais velhos ou da segunda e terceira gerações já estabelecidas no bairro. É possível dizer que não há apenas um Bom Retiro, mas vários. São muitas histórias entrelaçadas no mesmo espaço, que é diverso culturalmente e de estratos sociais distintos, mesmo no interior de cada grupo.

É comum nos trabalhos acadêmicos sobre o Bom Retiro a referência apenas a determinada etnia ou comunidade, enfatizando um período histórico definido pela ocupação migratória. Uma das pesquisas que tratam da diversidade étnica no lugar é a do pesquisador da Universidade Federal de São Carlos Oswaldo Truzzi. No artigo “Etnias em convívio: o bairro do Bom Retiro em São Paulo”, publicado na revista *Estudos históricos*⁵ do centro de documentação da Fundação Getúlio Vargas, Truzzi diz que a complementaridade econômica dos diversos grupos e a ocupação sucessiva, sem sincronia de etnias, são atenuantes de conflitos no bairro do Bom Retiro. Sem dúvida, o fato de haver interdependência econômica entre os grupos contribui para que se estabeleça um convívio tolerante. Porém, no período estudado pelo autor do artigo, as comunidades sul-americanas iniciavam a ocupação no bairro, mas ainda não eram notadas, não tinham

⁵ TRUZZI, Oswaldo. Etnias em convívio: o bairro do Bom Retiro em São Paulo. *Estudos históricos* vol. 2, n 28. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, 2001.

visibilidade, diferentemente do que ocorre hoje, quando buscam o próprio espaço, nem que seja virtual, pela internet. Além disso, as diversas comunidades procuraram sedimentar sua passagem pelo bairro: criaram instituições, empresas, grêmios esportivos, escolas, sinagogas, igrejas evangélicas coreanas e sul-americanas, igrejas católicas, igrejas ortodoxas grega e armênia.

Os grupos se sucedem, entretanto; as pessoas que deixam o bairro o fazem após ascender socialmente; muitos permanecem, criam vínculos e cultivam constantemente as tradições de origem, mesmo com as necessárias adaptações. Neste momento, no Bom Retiro, percebe-se o imbricamento de comunidades distintas: a presença coreana é evidente, a comunidade judaica ainda é grande, e os sul-americanos continuam ocupando os espaços menos valorizados do bairro; estão no início do processo histórico de organização, criando as próprias instituições, algumas igrejas protestantes e negócios. Os projetos migratórios são distintos, de origens diferentes, mas disputam o mesmo espaço.

Novas identidades surgem nas tramas sociais e na diversidade cultural, e Stuart Hall debate essas questões: “A identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente no momento do nascimento”.⁶ O Bom Retiro é o espaço urbano no qual ocorrem encontros inusitados, só possíveis devido às características históricas especiais do desenvolvimento do bairro; é um lugar de grandes personagens anônimos, imigrantes, alguns refugiados, todos com histórias a ponto de sair pela garganta. As identidades transcendem fronteiras, e o sentimento de nação está mais perto do coração e da memória afetiva que do território. As novas gerações são criadas em ambientes diferentes daquele em que seus antepassados cresceram, frequentam escolas, convivem com crianças e jovens de outras origens e têm assim outras referências, nem sempre alinhadas com o projeto familiar.

⁶ HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006, p. 28.

A harmonia é aparente, há uma tensão oculta. O discurso da convivência pacífica e harmoniosa é repetido com mais constância pelas camadas sociais mais altas que vivem no bairro. Embora haja um fortalecimento da narrativa da harmonia pela exaltação das virtudes do lugar, ao se aproximar é possível verificar o conflito contido. A alteridade, muitas vezes, é o contraponto necessário para a construção da identidade. O ambiente de harmonia aparente dissimula os conflitos sociais, é possível que a identidade aconteça por aproximação; os sul-americanos não são uma comunidade, mas várias; pode, no entanto, algum evento, situação ou circunstância especial que agrupe paraguaios, bolivianos e peruanos.

O bairro é um espaço em constante transformação, mas o caráter cosmopolita permanece. É comum encontrar atuais moradores do Bom Retiro que tiveram outras experiências migratórias, são cidadãos do mundo. Qualquer um, de qualquer lugar do planeta, consegue se sentir em casa no Bom Retiro, um lugar que constantemente ganha novos significados e ao qual cada comunidade busca acrescentar a sua distinção. O bairro foi desenvolvido em sua origem para abrigar moradia e trabalho, constituindo-se assim como lugar de confinamento da classe trabalhadora. Os primeiros habitantes, italianos, portugueses e espanhóis, iniciaram o processo - mesmo que involuntário ou desprezioso, e também conflituoso - de criação de um espaço no qual a pluralidade é a norma. Pluralidade e constante transformação sintetizam o Bom Retiro. Cada grupo procura reiterar suas tradições culturais, ocupar espaços e construir uma narrativa própria. Os conflitos ficam mais explícitos na luta pelo espaço. Na busca dessas afirmações, acabam se aprofundando vínculos com o lugar. A memória sombreando o presente e as identidades surgidas nesse ambiente lembram uma colcha de retalhos, uma continuidade assimétrica, a sensação de continuidade num todo ao mesmo tempo descontínuo e entrelaçado.

Ao tentar identificar reiteraões culturais, as tradições e costumes dos imigrantes, notamos como se desenvolvem as relações com o Estado e a sociedade brasileira. Neste momento, o Brasil apresenta suas contradições e

conflitos, preconceitos latentes, qualidades e defeitos. O olhar do estrangeiro revela alguns aspectos do nacional brasileiro e ao mesmo tempo ajuda a construir um sentido de nação; a alteridade percebe o extraordinário e identifica o que nos parece comum. O imigrante coloca em pauta o mito da democracia racial, da nação tolerante, receptiva e sem preconceitos. Habitam o Bom Retiro povos com diferenças culturais extremas, mas alguns fatos históricos tangenciam suas trajetórias distintas: o medo em relação ao país desconhecido, a clandestinidade, a consciência da necessidade de agrupar elementos da mesma comunidade e a solidariedade organizada.

O Bom Retiro recebe há mais de um século gente de vários cantos do mundo. Nem todos são imigrantes, alguns podem ser considerados refugiados. Muitas das pessoas que escolheram o bairro para viver passaram por conflitos armados, fome, tragédias familiares e crise econômica e social. Sua experiência de vida e o desejo comum de um futuro digno para os descendentes enriqueceram o universo social brasileiro. As comunidades de imigrantes marcaram presença no bairro e fizeram história no Brasil, construíram e continuam construindo a própria narrativa e, concomitantemente, estão em confluência com o samba, a feijoada, o futebol, o jogo do bicho, os passeios pelo Jardim da Luz, o pastel da feira e o feirante, capaz de aprender palavras em coreano para vender melhor. Ao olhar para uma realidade de múltiplas relações sociais e culturais como é a do Bom Retiro, é preciso ter consciência de que essa é apenas uma das inúmeras perspectivas possíveis. É um olhar, não “o” olhar. Assim, parto da ideia de que as comunidades estudadas são personagens ativos da história. Em seguida apresento o ensaio fotográfico e, no capítulo seguinte trato de questões sobre fotografia pertinentes à pesquisa e às referências teóricas utilizadas. Nos outros capítulos procuro assinalar certos fatores históricos determinantes na formação do Bom Retiro, procedimento que julgo necessário para localizar os atores sociais no cenário do bairro, os protagonistas dos capítulos seguintes.

1. Ensaio fotográfico

Fotografias realizadas em filme preto

e branco no Bom Retiro entre 2013 e 2016

Passagem do trem da CPTM e rua Silva
Pinto. Bom Retiro, São Paulo, SP, 2013

Encontro das ruas Três Rios,
Silva Pinto e da Graça.
Bom Retiro, São Paulo, SP, 2016

Trem da CPTM.
Bom Retiro, São Paulo, SP, 2015

Vista geral do bairro a partir
da rua Matarazzo.
Bom Retiro, São Paulo, SP, 2015

Vista geral do bairro a partir da rua Prates.
Bom Retiro, São Paulo, SP, 2013

Vista geral do bairro a partir da rua Javaés.
Bom Retiro, São Paulo, SP, 2013

Estacionamento de automóveis,
rua Rodolfo Miranda.
Bom Retiro, São Paulo, SP, 2014

Oficina mecânica, rua Guarani.
Bom Retiro, São Paulo, SP, 2013

Loja de manequins, rua Ribeiro de Lima.
Bom Retiro, São Paulo, SP, 2013

Vendedor do comércio na rua José Paulino.
Bom Retiro, São Paulo, SP, 2013

Vitrine de loja na rua Solon.
Bom Retiro, São Paulo, SP, 2013

Rua José Paulino.
Bom Retiro, São Paulo, SP, 2013

Celebração de Purim na Casa do Povo,
rua Três Rios.
Bom Retiro, São Paulo, SP, 2016

Bloco do Bule e Teatro Popular União
e Olho Vivo durante o carnaval, rua Jaraguá.
Bom Retiro, São Paulo, SP, 2016

Bloco do Bule e Teatro Popular União
e Olho Vivo durante o carnaval, rua Jaraguá.
Bom Retiro, São Paulo, SP, 2016

Encontro das ruas Solon e da Graça.
Bom Retiro, São Paulo, 2013

Feira-livre, rua Guarani.
Bom Retiro, São Paulo, SP, 2013

Lídio dos Santos Neto, catador
de papel, rua Talmud Thorá.
Bom Retiro, São Paulo, SP, 2013

Senhoras bolivianas, rua Joaquim Murtinho.
Bom Retiro, São Paulo, SP, 2015

Celebração de Purim
na Casa do Povo, rua Três Rios.
Bom Retiro, São Paulo, SP, 2016

Fachada de edifício residencial
entre restaurante coreano e serviço
de chaveiro, rua Guarani.
Bom Retiro, São Paulo, SP, 2016

Fachada de edifício residencial
entre restaurante coreano e serviço
de chaveiro, rua Guarani.
Bom Retiro, São Paulo, SP, 2013

Mario Romero, barbeiro boliviano,
rua Joaquim Murtinho.
Bom Retiro, São Paulo, SP, 2015

Encontro da Associação de
Comunicadores Bolívia Brasil
na Casa do Povo, rua Três Rios.
Bom Retiro, São Paulo, SP, 2015

Jovens moradores do bairro, rua Anhaia.
Bom Retiro, São Paulo, SP, 2013

Sônia e seu filho Alan, rua Amazonas.
Bom Retiro, São Paulo, SP, 2013

Senhores gregos reunidos em frente
ao restaurante Acrópolis, rua da Graça.
Bom Retiro, São Paulo, SP, 2016

Horário de fechamento do
comércio, rua José Paulino.
Bom Retiro, São Paulo, 2013

Vendedora no comércio da rua Anhaia.
Bom Retiro, São Paulo, SP, 2013

Miki no estúdio fotográfico, rua Três Rios.
Bom Retiro, São Paulo, SP, 2015

Margarida Regula no estúdio fotográfico
da família, rua dos Italianos.
Bom Retiro, São Paulo, SP, 2013

Rabino David Weitman na entrada da
sinagoga Kehilat Israel e do Memorial
da Imigração Judaica, rua da Graça.
Bom Retiro, São Paulo, SP, 2015

Francisco Rosa, rua dos Italianos.
Bom Retiro, São Paulo, SP, 2013

Feira-livre, rua Jaraguá.
Bom Retiro, São Paulo, SP, 2013

Barracas de comidas gregas na festa
junina promovida pela Igreja Ortodoxa
Grega, rua Solon.
Bom Retiro, São Paulo, SP, 2015

Rua Três Rios.
Bom Retiro, São Paulo, SP, 2013

Travessa na rua Visconde de Taunay.
Bom Retiro, São Paulo, SP, 2013

Interior de apartamento de família
boliviana, rua da Graça.
Bom Retiro, São Paulo, SP, 2015

Pertences de catadores de papel abrigados
em um posto de gasolina desativado.
Bom Retiro, São Paulo, SP, 2013

Catador de papel e banca de jornal
na esquina das ruas Ribeiro de Lima
e José Paulino.
Bom Retiro, São Paulo, SP, 2013

Rua Joaquim Murtinho.
Bom Retiro, São Paulo, SP, 2014

Cerimônia religiosa na Igreja
Ortodoxa Grega, rua Matarazzo.
Bom Retiro, São Paulo, SP, 2013

Reza matinal na Sinagoga *Adat Ischurum*,
conhecida como Shil da Vila, rua Prates.
Bom Retiro, São Paulo, SP, 2014

Reza matinal na Sinagoga *Adat Ischurum*, conhecida como Shil da Vila, rua Prates. Bom Retiro, São Paulo, SP, 2014

Dia das Mães na *Assemblea de D'ios*, rua Prates.
Bom Retiro, São Paulo, SP, 2015

Apresentação do coral Tradição
na Unibes, rua Rodolfo Miranda.
Bom Retiro, São Paulo, SP, 2014

Igreja Missionária Oriental
de São Paulo, rua Mamoré.
Bom Retiro, São Paulo, SP, 2015

Almoço após o culto na Igreja Missionária
Oriental de São Paulo, rua Mamoré.
Bom Retiro, São Paulo, SP, 2015

Celebração do Dia das Mães
na *Asamblea de Dios*, rua Prates.
Bom Retiro, São Paulo, SP, 2015

Aula de esportes no Colégio
Polilogos na rua Solon.
Bom Retiro, São Paulo, SP, 2014

Futebol entre bolivianos no clube
do Nacional, rua Anhaia.
Bom Retiro, São Paulo, SP, 2013

Crianças de ascendência boliviana
brincam na rua João Kopke.
Bom Retiro, São Paulo, SP, 2013

Missa durante a Páscoa na Igreja
Santo Eduardo, rua dos Italianos.
Bom Retiro, São Paulo, SP, 2013

Creche durante o culto na Igreja
Jesus para as Nações.
Bom Retiro, São Paulo, SP, 2016

Criança de ascendência boliviana
brincando na rua.
Bom Retiro, São Paulo, SP, 2013

Crianças chinesas.
Bom Retiro, São Paulo, SP, 2016

Pai e filho de ascendência coreana
esperam o transporte escolar.
Bom Retiro, São Paulo, SP, 2013

Comércio na rua José Paulino.
Bom Retiro, São Paulo, SP, 2016

Esquina das ruas Três Rios e Afonso
Pena e ao fundo a torre da
Igreja de Nossa Senhora Auxiliadora.
Bom Retiro, São Paulo, SP, 2016

Passagem do trem da CPTM.
Bom Retiro, São Paulo, SP, 2013

2. Fotografia, teoria e método

Algumas definições sobre fotografia foram necessárias para fundamentar esta pesquisa sobre a diversidade cultural no bairro do Bom Retiro. O debate teórico teve a decisiva participação da orientação durante o processo de elaboração das diretrizes teóricas. No caso deste trabalho, a fotografia é forma de expressão, fonte de informação e método; o fazer fotográfico tornou-se uma troca constante entre o olhar e os caminhos percorridos pelas imagens, muitas vezes independentemente do pesquisador e autor. As possibilidades da documentação fotográfica a partir da observação experiente foram as premissas desta pesquisa. Procurar perceber como os vários grupos buscam criar suas narrativas.

A fotografia é uma interpretação da realidade. Fragmento da vida em determinado espaço e corte de tempo. Define Boris Kossoy em *Realidades e Ficções na Trama Fotográfica*:

A imagem fotográfica contém em si o registro de um dado fragmento selecionado do real: o assunto (recorte espacial) congelado num determinado momento de sua ocorrência (interrupção temporal). Em toda fotografia há um recorte espacial e uma interrupção temporal, fato que ocorre no instante (ato) do registro.⁷ (KOSSOY 1999)

Fotografia é o encontro do tempo e do espaço desenhados pela luz, elemento do ambiente essencial para dar volume, densidade e forma, além de ajudar a construir as possíveis atenções e ocultações das imagens.

Luz é informação, matéria-prima do encontro de tempo e espaço. Como disse uma senhora grega frequentadora da Igreja Ortodoxa Grega, na rua Matarazzo, Bom Retiro: “Fotografia é uma palavra grega, a língua portuguesa tem mais de 25 mil palavras vindas do grego”, ensina a professora aposentada Hariklia Gouliou,⁸ de Edessa, na Grécia: “fotografia é escrever com a luz”, diz ela, que chegou ao Brasil em 1960 e não é mais moradora do bairro, mas continua participando das atividades da igreja. A

⁷ KOSSOY, Boris. *Realidades e Ficções na Trama Fotográfica*. São Paulo: Ateliê Editorial, 1999, p. 29.

⁸ Hariklia Gouliou concedeu entrevista ao autor em abril de 2014, na sede da igreja.

luz é não só uma escrita, é desenho e escultura também. A penumbra na Igreja Ortodoxa Grega faz parte do discurso religioso e do ambiente iconográfico.

Philippe Dubois, em *O Acto fotográfico* analisou as várias formas como a fotografia foi percebida ao longo da história. Ele considera que a fotografia é inseparável de sua experiência referencial: “vestígio de um real”.⁹ Há um diálogo entre Dubois e Kossoy em *Fotografia e História*: “Apesar da aparente neutralidade do olho da câmera e de todo o verismo iconográfico, a fotografia será sempre uma interpretação”.¹⁰ Fotografar é fazer escolhas, interpretar a realidade, e chegar perto é uma condição necessária.

A fotografia possibilita buscar informações não verbais, códigos visuais à espera de decodificação. John Collier Jr. argumenta: “A arte fotográfica é um processo de abstração; jamais construímos algo produzindo um documento completo. Em todo sentido, praticamente a fotografia é um processo que impõe muita seleção”.¹¹ O fotógrafo deve saber que muito do que vê não será fotografado. Olhar é selecionar, consciente da impossibilidade de dar conta de qualquer realidade; o conjunto de imagens a partir de registros fotográficos busca a construção de uma narrativa visual. Uma tarefa complexa com aparência banal: “(...) quando fotografamos, devemos nos considerar empenhados num trabalho de sutilezas”,¹² argumenta John Collier Jr. sobre o trabalho dos fotógrafos com pretensões etnográficas.

Para esta pesquisa, fotografei com filme preto e branco, câmera discreta e luz ambiente. Durante o registro fotográfico, causou surpresa que eu não fizesse fotografias com câmera digital e ainda mais o fato de fazê-las em preto e branco. Para os jovens era quase uma novidade, e para os mais velhos funcionava como um disparador da memória afetiva.

⁹ DUBOIS, Philippe. *O Acto fotográfico*. Lisboa: Vega, 1999, p. 39.

¹⁰ KOSSOY, Boris. *Fotografia e História*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2012, p. 126.

¹¹ COLLIER JR, John. *Antropologia Visual; a fotografia como método de pesquisa*. São Paulo: EDUSP, 1973, p. 36.

¹² COLLIER. *Ibidem*, p. 45.

2.1 A experiência fotográfica

Durante o trabalho de campo, levei uma pequena caixa de fotografias e dei algumas ampliações aos personagens. Ao receber uma fotografia houve quem ficasse indiferente, mas o comum eram respostas como “Vou colocar num quadro”, ou “Vou guardar para a vida toda”. Algumas pessoas ficam emocionadas, comentam a técnica e se estão ou não adequadamente retratadas. A partir dessas experiências deixo de ser apenas o pesquisador, mas passo pelo crivo da recepção, da leitura que moradores e frequentadores do bairro fazem das imagens. Houve caso de decepção pelo fato de ser uma imagem em preto e branco, e muitos outros de surpresa e empatia.

É comum a lembrança de detalhes do momento da fotografia. O processo é longo: abordar o personagem, realizar uma fotografia elaborada, revelar, editar e ampliar a fotografia e, por fim, entregá-la ao fotografado. A partir desse instante, a imagem ganha significados diversos, independentemente de qualquer vontade ou desejo do autor. O objeto fotográfico criado passa a pertencer ao fotografado.

O filósofo tcheco Vilém Flusser discorre sobre a fotografia em preto e branco: “As fotografias em preto-e-branco são a magia do pensamento teórico, conceitual, e é precisamente nisto que reside seu fascínio. Revelam a beleza do pensamento conceitual abstrato”.¹³ A fotografia em preto e branco é identificada com o passado, toda fotografia é, mas em tempos digitais a fotografia realizada com filme preto e branco é visto especialmente como memória e arte. Para fotografar em preto e branco é necessário pensar em preto e branco. O resultado já é previsto no momento da fotografia, a luz indica os poucos, mas indispensáveis, tons de cinza. É simplesmente interpretação da realidade. Documental e criativo ao mesmo tempo.

¹³ FLUSSER, Vilém. *Filosofia da caixa-preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002, p. 39.

O historiador Jacques Le Goff diz: “A matéria fundamental da história é o tempo”.¹⁴ A fotografia é um tempo congelado, fragmento do dia a dia, objeto que materializa a memória, recheado de afeto e de caráter ambíguo; é realizada no presente e no instante imediatamente após sua realização faz parte do passado. A fotografia torna físicos o momento fugaz, a ocorrência, a fração de segundo materializada, capaz de criar um objeto com vida. Toda fotografia se refere ao acontecido, ao que já foi visto, à história, ao passado. Uma cena nunca se repete. A fotografia cria mais uma possibilidade de leitura do passado no futuro, dá corpo à memória, perpetua fragmentos temporais, é a lembrança palpável.

Boris Kossoy define a trajetória de uma fotografia; são três estágios na visão do autor: a origem do desejo de registrar um dado real, a intenção do fotógrafo; em seguida, o próprio ato fotográfico; e, por fim, os caminhos que essa fotografia percorre.¹⁵ Algumas das fotografias realizadas já ganharam vida própria durante o processo de produção desta pesquisa. Um objeto (fotográfico) é mais próximo do mundo privado, não é uma imagem digital com circulação nas redes sociais, mas sim uma imagem de circulação restrita, que faz parte da vida íntima, quase em extinção, e pode estar num porta-retrato, na carteira ou simplesmente guardada numa caixa qualquer com outras lembranças afetivas materiais.

A fotografia realizada com câmera digital dá um resultado imediato; a fotografia feita com filme guarda o suspense, a incerteza e a sensação de um momento único e duradouro. A popularização da fotografia construiu a ideia do acesso fácil, da banalização da imagem. A escolha da fotografia com câmera digital pela indústria da fotografia se deve ao fato de ela propiciar uma acumulação de capital exponencialmente maior e mais rápida, além de atender às necessidades contemporâneas de uma sociedade cada vez mais pautada pelo consumismo. As possibilidades técnicas, tanto na captura como na pós-produção, são infinitas e podem ser executadas rapidamente. O tempo da fotografia analógica é bem diferente daquele da

¹⁴ LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Editora da Unicamp, 1990, p. 8.

¹⁵ KOSSOY, Boris. *Fotografia e História*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2012, p. 47.

fotografia digital. O procedimento necessário cria uma dinâmica para a pesquisa. Meu desafio pessoal como fotógrafo é respeitar o corte do momento da realização da fotografia, por isso a apresentação das imagens com o friso preto como moldura. Para a minha pesquisa, as questões sobre o digital e o analógico são pertinentes. Escolhi fotografar em película; essa escolha tenta expressar a pesquisa em si, a teoria e o trabalho de campo. Ao mesmo tempo, faço uso das novas tecnologias para edição, estudo, acervo de dados e apresentações. Analógico e digital se completam. Além das ampliações fotográficas físicas, procuro digitalizar as imagens editadas, e a internet é um espaço importante a ser ocupado.

A fotografia carrega o aspecto ambíguo da subjetividade e da objetividade. Tecnicamente, a objetiva tornou-se o nome da lente da câmera; poderia chamar-se subjetiva, pois toda fotografia é criada a partir do olhar de quem fotografa, é uma obra subjetiva. A antropóloga Sylvia Caiuby Novaes, no artigo “Imagem e Memória”, indica uma das características da fotografia para a pesquisa de campo: “O que a fotografia revela é a possibilidade de fazer disparar na análise antropológica os aspectos mais emocionais, subjetivos e sensíveis que a pura etnografia não consegue”.¹⁶ Este registro fotográfico do bairro do Bom Retiro leva em conta aspectos da realidade simbólica, suas representações e experiências vividas.

Boris Kossoy, em *Realidades e Ficções na Trama Fotográfica* considera que a fotografia é uma representação da realidade, ressaltando a condição ficcional da fotografia e ao mesmo tempo sua ligação imediata com o passado:

Uma segunda realidade; construída, codificada, sedutora em sua montagem, em sua estética, de forma alguma ingênua, inocente, mas que é, todavia, o elo material do tempo e espaço representado, pista decisiva para desvendarmos o passado.¹⁷ (KOSSOY 1999)

¹⁶ NOVAES, Sylvia Caiuby. Imagem e Memória. In: *8 X fotografia*. SCHWARCZ, Lília e MAMMI, Lorenzo (orgs.). São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 114.

¹⁷ KOSSOY, Boris. *Realidades e Ficções na Trama Fotográfica*. São Paulo: Ateliê Editorial, 1999, p. 22.

A realidade parece ser mais criativa que qualquer ficção, a representação é uma criação e ao mesmo tempo indício do fato, do ocorrido, da história. Olhar é mergulhar no desconhecido e aflorar inquietudes diversas. A fotografia documental tem seu lado ficcional, e isso não constitui numa contradição do documento fotográfico, mas sim a ambivalência, a decodificação diversa e a necessária consciência da subjetividade da linguagem fotográfica. O autor fotográfico apresenta um olhar dentre inúmeros possíveis, e as imagens criadas serão interpretadas.

Boris Kossoy resume o pensamento: “A fotografia, isto é, o registro criativo do assunto, corresponde à segunda realidade, a do documento. A realidade nele registrada também é fixa e imutável, porém sujeita a múltiplas interpretações”.¹⁸ Kossoy fala tanto do ato fotográfico como das inúmeras possibilidades de decodificação das imagens. A mesma imagem pode ter significados diversos segundo a percepção que se tem dela e também de acordo com o contexto em que é apresentada.

¹⁸ KOSSOY, Boris. *Realidades e Ficções na Trama Fotográfica*. São Paulo: Ateliê Editorial, 1999, p. 47.

2.2 Fotografia: arte e ciência, sua complexa tradução

A fotografia transita entre a arte e a ciência, e a ambiguidade é uma condição. A decodificação das imagens será sempre distinta para cada “leitor”, cada pessoa tem uma sensação diferente com cada fotografia e estabelece com cada uma delas uma relação diversa, de afeto, de repulsa, de cumplicidade ou apenas de indiferença. André Rouillé argumenta: “Ao longo da história da fotografia, as práticas, os atores, os usos, as imagens, as formas e as técnicas mobilizadas vão continuar a oscilar entre estes dois polos; a ciência e a arte, que se afirmam com força desde os primeiros dias”.¹⁹ Este hibridismo de arte e ciência, próprio da imagem fotográfica, é sua característica mais especial; o passado a ser desvendado e o conteúdo a ser analisado concebido esteticamente.

A fotografia é mestiça de forma e conteúdo. Informação e ocultamento contidos nas altas e baixas luzes, o jogo da fotografia é o revelado e o velado. O oculto, o que esperávamos que fosse e não encontramos, aquilo que nos surpreende ou nos deixa em dúvida, o que parece que pertence à imagem, mas não vemos, apenas supomos, cada um o que imagina parecer; “assim é, se lhe parece”, diria o dramaturgo italiano Luigi Pirandello (1867-1936).

Fotografia é meio de expressão, e também a tarefa de criar documentos visuais e ajudar a entender as relações culturais em meio à pluralidade nacional, étnica e social. Olhar o outro, olhar a diversidade e os encontros. A opção pelo filme, pela câmera analógica em lugar da digital visa a recuperar a relação pessoal, a sair do imediatismo da fotografia digital. O ritual é distinto. Fotografar com filme estabelece uma relação com o fotografado além do fugaz momento do ato fotográfico, divide a curiosidade do resultado. Além disso, a chance de errar é maior, e o filme é finito, de modo que o fotógrafo é obrigado a ser mais preciso, meticuloso e observador.

¹⁹ ROUILLÉ, André. *A fotografia entre documento e arte contemporânea*. São Paulo: Senac, 2009, p. 199.

Independentemente de fotografar com filme ou com câmera digital, fotografo considerando que aquele é sempre um momento único em minha vida e na dos sujeitos, uma cena que não se repetirá e que ao mesmo tempo poderá pertencer à memória afetiva de alguém. Uma das características da fotografia é a possibilidade da permanência. Boris Kossoy comenta: “O fato é efêmero, sua memória, contudo, permanece pela fotografia”.²⁰ A fotografia dá materialidade à memória; a abstração da lembrança ganha forma, conteúdo e significados específicos para quem vê.

Roland Barthes convida ao debate: “No fundo, a fotografia é subversiva, não quando aterroriza, perturba ou mesmo estigmatiza, mas quando é pensativa”.²¹ A fotografia não precisa ter a pretensão de definir uma realidade, mas pode fazer parte da construção de narrativas; longe da ideia de criar uma “verdade imparcial”, é uma interpretação da realidade. Boris Kossoy define o caráter da imagem fotográfica: “Fotografia é memória e com ela se confunde. Fonte inesgotável de informação e emoção. Memória visual do mundo físico e natural, da vida individual e social”.²²

Ser dono da própria história é um passo em direção à cidadania. O campo de pesquisa não deve ser encarado como o objeto de estudo, mas sim como o sujeito do estudo. Olhar é uma troca. Para o fotógrafo, é imperativa a proximidade com aquilo que se quer estudar. Cremilda Medina, no livro *Atravessagem: Reflexos e reflexões na memória de repórter*, dá uma dica para quem se aventura na arte da reportagem:

(...) quando o jornalista se aproxima curioso do outro sujeito, permeável à incerteza, se flagra desarmado de ferramentas para extrair declarações predeterminadas. Não sabe, ensaia compreender. Sujeito e sujeito (não, objeto) deparam em iguais condições, desfaz-se a hierarquia entre a pergunta e a resposta. Inicia-se um processo de troca confiante em que ambos se alteram.²³ (MEDINA 2014)

²⁰ KOSSOY, Boris. *Os tempos da fotografia: o efêmero e o perpétuo*. São Paulo: Ateliê Editorial. 2007, p. 42.

²¹ BARTHES, Roland. *A câmara clara*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984, p. 62.

²² KOSSOY, Boris. *Fotografia e História*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2012, p.168.

²³ MEDINA, Cremilda. *Atravessagem: Reflexos e reflexões na memória de reporter*. São Paulo: Summus, 2014, p. 77.

As observações devem ser traduzidas pelas experiências. Chegar perto pressupõe a relação sujeito/sujeito e é a chance de aprofundar a pesquisa. André Rouillé, em *A fotografia entre documento e arte contemporânea*, dialoga com o texto de Cremilda Medina. Sobre a relação do fotógrafo com o fotografado, ele diz: “O modelo torna-se um ator, um verdadeiro parceiro, um sujeito”.²⁴ Rouillé nomeia uma categoria: a reportagem dialógica; nela, o fotógrafo estabelece uma relação horizontal com o fotografado. Dorothea Lange, uma das mais importantes fotógrafas da equipe da Farm Security Administration, nos Estados Unidos, na década de 1930, comenta acerca da postura do fotógrafo diante dos acontecimentos e circunstâncias da realidade: “saber de antemão o que se está procurando nos faz fotografar apenas nossas próprias concepções prévias, o que é muito limitador”.²⁵ Um roteiro rígido ou preconceções sobre o que se pretende estudar não abre brecha para o fortuito, para o conhecimento surpreendente e para fatos não previstos.

Os personagens do Bom Retiro, bairro de universo rico o suficiente para ser um “personagem” à parte, e suas vidas entrelaçadas são agentes ativos da história. O migrante e seus descendentes não são figuras passivas, buscaram a “terra prometida” e a visão consciente de um futuro para os filhos. A óptica segundo a qual vencedores são ativos e os oprimidos são passivos não cabe no lugar estudado. O processo de documentação fotográfica é o encontro do inesperado; a leitura, ou a decodificação, das imagens realizadas é um segundo momento de observação e reflexão. O ato de fotografar é o de fazer uma escolha, editar é identificar a essência do assunto fotografado na aparência da imagem. Ao fotografar, ouvi histórias de vida, expectativas, frustrações, realizações e desejos; procurei chegar perto para entender melhor. Este trabalho busca utilizar a expressão fotográfica e o texto de forma complementar, um não é ilustração do outro.

Há um pensamento contemporâneo em circulação, com ressonância na mídia, a respeito da ideia de o referente (tema, conteúdo, objeto) na

²⁴ ROUILLÉ, André. *A fotografia entre documento e arte contemporânea*. São Paulo: Senac, 2009, p. 183.

²⁵ DYER, Geoff. *O instante contínuo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 14.

fotografia não ser tão importante, de a fotografia ter ganhado nomeações e novas categorias criadas para atender aos conceitos ou similares. Robert Frank, autor de *The Americans*,²⁶ é tido como referência inaugural. Frank também é uma das principais referências desta pesquisa, mas acredito que o documental já é por si só imaginário, parte sempre da óptica particular, é uma interpretação, a representação daquilo que se está estudando articulada subjetivamente. O referente deve ser observado em sua complexidade. É necessário ter consciência de que o próprio pesquisador pode ser portador de ideias preconcebidas e de que suas ideias podem estar fora de lugar. Outra referência influente nesta pesquisa é o histórico da fotografia humanista europeia e brasileira, em especial a de fotógrafos brasileiros com quem tive a chance de aprender a olhar - Luis Humberto, Celso Oliveira, Antônio Augusto Fontes, Gustavo Moura, Elza Lima, Tiago Santana, Marlene Bergamo, Luiz Abreu, Eneida Serrano, Flavio Canalonga, Sergio Vieira e Paulo Leite, entre outros.

O livro *The Americans* pode abrir uma discussão sobre o olhar estrangeiro. Robert Frank é suíço, e documentou os Estados Unidos num momento histórico especial: guerra fria, macarthismo e perseguição a tudo que fosse encarado como contrário ao pensamento subjacente ao tradicional *american way of life*, que caracterizou a sociedade norte-americana na década de 1950. Seu olhar surpreende pelo fato de apresentar outro discurso e construir uma narrativa absolutamente distinta do senso comum. Apontou contradições e conflitos sem reproduzir estereótipos, apresentando uma nação não disposta à pluralidade. Robert Frank criou novos paradigmas para a fotografia; há uma aparente despretensão na técnica, pode ser que aí resida sua distinção. Essa falta de pretensão é o desafio proposto por ele, que olhou os Estados Unidos com a surpresa e o

²⁶ Robert Frank, fotógrafo suíço, nascido em 1924, atualmente vive no Canadá. Em 1955 foi contemplado com uma bolsa da Fundação Guggenheim para documentar os Estados Unidos e viajou pelo país durante dois anos. *The Americans* foi publicado originalmente na França em 1958, e no ano seguinte nos Estados Unidos (DYER, Geoff. *O instante contínuo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 15).

senso de novidade do estrangeiro, mas não superficialmente como o turista. Frank estava atento às entrelinhas visuais que a vida lhe oferecia.

Outro caminho que vem sendo desenvolvido é a reprodução de estereótipos e a estética dos programas de manipulação de imagens como norma intelectual e artística. O ato fotográfico ganha distância do fato, da ocorrência; o pressuposto não é a busca do conhecimento, mas sim a construção da crença. O imaginário coletivo formado por cores gritantes e saturadas não é restrito à nação brasileira, o mercado editorial internacional se alimenta de crenças, preconceitos e olhares superficiais - a narrativa do senso comum. Esse mercado muitas vezes oculta os trabalhos contemporâneos mais significativos.

Por outro lado, autores ainda desconhecidos, vindos de diversas áreas e gerações, procuram produzir fotografias com processos ditos alternativos. Cursos de técnicas fotográficas do século XIX e início do XX, experiências contemporâneas no laboratório fotográfico, ensaios realizados em película ou com câmera digital, ou mesmo utilizando técnicas que misturam o digital e o analógico, são encontrados mais frequentemente. O processo criativo estabelece as características especiais da produção fotográfica. O contraponto do trabalho mais próximo do artesanal, em relação ao digital, é necessário para estabelecer um debate visual heterogêneo, fundamental no questionamento da criação de um discurso imagético hegemônico. A fotografia é interessante pela diversidade do olhar não excludente.

O fotógrafo, ao representar, se apresenta. As grandes reportagens são referências importantes deste trabalho. Olhar despido da necessidade da veiculação imediata. Voltar ao assunto, estabelecer uma relação de troca com os fotografados. Cada fotograma é uma ideia distinta, particular. Não há uma regra única nem um método de trabalho que sirva para todas as situações. O fotógrafo deve criar o seu, de acordo com a necessidade e a circunstância. Mesmo assim, o resultado da narrativa visual expressa tanto o tema quanto o autor. O objeto fotográfico é também cercado de incertezas e dúvidas.

O filme *Palermo Shooting* (2008), do diretor alemão Wim Wenders, tem como protagonista Finn, um fotógrafo bem-sucedido porém perturbado com a finitude da vida. Interpretado pelo ator Campino, ele trava um diálogo com a Morte, interpretada por Dennis Hopper (1936–2010).²⁷ Wenders coloca questões contemporâneas pertinentes à fotografia. No filme, a Morte (Hopper) comenta a respeito dos fotógrafos: “Gravamos tudo, mas da perspectiva oposta, vocês sempre acham que seu olhar é tão exclusivo, em especial vocês fotógrafos, é difícil achar alguém mais cheio de si”, e continua falando sobre as características da fotografia, “a vida capturada, eu gosto, em especial, da ideia do negativo, o reverso da vida, o lado oposto da luz”, Finn (Campino) contesta: “As câmeras nem funcionam mais assim, elas passaram a funcionar com uma coisa chamada digital”; e a Morte (Hopper) argumenta: “Mas é essa a minha questão, com a foto digital você não precisa confiar no que está lá. É um convite aberto à manipulação. Tudo acaba ficando aleatório, confuso, apressado. Você perde a essência”. Essa é justamente uma das principais dificuldades da fotografia: a busca da essência. No filme de Wenders, a Morte (Hopper) critica o fato de se abandonar a busca da essência.

²⁷ Dennis Hopper, nascido no Kansas, Estados Unidos, foi fotógrafo antes de se dedicar à carreira de ator. Sua obra fotográfica faz parte dos acervos do Museum of Modern Art (MoMA) e do Metropolitan Museum of Art, em Nova Iorque. Em 2014 foi realizada uma mostra de seu trabalho fotográfico na Royal Academy of Arts, em Londres. (<http://revistazum.com.br/colunistas/dennis-hopper/> 13 de julho de 2015)

2.3 Referencial teórico

Cabe ressaltar as principais leituras e contribuições pertinentes que foram decisivas para conduzir esta pesquisa de caráter multidisciplinar. O artigo de Oracy Nogueira, “Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem”, de 1954, publicado em 2006 na revista *Tempo Social*, do Departamento de Sociologia da USP, analisa comparativamente os diferentes aspectos do preconceito racial nos Estados Unidos e no Brasil. Basicamente, Nogueira considera que o preconceito nos Estados Unidos é de sangue (origem), não importa a classe social ou aparência física. Ele cita estratégias utilizadas por negros com traços étnicos não tão evidentes, que migravam para outras regiões para fugir da discriminação racial no país. No Brasil, segundo Nogueira, o preconceito é de marca. A classe social e a aparência física têm muita relevância. A pesquisa de Oracy Nogueira ajuda a entender que os aspectos étnicos são marcas de distinção, mas a posição social é fator importante para a inserção do imigrante na sociedade brasileira. O preconceito está exacerbado e atrelado não apenas a questões de origem, mas também à classe social.²⁸

No artigo de Raquel Paiva, “Novas formas de comunitarismo no cenário da visibilidade total: a comunidade do afeto”, publicado na revista *Matrizes*, do programa de pós-graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, surge um debate pertinente para esta pesquisa: “Os direitos dos homens são uma invenção artificial, advinda das relações sociais e políticas que os homens estabelecem na sociedade, já que não nascem iguais, nem livres”.²⁹ As comunidades no bairro do Bom Retiro se organizam em instituições para dar conta de suas necessidades específicas: ao reiterarem as tradições, elas aumentam o vínculo com o bairro.

²⁸ NOGUEIRA, Oracy. “Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem”. *Tempo social*, v. 19, nº 1. São Paulo: Departamento de Sociologia, FFLCH, Universidade de São Paulo, 2006.

²⁹ PAIVA, Raquel. “Novas formas de comunitarismo no cenário da visibilidade total: a comunidade do afeto”. In ____ *Matrizes*, ano 6, nº 1. São Paulo: Escola de Comunicação e Artes, USP, jul-dez. 2012, p. 68.

Esses novos vínculos criados em relação com o que já está estabelecido no Bom Retiro ajudam a observar aspectos do preconceito racial e como se realiza a inserção de imigrantes na sociedade brasileira. O tema permite abordagens segundo a óptica de diferentes áreas das ciências sociais; muitos autores se debruçaram sobre a questão do racismo e do preconceito velado no Brasil. O racismo à brasileira é dissecado pelo brasilianista Thomas Skidmore em *Preto no branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*, em que ele observa que “de modo geral, os brasileiros viam o mais branco como melhor”.³⁰ Os primeiros imigrantes a se instalar no bairro do Bom Retiro eram brancos europeus, majoritariamente italianos do sul, o que não quer dizer que não sofriam preconceito, mas a discriminação era mais pela classe social e menos pela origem. O livro de Lilia Moritz Schwarcz *O espetáculo das raças* analisa a recepção e a elaboração no Brasil do racismo científico e como a miscigenação foi vista ao longo da História.³¹ Acrescente-se a Schwarcz e Skidmore a obra de Sérgio Costa *Dois Atlânticos. Teoria Social, antirracismo, cosmopolitismo*, em que o autor discute a falsa ideia de uma nação mestiça e tolerante.³² Ele questiona a prática de olhar para o Brasil sob a óptica da monocultura da mestiçagem³³ e afirma que deveríamos observar a diversidade, pensar numa nação plural e mudar a gramática para melhor problematizar essas questões.

Para buscar discutir alguns temas frequentes nas relações sociais e culturais que surgem no Bom Retiro, como nacionalismo, identidades e alteridades, foi proveitosa a consulta à obra de Benedict Anderson: “A nação sempre é concebida como uma profunda camaradagem horizontal”.³⁴ O sentimento nacional coloca no mesmo nível indivíduos de classes sociais e etnias diferentes e antagônicas. Para dialogar com Anderson, foi também útil

³⁰ SKIDMORE, Thomas. *Preto no branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 87.

³¹ SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

³² COSTA, Sergio. *Dois Atlânticos. Teoria social, antirracismo, cosmopolitismo*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2006, p. 218.

³³ Ibidem, p.133.

³⁴ ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 34.

para esta pesquisa o livro de Néstor García Canclini *A globalização imaginada*, em que o autor discute a globalização e contesta alguns paradigmas, sobre o papel facilitador da tecnologia na globalização, ele afirma que não é determinante, mas parte do processo. Mais adiante, Canclini discorre sobre o peso das pessoas no processo global:

Ao dizer que não se trata apenas de movimentos de capitais, bens e mensagens, penso no desarraigamento dos imigrantes, na dor dos exilados, na tensão entre os bens possuídos e os prometidos pelas mensagens publicitárias; em suma, nas cisões dramáticas das pessoas que não vivem onde nasceram.³⁵ (CANCLINI 2003)

A invenção das tradições de Eric Hobsbawm e Terence Ranger³⁶ e *A identidade cultural na pós-modernidade* de Stuart Hall,³⁷ são trabalhos que auxiliam a problematizar tais questões. Diz Stuart Hall:

As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre a 'nação', sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas histórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas. (HALL, 1992)

A fotografia produz sentidos, pode produzir conhecimento e crença e é capaz de fazer o papel da conexão entre passado e presente. Para Eric Hobsbawm e Terence Ranger, as tradições são rearranjos do passado, não necessariamente muito antigo, mas ligadas a aspectos simbólicos.

Para entender melhor as imigrações dentro do contexto da formação do bairro do Bom Retiro e de seu desenvolvimento, foi importante a consulta às obras de Maria Luiza Tucci Carneiro *Brasil judaico: mosaico de nacionalidades*³⁸ e *Histórias migrantes: um mosaico de nacionalidades e*

³⁵ CANCLINI, Néstor García. *A globalização imaginada*. São Paulo: Iluminuras, 2003, p. 58.

³⁶ HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. São Paulo: Paz e Terra, 2012.

³⁷ HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006, p. 51.

³⁸ CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *Brasil judaico: mosaico de nacionalidades*. São Paulo: Editora Maayanot, 2013.

múltiplas culturas,³⁹ este organizado junto com o sociólogo Sedi Hirano, da Universidade de São Paulo. Outra referência relevante foi o livro *Bolivianos: a presença da cultura andina*, de Sidney Antonio da Silva,⁴⁰ que aprofunda questões sobre a imigração andina, além de *O Brasil dos imigrantes*, de Lucia Lippi Oliveira, que traz um panorama da imigração no Brasil e é referência sobre os imigrantes italianos em São Paulo.⁴¹

Devo mencionar ainda outras obras: a pesquisa de Keum Joa Choi em “Além do arco-íris: a imigração coreana no Brasil”,⁴² que contribuiu muito para que eu conhecesse o universo do migrante coreano; *A Imigração ou os paradoxos da alteridade*, de Abdelmalek Sayad,⁴³ que aprofunda o debate sobre migração, utilizando a premissa de Pierre Bourdieu de que “o imigrante é um sem lugar” para desenvolver conceitos a partir da análise da imigração argelina na França e aborda o sentimento de provisoriade como característica do imigrante - no Bom Retiro, esse aspecto se aproxima mais de características das imigrações mais recentes: os jovens sul-americanos. Cito também *O mundo moderno e a questão judaica*, de Edgar Morin, que trata das identidades culturais do povo judeu, colaborando para uma melhor compreensão das questões judaicas:

Há doravante uma bipolaridade no campo recoberto pela palavra judeu. Num polo, essa palavra é o substantivo que define seu ser por sua pertinência ao povo e à religião da Bíblia, e por sua relação umbilical com o Estado-nação de Israel. No outro polo, a palavra é um adjetivo para definir uma das qualidades, um dos traços da identidade. Entre os dois polos, há toda uma gama de posições intermediárias. É por isso

³⁹ CARNEIRO, Maria Luiza Tucci; HIRANO, Sedi (orgs). *Histórias migrantes: um mosaico de nacionalidades e múltiplas culturas*. São Paulo: Humanitas, 2014.

⁴⁰ SILVA, Sidney Antonio da. *Bolivianos: a presença da cultura andina*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005.

⁴¹ OLIVEIRA, Lucia Lippi. *O Brasil dos imigrantes*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

⁴² CHOI, Keum Joa. “Além do arco-íris: a imigração coreana no Brasil”. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Departamento de História, FFLCH, USP, 1991.

⁴³ SAYAD, Abdelmalek. *A Imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo: EDUSP, 1998.

que a noção de judeu se tornou confusa, equívoca, complexa e às vezes contraditória.⁴⁴ (MORIN 2007)

A comunidade judaica no Bom Retiro é heterogênea, é a expressão desse comentário de Morin.

Dentre os trabalhos dedicados ao Bom Retiro, destaco o livro de Liziane Peres Mangili *Bom Retiro, bairro central de São Paulo: transformações e permanências*⁴⁵ e a tese da área de geografia do prof. dr. Carlos Alberto Póvoa, “A Territorialização dos judeus na cidade de São Paulo: a migração do Bom Retiro ao Morumbi”,⁴⁶ que trata da trajetória do imigrante de religião judaica polonês, romeno, russo e de outras nacionalidades em São Paulo, com referências históricas que ajudam a elucidar como ocorreu a ocupação espacial e territorial do Bom Retiro. Finalmente, devo mencionar *São Paulo, os estrangeiros e a construção das cidades*, organizado por Ana Lúcia Duarte Lanna, Fernanda Arêas Peixoto, José Tavares Correia de Lira e Maria Ruth Amaral de Sampaio⁴⁷ em que alguns dos ensaios se referem às imigrações que ocorreram no Bom Retiro.

⁴⁴ MORIN, Edgar. *O mundo moderno e a questão judaica*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007, p. 178.

⁴⁵ MANGILI, Liziane Peres. *Bom Retiro, bairro central de São Paulo: transformações e permanências, 1930-1954*. São Paulo: Alameda, 2011.

⁴⁶ PÓVOA, Carlos Alberto. “A Territorialização dos judeus na cidade de São Paulo: a migração do Bom Retiro ao Morumbi”. Tese de Doutorado. São Paulo: Departamento de Geografia, FFLCH, USP, 2007.

⁴⁷ LANNA, Ana Lúcia Duarte; PEIXOTO, Fernanda Arêas; LIRA, José Tavares Correia de; MARIA RUTH AMARAL DE SAMPAIO (orgs). *São Paulo, os estrangeiros e a construção das cidades*. São Paulo: Alameda, 2011.

3. Os tempos do Bom Retiro

No final do século XIX e princípio do XX, o café ditava a economia brasileira. São Paulo começava a se desenvolver, recebia grande número de imigrantes e iniciava o processo de urbanização.⁴⁸ Nesse período iniciou-se o processo de formação de um lugar com características cosmopolitas na área central da capital paulista, o Bom Retiro. O bairro está localizado entre os rios Tietê e Tamanduateí dos lados norte e leste, e do lado sul ficam a linha férrea e a Estação da Luz, inaugurada no começo do século XX, local de chegada de imigrantes vindos do porto de Santos no início da formação do bairro. Até a década de 1880, o local pertencia à elite da cidade; algumas famílias eram de cafeicultores e de funcionários estrangeiros de empresas ferroviárias. A origem do nome Bom Retiro é referência a uma chácara na região com esse nome.⁴⁹ Com a chegada dos imigrantes, a maioria composta por italianos, grandes áreas foram divididas em pequenos lotes; quanto mais próximo da várzea, menos valorizado era o terreno. A venda destes lotes representou um dos primeiros empreendimentos no lugar, acumulação de capital pelos proprietários e o estabelecimento de novas relações sociais. Aos poucos, o espaço que era apenas lugar de lazer para as classes dominantes, passou a ser um bairro operário, fabril e residencial. A proximidade com o centro e os recursos hídricos garantidos pelos rios facilitaram a instalação de pequenas indústrias de olaria e, posteriormente, cervejarias e indústrias têxteis, substituindo as chácaras.

A província se transformava, o capital excedente do café impulsionava a vida urbana paulistana, a malha ferroviária em expansão contribuía para a ocupação dos bairros centrais do Brás e do Bom Retiro. A estrada de ferro São Paulo Railway (depois Santos-Jundiaí) começou a funcionar em 1867.⁵⁰ Em consequência da instalação da ferrovia para escoar o café até o porto de

⁴⁸ PRADO, Caio Júnior. *História Econômica do Brasil*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1976, p. 188.

⁴⁹ DERTÔNIO, Hilário. *O bairro do Bom Retiro*. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura - PMSP, 1971, p. 12.

⁵⁰ *Ibidem*, p. 13.

Santos, vários negócios surgiram em torno da linha do trem. Pensões, refeitórios, armazéns, depósitos e pequenas fábricas. As relações de trabalho no Brasil ainda eram pré-capitalistas, e o sonho de ascensão social de habitantes de diferentes origens se encontrou no Bom Retiro e iniciou o processo de formação de um operariado com sotaques italiano, espanhol e português. O bairro recebeu na década de 1880 o primeiro alojamento para imigrantes, depois transferido para o bairro do Brás ainda no século XIX. Os imigrantes, especialmente os italianos, trabalhavam na indústria e também criaram pequenos empreendimentos familiares; eram artesãos habilidosos e criativos. Produziam do sapato ao chapéu, da cadeira ao batente da porta, do *gnocchi* (nhoque) ao *crustuli*. O Bom Retiro surgia como um bairro operário.⁵¹

O lugar abrigou, desde a sua origem, trabalho e moradia, muitas vezes no mesmo espaço. A proximidade com o centro fez do bairro um dos primeiros na capital paulista a receber equipamentos públicos como o bonde elétrico. No asfalto da rua Visconde de Taunay, perto da rua Barra do Tibaji, ainda hoje é possível visualizar vestígios dos trilhos da linha do bonde. Porém, desde sua formação, a região seria definida pela segregação entre os que viviam de um lado e do outro dos trilhos, segundo Mangili comentando a pesquisa de Flávio Vilaça “Reflexões sobre o centro de São Paulo”, de 2003. Um lado da linha do trem era operário; o outro, um bairro planejado, nobre e sede do governo do estado, os Campos Elíseos.⁵² A diversidade de atividades e a centralidade do Bom Retiro colaboraram para a instalação de fábricas, escolas e de algumas das faculdades pioneiras em São Paulo. Em 1921, a Ford instalou uma fábrica na rua Solon, inicialmente para produzir o Ford Bigode; a fábrica funcionou até 1953. O prédio não foi demolido, e o espaço é ocupado há 12 anos pela ONG Instituto Criar de TV, Cinema e Novas Mídias. A Escola de Farmácia de São Paulo, na rua Três Rios, é de 1905, e durante um tempo abrigou a Faculdade de Odontologia.

⁵¹ MANGILI, Liziane Peres. *Bom Retiro, bairro central de São Paulo: transformações e permanências, 1930-1954*. São Paulo: Alameda, 2011, p. 45.

⁵² Ibidem, p. 36.

Com a fundação da USP, na década de 1930, a faculdade transferiu-se para a Cidade Universitária, no bairro do Butantã. O prédio da antiga Faculdade de Farmácia e Odontologia abriga atualmente o Centro Cultural Oswald de Andrade. Em frente está o Colégio de Santa Inês, de 1907, inicialmente voltado para a educação de meninas católicas e que hoje recebe alunos de origens variadas.⁵³ O Bom Retiro expressava o desenvolvimento capitalista em São Paulo: uma modernização em ritmo acelerado e condições precárias de trabalho e moradia para os habitantes estrangeiros e brasileiros.

Um fato importante foi a liberação da travessia da linha do trem por um viaduto e uma passagem de nível no começo do século XX. O livre trânsito de pessoas facilitou o desenvolvimento do bairro. Atualmente os Campos Elíseos são uma área menos valorizada e ocupada em parte por pessoas em situação vulnerável e dependentes de drogas. Outro fato relevante foi a edificação da Estação da Luz, ao lado do Jardim da Luz, gerando o aumento da oferta de trabalho e a possibilidade de negócios e lazer perto da moradia para os habitantes do bairro. De acordo com a pesquisa de Liziane Peres Mangili, nos bairros em que as áreas de várzea dos rios Tietê e Tamanduateí eram desprovidas de urbanização, a retificação de trechos do rio Tietê e canalização do rio Tamanduateí facilitaram a ocupação desses terrenos, que só foi efetivada a partir da década de 1930, no governo de Prestes Maia.⁵⁴

No começo do século XX, judeus oriundos de diferentes países passaram a se estabelecer no bairro, vindos principalmente do leste europeu. Com o recrudescimento do nazifascismo, o número de judeus começou a aumentar significativamente, acrescentando outras características ao bairro. Posteriormente vieram gregos, armênios e sírios. A partir da década de 1970, coreanos e, na década de 1990, sul-americanos fixaram-se no bairro, especialmente bolivianos, paraguaios e peruanos, além

⁵³ DERTÔNIO, Hilário. *O bairro do Bom Retiro*. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura - PMSP, 1971, pp. 35, 39.

⁵⁴ MANGILI, Liziane Peres. *Bom Retiro, bairro central de São Paulo: transformações e permanências, 1930-1954*. São Paulo: Alameda, 2011, p. 122.

de migrantes nordestinos, entre outras origens e nacionalidades. O Bom Retiro atualmente tem intensa atividade econômica, gerada pelo comércio de roupas, pequenas fábricas de confecções e suas necessidades de apoio, venda de máquinas de costura, tecidos, fios, manequins, além da prestação de serviços. Alguns antigos galpões se transformaram em oficinas mecânicas em áreas mais próximas à várzea. É também espaço de moradia (residências, apartamentos, pensões, cortiços) e continua sendo uma porta de entrada no Brasil para as mais diferentes etnias e nacionalidades. Na década de 2010, a novidade é a imigração de origem chinesa. Eventos históricos como a Guerra da Unificação Italiana, a Primeira e a Segunda Guerras Mundiais, a ascensão do nazifascismo e a perseguição aos judeus, a Guerra Civil da Grécia, a crise política na Coreia, o êxodo dos sul-americanos e, ainda, as migrações nordestinas tiveram todos ressonância no Bom Retiro.

Os primeiros imigrantes italianos instalados no bairro não tinham assimilado a ideia do sentimento nacional italiano, a consequência da Guerra da Unificação foi a extrema miséria e o abandono político e social, principalmente no sul da Itália⁵⁵. Vieram para o Brasil em busca de trabalho e de um lugar para viver com mais dignidade, estavam dispostos a construir outro destino. No livro de Antônio Carlos Amador Gil *O Lugar dos indígenas na nação mexicana*, é citado um fato do período colonial mexicano que tem similaridade com o que ocorreu no Bom Retiro em relação aos italianos: “Durante o período colonial, os diversos grupos étnicos que existiam na região foram nomeados como indígenas pelos conquistadores”;⁵⁶ muitos dos primeiros napolitanos, sicilianos, calabreses, toscanos e outros da península Itálica se descobriram italianos porque foram assim nomeados no Brasil . O

⁵⁵ Mirian Silva Rossi no ensaio Um olhar sobre os antecedentes da emigração meridional In _____ *Histórias migrantes: um mosaico de nacionalidades e múltiplas culturas*, coloca que o resultado do processo de unificação da Itália (1860-1870) foi a vitória do projeto político Monárquico-centralista dos Savoia, “expandiu um reino e enterrou todos os outros”; segundo a autora a população rural do sul formada por pequenos proprietários de terra (campesinato) foi a que mais sofreu, a Itália se constituiu como país, mas não como nação, p. 357.

⁵⁶ GIL, Antônio Carlos Amador. *O Lugar dos indígenas na nação mexicana*. Vitória: Aves de Águia, 2013, p. 39.

“italianês”, falado no bairro no início do século XX foi descrito pelo escritor, jornalista e engenheiro Alexandre Ribeiro Marcondes Machado (1892-1933), sob o pseudônimo de Juó Bananére.⁵⁷ Ex-estudante da Escola Politécnica, no Bom Retiro, Alexandre Machado criou poemas e prosas a partir do dialeto inventado naquele pedaço central e então operário da cidade: “*O maggiore distrito di Zan Baolo, o maise bello e ch’io maise dimiro, é o Bó Retiro*”, escreveu Juó Bananére. Não era o italiano (e seus dialetos), português tampouco, era uma língua mesclada das duas.

As Américas eram vistas na Europa como o ideal de oportunidade para uma vida melhor. O Brasil no final do século XIX iniciava a discussão sobre sua “qualidade racial” e as suas consequências no destino da nação. Propiciar a imigração virou política de Estado, mesmo com alguns interregnos. O período de formação do bairro do Bom Retiro coincide com o debate nacional sobre a constituição do povo brasileiro e de seu caráter. O racismo científico fazia eco nos estudos acadêmicos, e a miscigenação era vista como “degeneração racial”: a mistura étnica era um dos argumentos para explicar o subdesenvolvimento do país, a ideia era branquear a população. A imigração latina europeia, a maioria no Bom Retiro, estava mais próxima do ideal de branqueamento da nação.⁵⁸

O italiano em São Paulo sofria preconceito por uma suposta ignorância, era o *carcamano*, segundo Lúcia Lippi de Oliveira em *O Brasil dos imigrantes*: “Ser trabalhador braçal e desprestigiado no Brasil faz o imigrante desenvolver uma consciência étnica em nome da qual descobre que é italiano”,⁵⁹ os diferentes dialetos italianos do século XIX, que estiveram, algumas vezes em lados opostos, presentes na luta pela unificação italiana, se encontraram no Bom Retiro. O preconceito em relação aos italianos em São Paulo era mais social e menos pela origem. A

⁵⁷ DERTÔNIO, Hilário. *O bairro do Bom Retiro*. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura - PMSP, 1971, p. 50.

⁵⁸ COSTA, Sergio. *Dois Atlânticos. Teoria social, antirracismo, cosmopolitismo*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2006, p. 156.

⁵⁹ OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *O Brasil dos imigrantes*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002, p. 40.

composição latina dava um aspecto étnico mais homogêneo no período inicial da formação do bairro.

Os diferentes grupos instalados no Bom Retiro começaram a constituir associações de trabalhadores, escolas, grêmios esportivos e culturais, além de instituições voltadas ao bem-estar de cada comunidade, tanto as latinas (portugueses, espanhóis e italianos) como a judaica; algumas dessas iniciativas existem até hoje. Em geral, as entidades criadas tinham preocupações étnicas ou eram marcadas pela origem. Muitos impressos da classe trabalhadora eram escritos em italiano ou em espanhol. Em alguns casos, a identidade era mais de classe social e menos étnica. Lúcia Lippi de Oliveira comenta a distinção social entre os imigrantes italianos em São Paulo: “As profundas diferenças sociais que marcavam a colônia italiana se faziam presentes toda vez que interesses econômicos estavam em jogo. Tais interesses acabavam por sobrepujar uma identidade nacional italiana”.⁶⁰

Em 1910, um grupo de operários imigrantes reunidos inicialmente na antiga rua dos Imigrantes, fundou o Sport Club Corinthians Paulista, que desde o início pretendia abrigar pessoas de origens diversas. A rua dos Imigrantes mudou de nome, passando a chamar-se rua José Paulino, e tornou-se a mais conhecida e movimentada do bairro; era lá que aconteciam os jogos dessa agremiação. O Corinthians veio a ser o clube de futebol com a maior torcida na cidade de São Paulo, e pelos nomes no registro de sua fundação é possível perceber a participação de portugueses, espanhóis e italianos. Perrone, Pereira e Bataglia são alguns deles, segundo o jornalista e pesquisador Celso Unzelte, da Faculdade Cásper Líbero. Entre os fundadores do clube havia sapateiro, condutor de bonde, pintor de parede, além de outras profissões. O primeiro presidente foi um alfaiate de origem italiana. Até esse período, o futebol era amador e privilégio das classes dominantes. Nenhum clube ou agremiação não pertencente à elite podia participar dos campeonatos oficiais da cidade. O Corinthians surgiu na intenção de romper com esse paradigma, porém não se pretendia representante de nenhum grupo específico de imigrantes. O futebol popular

⁶⁰ OLIVEIRA. Op. Cit, p. 42.

aconteciam nos terrenos baldios e nas várzeas, o Bom Retiro é referência obrigatória no que toca à origem do futebol paulista.

Segundo a pesquisa de Uassyr Siqueira, da Unicamp, “Clubes e sociedades dos trabalhadores do Bom Retiro: organização lutas e lazer em um bairro paulistano, 1915-1924”, havia pelo menos 13 clubes de futebol no bairro.⁶¹ Atualmente, próximo à várzea do rio, há apenas o Nacional do Bom Retiro, na rua Anhaia, fundado em março de 1913. Até pouco tempo atrás o Nacional lembrava esse período amador do futebol de várzea, um campo de terra com raros tufo de grama nas beiradas e muita lama na época das chuvas. Em 2014 colocaram grama artificial. O convívio social propiciado pelo futebol, porém, continua intenso. Aos domingos, diversos grupos da comunidade boliviana alugam a quadra menor do clube; ao lado do bar circulam senhores aposentados que assistem às partidas de futebol e participam do jogo de cartas. Felício Palermo, aposentado que nasceu e vive no bairro, é assíduo frequentador do campo do Nacional. Descendente de italianos, foi jogador do Corinthians no início da década de 1960, divide a mesa do carteador com o presidente do clube, Jacob Kuperman⁶², gaúcho de Erechim e judeu de origem polonesa. Kuperman dirige o clube há 35 anos e diz com orgulho que muitos profissionais, principalmente do Corinthians, deram os seus primeiros chutes naquele campo.

A imigração judaica no Bom Retiro foi mais intensa depois da Segunda Guerra Mundial, mas desde o início do século XX os judeus participaram da ocupação do bairro.⁶³ A história dos judeus no Brasil remete ao período colonial português. A primeira sinagoga das Américas está localizada em Recife, capital pernambucana, e foi construída em 1624 por judeus que vieram com o holandês Maurício de Nassau; eram judeus de

⁶¹ SIQUEIRA, Uassyr. “Clubes e sociedades dos trabalhadores do Bom Retiro: organização lutas e lazer em um bairro paulistano, 1915-1924”. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp, 2002, p. 105.

⁶² Testemunhos de Felício Palermo e Jacob Kuperman concedidos ao Autor em abril de 2014 no clube do Nacional.

⁶³ PÓVOA, Carlos Alberto. “A Territorialização dos judeus na cidade de São Paulo: a migração do Bom Retiro ao Morumbi”. Tese de Doutorado. São Paulo: Departamento de Geografia, FFLCH, USP, 2007, p.157.

ascendência portuguesa perseguidos pela Inquisição. Com a expulsão de Maurício de Nassau de Pernambuco, muitos deles emigraram para o Suriname, a Jamaica e Nova Amsterdã (atual Nova Iorque).⁶⁴ Durante o Império, judeus do leste europeu vieram para o Rio de Janeiro e Santos atraídos pela liberdade de culto garantida pela Constituição de 1824.⁶⁵ Na segunda metade do século XIX, os judeus sofreram perseguições na Rússia czarista e iniciaram um processo migratório para a Argentina e o Brasil. O crescente antissemitismo e a instabilidade política na Europa forçaram a emigração no início do século XX.⁶⁶

A maioria dos judeus que chegaram a São Paulo no início do século XX teve como destino o Bom Retiro. De acordo com a pesquisa de Sarah Feldman, a ocupação do bairro não seguiu a lógica da maior parte da cidade, de demolir e construir, mas sim a da “apropriação de uma mesma estrutura física”,⁶⁷ esse tipo de desenvolvimento, fora do padrão paulistano, segue assim até os dias de hoje. Quando a comunidade coreana começou a ocupar o bairro, na década de 1970, procurou utilizar as condições estruturais que já havia no Bom Retiro, e os sul-americanos estão seguindo o mesmo caminho. Os judeus que vinham com algum capital conseguiam estabelecer-se no comércio e ajudavam aos que vinham em condições desfavoráveis. Estes ou trabalhavam com os outros judeus, ou vendiam de porta em porta, como mascates. A confecção foi a área que recebeu mais atenção. Neste aspecto, houve uma complementaridade econômica com as atividades dos imigrantes latinos já instalados no bairro, segundo a pesquisa de Oswaldo Truzzi.⁶⁸

A comunidade judaica articulou-se economicamente e procurou constituir redes de apoio ao criar instituições que a representassem,

⁶⁴ FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo: EDUSP, 1999, p. 86.

⁶⁵ CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *Brasil judaico: mosaico de nacionalidades*. São Paulo: Editora Maayanot, 2013. p. 35.

⁶⁶ CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *Ibidem*, p. 50.

⁶⁷ FELDMAN, Sarah. “Bom Retiro: bairro de estrangeiros, bairro central, 1928-1945, in _____ *São Paulo, os estrangeiros e a construção das cidades*. São Paulo: Alameda, 2011, p. 44.

⁶⁸ TRUZZI, Oswaldo. Etnias em convívio: o bairro do Bom Retiro em São Paulo. *Estudos históricos* vol. 2, n.º 28. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, 2001.

revelando um grande poder de organização e articulação. A primeira sinagoga de São Paulo foi a Kahalat Israel (Comunidade Israelita de São Paulo), aberta em 1912, inicialmente utilizada como espaço de reza e abrigo para imigrantes judeus. Ficava na antiga rua Correia dos Santos, hoje rua Lubavitch, no Bom Retiro. Em 1957, foi transferida para a rua da Graça. Judeus de diferentes origens radicados no bairro construíram outras sinagogas. Nos anos de 2014 e 2015 a sinagoga Kahalat Israel sofreu uma reforma e no mesmo prédio, junto à sinagoga, foi criado o Memorial da Imigração Judaica inaugurado em fevereiro de 2016. A solidariedade e a organização foram a base do desenvolvimento da comunidade judaica no Bom Retiro. Em 1915 foi criada a Sociedade Beneficente das Damas Israelitas, que a partir de 1940 se fundiu com o Lar da Criança Israelita, criando a Ofidas (Organização Feminina Israelita de Assistência Social). Em 1916 foi criada a Sociedade Beneficente Amigo dos Pobres, a ERZA, e em 1929, a Sociedade Beneficente Linath Hatzedek, que passou a se chamar Policlínica em 1935. Em 1976, essas três instituições se fundiram e criaram a Unibes - União Brasileiro-Israelita do Bem-Estar Social,⁶⁹ sediada na rua Rodolfo Miranda e que até os dias atuais presta assistência social no Bom Retiro. Dentre as atuais atividades da Unibes há uma creche em convênio com a prefeitura, e a maior parte das crianças é da comunidade sul-americana.

Em 1922, judeus da Europa Oriental fundaram a Escola Renascença, com ensino formal e judaico, que permaneceu no Bom Retiro até 2004. Uma das mais importantes ações para o desenvolvimento e a manutenção da comunidade judaica foi a criação da Sociedade Cooperativa de Crédito Popular do Bom Retiro, em 1928.⁷⁰ “No fio do bigode”, como a sra. Amália Knoploch,⁷¹ filha de poloneses, nascida e residente no Bom Retiro, definiu a inserção da cultura do crédito, fundamental para o financiamento de

⁶⁹ CYTRYNOWICZ, Roney. *Paralelos: 95 anos de Unibes contados através da história de São Paulo*. São Paulo: Navarrativa Um, 2011, p. 101.

⁷⁰ PÓVOA, Carlos Alberto. “A Territorialização dos judeus na cidade de São Paulo: a migração do Bom Retiro ao Morumbi”. Tese de Doutorado. São Paulo: Departamento de Geografia, FFLCH, USP, 2007, p.156.

⁷¹ Amália Knoploch concedeu entrevista ao autor em julho de 2015, em sua residência.

negócios, especialmente na área de confecções. A identidade cultural (religiosa e linguística) era suficiente para estabelecer uma relação de confiança e solidariedade. O crédito completou as necessidades básicas para fazer do Bom Retiro um lugar possível de se viver para judeus das mais diferentes nacionalidades; o bairro era uma referência para o recém-chegado, o lugar em que o exercício da fé estava próximo, com comércio de produtos judaicos, escola com ensino de tradições judaicas, crédito para morar e fazer negócios. Ações religiosas, sociais e econômicas em rede criaram uma consciência cultural e desenvolveram o embrião da organização da comunidade judaica em São Paulo. No início do século XX, as diferentes culturas em convívio no bairro eram as de europeus latinos e judeus. Depois vieram os gregos, sírios, armênios e, após a década de 1970, os coreanos. Assim tomaram forma todas as condições históricas, sociais e culturais para fazer do Bom Retiro o espaço cosmopolita por excelência.

O governo Getúlio Vargas (1930-1945) adotara uma perspectiva antissemita, oficialmente impunha dificuldades para a entrada de judeus, mas muitos conseguiram entrar no país como turistas ou se fazendo passar como católicos.⁷² Depois da Segunda Guerra Mundial o Brasil se industrializava, estava em curso um processo de democratização da sociedade e da política, o país começava a deixar de ser essencialmente rural, vivia uma época de desenvolvimento das forças produtivas e tornou-se um dos destinos de sobreviventes do Holocausto; nesse período o bairro do Bom Retiro é ocupado cada vez mais por uma comunidade judaica plural. Nas décadas de 1950 e 1960, os inúmeros conflitos no Oriente Médio (Guerra do Sinai, Egito, Gamal Abdel Nasser) e o Levante da Hungria (1956) também motivaram a vinda de judeus do Norte da África e da Europa.⁷³

Mangili relata sobre o confinamento da zona de tolerância criada no Bom Retiro: “Em 1940, através de determinação do interventor Adhemar de Barros, a zona de tolerância é instalada no Bom Retiro”, o confinamento

⁷² CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *Brasil judaico: mosaico de nacionalidades*. São Paulo: Editora Maayanot, 2013, p. 37.

⁷³ Ibidem, p. 39.

explicitava uma política pública eugênica e antissemita. As ruas eram próximas do muro da linha do trem, que separava o Bom Retiro de outros bairros. Em 1953, depois de protestos dos moradores, a zona do meretrício foi removida do bairro.⁷⁴ Do outro lado do bairro, próximo à várzea, o Bom Retiro se expandia. Os lotes ficavam menores, aumentava o adensamento populacional, o bairro era ocupado por uma camada socialmente mais pobre. Um universo plural, de grande diversidade cultural, surgia no centro da capital paulista. Conviver com as diferenças culturais fazia parte, e faz até hoje, do cotidiano dos moradores do Bom Retiro.

O maior período de crescimento e força da comunidade judaica foi da década de 1950 à de 1970. A acumulação de capital no comércio possibilitou o empreendimento da comunidade judaica na construção de prédios mais altos com mais de uma finalidade; era a época da verticalização de São Paulo. Segundo artigo de Stamatia Koulioumba, no livro *São Paulo, os estrangeiros e a construção das cidades*, engenheiros e arquitetos em atividade no Bom Retiro, após a década de 1950, eram, em sua maioria, imigrantes da comunidade judaica.⁷⁵ Na década de 1970, o Bom Retiro começou a receber os coreanos, um povo especialmente emigrante, com grande capacidade de organização, produção e solidariedade; o bairro ganhou uma nova perspectiva, e não foi apenas a da busca da hegemonia étnica do Bom Retiro: mas a comunidade coreana buscou o protagonismo no universo da confecção. Inúmeros coreanos escolheram o Bom Retiro primeiro para estabelecer negócios e depois para

⁷⁴ MANGILI, Liziane Peres. *Bom Retiro, bairro central de São Paulo: transformações e permanências, 1930-1954*. São Paulo: Alameda, 2011, p. 102. As casas de tolerância formavam um agrupamento de pequenas casas coladas umas às outras, conhecido como zona do meretrício. Tratava-se de uma área que ocupava as ruas, Aimorés, Itaboca e Carmo Cintra e as partes compreendidas entre a linha férrea e a rua José Paulino e as ruas Silva Pinto e Ribeiro de Lima. Era uma área de forte ocupação da comunidade judaica.

⁷⁵ KOULIOUMBA, Stamatia. "Construtores estrangeiros e a produção arquitectónica moderna do Bom Retiro". In _____. *São Paulo, os estrangeiros e a construção das cidades*. São Paulo: Alameda, 2011, p. 274.

viver, por sua localização central, oferta de moradia, estrutura e capacidade de produção competitiva.⁷⁶

A comunidade coreana foi capaz de rivalizar com a comunidade judaica quanto a visibilidade; quanto à inserção na economia do Bom Retiro, conseguiu a hegemonia em pouco tempo. A igreja é o espaço da organização da comunidade; a confecção, sua distinção e expectativa de ascensão social. A comunidade judaica investiu na educação dos filhos e teve sucesso. Por outro lado, as novas gerações não reproduziram a mesma capacidade de produção nas confecções. A comunidade coreana ocupou, então, esse espaço. As lojas mais tímidas ou os galpões dos judeus eram alugados para os coreanos. Estes, sem nenhuma timidez, produziram um estilo, um jeito de ser, pois o coreano é um povo com profunda especificidade. Alguns dos primeiros coreanos no Bom Retiro, até meados da década de 1980, estudaram em escolas de ensino judaico, já que não havia ainda escolas específicas para a comunidade coreana. Muitos jovens se conheceram, houve um intercâmbio cultural e até caso de loja de confecção de empresário coreano com projeto de arquiteto judeu,⁷⁷ mas os casamentos eram e ainda são endogâmicos.

Um povo só é emigrante por que as circunstâncias históricas obrigam a isso. As constantes dificuldades sociais, invasão estrangeira, conflitos armados e crises econômicas criaram um forte sentimento de solidariedade, uma identidade forjada na adversidade. A Coreia, depois do domínio japonês (1910-1945), enfrentou uma guerra civil alimentada pelo conflito entre União Soviética e Estados Unidos. Dividido pelo paralelo 38, o país se partiu em Coreia do Norte e Coreia do Sul, ficando então estabelecido que um mesmo povo viveria em territórios diferentes, sem chance de convívio. A Coreia do Sul enfrentou, na década de 1960, a ditadura e uma forte dependência econômica dos Estados Unidos. Depois, na década de 1980, veio o período da democratização. A imigração coreana para o Brasil começou oficialmente

⁷⁶ KIM, Yoo Na. *A jovem Coreia*. Ssua Editora, 2008, p. 112.

⁷⁷ SAMPAIO, Maria Ruth Amaral de. Os coreanos no Bom Retiro, in ____ *São Paulo, os estrangeiros e a construção das cidades*. São Paulo: Editora Alameda, 2011, p. 96.

em 1963, através de instituições.⁷⁸ No final da década de 1990, a Coreia do Sul sofreu uma crise econômica pela falta de regulação da economia.⁷⁹ Em geral, o Bom Retiro recebe o coreano que já passou por outro país ou por outro lugar no Brasil. Alguns entraram no país através do Paraguai ou da Bolívia, e vários vieram do interior do Paraná e de São Paulo. Depois do insucesso na agricultura, aos poucos os coreanos procuraram organizar-se nas zonas urbanas; a clandestinidade era uma constante, e a solidariedade, um meio de vida. A dedicação ao trabalho na confecção envolvia toda a família e possibilitou acumulação suficiente para estabelecer novos negócios. A comunidade coreana investiu, e ainda investe, na educação dos filhos e também teve sucesso. Entretanto, é muito comum que um dos filhos permaneça no negócio da família. O casamento endogâmico ainda é a regra.

São Paulo foi o lugar de maior desenvolvimento capitalista no Brasil. Mesmo assim, desde o início do século XX já não havia emprego formal para todos. Os negócios por conta própria⁸⁰ eram comuns no Bom Retiro, e essa tradição econômica permaneceu no bairro alimentada pelo acréscimo de diferentes etnias e culturas, algumas, sem dúvida, com maior peso simbólico e real (judeus entre as décadas de 1950 e 1970, coreanos da década de 1990 até hoje). A partir da década de 1990, os sul-americanos começaram a ocupar o Bom Retiro, especialmente bolivianos. A imigração boliviana no Brasil teve início na década de 1950, com estudantes que depois de formados permaneceram no Brasil; na segunda metade da década de 1970, o exílio fez parte do histórico de uma geração que lutou contra as ditaduras sul-americanas; principalmente argentinos, uruguaios e chilenos procuraram abrigo em outra ditadura, mas em processo de abertura política e com maior desenvolvimento econômico: o Brasil.

⁷⁸ CHOI, Keum Joa. “Além do arco-íris: a imigração coreana no Brasil”. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Departamento de História, FFLCH, USP, 1991, p. 158.

⁷⁹ GUIMARÃES, Alexandre Queiroz. Estado e economia na Coreia do Sul - do Estado desenvolvimentista à crise asiática e à recuperação posterior, In _____ Rev. de Econ. Polít. Vol. 30, nº 1. São Paulo, 2010.

⁸⁰ MANGILI, Liziane Peres. *Bom Retiro, bairro central de São Paulo: transformações e permanências, 1930-1954*. São Paulo: Alameda, 2011, p. 53. Mangili comenta que inúmeros imigrantes italianos no Bom Retiro na primeira metade do século XX trabalhavam como pedreiros, vidraceiros, marceneiros, ferreiros ou com confecção de chapéus e calçados.

Na década de 1980 e com muito mais intensidade na de 1990, bolivianos, em maior número, seguidos por paraguaios e peruanos, migraram para o Brasil, e São Paulo foi seu principal destino.⁸¹ As oportunidades de trabalho no Brasil eram maiores e o Bom Retiro era um dos lugares que reuniam as condições necessárias para o estabelecimento de imigrantes: a possibilidade de trabalho e moradia no mesmo espaço, sendo possível utilizar estruturas preexistentes e multiplicá-las. A nova geração sul-americana no Bom Retiro reproduz as mesmas relações de trabalho a que seus ancestrais foram submetidos no início, e mesmo a expressão “submetidos” deve conter aspas, pois segundo os bolivianos é uma escolha, faz parte do processo do projeto migratório.

As migrações sentidas no Bom Retiro, especialmente de coreanos e bolivianos, desde as três últimas décadas do século XX até os dias de hoje, estão inseridas no contexto histórico da expansão do capitalismo através da integração de mercados. As diversas comunidades fazem da cultura uma estratégia de organização, de formação de uma consciência étnica. Olhar o outro é uma condição no Bom Retiro, não é uma escolha. A existência ganha sentido ao se demarcar o território, mesmo no plano simbólico, a alteridade revela a identidade. A tentativa de permanência das tradições e dos costumes e o sentimento de pertencimento aprofundam os vínculos com o bairro, o local se torna uma referência frente ao global. As relações sociais assimétricas atuam na forma como a cultura original é ressignificada.

No século XIX e na primeira metade do século XX, as migrações eram motivadas pela miséria na Europa, além de perseguições religiosas e políticas; no século XXI, elas se inserem no contexto do capitalismo global. Coreanos e bolivianos no Bom Retiro têm outras coisas em comum além da relação conflituosa e hierárquica do trabalho na costura. São culturas milenares sendo ressignificadas, perspectivas de mundo adaptadas à realidade do dia a dia do bairro, a uma nova realidade - neste caso a

⁸¹ SILVA, Sidney Antonio da. *Bolivianos: a presença da cultura andina*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005, p. 16.

alteridade sempre presente e em constante negociação. De acordo com a pesquisa de Keum Joa Choi, o coreano herdou características do pensamento do confucionismo: autoritarismo, disciplina e respeito à hierarquia e do budismo também: respeito aos ancestrais e aprofundamento da amizade.⁸² Algumas ações da comunidade coreana explicitam essas características.

O reconhecimento da pluralidade do estado boliviano é recente. São diversas nações num mesmo país. Para Sidney A. da Silva, os imigrantes andinos no Brasil são camponeses com histórico de migração interna na Bolívia, do campo para algum centro urbano, e já enfrentavam a discriminação no país de origem. A reiteration da cultura andina pré-colombiana, discriminada pelo lado hispânico da Bolívia, é a estratégia de um discurso em oposição ao senso comum, contrário à tentativa de criminalizar o imigrante e seus projetos de vida. Segundo Silva, a crença em Pachamama, a Mãe Terra,⁸³ como responsável pela fartura pressupõe uma série de obrigações e convenções. A relação com a natureza dá significado à vida; a inserção no meio urbano, numa realidade completamente diversa, duplamente discriminada, induz a construção de novas leituras da religiosidade.

Decerto não é exagero dizer que no Bom Retiro há um encontro de culturas milenares: gregos, italianos, judeus, africanos, coreanos e andinos. Todos obrigados a buscar a tolerância para com o outro. A cultura é o elemento de distinção e conscientização da condição social do imigrante. A tensão é contida, circula nas sombras. Em comum entre os diferentes, a busca por um lugar melhor para as próximas gerações. Inúmeros viveram na clandestinidade, são ativos da história, não passivos, e a cultura é a ferramenta de resistência e da organização das diversas comunidades. Porém, a cultura se desenvolve em constante troca e adaptação com a

⁸² CHOI, Keum Joa. "Além do arco-íris: a imigração coreana no Brasil". Dissertação de Mestrado. São Paulo: Departamento de História, FFLCH, USP, 1991, pp.129, 133.

⁸³ SILVA, Sidney Antonio da. *Bolivianos: a presença da cultura andina*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005, p. 28.

realidade do momento histórico em determinado espaço. A mulher coreana conquistou um lugar que não tinha antes da emigração:⁸⁴ transformou a antiga divisão sexual do trabalho e assumiu maior relevância social. Em geral, a literatura sobre as imigrações andinas diz que na maioria os imigrantes são homens jovens. Entretanto, é evidente nas ruas do Bom Retiro cada vez mais a presença feminina em diversas atividades, da costura aos serviços. É possível também perceber cada vez mais a presença de mulheres bolivianas mais velhas, de origem quéchua ou aimará com os cabelos longos trançados e usando a tradicional saia longa com pregas, a *pollera*.

Segundo o Portal da Prefeitura de São Paulo, a população do bairro em 2010 era de aproximadamente 33 mil pessoas. De acordo com o Conseg⁸⁵ - Conselho Comunitário de Segurança do Bom Retiro, o número de pessoas nos dias de semana em épocas do ano com maior atividade comercial chega perto de 200 mil. O jornal *Folha de S.Paulo*, no “DNA Paulistano” de 2008, estimou que todas as classes sociais estão presentes no bairro, mas é composto em sua maioria pela classe C (de acordo com o site:

<<http://www.nossasaopaulo.org.br/observatorio/biblioteca/DnaPaulistanoCentro.pdf>>).

O bairro do Bom Retiro é um espaço em contínua transformação, mas seu caráter cosmopolita permanece como sua maior singularidade, o encontro da diversidade e a ocorrência de inusitados intercâmbios culturais. Além da diversidade de origem, no bairro se encontram outras instituições culturais de cunho popular: o Grêmio Gaviões da Fiel Torcida se localiza no bairro desde 1979 e o grupo Teatro Popular União e Olho Vivo desde 1982. A Gaviões da Fiel é a maior torcida organizada do Corinthians e escola de samba do Grupo Especial da Liga Independente das Escolas de Samba de

⁸⁴ CHOI, Keum Joa. “Além do arco-íris: a imigração coreana no Brasil”. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Departamento de História, FFLCH, USP, 1991, pp. 141, 142.

⁸⁵ O autor acompanhou uma das reuniões mensais do Conseg no Centro Cultural Oswald de Andrade, na rua Três Rios, no Bom Retiro, em março de 2013.

São Paulo. O grupo União e Olho Vivo é uma companhia de teatro popular criada em 1966, uma das mais antigas companhias de teatro popular em atividade no Brasil.⁸⁶ No período de maior caracterização judaica do bairro, a pluralidade da comunidade era evidente. No início da década de 1950, judeus progressistas criaram o ICIB - Instituto Cultural Israelita Brasileiro, espaço pensado para abrigar e difundir a cultura judaica e manter viva a memória da luta contra o Holocausto. O lugar, na rua Três Rios é carinhosamente conhecido como Casa do Povo, e foi quase abandonado após a década de 1990. Retomou as atividades em 2011, abrindo o espaço para outras comunidades, entre elas, o grupo de bolivianos da Associação de Comunicadores Bolívia Brasil, para a realização de reuniões, assembleias e cursos. Nos capítulos seguintes serão apresentadas algumas dessas histórias contemporâneas da diversidade cultural no Bom Retiro.

⁸⁶ VIEIRA, César. *Em busca de um teatro popular*. São Paulo, 2005, p. 355.

4. O lugar da memória

A memória é um instrumento de resistência, e há inúmeras formas de representá-la. Neste capítulo, será representada por um edifício memorial, pela comunicação comunitária e por um álbum de fotografia.

4.1 A Casa é do povo

O Instituto de Cultura Israelita no Brasil (ICIB) ficou conhecido como a Casa do Povo. Começou a ser criado em 1945 por judeus progressistas imigrantes da Europa oriental e se estabeleceu em 1953 na rua Três Rios.⁸⁷ Na década de 1950, o Bom Retiro se configurava como um bairro com predominância da comunidade judaica e de caráter heterogêneo, mesmo entre os judeus; os idealizadores da Casa do Povo eram judeus laicos e falavam o iídiche. O espaço é herança da luta pela organização da comunidade judaica em São Paulo desde a década de 1920; inúmeros movimentos progressistas ajudaram a amadurecer a ideia da criação do ICIB, entre eles o Centro Cultura e Progresso.⁸⁸ Atualmente, a direção da Casa do Povo busca ressignificar o espaço, que foi idealizado para ser a memória da resistência da cultura judaica, monumento contra o Holocausto. A Casa do Povo abrigou também a Escola Scholem Aleichem (1949–81) e o Teatro de Arte Israelita Brasileiro (TAIB), de 1960 ao início de 2000. A instituição é um ícone da cidade de São Paulo, fundamentado no pensamento universalista e ao mesmo tempo com vínculos profundos com o bairro do Bom Retiro.

No início da década de 2010, a geração que era criança até 1970 e tinha laços afetivos com a Casa do Povo voltou a ocupar o lugar, organizando, administrando e disponibilizando-o para atividades culturais abertas aos

⁸⁷ Em 1953 foi inaugurado o edifício modernista, projeto do engenheiro e arquiteto Ernest Mange. (http://casadopovo.org.br/arquivos/casadopovo_apresentacao.pdf).

⁸⁸ CYTRYNOWICZ, Roney. “Uma história de 60 anos que inspira novos sonhos e projetos”. *Jornal Nossa Voz, Caderno Especial*. São Paulo, novembro e dezembro de 2014.

mais diferentes grupos. A Casa do Povo⁸⁹ foi muito atuante até a década de 1980; 2013 tornou-se a data símbolo da reocupação do espaço, hoje plural e heterogêneo. Há atividades das mais diversas, integradas ao ambiente do bairro, de perspectiva democrática e em sintonia com as questões contemporâneas da urbanidade e da cultura no contexto global. Uma das ações inaugurais desta nova fase da Casa do Povo foi a encenação de *Bom Retiro 958 metros* pelo grupo Teatro da Vertigem,⁹⁰ em 2013. A peça versava sobre conflitos no bairro: o título faz alusão à distância percorrida nas ruas do bairro pelos atores. O último ato aconteceu dentro do espaço do Teatro de Arte Isrelita Brasileiro, o TAIB⁹¹ na Casa do Povo. O TAIB, criado em 1960, foi um teatro de resistência, muitas peças em iídiche foram encenadas ali, e no período da ditadura militar o teatro sofreu com perseguições e censuras. Acompanhei a apresentação do grupo Teatro da Vertigem, e foi possível perceber que a proposta de diálogo entre a Casa do Povo, com sua história e memória, e o seu entorno se tornou explícita.

A lembrança da espoliação e da perseguição na Europa influenciou a comunidade judaica do bairro a investir na educação dos filhos - a riqueza pode-se tomar, o saber não. Os negócios de família, especialmente as confecções, ficaram no plano secundário, para a segunda geração de judeus do bairro. Os filhos, em geral profissionais liberais, realizaram, talvez, o sonho dos pais, interrompido pelas perseguições e a emigração forçada. Herdaram cultura e educação, e hoje em dia seguem os preceitos religiosos básicos, mas a maioria abandonou as lojas e bazares, os que enriqueceram deixaram o Bom Retiro para morar em bairros mais nobres, principalmente em Higienópolis, Cerqueira César, Jardins, Pinheiros e Morumbi.⁹²

⁸⁹ CYTRYNOWICZ, Roney. “Uma história de 60 anos que inspira novos sonhos e projetos”. *Jornal Nossa Voz*, Caderno Especial. São Paulo, novembro e dezembro de 2014.

⁹⁰ O autor assistiu à peça *Bom Retiro 958 metros* em 2013.

⁹¹ WALDMAN, Berta. “O teatro iídiche em São Paulo”. *Jornal Nossa Voz*, Caderno Especial. São Paulo, novembro e dezembro de 2014.

⁹² PÓVOA, Carlos Alberto. “A Territorialização dos judeus na cidade de São Paulo: a migração do Bom Retiro ao Morumbi”. Tese de Doutorado. São Paulo: Departamento de Geografia, FFLCH, USP, 2007.

Dr. Jairo Degenszajn,⁹³ médico do Hospital Universitário da USP e atual presidente da Casa do Povo, foi morador do Bom Retiro; ex-estudante do colégio Scholem Aleichem, é um dos que trabalham para resgatar o espaço, identificado com ideais humanistas. Ele contou que a preocupação inicial é privilegiar atividades variadas, em invés de reformar o prédio. Considera importante uma reforma, mas acredita que ela só terá sentido com a ocupação do lugar. Cada vez mais, a Casa é do povo, com as inúmeras atividades culturais e sociais. Em fevereiro de 2016, num domingo de manhã, estudantes secundaristas das escolas públicas do estado se reuniram no salão principal para discutir o encaminhamento da luta contra a política educacional do governo do estado de São Paulo. Desde 2013, as ações são inúmeras e multidisciplinares; algumas se tornaram regulares: coral da terceira idade, aulas de teatro com grupos independentes; sessões de cinema; trabalhos de coletivos; redação de jornal alternativo; preservação da biblioteca, que tem 6 mil exemplares de livros escritos em ídiche; oficina de costura criativa, entre outras atividades constantes. Depois da reocupação do espaço, foi desenvolvido um projeto de reforma do prédio.⁹⁴

A Casa do Povo abrigou o jornal *Nossa Voz*, fechado depois do golpe militar de 1964.⁹⁵ Benjamin Seroussi desenvolveu, junto com Mariana Lorenzi, o projeto editorial do jornal. Benjamin faz parte do conselho do jornal e se dedica ao resgate da Casa. Durante a cerimônia em memória dos resistentes do levante do Gueto de Varsóvia em abril de 2015, Benjamin argumentou sobre o marco que melhor expressa a luta do povo judaico: a direção da Casa do Povo não considera a libertação do campo de concentração de Auschwitz como data oficial para celebração da resistência, como ocorre nos Estados Unidos e na maior parte do mundo.

⁹³ O Dr. Jairo Degenszajn concedeu entrevista ao autor em abril de 2015 na Casa do Povo.

⁹⁴ Projeto de autoria do arquiteto Isay Weinfeld, aprovado em lei federal de cultura e em fase de captação de patrocínio. Disponível em: (http://casadopovo.org.br/arquivos/casadopovo_apresentacao.pdf).

⁹⁵ Em 2014, o jornal *Nossa Voz* passou a ser novamente editado, desta vez viabilizado pela lei federal de incentivo à cultura, com periodicidade trimestral e distribuído sem custo pelas bancas do Bom Retiro e instituições parceiras. (*Jornal Nossa Voz*, São Paulo, 2015).

Segundo Benjamin, Auschwitz representaria mais a vitimização e menos a luta.⁹⁶

Numa das cerimônias do levante do Gueto de Varsóvia, no final do mês de abril de 2014, um dos oradores enfatizou a luta contra a discriminação e deu vivas aos que se levantaram contra o fascismo, saudando “este Brasil que canta e é feliz”, em referência à música de Caetano Veloso. O compositor baiano cristalizou em arte musical um jeito capaz de seduzir cristãos, mouros, judeus e budistas. O convite à alegria, ao samba sensual está no imaginário coletivo construído historicamente por décadas. As identidades transcendem fronteiras, e a nação está mais perto do coração e do afeto que do território. O judeu criado no Bom Retiro carrega toda a história de luta do povo judaico em confluência com os outros imigrantes e seus descendentes: os antigos italianos da parte baixa do bairro, coreanos, gregos, armênios, paraguaios e bolivianos. Ocorre um sentimento de dupla nacionalidade, ou a nacionalidade da pós-modernidade, surge uma cultura transnacional.

Um dos idealizadores da Casa do Povo, morador do Bom Retiro desde 1930, quando chegou ao Brasil, e atuante no jornal *Nossa Voz*, o poeta e intelectual José Aron Sendacz (1918–1984), polonês de Varsóvia, traz, em livro biográfico sobre sua obra, alguns conceitos que estão em diálogo com o orador contemporâneo sobre o Estado de Israel e da integração da comunidade judaica à sociedade escolhida para viver:⁹⁷ “Sempre defendemos a ideia de autodeterminação dos povos. Cada povo tem o direito de determinar o seu destino”, diz o poeta polonês, e continua mais adiante argumentando sobre a nefasta relação de dependência econômica de Israel em relação aos Estados Unidos. A trajetória de José

⁹⁶ Desde 2013, o dia do levante do Gueto de Varsóvia voltou a ser data de encontro na Casa do Povo para simbolizar a resistência; não são atores passivos da história, são protagonistas decididos a lutar por seu próprio destino contra a discriminação e o preconceito. O autor acompanhou essas cerimônias em 2013 e 2014.

⁹⁷ SENDACZ, José Aron. *Um Homem do Mundo*. São Paulo: Editora do Autor, 2005, p. 134.

Aron Sendacz expressa uma perspectiva universalista, porém mostrando uma preocupação no sentido do envolvimento com a nação e o bairro.⁹⁸

Toda semana tem ensaio do coral “Tradição” na Casa do Povo, e uma das integrantes é a sra. Amalia Knoploch,⁹⁹ filha de um casal de judeus poloneses e contadora aposentada. Ela nasceu no Bom Retiro e ainda mora no bairro. A singularidade é que o coral só canta em iídiche, e nem todas as integrantes do grupo conhecem o idioma. A sra. Amalia conhece bem. Ela diz que o nome Knoploch significa “casa de botão” em iídiche. Seus pais fugiram do nazismo, numa emigração forçada que dividiu a família. No Bom Retiro trabalharam com confecção, a mãe era costureira e o pai passava ternos. A confiança era a principal moeda de troca do casal. O crédito que eles tinham na vizinhança era suficiente para conseguir apoio e ajuda de outros membros da comunidade, conta a sra. Amalia. Uma das lembranças da infância no Bom Retiro é a moradia simples; havia apenas um cômodo, e a cozinha e o banheiro eram coletivos, banho só uma vez por semana. Ela e o irmão brincavam na rua com outras crianças, judias e não judias.¹⁰⁰ A solidariedade sempre fez parte da vida de Amalia Knoploch, atualmente ela retribui o que recebeu participando como voluntária de uma instituição judaica internacional, com trabalho dedicado à mulher, a Organização das Mulheres Pioneiras. São comuns entre os moradores do Bom Retiro relatos sobre parentes que nunca mais se viram. Foi assim na vida de Amalia Knoploch.¹⁰¹

A identidade nacional possibilita criar uma distinta comunidade imaginada composta por diferentes classes sociais, categorias étnicas e religiosas. A identidade de classe social pode ser denominador comum entre

⁹⁸ SENDACZ, José Aron. *Um Homem do Mundo*. São Paulo: Editora do Autor, 2005, p. 135.

⁹⁹ Amália Knoploch concedeu entrevista ao autor em julho de 2015, em sua residência.

¹⁰⁰ Amália Knoploch contou que quando era criança malhou o Judas com a vizinhança católica e a sua mãe a proibiu de continuar a participar. A alteridade fez perceber a identidade. A experiência serviu como processo pedagógico da consciência da origem da sua família.

¹⁰¹ Amália Knoploch contou que hoje ela se ocupa de resgatar, via redes sociais, familiares e amigos espalhados pelo mundo. Ela mora no mesmo apartamento que o pai conseguiu comprar contando com a solidariedade da comunidade judaica.

diferentes etnias, origens e religiões. A identidade nacional brasileira é uma construção histórica e social, sujeita a mudanças e transformações. O bairro surge como a solução para o sem lugar que busca a categoria de cidadão. No bairro do Bom Retiro o protagonista é o imigrante, ele não é passivo na história. São atores sociais que sem planejamento prévio, constroem um espaço culturalmente diverso e de identidades pós-modernas, laboratório de novos paradigmas do conceito de nação. O Bom Retiro foi o espaço de organização da comunidade judaica. Mesmo com a perda da hegemonia no lugar, o bairro ainda é a principal referência da memória afetiva dos judeus em São Paulo.¹⁰²

Marina Sendacz,¹⁰³ artista plástica e educadora, cuida da biblioteca que ganha corpo na Casa do Povo, da qual foi presidente. Ela se ocupa da meticulosa tarefa de organização e catalogação dos 6 mil livros em ídiche recolhidos junto aos judeus do bairro. A maioria trazida ao longo do século XX por refugiados e imigrantes judeus do leste europeu. Marina nasceu no Bom Retiro, filha do casal de judeus poloneses José Aron Sendacz, falecido em 1984, e Hugueta Sendacz, maestrina do coral Tradição. Marina mora com a mãe no Bom Retiro e segue o caminho familiar, procurando reiterar tradições culturais. Ela conserva um acervo com algumas obras raras e de grande valor histórico e documental.¹⁰⁴

No livro biográfico¹⁰⁵ de José Aron Sendacz, o poeta define o ídiche como uma língua milenar; judeus que emigraram para a Alemanha acrescentaram ao alemão “hebraísmos”, especialmente em assuntos religiosos e do cotidiano, idioma desenvolvido nos guetos e enriquecido

¹⁰² No Bom Retiro ocorre um sentimento de pertencimento distinto da identidade nacional, é o lugar no qual há a certeza de se encontrar uma sinagoga, uma livraria específica ou o pão *beagle*, ou até mesmo comprar uma carpa nadando numa peixaria com aquário e serviço da culinária *kasher*.

¹⁰³ Marina Sendacz concedeu entrevistas ao autor em outubro de 2014 em sua residência, e em março de 2015 na Casa do Povo.

¹⁰⁴ A sra. Hugueta Sendacz e sua filha Marina Sendacz lembraram que os respectivos pais liam histórias infantis em ídiche para elas.

¹⁰⁵ SENDACZ, José Aron. *Um Homem do Mundo*. São Paulo: Editora do Autor, 2005, p. 118.

pelas línguas do leste europeu. A língua é expressão da resistência e da luta pela sobrevivência. Não é o idioma oficial de Israel (a língua hebraica foi escolhida), mas foi o idioma assumido pela maioria dos judeus do Bom Retiro. Maria Luiza Tucci Carneiro discorre sobre o uso do ídiche pelos judeus no Brasil:¹⁰⁶ “O ídiche, enquanto língua de origem e tradição, era amplamente difundido entre os judeus da Europa oriental e central, que, ao chegarem ao Brasil, continuavam a usá-lo como primeira língua”. Entre outras coisas, o que faz do Bom Retiro um bairro singular é a possibilidade de ser um lugar de resistência do idioma comum entre os judeus de várias partes do mundo e, ao mesmo tempo, estabelecer relações com outras culturas.

As manifestações tradicionais judaicas são reinterpretadas na Casa do Povo. Em abril de 2016 foi comemorada ali a Festa de Purim, organizada pelo Coletivo Shlepers, com direção de Daniel Szafran e canto em ídiche de Tânia Grinberg. Um contador de histórias fez a interpretação para o público considerando o Purim como o carnaval judaico, disse ele que é a celebração da salvação do povo judeu na antiga Pérsia. As portas ficaram abertas para quem quisesse participar, o público sentou na escadaria e a calçada foi tomada.¹⁰⁷

A Escola Scholem Aleichem (1949–81), na Casa do Povo, priorizava o ídiche em relação ao hebraico através de expressões artísticas, literatura, música e teatro, segundo a pesquisa de doutorado na área de Letras de Sonia Goussinsky, da USP,¹⁰⁸ argumenta ainda que preservar o idioma é tentar conservar um jeito de ser, uma perspectiva de mundo. A luta pela conservação dos livros em ídiche e por constituir uma biblioteca específica é uma das mais representativas ações do resgate da Casa do Povo, e ao

¹⁰⁶ CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *Brasil judaico: mosaico de nacionalidades*. São Paulo: Editora Maayanot, 2013. p. 40.

¹⁰⁷ No final da festa, o bloco afro Ilú Obá De Min, composto apenas por mulheres negras, se apresentou com tambores. A Casa do Povo não naturaliza as tradições, mas problematiza e propõe um diálogo plural.

¹⁰⁸ GOUSSINSKY, Sonia. “Era uma vez uma voz: o cantar ídiche, suas memórias e registros no Brasil”. Tese de Doutorado. São Paulo: FFLCH, USP, 2012, p.96.

promovê-la Marina Sendacz e todos os que estão envolvidos com essa instituição aprofundam vínculos com o bairro do Bom Retiro.

Através dos séculos, a cultura e a manutenção das tradições têm sido o instrumento de luta pela sobrevivência e unidade da comunidade judaica. Na Casa do Povo, a professora de teatro Zelda Bullis Goldenberg desenvolve um grupo de teatro com a turma da terceira idade.¹⁰⁹ Várias senhoras de distintas origens judaicas se dedicavam a explicar a preparação do peixe para a próxima celebração religiosa. Detalhes não coincidentes na confecção do alimento são motivos de debate sobre o que cada uma considerava o verdadeiro sentido das tradições. Todas diziam estar de acordo com as recomendações do rabino e a origem de cada personagem representava a pequena diferença entre os ritos. É possível perceber maior flexibilidade nos costumes. Há uma adaptação de acordo com a realidade ao redor e no encontro das mais diferentes origens judaicas em intenso convívio. É preciso ter clareza de que quase sempre as relações sociais e culturais são assimétricas, mas é inegável que ocorre no bairro do Bom Retiro uma troca cultural intensa a despeito das reiterações das tradições nas manifestações e ações dos diferentes grupos.

A sra. Hugueta Sendacz,¹¹⁰ mãe de Marina Sendacz, pianista e regente, saiu do frio da Polônia e chegou ao Brasil em 1929, ainda no colo dos pais. Ela contou que eles foram imediatamente apresentados ao clima tropical: chuva e calor ao mesmo tempo. A sra. Hugueta participa com empenho das atividades da comunidade no bairro. É maestrina do coral Tradição desde 1988, além de atuar no teatro da terceira idade. Um dos primeiros lugares em que morou com os pais no Bom Retiro foi a pensão de uma senhora italiana na rua Anhaia. Era apenas um quarto, o banheiro era coletivo e não havia cozinha, o preparo do alimento era feito em latões, conta a sra. Hugueta. Dona Rosalina, proprietária do estabelecimento, não

¹⁰⁹ O autor acompanhou um dos ensaios do grupo de teatro na Casa do Povo em abril de 2014.

¹¹⁰ Hugueta Sendacz concedeu entrevistas ao autor em outubro de 2014 e em janeiro de 2016, sempre em sua residência.

aceitava crianças e não falava português, mas sentiu afeto pela pequena Hugueta Sendacz. A maestrina do coral Tradição aprendeu italiano antes da língua portuguesa na infância vivida no Bom Retiro. De criança, lembra do susto da primeira vez que viu as mulheres da zona do meretrício na rua Aimorés.¹¹¹ Imaginou que tinham saído do manicômio.

O coral Tradição canta inúmeras canções de cunho político, cultural e social. Certa vez, a sra Hugueta fez uma partitura especial para a regente de um coral de senhoras coreanas, para que pudessem cantar juntas a música popular judaica “Somos todos irmãos”. Um encontro do iídiche com o coreano, mediado pelo português, e a universalidade da linguagem musical fez eco nas ruas do Bom Retiro. Em junho de 2015,¹¹² a sra. Hugueta promoveu um ensaio aberto do coral Tradição na Casa do Povo; todo o público cantou em pé “Somos todos irmãos”, com transmissão ao vivo pela rádio *on-line* Nueva America, da comunidade boliviana. A Associação de Comunicadores Bolívia Brasil fez um acordo com a Casa do Povo: divulga os eventos em troca de utilizar o espaço para reuniões e cursos.

Detalhe do passaporte polonês de José Aron Sendacz e sua mãe. Varsóvia, Polônia, 1930.

¹¹¹ MANGILI, Liziane Peres. *Bom Retiro, bairro central de São Paulo: transformações e permanências, 1930-1954*. São Paulo: Alameda, 2011, p. 102.

¹¹² O autor acompanhou o ensaio do coral Tradição em junho de 2015 na Casa do Povo.

Detalhe do atestado de saúde emitido em Varsóvia, Polônia, com a fotografia de Hugueta Sendacz e os pais em 1929

Marina e Hugueta Sendacz em fotos de 1949 (álbum de família) e 2014.

4.2 As vozes da América do Sul

A Casa do Povo abrigou atividades promovidas pela Associação de Comunicadores Bolívia Brasil ao longo de 2015. Em outubro desse mesmo ano ocorreu a palestra “Nova mídia imigrante comunitária”, com a participação de ativistas culturais e sociólogos bolivianos radicados no Brasil.¹¹³ Na abertura, Benjamin Seroussi, diretor da Casa do Povo, recepcionou os participantes e resumiu o pensamento da atual direção da Casa: “A história da comunidade boliviana no Brasil passa pelo Bom Retiro, aqui vocês estão em casa, os bolivianos vivem hoje o que os judeus viveram nos anos 1940 e 1950. Os judeus precisavam de um lugar e fizeram a Casa do Povo, (...) aqui acolheu um teatro, uma escola (...), e agora tem que continuar o diálogo com o bairro, (...) um bairro difícil, mas acolhedor, a Casa é de vocês”, completou o diretor.

No mês de maio de 2015, a Associação de Comunicadores Bolívia Brasil realizou um seminário¹¹⁴ para bolivianos que trabalham com rádio *on-line*. As professoras Denise Cogo e Isabel Pezzengrilde ministraram o curso para cerca de 45 alunos no espaço cedido pela Casa do Povo em troca da divulgação de seus eventos nas rádios geridas pelos bolivianos. Os alunos eram quase todos homens, jovens e maduros, havia poucas mulheres. Este é um movimento independente da atuação do Estado. No caso do Bom Retiro, independente da atuação do Estado de várias nações, criando um movimento independente transnacional.

O amadurecimento para a criação desta entidade ocorreu a partir de um acontecimento trágico: o assassinato do garoto boliviano Brayan Y. C., de apenas cinco anos de idade, em junho de 2013. A Associação de Comunicadores Bolívia Brasil surgiu neste contexto, aglutinando diversos produtores e ativistas sociais e culturais bolivianos com algumas

¹¹³ O autor participou como ouvinte da palestra “Nova mídia imigrante comunitária” em outubro de 2015 na Casa do Povo.

¹¹⁴ O autor participou como ouvinte do curso promovido pela Associação de Comunicadores Bolívia Brasil em maio de 2015 na Casa do Povo.

necessidades distintas, mas muitas preocupações comuns. O interesse mais premente era construir um discurso diferente do senso comum, uma narrativa contra-hegemônica sem assumir o papel da vitimização. O Bom Retiro é o lugar da costura, do imigrante, e faz parte do espaço político e cultural de São Paulo; é também central e próximo ao Brás, um dos maiores redutos da comunidade boliviana. No ano de 2015, a Associação de Comunicadores Bolívia Brasil promoveu cursos e seminários na Casa do Povo. Algumas rádios *on-line* estão no bairro, e um dos principais articuladores do grupo mora no Bom Retiro há 20 anos, Jorge Gutierrez Lopez, boliviano de Oruro, atual presidente da Associação de Comunicadores Bolívia Brasil com mandato de quatro anos. O debate na comunidade discutiu uma perspectiva para saírem das sombras, uma perspectiva de afirmação cultural e valorização da própria origem.

Ao longo do curso, foi possível perceber os principais interesses e questões pertinentes à comunidade boliviana. Na primeira semana, as professoras, experientes em rádio comunitária e também em pedagogia, colocaram a questão da pluralidade do ouvinte, a questão de saber para quem se está falando, basicamente a preocupação com o conteúdo, os efeitos e os processos. Para um dos alunos, a dúvida era como saber quem são os ouvintes, “não conheço nem os bolivianos, como imaginar paraguaios e peruanos?”, indagou José Gamboa Nuñez,¹¹⁵ diretor-geral do jornal *El Chasqui*, “*el mensajero del pueblo boliviano!*”,¹¹⁶ periódico mensal em espanhol, com 16 páginas, voltado para a comunidade boliviana em São Paulo e com distribuição gratuita.

¹¹⁵ José Gamboa Nuñez e Hugo Fernando, membros da Associação de Comunicadores Bolívia Brasil, concederam entrevistas ao autor em maio de 2015. Hugo é um dos produtores do site <www.nuevaamerica.com>.

¹¹⁶ Os principais anúncios de *El Chasqui* são de empresas especializadas em envio de dinheiro para a Bolívia, e a maioria dos classificados se refere, ao trabalho na costura. As pautas são variadas, destaque às atividades da comunidade boliviana no Brasil. (*El Chasqui*, año 5, ed. 043, marzo del 2015).

Na semana seguinte, a atividade da aula foi a divisão da classe em dez turmas de quatro a cinco componentes cada uma. Os dois grupos¹¹⁷ com presença feminina mostraram preocupação com a saúde familiar e deram informes sobre cuidados higiênicos; outro grupo, composto por jovens e homens maduros, focou em dicas de prevenção à aids. Outra turma ainda formada apenas por rapazes, fez um programa sobre a pluralidade da cultura musical entre novos imigrantes, do rock de Raul Seixas a canções andinas. Num dos informativos levantou-se o debate sobre o litígio territorial entre a Bolívia e o Chile; e, por fim, variedades, iniciando com uma saudação aos bolivianos e ao Brasil: “Esta terra maravilhosa que é o Brasil”, definia um dos últimos radialistas a se apresentar, seguido de uma canção de Julio Iglesias.

As principais questões levantadas durante o debate após as apresentações eram o cuidado para naturalizar o preconceito, temas culturais e de identidade, problematização das necessidades e desejos da comunidade boliviana, decerto em fase de elaboração de outra narrativa e vivendo um processo de construção de uma consciência coletiva comunitária. A rádio *on-line* é diferente da rádio pirata que vários dos participantes do seminário tiveram. Ela é legal, não há perseguição do Estado, a polícia não pode prender por esse motivo, o alcance é global, vai além da fronteira da vizinhança e tem imagem; a luta, neste momento, se dá em outro plano, se dá no plano da narrativa, e a comunidade se mobiliza de várias formas, a internet é um instrumento historicamente novo e cria uma certa singularidade no projeto migratório dos bolivianos em São Paulo. As professoras colocaram que a audiência deveria sempre ser levada em conta, era preciso promover trocas com o ouvinte, assim os programadores saberiam com quem estavam falando. Alguns bolivianos demonstraram

¹¹⁷ Os grupos tinham que produzir um programa de rádio de cinco minutos e após as reuniões de pautas eles se apresentavam. Foram dez programas em espanhol (apenas dois em espanhol e português) com pautas diversas. Na grade de apresentação teve programas sobre aids entre os jovens, músicas para jovens, esportes, saúde, humor, informação para costureiras, notícias do Brasil e informações gerais para bolivianos residentes em São Paulo. Uma das apresentações esportivas era sobre o campeonato europeu de clubes de futebol, os destaques eram o Barcelona e Lionel Messi; outra resenha esportiva dava ênfase aos jogos no Brasil e à Libertadores da América.

medo ao tentar falar em português; a professora Isabel Pezzengrilde lembrou que o português falado no Brasil incorporou expressões e termos de outras línguas: “o portunhol é bem-vindo, palavras são incorporadas”, disse.

A naturalização de um humor preconceituoso que depõe contra a própria cultura e diminui as dificuldades vivenciadas foi colocada em discussão, o reforço de preconceitos é uma visão de mundo à qual se opor. O preconceito velado pode estar presente no cotidiano, e a discriminação declarada aparece na mídia, os sul-americanos surgem apenas como problema. Na reportagem, “Frequência andina”, da revista *Veja São Paulo*,¹¹⁸ há uma nítida construção de um discurso preconceituoso sem o devido cuidado jornalístico, há a preocupação de produzir a crença no sentido da criminalização do imigrante. A matéria fala de problemas causados por rádios piratas e cita rádios legalmente constituídas na internet, algumas delas no Bom Retiro, geridas por bolivianos, com conteúdo voltado para o imigrante e que não cometem nenhuma ilegalidade. Criminalizar ações sociais e culturais é estratégia para negar a legitimidade dessas atividades. Na VIII Marcha dos Imigrantes, no centro de São Paulo, em dezembro de 2014, uma das principais reivindicações era por uma cidadania sul-americana e pelo fim da militarização das fronteiras. O discurso era especialmente contra a xenofobia. Africanos e sul-americanos formavam quase a totalidade dos participantes da manifestação.

Na palestra “Nova mídia imigrante comunitária”, em outubro de 2015, na Casa do Povo, um dos palestrantes, o sociólogo boliviano Wilmer Lopez, mestrando na USP, fez referência ao papel da mídia no Brasil na consolidação de uma imagem preconceituosa do boliviano e do projeto migratório da comunidade: “A imprensa brasileira apresenta uma identidade negativa dos bolivianos, as notícias são sem contexto, os comunicadores bolivianos devem colocar este contexto”; ele completa citando nominalmente os veículos de comunicação *Folha de S.Paulo*, *Globo* e *Veja*, como portadores de um olhar discriminatório e impossibilitados de

¹¹⁸ “Frequência andina”. *Veja São Paulo*, ano 47, n 30. São Paulo, 23/07/ 2014, p. 45.

compreender o universo do imigrante. Lopez ainda discorreu sobre como o discurso preconceituoso atinge a autoestima do boliviano e falou sobre pluralidade, segundo o sociólogo algo do qual os bolivianos deveriam se orgulhar: “Qual país do mundo tem uma visão de país plurinacional?”, questionou. Ele se referiu ao fato de a Bolívia ter se tornado um estado plurinacional a partir da nova Constituição, de 2009, reconhecendo a diversidade cultural de 36 etnias existentes no país, além de suas instituições e normas.

Em novembro de 2015, na Casa do Povo,¹¹⁹ no lançamento da campanha contra violência produzida pela Associação de Comunicadores, o editor de conteúdo do site <www.boliviacultural.com.br>, o boliviano Antonio Andrade Vargas, no Brasil há 20 anos, argumentou que no início do processo migratório tinha caso de boliviano “que baixava os olhos” quando encontrava outro conterrâneo, a discrição como método de sobrevivência; a cultura, segundo ele, foi o caminho encontrado para a resistência, promover a cultura boliviana para construir outra narrativa. O antropólogo Sidney A. da Silva analisa a estratégia da negação da própria etnia, semelhante ao que aconteceu com os negros no período após a escravidão:¹²⁰ “(...) consiste em desvincular-se dos vários preconceitos imputados ao seu grupo étnico, mediante a ruptura das relações com este durante determinado tempo”, o anonimato, muitas vezes, faz parte do roteiro do imigrante. Andrade Vargas, do site www.boliviacultural.com.br, diz que os bolivianos estão saindo dos guetos; ele criou um serviço de denúncia *on-line*, com o apoio da Secretaria Municipal dos Direitos Humanos, no qual 80% das denúncias são feitas por mulheres bolivianas.

Na palestra “Nova mídia imigrante comunitária” (outubro de 2015, na Casa do Povo) Eduardo Schwartzberg, outro sociólogo boliviano palestrante,

¹¹⁹ O autor participou como ouvinte do lançamento da campanha contra a violência promovida pela Associação de Comunicadores Bolívia Brasil em novembro de 2015 na Casa do Povo. O debate versou sobre a consequência dos estigmas do trabalhador precarizado, do desconforto com a situação de imigrante originário de um universo real e simbólico distintos e em luta assimétrica em relação a sociedade brasileira.

¹²⁰ SILVA, Sidney Antonio da. *Bolivianos: a presença da cultura andina*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005, p. 34.

mestrando na USP, argumentou que é necessário reconstruir a ideia de comunidade, e ela só se viabiliza com organização. Ele completou ressaltando o papel das rádios comunitárias no aprofundamento do conceito de comunidade no contexto contemporâneo do capitalismo global e na cultura; como instrumento de construção de uma narrativa alternativa, “as rádios reforçam a ideia de comunidade”, segundo o sociólogo. Organização para se constituir como comunidade, assim fizeram os judeus no Bom Retiro no século XX, como lembrou Benjamin Seroussi, diretor da Casa do Povo durante a palestra: “Atualmente os bolivianos estão a se organizar”. A cultura é a forma de resistência, a busca na valorização da origem como elemento para problematizar a autoestima, mas o instrumento utilizado pertence à modernidade, a internet cria a possibilidade de participação da comunidade em rede e continuamente. As redes solidárias foram decisivas em favor da comunidade judaica em São Paulo, especialmente no Bom Retiro, em um período de instabilidade mundial e dificuldade de sobrevivência.

A internet pode ser mais um canal, porém necessário, para imaginar a comunidade boliviana em São Paulo e para formação e articulação de redes solidárias. A singularidade contemporânea, neste caso, é a troca. Bolivianos utilizando a estrutura que é símbolo da luta de resistência cultural de outro grupo, da comunidade judaica, construída após a Segunda Guerra Mundial; a reprodução do cosmopolitismo no Bom Retiro se evidencia, o bairro não só abrigou e abriga o imigrante como é o próprio espaço da organização e também do exercício político e cultural.

O processo migratório permanece, e a estrutura se reproduz. O sociólogo Wilmer Lopez completou sua fala na palestra “Nova mídia imigrante comunitária” (outubro de 2015, na Casa do Povo), questionando se o conceito de escravidão do século XVI, conceito colonial, não estaria impedindo que vejamos a legitimidade do projeto migratório dos países sul-americanos, especialmente no caso boliviano. A partir da experiência boliviana, Wilber Lopez diz que na Argentina as leis de imigração são mais favoráveis que as leis brasileiras, mas paradoxalmente o preconceito é

maior, observação também contida em relatos de imigrantes bolivianos com trajetórias migratórias na Argentina e no Brasil.¹²¹

A perspectiva do migrante é distinta, e o tema do trabalho escravo é dos mais delicados e complexos ao se problematizar as imigrações, e, em especial, a imigração boliviana no Brasil. Sem dúvida, o capitalismo global e a integração de mercados flexibilizaram as relações entre capital e trabalho.¹²² As condições são insalubres, a jornada é longa, e a moradia quase sempre é improvisada no local de trabalho. Olhando a partir da perspectiva do boliviano, é a chance de ascensão social de toda a sua família; a emigração não é apenas uma escolha, mas também a possibilidade de conseguir investimento em sua Mãe Terra, lugar de poucos recursos e política pública insuficiente; a emigração é um recurso de sobrevivência e paradoxalmente de independência, mesmo em situações adversas. O Bom Retiro é o espaço com as características necessárias para abrigar esse projeto migratório.¹²³

A ONG Repórter Brasil, através da Lei de Acesso à Informação, conseguiu junto ao Ministério do Trabalho e Previdência Social, a lista de casos de empresas que o poder público caracterizou como utilizando trabalho análogo ao escravo e com processos jurídicos em andamento de dezembro de 2013 a dezembro de 2015. São 340 empresas no Brasil; na capital paulista há casos somente em oficinas de costura, algumas localizadas no Brás, outras na zona leste e três no bairro do Bom Retiro. O aliciamento e a contratação de trabalhadores imigrantes muitas vezes é

¹²¹ Segundo o palestrante Wilber Lopez, o imigrante de baixa renda é visto, em geral, como transgressor; no caso da imigração boliviana há o preconceito em relação ao país de origem, economicamente mais pobre e quanto ao tipo étnico, não europeu ou asiático.

¹²² SILVA, Sidney Antonio da. *Bolivianos: a presença da cultura andina*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005, p. 19.

¹²³ O envio de dinheiro do migrante sul-americano é o compromisso de saída, há algumas casas especializadas em remessa de dinheiro para países da América do Sul no Bom Retiro.

realizada pelos membros da própria comunidade, conhecedores de toda a trajetória migratória, eles se tornam agentes reprodutores dessa estrutura.¹²⁴

As rádios *on-line* voltadas para os imigrantes sul-americanos são ouvidas nas oficinas de costura, nos celulares e bares de São Paulo, principalmente nos bairros do Bom Retiro, Brás, Pari e em alguns lugares da zona leste, contribuindo para que a comunidade saia do anonimato, debata suas lutas específicas, ganhe um corpo e uma gramática. A discussão das condições, circunstâncias, necessidades e desejos é colocada no ar. Uma nova comunidade se organiza e ganha forma própria. As heranças culturais são ressignificadas e adaptadas. Ao perder o receio de procurar visibilidade e afirmação cultural, a comunidade boliviana luta pelo direito de construir a sua própria narrativa. Na adversidade está sendo construída outra comunidade, que se utiliza das ferramentas contemporâneas de comunicação. Uma comunidade judaica singular foi criada no bairro, outra comunidade singular é a boliviana. A memória do garoto assassinado move a resistência simbólica, e a organização da Associação de Comunicadores se inscreve na resistência concreta. Na Casa do Povo se realiza um movimento de interseção de culturas, o encontro de interesses de parte das comunidades judaica e boliviana, de onde irão surgir novas perspectivas e paradigmas.

Oficina de trabalho da Associação de Comunicadores Bolívia Brasil, Casa do Povo, 2015

¹²⁴ O artigo “Migrações contemporâneas no Brasil: desafio para as políticas sociais” da cientista social Rosana Baeninger, publicado no livro *Migrações e Trabalho* (Ministério Público do Trabalho de 2015, p. 81) analisa o olhar de Hanna Arendt a respeito do debate do imigrante, Arendt diz, paradoxalmente, da necessidade de o imigrante ser transgressor para ser percebido pela sociedade; a lei só é sensível ao criminoso.

4.3 O álbum da travessia

O sr. Chi-Hyung Lee¹²⁵ é diretor-administrador do Colégio Polilogos, localizado na rua Solon, no Bom Retiro. Ele é coreano, está no Brasil desde 1989 e conta que esta foi a primeira escola no Brasil a receber um certificado do Ministério da Educação da Coreia do Sul. O colégio é mantido pela Associação Brasileira de Educação Coreana (ABEC), instituição sem fins lucrativos da comunidade coreana. O Colégio Polilogos foi criado em 1998 e o currículo escolar está de acordo com as normas pedagógicas sul-coreanas, além de seguir também as determinações do Ministério da Educação do Brasil. A filosofia pedagógica é “a preparação de crianças e jovens para o exercício pleno da cidadania, construindo conhecimento para atuar no mundo globalizado”; a escola, desde o início, é preocupada em receber os imigrantes e seus filhos, formar pessoas conectadas com o mundo contemporâneo e conscientes de que será fundamental saber conviver com povos distintos. O Bom Retiro é o lugar dos diferentes próximos.

Lee contou sobre a sua última viagem para a Coreia do Sul e o quanto se sentiu deslocado de sua origem. Não é mais visto pelos coreanos na Coreia como um “autêntico” coreano. Tampouco se sente tão coreano como os da Coreia. Pessoas que vivem em situação de trânsito territorial experimentam um conflito contínuo. Stuart Hall discute a questão da identidade, pertinente ao se estudar o Bom Retiro: “o sujeito previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas”.¹²⁶ É como se o migrante vivesse numa fronteira difusa, algo sem classificação definida, categoria de um não lugar ou uma categoria a ser criada.

Lee mostrou dois álbuns de fotografia pertencentes a sua família, mais precisamente, um álbum em dois volumes. Ele os guarda com carinho, quis

¹²⁵ Chi-Hyung Lee concedeu entrevista ao autor em julho de 2014, no Colégio Polilogos.

¹²⁶ HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006, p.12.

mostrar para poder compartilhar as fotografias em preto e branco. Seu pai foi fotógrafo amador, e ele é herdeiro de um rico documento. Há inúmeros detalhes nas imagens, lembranças que compõem a epopeia de uma família de imigrantes, várias gerações retratadas, fotografias produzidas desde o início do século XX. Algumas das imagens foram realizadas ainda com negativo de vidro, outras são coloridas, de períodos mais recentes. A família de Lee viveu três anos na Argentina antes de vir para o Brasil. Lee ainda fala frases misturando palavras em espanhol e outras em português. As fotografias ficaram mais raras após a substituição da fotografia analógica pela digital.

Chi-Hyung Lee tem ainda a responsabilidade da guarda do livro de registros da genealogia da família, o *jokbo*. Ele recebeu a incumbência do pai e deve passá-la para o filho mais velho, a herança é sempre para o primogênito masculino. Segundo Lee, ele pertence à 45ª geração. Era comum, ao ascender socialmente, uma família adquirir um nome. Lee conta que o registro mais antigo do *jokbo* é de um militar, o próximo guardião será seu filho mais velho. A atualização das informações é feita no espaço de 25 anos; Lee pretende ir à Coreia do Sul em 2016 para recolher os registros mais recentes. As mulheres ganham o registro apenas no nascimento, quando casam passam a fazer parte do livro da família do companheiro. A filha de Lee foi registrada apenas no nascimento, se casar passará a fazer parte do livro do esposo.

Stuart Hall analisa:¹²⁷ “No mundo moderno, as culturas nacionais em que nascemos se constituem em uma das principais fontes de identidade cultural”. Não é uma tarefa simples ser brasileiro sem o ser. Benedict Anderson argumenta:¹²⁸ “A condição nacional é o valor de maior legitimidade universal na vida política dos nossos tempos”. A identidade não é biológica, a “condição nacional” não é natural, é construída. A dupla cidadania e ao mesmo tempo o duplo sentimento do nacional é uma constante no bairro do Bom Retiro. No caso específico do bairro, há um contínuo desenvolvimento

¹²⁷ HALL. Op. Cit, p.47.

¹²⁸ ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 28.

de novas identidades. Paradigmas e conceitos de nacionalismo são colocados em pauta; identidades culturais, religiosas e étnicas são expostas.

Uma das fotografias do álbum era uma cena de casamento; havia a bandeira japonesa ao fundo, presença obrigatória em todo e qualquer evento na Coreia sob o domínio japonês (1910–45). Outra foto tem as marcas de uma rasura no negativo de vidro, porém é cuidadosamente guardada como único registro de alguns ancestrais. O álbum é portador de afeto e carinho, a sombra da bandeira do dominador não foi suficiente para excluir a fotografia da lembrança familiar. Em geral, os álbuns antigos de fotografias têm um aspecto mais intimista, muito distante do similar das redes sociais. Eram feitos para apresentação de lembranças escolhidas a parentes e amigos próximos. Mantinham viva a memória, pedaço benevolente da criação da própria narrativa, da história pessoal e familiar, reforçando o sentimento de pertencimento. Se o imigrante é um sem lugar (*átomos*), como analisa Pierre Bourdieu, ou um sujeito sem cidadania, como disse Hanna Arendt, seu lugar pode estar num álbum de fotografias. Ele o leva consigo e compartilha com quem imagina fazer parte de sua comunidade. Ele habita no álbum de fotografia, o lugar feliz de sua família, o espaço da narrativa visual da travessia de sua gente.

Em “Cartões postais, álbuns de família e ícones da intimidade”, Nelson Schapochnik apresenta uma trama que o álbum fotográfico cria:¹²⁹ “A fotografia se afigura um suporte da memória, quando não a própria história visual da família em que se entrecruzam a celebração da vida e a entronização dos mortos.” No álbum da família de Lee, as pessoas estão representadas com alegria, lembrança dignificante de uma trajetória singular. Os ascendentes conseguiram realizar a travessia da migração e são cultuados com um olhar afetuoso; cuidar do álbum é a garantia da unidade e da sacralização do histórico familiar.

¹²⁹ SCHAPOCHNIK, Nelson. “Cartões postais, álbuns de família e ícones da intimidade.” In _____ NOVAES, Fernando A. (org). *História da vida privada no Brasil*, vol. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 457.

Chi-Hyung Lee com um ano de idade. Álbum de família, Coreia do Sul, Seul, 1963

Turma de formatura da escola do correspondente ao ensino fundamental da Coreia do Sul. Chi-Hyung Lee é o último à direita na terceira sequência. Álbum de escola, Seul, 1974

5. Fotografia e cultura

A memória é a essência da fotografia, e a lembrança é a mais importante herança do fotógrafo. O legado do fotógrafo é a memória, concebida, criada e materializada. Boris Kossoy define uma característica da fotografia:¹³⁰ “Toda fotografia tem atrás de si uma história.” Fotografar é atribuir significados às mais distintas manifestações sociais, culturais e de tudo o que se refere à vida; a fotografia tem a pretensão de subverter a expectativa do tempo, o passado é sempre presente, a imagem fotográfica registra o momento, imediatamente se refere ao passado e é realizada para ser vista no futuro. A fotografia é, de forma paradoxal, fábula e documento, representação da realidade de infinitas interpretações, porém de inúmeros atributos para o conhecimento histórico e antropológico, além de ser um dispositivo da lembrança afetiva.

Os estúdios fotográficos do Bom Retiro expressam as distinções sociais e culturais presentes no bairro. Suas diferentes trajetórias indicam alguns caminhos percorridos pelos movimentos migratórios e acontecimentos internacionais com reflexos naquele espaço central da cidade de São Paulo. Cada fotografia realizada pelos fotógrafos tem uma história; fotógrafos imigrantes anônimos que se instalaram naquela região foram, e são ainda, testemunhas e protagonistas da diversidade cultural que torna o Bom Retiro um bairro singular. São cinco estúdios fotográficos em atividade até o início de 2016, considerando a fotografia como atividade principal do estabelecimento. As imagens expostas nas vitrines dizem mais dos sonhos e desejos que propriamente dos acontecimentos. Rostos jamais envelhecem nas fotografias, mas nos colocam inexoravelmente diante do tempo. Do negativo de vidro ao digital, os fotógrafos são os criadores da memória, da imagem que gostaríamos de ser, dos nossos sonhos, alguns do tamanho de um três por quatro.

¹³⁰ KOSSOY, Boris. *Fotografia e História*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2012, p. 47.

5.1 Sob a luz de santo Eduardo

No dia 13 de outubro de 1951, na rua dos Italianos, Franciscek Regula (1922–2013), natural da Iugoslávia, abria seu estúdio de fotografia. A data marcada foi em homenagem ao dia de santo Eduardo, escolhido como patrono do Bom Retiro pelos católicos do bairro. Na inauguração, o Padre Ângelo Gioelli parou a procissão em frente ao estúdio para benzer o novo empreendimento da comunidade. Regula veio com a família para o Brasil em 1924, de Banja Luka, região hoje pertencente à Bósnia e Herzegovina. Margarida Maria Regula,¹³¹ psicóloga aposentada, herdou do pai, o estúdio fotográfico na rua dos Italianos, o mais antigo em atividade no bairro do Bom Retiro.

Filho de poloneses, Franciscek Regula nasceu no Reino Da Sérvia, Croatas e Eslovenos, em 1922. A família de Regula se estabeleceu em Curitiba depois de um período de trabalho em fazenda de café em São Carlos, SP. Ele gostava de música, o pai tocava músicas da cultura polonesa em festas junto com uma banda. Regula desejava um violino *Stradivarius* para tocar com o pai. Aos dez anos começou a trabalhar no estúdio de um fotógrafo alemão em Curitiba e economizou para comprar o instrumento musical. Quando se tornou adulto, arriscou-se em São Paulo e se estabeleceu como fotógrafo na capital paulista. Em 1964, decidiu naturalizar-se brasileiro: tornou-se Francisco, criou raízes, aprofundou vínculos e assumiu a identidade brasileira, absolutamente dedicado aos assuntos da comunidade, em especial, os da igreja santo Eduardo, no Bom Retiro. Em 2015, sua filha, Margarida, guarda o violino adquirido pelo pai e ainda procura nas cópias de documentos antigos, alguns escritos em croata ou espanhol, outros em polonês, a origem da família. Tateia um percurso possível a partir de documentos, fragmentos de trajetórias épicas. Seu avô paterno, polonês de origem, lutou na Primeira Guerra Mundial pelos Estados Unidos, indicando uma emigração anterior. Muitas vezes podemos visualizar

¹³¹ Margarida Maria Regula concedeu entrevistas ao autor em 2013, 2014, 2015 e 2016.

em meio a esses documentos a única fotografia existente de alguns membros de determinada família.

O fotógrafo de bairro, em geral, dá vida orgânica à memória e aos sonhos. Produz fotografias para necessidades burocráticas e afetivas. É a certeza da passagem de migrantes, trabalhadores e estudantes, gente à procura de trabalho, noiva e noivo, crianças e tudo o mais que for possível num lugar que abriga diversas culturas. É muito comum encontrar nas residências rastros deixados pelo fotógrafo de bairro. Quase todas as pessoas daquele pedaço do Bom Retiro, de 1950 até os dias de hoje, passaram pelo estúdio da família Regula. O sr. Francisco e sua filha, Margarida, contribuíram com a composição de álbuns, a criação de fotos para a posteridade, a produção de fotos para documentos e a construção da narrativa da história das famílias.

As imagens fixadas no mural do estúdio da família Regula expressam a luz de uma época. Fotografias iluminadas com lâmpadas, sem flash, luz contínua a compor a trama do tecido social e cultural que o devir costura e constrói no bairro; a luz numa fotografia é uma pista para determinar um período histórico. Registro visual que confere afeto a um simples documento num retrato três por quatro. No passado reside a fábula do Bom Retiro, retratos coloridos ou colorizados e imagens em preto e branco, algumas expostas no balcão do estúdio, são a expressão onírica de comunidades imaginadas. O pequeno estúdio da rua dos Italianos sobrevive vendendo produtos periféricos da fotografia e fazendo retratos para renovação de vistos (especialmente para os sul-americanos), carteira de identidade, documentos profissionais e também de escolas, profissionais, grêmios e clubes; o estúdio fica na parte mais baixa do bairro, perto do rio, ao lado da delegacia, e é o mais próximo da sede da torcida organizada do Corinthians, a Gaviões da Fiel, garantia de solicitação de três por quatro para as carteiras dos associados. Nos retratos em preto e branco feitos pelo sr. Regula, há evidente contorno nas feições produzido pela luz, nota-se um volume construído pela iluminação.

Uma das primeiras imagens mostrando a entrada de bolivianos no Bom Retiro está na parede do estúdio. A fotografia é de um casal sentado e quatro filhos ao redor, todos devidamente trajados para a composição do retrato de estúdio. Fazer uma fotografia para um documento qualquer é um sinal do exercício de cidadania. Aquela imagem do início da década de 1990 representava a ascensão social da família. Rara fotografia, feita com apuro técnico e um olhar digno, um contraponto à narrativa estigmatizada do imigrante. Este é um dos discursos que incomodam a comunidade boliviana e transpiram nos debates atuais entre os diversos grupos de imigrantes: ou o tratamento é a marginalização via criminalização, ou o olhar é piedoso, sem problematizar as principais demandas.

O preconceito contra o imigrante boliviano não é somente pelo estigma do trabalho escravo, mas também pelos fatos de a Bolívia ser um país economicamente pobre, comercialmente dependente do Brasil, e de o fenotípico do imigrante indicar a origem de nações pré-colombianas, sempre observada com o uso pejorativo da expressão “índio”. O pedaço do bairro no qual o estúdio se localiza é menos valorizado comercialmente e abriga maior número de imigrantes sul-americanos.¹³²

Um pequeno anúncio no balcão do estúdio de Margarida Regula informa a venda de fotografias com uso do programa Photoshop, “sem olheiras e marcas”. As fotografias realizadas pelo pai de Margarida também não deixavam olheiras ou marcas indesejadas, ele as retocava manualmente com pincéis finíssimos e tintas apropriadas. Margarida não consegue abandonar o estúdio. Não pela necessidade do trabalho, ganharia o mesmo alugando o espaço e não correria o risco de enfrentar assaltos, como os dois ocorridos em 2014. O estúdio da rua dos Italianos representa para ela o Bom Retiro idealizado, construído pela memória das fotografias expostas, pelas câmeras antigas sem uso funcional mas com importância simbólica, a lembrança seletiva, assim como é a fotografia, uma seleção de fragmentos

¹³² Os primeiros negócios de sul-americanos começam a surgir, loja de conveniência para remessa de dinheiro e uso da internet, restaurantes e bares, porém ainda não há nenhum estúdio fotográfico administrado por um imigrante sul-americano.

do cotidiano, dos ritos e cerimônias, dos encontros, do fortuito e dos documentos criados.

A sra. Guilhermina Pedroso Camargo Regula,¹³³ viúva do fotógrafo Regula, conhecida como dona Gema, conta, sem perder o ritmo do tricô, que aos sábados no estúdio do marido havia fila de noivos para serem fotografados. No ambiente fotográfico havia lareira, coluna, tapetes e um pequeno oratório para a criança se ajoelhar para as fotografias de primeira comunhão. As imagens ainda guardadas pela família revelam o cuidadoso labor do fotógrafo, documento histórico precioso, retratos reveladores de sonhos e desejos. As fotografias expressam um ar de confiança: tudo vai dar certo, há um futuro sendo construído. Regula trabalhou materializando ritos de passagem dos moradores do Bom Retiro da segunda metade do século XX até o início do XXI. Autodidata, ele fotografava, revelava, ampliava, retocava, algumas vezes colorizava a imagem e atendia o cliente. Eram fotografias feitas para sempre. Dona Gema foi muito bem representada pelas fotos realizadas por seu companheiro; a imagem que permanece na memória é a do olhar do marido e fotógrafo.

Os Bálcãs, na Europa, foram um dos lugares mais conflituosos do mundo. O Bom Retiro recebeu inúmeros imigrantes de diferentes etnias, religiões e nacionalidades da península balcânica. A região foi controlada pelos turcos otomanos desde o século XVI e esteve no epicentro da crise política e econômica resultante da industrialização na Europa que ocasionou a Primeira Guerra Mundial (1914–1918). Depois da queda do Império Otomano, foi criado o Reino Dos Sérvios, Croatas e Eslovenos, logo depois transformado em Reino da Iugoslávia. Ao fim da Segunda Guerra Mundial, após a luta contra o nazifascismo, o marechal Tito assumiu a República Socialista Federativa da Iugoslávia, que foi desintegrada no final do século XX, depois de guerras e intensos conflitos políticos e étnicos.¹³⁴ Inúmeros imigrantes de diferentes religiões, como muçulmanos, católicos e judeus, e

¹³³ Gema Regula concedeu entrevista ao autor em janeiro de 2015, no estúdio fotográfico.

¹³⁴ ALVES, José Augusto Lindgren. “Os Bálcãs novamente esquecidos”. *Revista Brasileira de Política Internacional*, Vol. 47. Brasília, janeiro-junho de 2004.

de origens distintas, como búlgaros, gregos, bósnios e sérvios, fizeram do Bom Retiro sua nova aldeia ou o abrigo provisório tornado permanente.

O bairro tornou-se o espaço da polifonia cultural. É comum ver ali imigrantes com históricos de passagem pelos Estados Unidos, ou outro país, antes da tentativa de viver no Brasil. Há também aqueles que vieram para cá e depois migraram novamente. Vários têm parentes em outros lugares além do país de origem. A fotografia estabelece um diálogo com o passado, sugere certa proximidade com entes distantes ou já falecidos. O fotógrafo realiza a mediação entre passado e presente. Há um peso simbólico no espaço físico dos estúdios num bairro como o Bom Retiro, as imagens são as referências que confirmam a passagem das pessoas e suas histórias. Da região dos Bálcãs veio ainda outro fotógrafo que se estabeleceu no bairro, o Miki.

Folheto promocional do estúdio Regula no início da década de 1950

Fotografia de Francisco Regula dos seus pais. Curitiba, PR, 1942

Fotografia de Francisco Regula de sua filha Margarida Regula. São Paulo, SP, 1954

5.2 A terra prometida em algum canto do bairro

Do lado oposto ao estúdio dos Regula, situado na rua dos Italianos, Chaim Ben Avram, o fotógrafo Miki¹³⁵, estabeleceu-se na rua Três Rios, em 1971. Ele nasceu em Belgrado, capital da Sérvia, invadida pela Alemanha nazista na Segunda Guerra Mundial. A família, refugiada, foi da então Iugoslávia para a Palestina em 1947; naquele momento, a recém-instituída Organização das Nações Unidas dava a chancela para a criação do Estado de Israel. Porém, a ascensão de Nasser no Egito na década de 1950 aumentou a tensão na região, e a diuturna iminência de conflito armado na Palestina materializou a ideia da emigração. O Brasil foi o destino da família em 1955. Miki, acompanhando os pais e os dois irmãos, foi morar no Bom Retiro aos 17 anos. Vive e trabalha no bairro até hoje. Ele conta com o apoio da mulher e dos filhos no estúdio. A fotografia sempre fez parte de sua vida profissional. A precisão e habilidade Miki herdou do pai, marceneiro. O fotógrafo reza todos os dias pela manhã na sinagoga da rua Prates (Shil da Vila) e também é maçom: “não podemos alimentar só o corpo e não o espírito, o corpo e o espírito entram em conflito. É preciso alimentar o espírito todos os dias, assim como o corpo”, afirma o fotógrafo.

A família de Miki encontrou no Bom Retiro seu lugar depois de realizar uma emigração forçada. Ele luta diariamente para manter suas tradições no lugar escolhido para viver.¹³⁶ Miki procura seguir os preceitos religiosos, por isso seu estúdio não abre aos sábados, em respeito ao *shabat*. A identidade religiosa está acima da identidade nacional, e ao mesmo tempo as experiências vivenciadas aprofundaram os vínculos com o bairro. Miki sempre procurou atualizar-se fazendo cursos de especialização em fotografia. Continua produzindo fotos para documentos, com tiragem mínima de seis unidades, por um valor exatamente igual ao praticado pelo estúdio

¹³⁵ Miki concedeu entrevista ao autor em fevereiro de 2015, em seu estúdio fotográfico.

¹³⁶ Maria Luiza Tucci Carneiro analisa o sentimento do povo judaico no Brasil: “discriminados em seus países de origem, os emigrantes judeus fizeram do Brasil a sua Terra Prometida garantindo a sobrevivência do patrimônio religioso e cultural do Judaísmo através de uma rede de instituições e estratégias educacionais” (CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *Brasil judaico: mosaico de nacionalidades*. São Paulo: Editora Maayanot, 2013, p. 42).

de Margarida Regula; ambos entregam as imagens na hora e executam a tarefa com competência. A fugacidade do momento é inversamente proporcional à permanência da imagem. Em poucos minutos, uma representação para compor um documento ou o registro de um rito de passagem, e o fotógrafo deu materialidade à memória.

As atuais condições do bairro possibilitam a entrada e a fixação de estrangeiros e migrantes do território brasileiro. Os projetos migratórios são diferentes. As antigas instituições se renovam, buscam novos significados, e assim as migrações contemporâneas estão construindo suas representações. Dentro do estúdio há um aviso em espanhol pedindo que o cliente facilite o troco. As fotografias para documentos são muito solicitadas pela comunidade sul-americana. No início de 2015, Miki reformou o espaço e colocou na frente do estabelecimento um cartaz com promoções escrito em coreano. Ele sentiu a necessidade de ser mais competitivo para fazer frente aos outros estúdios do bairro. Em março de 2016, um estúdio de um fotógrafo coreano do mesmo padrão do de Miki instalou-se há poucas casas de distância. Miki colocou outro cartaz na frente de seu estúdio, desta vez em hebraico.

Miki é fiel às suas tradições e crenças de seu povo, e ao mesmo tempo busca adaptar-se às novas tecnologias que o mercado fotográfico impõe. Seu estúdio fica em um importante centro de comércio com circulação intensa de pessoas. No dia a dia, reza em hebraico pela manhã, responde em espanhol para clientes bolivianos, peruanos e paraguaios e no fim da tarde saboreia uma *burikita* na confeitaria de seu irmão mais novo, David Ben Avram, na mesma rua do estúdio. A *burikita* é um quitute, uma receita de família. Miki é um cidadão do mundo, quase sem sair do bairro. O destino da família de Miki, assim como o de muitas outras do Bom Retiro, foi fugir de conflitos nacionalistas e religiosos. O bairro supre suas necessidades profissionais, culturais, espirituais e afetivas. Miki encontrou o seu canto, o lugar do afeto, com suas querências e seus conflitos. Perto do estúdio de Miki há mais três estúdios fotográficos, todos administrados por fotógrafos coreanos. Um deles pelo casal Letícia e Francisco.

5.3 O estúdio da rua Prates

Quando chegou ao Brasil, em 2004, o fotógrafo Kyoung Bin Lim, nascido em Seul, capital da Coreia do Sul, não conseguia entender a burocracia, a quantidade de filas e a falta de compromisso dos brasileiros com os prazos. Graduado em fotografia publicitária na Coreia, após um período de bons negócios, ele teve problemas com o seu ex-sócio e decidiu emigrar. O seu pai viera para o Brasil em 1994; Kyoung chegou dez anos depois. Diferentemente do irmão, resolveu tentar construir uma nova vida em outro país. A partir desse período, os imigrantes coreanos vinham pelas “cartas de convite”: em geral, a intermediação da migração era feita por um parente ou amigo já estabelecido, fato comum até os dias de hoje. Kyoung trabalhou no início com importação, e dois anos depois se estabeleceu como fotógrafo no Bom Retiro. Montou um estúdio na rua Ribeiro de Lima com o mesmo nome do que tinha em Seul, Ciel, “céu” em francês. Amigos coreanos lhe apresentaram uma conterrânea, Eun Yong Jo, da cidade de Inchon, na Coreia do Sul. Ambos adotaram nomes sociais em português: Letícia e Francisco¹³⁷. Casaram-se em 2009, não tiveram filhos: o estúdio foi montado em outra rua do Bom Retiro, na rua Prates, e trabalham juntos desde então.

Letícia chegou ao Brasil em 1983, aos 15 anos. É designer industrial graduada na Escola de Belas Artes, em São Paulo. Ela trabalha com o companheiro no estúdio e é a tradutora cultural de Francisco. Ele ainda tem dificuldades com a língua portuguesa. Sua linguagem é visual, é um fotógrafo talentoso, de técnica apurada. Letícia faz muito mais que mera tradução do idioma. Ela vive há mais tempo no Brasil, enfrentou uma graduação, aprendeu a lidar com as diferenças, com as contradições e os conflitos, com as informalidades e formalidades brasileiras. Letícia faz a intermediação entre a origem de Francisco e a realidade brasileira, é ela que faz o trânsito entre os diferentes universos de Francisco. Letícia não

¹³⁷ Letícia e Francisco concederam entrevista ao autor em maio de 2015 no estúdio do casal.

pretende voltar para a Coreia: “o Brasil é a minha casa”, ela diz, diferentemente de Francisco, que definiu um gradiente da migração: “Cinco anos, muita saudade; dez anos, começa a acostumar”. Ele não descarta a ideia de voltar a seu país de origem quando se aposentar, embora esteja começando a se adaptar ao Brasil. Os pais de Francisco voltaram para a Coreia, ele os visita todo ano.

“Letícia já é brasileira”, afirma Francisco sobre a companheira. Nascida Eun Yong Jo, coreana e brasileira por adoção, ela convive intensamente com a diversidade desde os 15 anos. Conhece as necessidades e dificuldades do imigrante coreano, e ao lidar com os clientes do bairro, desenvolveu uma percepção própria das diferenças culturais. O estúdio Ciel atende principalmente a comunidade coreana de alto poder aquisitivo: “80% de coreanos”, segundo Letícia, “10% chineses e 10% os outros”. Ela completa contando que em 2015 pela primeira vez um boliviano entrou no estúdio para ser fotografado. “Eles são tímidos”, observa. Ao comentar sobre identidades e alteridades sentidas na vizinhança, Letícia identifica o italiano como o tipo humano mais próximo do coreano; “são explosivos, falam alto, como nós, coreanos”, argumenta. As imagens expostas na vitrine do estúdio indicam as evidentes preferências da clientela, a maioria fotografias de crianças e jovens da comunidade coreana. Fotografar a criança ao completar um ano é tradição na comunidade. O casamento e a comemoração ao chegar aos 60 anos de idade são outros ritos solicitados pelo estúdio. O espaço é muito bem equipado e possui inúmeros elementos para compor fotografias de crianças e noivos, o estúdio mantém, ainda, um site em português.

Francisco gostaria de fotografar na rua, realizar algum trabalho documental, mas ainda não se sente seguro para andar pela cidade com equipamento fotográfico. Ele observa que São Paulo é sedutora para o fotógrafo que pretende sair do senso comum, há inúmeros locais a explorar. Francisco mostra com orgulho suas câmeras digitais e analógicas e comenta a falta de troca de informação com outros fotógrafos, tanto brasileiros como os colegas de profissão da comunidade coreana.

Em geral, os coreanos se casam entre si e contratam para documentar o evento um fotógrafo profissional de dentro da comunidade, pela facilidade de comunicação, identidade cultural e a confiança. Francisco e Letícia expressam uma constante entre migrantes coreanos: fizeram um casamento endogâmico via apresentação por amigos ou parentes e, o que é comum, frequentam a igreja presbiteriana.

Circunstâncias históricas obrigaram o povo coreano a realizar constantes emigrações. A Coreia ficou sob o domínio japonês de 1910 até o final da Segunda Guerra Mundial, em 1945. Após a independência, nesse mesmo ano, a Coreia foi ocupada ao Norte pela União Soviética e ao Sul pelos Estados Unidos, e depois dividida pelo paralelo 38 por acordo internacional em Coreia do Norte, comunista, e a Coreia do Sul, capitalista. Conflitos e contradições levaram à Guerra Civil da Coreia (1950–53). Intervenções militares externas e a instabilidade política e econômica tiveram como consequência a massiva emigração coreana para vários lugares no mundo: Alemanha, Rússia, China, Japão, Estados Unidos, Canadá, Paraguai, Bolívia e Brasil, entre outros países.

No início da década de 1960, a emigração se tornou política de estado na Coreia do Sul, e o Brasil foi um dos países receptores. As relações diplomáticas entre os dois países foram restabelecidas em 1959. De acordo com a pesquisa de Keum Joa Choi, o governo coreano dava a chancela e uma instituição também coreana organizava todo o processo. A Sociedade Cultural Coreia-Brasil mediou as primeiras negociações, e as levadas iniciais miravam a atividade agrícola; a maioria se instalou no Paraná e em São Paulo. Mesmo com o fim da política estatal de emigração, os coreanos continuaram com o processo migratório.¹³⁸

A família de Letícia decidiu emigrar no conturbado período de redemocratização da Coreia do Sul, no início da década de 1980, após duas décadas de ditadura militar. Francisco veio para o Brasil quando a Coreia se recuperava da grave crise econômica de 1997 no sudeste asiático. Ele era

¹³⁸ CHOI, Keum Joa. “Além do arco-íris: a imigração coreana no Brasil”. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Departamento de História, FFLCH, USP, 1991.

fotógrafo especialista em publicidade na Coreia do Sul, procurava atender à demanda do capitalismo coreano. Seu negócio, porém, era sensível à instabilidade econômica, e Francisco decidiu emigrar. Alexandre Queiroz Guimarães¹³⁹ analisa a política econômica deste período: “A Coreia do Sul, à semelhança do Japão, construiu um modelo econômico marcado por forte intervenção estatal. Consolidou-se uma relação muito próxima entre o Estado e os grupos empresariais”, afirma o economista e cientista político sobre a origem do desenvolvimento e da industrialização do país. Grandes empresas foram criadas com investimento e política estatal; a burocracia ganhou eficiência, e o estado, capacidade tributária, condições necessárias que possibilitaram o desenvolvimento tecnológico. Segundo Guimarães, a desregulamentação da economia foi o que levou à crise em 1997.

Na década de 1970, os coreanos no Brasil começaram a se aventurar em atividades urbanas. A realidade agrária brasileira era bem mais dura do que supunham os primeiros imigrantes coreanos, que escolheram São Paulo como destino principal. A Liberdade, bairro ocupado majoritariamente por imigrantes japoneses, perto do centro, foi o lugar da chegada. O japonês do Brasil era o que havia de mais próximo da cultura coreana. Muitos coreanos falavam japonês, alguns tinham passaporte japonês. A comunidade japonesa já pertencia à polifonia cultural paulistana, e o coreano procurou introduzir-se na comunidade do bairro através da identidade cultural pela proximidade, mesmo com o histórico de dominação japonesa na Coreia.

O comércio de porta em porta de toda e qualquer mercadoria coreana foi o início da prosperidade e da acumulação necessária pela comunidade, o que possibilitou constituir um grande número de confecções. Os negócios começaram então a se deslocar para os bairros do Brás e do Bom Retiro. A mulher coreana teve papel decisivo nesse processo. Basta uma caminhada nas principais ruas do Bom Retiro para verificar a presença feminina nos empreendimentos comerciais.

¹³⁹ GUIMARÃES, Alexandre Queiroz. “Estado e economia na Coreia do Sul - do Estado desenvolvimentista à crise asiática e à recuperação posterior”. *Revista de Economia Política*, vol. 30, nº 1. São Paulo, março de 2010.

A comunidade coreana tornou-se bem organizada em São Paulo, e uma rede de solidariedade foi estruturada para receber novos imigrantes. São inúmeras associações e várias igrejas que auxiliam os recém-chegados, só no Bom Retiro há cerca de 30 igrejas protestantes coreanas em atividade. A comunidade coreana marcou definitivamente o lugar. No início havia um grande número de clandestinos, que enfrentaram condições precárias de trabalho envolvendo toda a família. A partir desse primeiro trabalho os coreanos conseguiram abrir lojas oferecendo produtos sofisticados e de qualidade, sempre lutando contra o preconceito e o estigma da precariedade. No Bom Retiro, há um restaurante coreano em cada rua; há também academia de *taekwondo*, mercearias, escolas, creches, confeitarias, cabeleireiros, serviços de advocacia e contabilidade, agências de viagens, confecções e estúdios fotográficos voltados para a comunidade.

É comum a mulher coreana no Bom Retiro participar ativamente dos negócios da família. Letícia não é exceção. O fotógrafo Francisco faz parte da geração de coreanos que emigraram com formação universitária e dentro do espírito do capitalismo coreano. Para ele, é muito difícil enfrentar a burocracia do Brasil e adaptar-se à cultura brasileira sem a presença da sua companheira. As relações familiares ganham um significado especial e se transformam de acordo com as circunstâncias históricas. A mulher coreana no Bom Retiro da década de 2010, apesar de manter inúmeras tradições culturais, é socialmente diferente das primeiras mulheres coreanas que chegaram ao Brasil.¹⁴⁰

Na década de 2010, bolivianos e demais vizinhos sul-americanos começaram a conquistar visibilidade. As diferentes comunidades no Bom Retiro procuram ocupar espaços, vão marcando território. Porém a trama social e cultural é de tal forma complexa que não há um só quarteirão com apenas uma comunidade. Alguns “pedaços”, como escreve José Guilherme Cantor Magnani, antropólogo da USP, em “De perto e de dentro: notas para

¹⁴⁰ CHOI, Keum Joa. “Além do arco-íris: a imigração coreana no Brasil”. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Departamento de História, FFLCH, USP, 1991, p. 141.

uma etnografia urbana”,¹⁴¹ os grupos vão deixando as suas marcas em confluência com as histórias alheias. A pluralidade das origens singulariza o bairro. Enquanto os judeus organizaram a venda a crédito no Bom Retiro na década de 1920 e viabilizaram os primeiros negócios da comunidade judaica, os coreanos fizeram do Bom Retiro uma referência da moda no Brasil no final do século XX, até hoje a marca de distinção da comunidade.¹⁴²

As identidades culturais são construídas, e a fotografia é uma representação da realidade, instrumento para a realização de narrativas. Os fotógrafos que se instalaram no Bom Retiro foram testemunhas da história privada e pública de imigrantes de diversas origens e classes sociais. De forma constante, os estúdios fotográficos estabelecidos no Bom Retiro registraram o movimento das comunidades. O fotógrafo é o sujeito conhecido e reconhecido por quase todos, o responsável pela imagem definitiva da lembrança, do tempo retratado. A fotogenia do outro depende da generosidade do fotógrafo. As imagens produzidas ganham vida própria, expostas em porta-retratos, penduradas nas paredes, compondo álbuns de família ou apenas guardadas numa caixa.

O casal Letícia e Francisco no estúdio na rua Prates. Bom Retiro, São Paulo, SP, 2015

¹⁴¹ MAGNANI, José Guilherme Cantor. “De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 17, n 49. São Paulo, junho de 2002.

¹⁴² KIM, Yoo Na. *A jovem Coreia*. São Paulo: Ssua Editora, 2008, p. 70.

6. Atores sociais, identidades e representações

As lideranças surgem no ambiente de diversidade cultural no Bom Retiro. A igreja é referência para imigrantes de diversas origens, e a cultura é instrumento de resistência. Um grupo só se torna uma comunidade com organização. A seguir, a trajetória de atores sociais e relatos de identidades reveladas.

6.1 O charango e a Bíblia

Na rua Prates, a mesma do estúdio fotográfico do casal de coreanos Letícia e Filipe, a sra. Eleodora Mamani Condori,¹⁴³ 60 anos, natural de La Paz, viúva, com cinco filhos e nove netos, todos residentes na Bolívia, frequenta aos domingos a Asamblea de Dios Bom Retiro Hispánico, *“la iglesia que te ama”*, como está escrito no pequeno cartaz com a representação das bandeiras de países sul-americanos na entrada do culto evangélico. A sra. Mamani está no Brasil desde 2004, conversa com a família toda semana via internet e envia mensalmente para a Bolívia parte do dinheiro ganho na costura. “Deus me cuida”, ela diz. A igreja é o lugar de encontro, da socialização, um espaço no qual cada um pode se sentir à vontade para ter orgulho da própria origem e se encontrar com os seus. Em maio de 2015, a sra. Mamani comemorou o Dia das Mães com outros imigrantes bolivianos que lá estavam, estabelecendo laços identitários, criando uma nova comunidade. Quase todos eram trabalhadores da costura, moradores do Bom Retiro.

A igreja é uma das principais referências para o imigrante. O pastor Wilfredo Cruz,¹⁴⁴ 47 anos, natural de Oruro, chegou ao Brasil em 2000 e há nove anos mora no Bom Retiro. Há dois anos é um dos pastores da

¹⁴³ Eleodora Mamani Condori concedeu entrevista ao autor em julho de 2015, na sede da igreja.

¹⁴⁴ Wilfredo Cruz concedeu entrevistas ao autor em maio de 2013, na sede da igreja, e em maio de 2015, em sua residência no Bom Retiro.

Asamblea de Dios, foi lá que o pastor Willy, como é chamado, conheceu Ana Maria, sua companheira, boliviana de Santa Cruz de La Sierra. Ele produz roupas em casa e vende na rua. O principal local do comércio é na rua Oriente, no Brás. Na Bolívia, ele trabalhava como “motorista de todo tipo” e a pouca perspectiva de trabalho o fez pensar em migrar. Quando adolescente, aprendeu a tocar charango (instrumento andino) com um amigo evangélico. Apesar da origem católica da família, passou a tocar em todas as oportunidades festivas e religiosas em seu país. Junto com amigos, formou um grupo musical evangélico e folclórico. O sonho deles era chegar ao Rio de Janeiro. Saindo da Bolívia, ele conta que a verba do empreendimento terminou em Campo Grande, no Mato Grosso do Sul. Lá aceitou uma proposta de trabalho na costura em São Paulo, em um negócio de conterrâneos na zona leste da capital. Ficou dois meses no emprego, no bairro de Guaianases, trabalhando sem remuneração.

Wilfredo Cruz tinha medo da polícia; o dono da oficina em Guaianases fazia pressão dizendo que os trabalhadores deviam agradecer pelo aprendizado na costura. “O comum é estar submetido a alguém, salvo os que são chamados por parentes”, define o pastor Willy sobre as condições precárias de trabalho, muitas vezes reproduzidas com a colaboração dos próprios imigrantes. Procurou uma igreja e desembarcou no Bom Retiro. Antes de se estabelecer no bairro, Willy percorreu alguns lugares no Brasil. Tocar charango e conhecer a Bíblia, além do próprio carisma, lhe garantia trabalho nas igrejas. Sua melhor lembrança é dos dois anos que passou no Maranhão, percorrendo inúmeras pequenas cidades do interior, ele enaltece o espírito alegre e simples que experimentou entre os maranhenses. Willy desenvolveu uma percepção própria do Brasil; o que mais chamou sua atenção foi a desigualdade social e econômica: “O Brasil tem essa diferença que mora lado a lado”, disse ele, “o Bom Retiro expressa bem essa distinção”. Segundo o pastor, o Mercosul facilitou a legalização de muitos bolivianos como ele.

Até 2013 Willy tocava charango¹⁴⁵ na *Asamblea de Dios*. Os fiéis alugavam um espaço em um estacionamento na rua João Kopke, no Bom Retiro. No ano seguinte, o mesmo grupo de fiéis alugou um salão na rua Prates. O músico Willy aprendeu religião com os outros pastores e passou a dividir as celebrações em espanhol com o pastor Ivan. Segundo Willy, ninguém é remunerado pelo trabalho na igreja, as despesas são divididas entre frequentadores e líderes. Durante um culto, em julho de 2015, uma jovem boliviana pediu a palavra e reclamou dos conterrâneos que exploravam a mão de obra dos imigrantes. O pastor Willy argumentou que um dos pilares do cristianismo é o poder de transformação do ser humano. No culto havia senhoras e jovens, alguns casais e crianças. É comum a conversão religiosa com o objetivo de participar da comunidade, participar da igreja representa estar mais próximo do universo de origem, da própria perspectiva de mundo, pertencer a um grupo que lhe é familiar, que fala a mesma língua e do mesmo estrato social.

O pastor Willy convidava os fiéis portadores de celulares a colocarem um aplicativo da Bíblia no aparelho. Na cerimônia do Dia das Mães na *Asamblea de Dios* havia entre os presentes um jovem com a camisa do Barcelona e corte de cabelo semelhante ao dos jogadores de futebol, uma senhora de cabelo trançado trajando uma *pollera*, a saia de pregas comum entre as mulheres andinas, e meninas dançando com fitas. As necessidades circunstanciais reforçam o desejo de marcar a própria origem. Aos domingos pela manhã, nas duas calçadas da rua Prates, quase esquina com a rua Mamoré, verifica-se um movimento intenso de fiéis. De um lado, coreanos com sinais de riqueza; do outro lado, bolivianos que estão há menos tempo no Brasil e no bairro, evidentemente pertencentes às camadas mais pobres. São óbvias as diferenças sociais, econômicas e étnicas. Entretanto, há semelhanças: alguns viveram na clandestinidade, foram (e são ainda) alvo de preconceito, trabalham com a costura, são herdeiros de culturas milenares, e o Bom Retiro foi o cenário escolhido para organização de uma nova

¹⁴⁵ Instrumento de cordas de origem andina.

comunidade, tanto para os coreanos quanto para bolivianos, uma trama social permeada de alteridade e identidade.

As relações sociais assimétricas entre as diferentes comunidades dificultam a aproximação; por outro lado, paradoxalmente, a busca pela afirmação cultural apresenta na aparência um clima de tolerância. Mesmo o imigrante convertido a uma nova religião continua, de certa forma, ligado a sua cultura original, há uma adaptação de sua visão de mundo. A igreja é também espaço de organização da comunidade. Assim como acontece entre os coreanos, a confraternização em torno do alimento após as celebrações é parte do roteiro da jornada dos bolivianos na *Asamblea de Dios*. A conversa após o culto, a troca de informações sobre trabalho, sobre acesso a direitos e a possibilidade de os jovens se conhecerem, são as razões básicas do encontro religioso da comunidade boliviana. Para organizar essa igreja não procuraram ajuda do Estado, nem de outra igreja maior, nem de alguma instituição brasileira, boliviana ou de qualquer lugar; o movimento é independente.

Wilfredo Cruz tocando charango na igreja, rua João Kopke. Bom Retiro. São Paulo, SP, 2013

6.2 Coreia sem fronteiras

A rua Prates, na altura da Rua João Kopke, no Bom Retiro, separa a entrada de duas igrejas cristãs, de um lado da rua, a de uma igreja hispânica e, do outro, a de uma igreja de origem coreana. O Pastor Moisés Hwang,¹⁴⁶ nascido em Seul, Coreia do Sul, tem 56 anos, e é um dos líderes da Igreja Missionária Oriental de São Paulo. Hwang vive no Bom Retiro e celebra toda semana inúmeros cultos em coreano. No espaço da missão há o salão principal da igreja, outro salão para cultos menores e abertos para pessoas de fora da comunidade coreana, um galpão para festas e cultos semanais para moradores de rua e catadores de papel e ainda uma quadra de esportes. São três entradas, a principal pela rua Mamoré, a lateral pela rua Prates, com acesso direto ao salão da igreja, e a outra pela rua Joaquim Murtinho.

No Brasil desde 1976, o pastor Moisés, vindo do Paraguai por fronteira sem controle, ficou cinco anos vivendo na clandestinidade, sem documentos. A década de 1970 foi um período de entrada clandestina de coreanos no Brasil, era comum o trajeto ser feito via Paraguai ou Bolívia. Há inúmeros pontos de fronteira com controle ineficiente, outros sem nenhum acidente geográfico que os separe e sem nenhuma fiscalização. Um trecho muito utilizado é a fronteira entre a cidade paraguaia Pedro Juan Caballero e Ponta Porã, no Mato Grosso do Sul, onde apenas uma rua separa os dois países. É evidente a presença de coreanos em atividades comerciais nas cidades de Ciudad del Este e Pedro Juan Caballero. Este trajeto migratório coincide com a rota do tráfico de drogas, contribuindo para a construção social do preconceito contra os coreanos, apesar de os movimentos serem distintos.

O pastor Moisés conta que sobreviveu com a solidariedade de outros coreanos já instalados no Brasil. As contínuas dificuldades contribuíram para o povo coreano desenvolver uma profunda consciência da necessidade de praticar a solidariedade entre os seus. Segundo a pesquisa de Keum Joa

¹⁴⁶ Moisés Hwang concedeu entrevista ao autor em fevereiro de 2015, na sede da igreja.

Choi, a solidariedade faz parte das tradições coreanas; ele descreve o *Kye*, uma forma de assistência mútua,¹⁴⁷ um consórcio de ajuda colaborativa e de aprofundamento de vínculos com a comunidade. Os coreanos se desenvolveram de forma independente, criaram as próprias instituições e empresas e produziram uma narrativa muito especial no Brasil; o Bom Retiro é o cenário desse encontro, o local da afirmação cultural.

O primeiro lugar de moradia em São Paulo de Hwang foi o bairro da Mooca, onde ele aprendeu a torcer pelo Palmeiras. Logo depois mudou-se para o Bom Retiro e ainda vive no bairro. Em 1980, uma lei do Congresso Nacional tentou regularizar a situação do estrangeiro no Brasil melhorando a condição precária de clandestinos sul-americanos e também coreanos, mas a grande dificuldade era apresentar documentação provando a chegada e a permanência no Brasil - a maioria estava no país ilegalmente e não tinha documentos. Em 1988, o governo brasileiro anistiou estrangeiros dando um visto provisório, facilitando a regulamentação de aproximadamente 4 mil coreanos,¹⁴⁸ segundo Keum Joa Choi.

No período da chegada do pastor Moisés ao Bom Retiro, o lugar vinha se tornando, aos poucos, o espaço na cidade dedicado às confecções da comunidade coreana. Judeus, árabes e italianos ganhavam mais um novo vizinho: o coreano, na visão do pastor Moisés “o italiano do Oriente”, por causa do jeito alegre dos dois povos. Quando Moisés chegou ao bairro, não havia ali nenhuma escola dedicada aos coreanos, por isso ele estudou numa escola da comunidade judaica; lá conheceu a sua esposa, com quem tem dois filhos e três netos. O bairro do Bom Retiro tornou-se o lugar adequado para a instalação de uma estrutura fundamentada principalmente nas relações privadas. O coreano é um empreendedor, não por natureza, mas por sua história e formação cultural. Uma parte da comunidade judaica do Bom Retiro trabalhava com confecção. Os conflitos entre as comunidades no bairro eram inevitáveis, mas não necessariamente violentos ou explícitos.

¹⁴⁷ CHOI, Keum Joa. “Além do arco-íris: a imigração coreana no Brasil”. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Departamento de História, FFLCH, USP, 1991, p. 151.

¹⁴⁸ Ibidem, p.122.

A igreja foi o lugar de recepção do imigrante, especialmente o clandestino, e até hoje tem função aglutinadora na comunidade coreana, é o centro da vida social e cultural e desempenha importante papel na reprodução das relações econômicas. A atividade religiosa é um caminho comum para a integração. A igreja é lugar de encontro e serve a várias finalidades; é a oportunidade de saber dos negócios e das ações culturais, e principalmente o espaço para jovens se conhecerem e iniciarem um relacionamento. No início, o trabalho na Igreja Missionária era voltado apenas para a comunidade coreana do bairro. Ao formalizar uma igreja e institucionalizar a atividade religiosa, os vínculos com o lugar se aprofundaram, e aos poucos a igreja deixou de ser frequentada apenas por coreanos. Nos finais de semana há cultos em coreano e outros em português; há também um culto semanal para moradores de rua, seguido de lanche. Assim como nas igrejas da comunidade sul-americana, as funções após o culto são tão ou mais importantes que as celebrações. Lanches e almoços são comuns nesses eventos, são nesses momentos que laços são aprofundados e novas relações se iniciam. A trama da vida do coreano no Brasil é tecida na igreja.

O pastor Moisés considera a diversidade étnica e cultural do Brasil “uma bênção que não pode ser desperdiçada”; ele vê o bairro do Bom Retiro como a síntese racial e social de todo o país: “Brasil em miniatura”, define. Pela sua trajetória de vida, Moisés acredita que no Brasil o preconceito social é maior que o racial; ele diz que a solidariedade entre brasileiros e estrangeiros era maior quando chegou, apesar da lembrança do trabalho duro na confecção de roupas, que envolvia toda a família. A forma como o coreano no Brasil encarava a divisão social do trabalho era estigmatizada: “a máfia coreana”, dizia a imprensa paulista na década de 1980 sobre as condições de trabalho.¹⁴⁹ A moradia, o trabalho e os sonhos eram os mesmos de toda a família. Essas foram as principais características que propiciaram a ascensão social da comunidade coreana e a conquista de

¹⁴⁹ CHOI, Keum Joa. “Além do arco-íris: a imigração coreana no Brasil”. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Departamento de História, FFLCH, USP, 1991.

distinção social pela competência no ramo de confecção; o preconceito em relação ao coreano foi do estigma do trabalho precário ao ciúme pelo sucesso.

O Bom Retiro é um bairro com características cosmopolitas desde a sua formação, no final do século XIX e início do XX. Ali se construiu um “cosmopolitismo sem pretensão”, no dizer de uma jovem brasileira que mora há pouco tempo na rua Guarani. Essa diversidade cultural e social é identificada como síntese da nação pelo olhar de um estrangeiro do Oriente, o pastor Moisés. Stuart Hall comenta sobre um dado da pós-modernidade:¹⁵⁰ “As nações modernas são, todas, híbridos culturais”, e a composição étnica do Bom Retiro é expressão dessa modernidade à qual Hall se refere. O interessante é que a questão da discriminação e do preconceito não é minimizada pelo imigrante, mas sim problematizada a partir de experiências vividas. Para o pastor Moisés, num universo de diversidade cultural, a maior dificuldade da convivência é o prejulgamento do outro, daquele que não pertence à comunidade. São comuns os depoimentos de imigrantes sul-americanos que tratam do mesmo tema.

Escolher um time de futebol local pelo qual torcer é algo que, de alguma forma, faz o imigrante sentir que pertence à nova sociedade escolhida para viver. O futebol é um caminho para a inserção social; outro é a escola. O encontro de dois jovens imigrantes coreanos numa escola da comunidade judaica é um fato da globalização e uma possibilidade concreta no Bom Retiro. Num mundo cada vez mais marcado por relações impessoais, de intolerância e prevalência da economia de mercado como processo civilizatório, a riqueza cultural do espaço não passa despercebida ao olhar do estrangeiro.

O imigrante não esquece a própria origem, mas convive com a ausência da terra de origem. O pastor Moisés pretende continuar com a sua tarefa missionária e quer regressar para a Coreia, mas não ao sul do paralelo

¹⁵⁰ HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006, p. 62.

38 - quer ir para a Coreia do Norte. Ele defende que ambas são formadas por um só povo e que a separação entre sul e norte não foi escolha do coreano. Por isso acredita que deve ir ao encontro dos que necessitam de ajuda. Ele sabe do risco que é tentar pregar o Evangelho na Coreia do Norte, mas considera que isso faz parte da sua missão: “O coreano é raçudo”, afirma.

A ideia de ser um missionário é herança da juventude. O pai de Moisés foi ancião, líder religioso, um sujeito com sabedoria e fé suficientes para ser referência para os outros. A Igreja Missionária no Bom Retiro, tem ajuda financeira de várias partes do mundo e da comunidade coreana no Brasil, sendo grande e independente o bastante para continuar o projeto de missão no bairro sem a presença de Moisés, e além disso seus filhos já são crescidos e donos do próprio destino. Essa foi a forma que ele encontrou de encerrar o ciclo migratório, voltar para a Coreia, lugar que, mesmo geograficamente distante, sempre esteve tão próximo e presente. O debate sobre a reunificação dos países coreanos é percebido no Bom Retiro. No ano de 2015, foi promovido pela Associação Brasileira dos Coreanos um “concurso de perguntas e respostas sobre a unificação da península coreana”.

Frequentar a igreja pode significar a sobrevivência, a informação e o estreitamento de laços estabelecidos. O sr. Choon Bae Kim,¹⁵¹ coreano de Gangwon-do, nascido em 1938, antes da divisão da Coreia, está no Brasil desde 1975 e naturalizou-se em 1982. Ele é proprietário da distribuidora de água Celestial. Em São Paulo, foi morar no Brás, e há 15 anos mudou-se para o Bom Retiro. Aos 77 anos de idade, ainda tem energia para fazer entregas diariamente em quase todas as ruas do bairro, abastecendo casas, lojas, escolas e igrejas. Era budista na Coreia, mas aqui tornou-se protestante, frequenta a Igreja Missionária Oriental do Bom Retiro. Lá ele encontra paz de espírito, conterrâneos e alguns de seus clientes, entre os

¹⁵¹ Choon Bae Kim concedeu entrevista ao autor em setembro de 2015.

quais figura a própria Igreja. A conversão religiosa tornou-se mais simples pela necessidade de sociabilização.

Com o incentivo à emigração pelo governo da Coreia do Sul, 17 mil coreanos, entre 1963 e 1974, foram trabalhar na Alemanha Ocidental.¹⁵² O sr. Choon Bae Kim foi operário metalúrgico em Nuremberg, e após cinco anos de contrato foi obrigado a sair do país. Sobre a Alemanha, ele afirma: “é difícil para o estrangeiro”; ele pensou então no Brasil como destino, fantasiando como seria o país escolhido, “era o paraíso”, segundo ele. Chegou ao Rio de Janeiro de avião, uma imagem para não esquecer, mas pensou em trabalhar na agricultura. Tinha sido pequeno proprietário rural na Coreia, conhecia o suficiente para se aventurar no Brasil. Ele criara uma imagem da nação brasileira: além da cidade maravilhosa, a terra fértil, o povo acolhedor e o café abundante e de qualidade. Plantou café, mas foi enganado pelo vendedor de sementes, perdeu tudo, “77 mil pés”, conta o sr. Choon. Mesmo assim, não se refere a sua história com ressentimento - “todo lugar tem malandro” - exceto ao se referir sobre a sua infância, na Coreia sob domínio japonês: “Sou vítima da guerra”, diz.

O fracasso na agricultura no Tocantins transformou-se em participação política. O sr. Choon foi candidato a prefeito de Taquatinga, no Tocantins, pelo PSDB, em 1997. Não se elegeu, mas viu de perto o Brasil profundo, conheceu a estrutura político-partidária numa cidade de 15 mil habitantes no coração do centro-oeste brasileiro. Nascido na Coreia antes da divisão, Choon foi mão de obra temporária na Alemanha. Naturalizado brasileiro, fez do Bom Retiro o seu último reduto. Ele continua trabalhando e aparenta ser mais jovem que a sua idade, característica comum entre os coreanos. Tem quatro filhos e três netos nascidos no Brasil; uma das netas conquistou uma bolsa de estudos de artes visuais na Coreia do Sul, mas pretende voltar para o Brasil.

Cada grupo ou comunidade se relaciona de forma diferente com o bairro do Bom Retiro. As escolhas de pessoas como Choon tornaram o

¹⁵² CHOI, Keum Joa. “Além do arco-íris: a imigração coreana no Brasil”. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Departamento de História, FFLCH, USP, 1991.

Brasil especial e o bairro do Bom Retiro um caso singular. Ao questionar sua inserção na sociedade, o imigrante é o ator social capaz de colocar em xeque o mito nacional da democracia racial brasileira e a autoimagem de país hospitaleiro.

Moisés Hwang na Igreja Missionária Oriental. Bom Retiro, São Paulo, SP, 2015

Choon Bae Kim entregando água. Bom Retiro, São Paulo, SP, 2015

6.3 Entre o Oriente e o Ocidente

Estudante de gestão ambiental na USP, Lucas Jung Ki Kim,¹⁵³ 18 anos, nascido em São Paulo, conta que quando era criança não sabia se estava no Brasil ou na Coreia, nem mesmo o que era o Brasil. Na infância, estudou em colégio coreano no Bom Retiro. É filho de casal de coreanos e hoje se considera brasileiro. Foi apenas uma vez para a Coreia, há quatro anos, e gostou de lá, mas declarou: “Prefiro o Brasil ainda, as pessoas, o ambiente. Não sei se acostumei bem demais com o Brasil e mal acostumei com a Coreia. Tento associar as duas culturas.” Lucas toca contrabaixo aos domingos nos cultos da Igreja Jesus para as Nações; seu pai é o pastor da congregação.

Filipe Kim,¹⁵⁴ pai de Lucas, nasceu em Seul, na Coreia do Sul, e aos nove anos de idade veio com a família para o Brasil. O seu pai era da Coreia do Norte e se refugiou na Coreia do Sul, mas a instabilidade política obrigou a família de Kim a emigrar. Em 1975, os pais de Filipe vieram com os cinco filhos para São Paulo e se estabeleceram primeiro no bairro da Liberdade, depois na Aclimação. O pai dedicou-se ao mesmo ofício exercido na Coreia: era relojoeiro. Aos 17 anos, Filipe Kim abriu a própria relojoaria e com ela ajudava a sustentar a família inteira. Formou-se em Direito pela Unesp e durante 15 anos geriu um escritório de comércio exterior na Avenida Paulista, com 30 funcionários. Ele conta que um “chamado de Deus” o fez desistir dos negócios e passar a dedicar-se à vida religiosa. Há cinco anos mora e trabalha no Bom Retiro.

Segundo o pastor Filipe Kim, sua Igreja é diferente da maioria das igrejas cristãs da comunidade coreana. São aproximadamente 50 igrejas em São Paulo, 30 delas no Bom Retiro e quase todas voltadas para a “colônia”, descreve Kim. A Igreja Jesus para as Nações é uma igreja evangélica pentecostal da ala protestante, na definição do pastor Kim, há quatro anos à frente da Igreja. “Nossa igreja é uma igreja brasileira; apesar de eu ser

¹⁵³ Lucas Jung Ki Kim concedeu entrevista ao autor em março de 2016, na sede da igreja.

¹⁵⁴ Filipe Kim concedeu entrevista ao autor em fevereiro de 2016 na sede da igreja.

coreano, o culto é celebrado em português, a diferença é que o pastor é coreano”, disse Kim, e completou argumentando que se preocupa com o coreano de segunda geração, que não fala coreano e abandona a igreja dos pais. Na igreja da rua dos Bandeirantes, os cultos têm tradução simultânea para o coreano; senhores coreanos ainda encontram dificuldade em assimilar o português, e alguns jovens voluntários se dispõem a fazer a versão. Na igreja, além de pessoas e casais da comunidade coreana, há moradores do bairro que têm outras origens e também casais exogâmicos. Segundo o pastor Filipe, seu trabalho é “recuperar almas, pastorear é intervir na vida dos fiéis”. Às vezes Filipe contorna situações familiares, dá consultoria financeira e sempre dá voz aos frequentadores da igreja. A congregação, segundo ele, não tem fins lucrativos, o aluguel e as demais despesas são quitados através de doações voluntárias.

Uma creche funciona durante os cultos para cuidar das crianças pequenas, contando com o trabalho de voluntários. Vanessa Kim, esposa de Filipe, é professora no Colégio Polillogos e colabora ativamente com a igreja, toda a família participa das tarefas. Fabiana Eun Ji Kim,¹⁵⁵ 16 anos, filha do casal, estudante do ensino médio, é voluntária na creche; aos sábados assiste a aulas de música *gospel* e sonha em fazer um intercâmbio cultural na Coreia do Sul. Ela visitou o país oriental uma vez e “gostou muito”, diz que se sente culturalmente mais próxima da Coreia. Filipe problematiza a questão da identidade: “Estou há 40 anos no Brasil e nunca me senti brasileiro, mas na Coreia não sou coreano, minha identidade ficou no ar, sou estrangeiro aqui, sou estrangeiro na Coreia”. Ele procura manter coração e mente próximos da Coreia e argumenta que tanto a língua portuguesa como a coreana se tornaram influentes no mundo. Entre outras coisas, assina um canal de televisão a cabo da Coreia; a intenção é fazer que os filhos permaneçam familiarizados com a língua coreana, dominar as duas línguas é um salto profissional para os jovens, diz Filipe. Letras é uma das perspectivas de estudo de Fabiana; outra carreira a considerar, segundo ela, é matemática.

¹⁵⁵ Fabiana Eun Ji Kim concedeu entrevista ao autor em março de 2016, na sede da igreja.

O pastor Filipe mora no Bom Retiro há cinco anos. Escolheu o bairro pela facilidade de conciliar a localização do trabalho do casal, moradia e escola dos filhos, “é um bairro que produz, escolhi gostar do Bom Retiro, é prático, mas não aconchegante.” Ele completa dizendo que a convivência étnica e cultural é “maravilhosa”, e de forma pragmática resume: “Não posso me desvincular da colônia. Deus me mostrou o lugar, escolheu aqui”. Lucas, um dos filhos de Filipe, olha para o Bom Retiro a partir de outra perspectiva, considera o bairro aconchegante e prático: “Na minha rua tem tudo, café, farmácia, tem a igreja, a gente frequenta, é pertinho, a maioria dos meus amigos mora aqui na redondeza, é bom ter tudo próximo de você”. Lucas diz ainda que a maioria dos seus amigos é descendente de coreanos, mas gostaria de ter mais contato com as outras culturas presentes no bairro, o convívio com outros estudantes da faculdade passou a aumentar o espectro cultural de suas amizades.

O pastor Filipe não se arrepende de abandonar o escritório de comércio exterior em favor do trabalho missionário. Durante o período em que exerceu a advocacia, trabalhou no mundo do futebol. Jogou futebol na faculdade, era atacante, representou a escola durante três anos. Na advocacia, trabalhou durante oito anos com futebol. Fez contratos, tinha trânsito livre na maioria dos grandes clubes da capital paulista, trouxe para o Brasil treinadores e jogadores de categorias de base da Coreia para intercâmbio e intermediou contratos de atletas brasileiros que foram jogar na Coreia do Sul.

Ele conta que era um período pouco profissional, diferente dos dias atuais. Um dos motivos pelos quais abandonou o trabalho com o futebol foi um evento em 2001. Ele era o responsável por levar o Santos Futebol Clube para inaugurar o Estádio de Daegu, na cidade de mesmo nome na Coreia do Sul. No ano seguinte, o estádio foi utilizado para a Copa do Mundo. O governo coreano o procurou para que ele levasse um time brasileiro de ponta para a inauguração. O jogo foi televisionado para toda a Coreia. A experiência foi boa, mas ruim financeiramente. O amadorismo dos dirigentes

não deixou saudade, “muito fanatismo e pouco profissionalismo”, segundo Filipe. Lucas herdou do pai o gosto pelo futebol; joga no time da congregação e participa do campeonato de futebol de salão entre igrejas cristãs coreanas promovido pela Igreja Missionária Oriental no Bom Retiro.

Almoço depois do culto na Igreja Jesus para as Nações, rua dos Bandeirantes. Bom Retiro, São Paulo, SP, 2016

6.4 Reinventado a Mãe Terra

Durante o ano de 2014, no Centro de Acolhida João Paulo II, na rua Afonso Pena, Bom Retiro, aos domingos jovens bolivianos, paraguaios, peruanos e moradores de rua brasileiros realizavam um campeonato de futebol de salão, a Copa Vimart de futebol. O torneio era organizado por Jorge Gutierrez Lopez,¹⁵⁶ 60 anos, boliviano de Oruro. Gutierrez foi jogador de futebol profissional na Bolívia. Era o principal organizador da Copa Vimart e uma liderança reconhecida entre os andinos; é sempre lembrado quando a comunidade boliviana pensa em organizar qualquer evento esportivo ou cultural. Gutierrez foi obrigado a abandonar o futebol por causa de uma contusão em 1986, quando veio ao Brasil fazer tratamento no São Paulo Futebol Clube e os médicos o condenaram para a prática esportiva profissional.

Gutierrez resolveu ficar no Brasil. Depois de circular entre os bairros Mooca, Vila Guilherme e Brás, fixou-se no Bom Retiro em 1989; até hoje trabalha e mora no bairro. Na década de 1980 o Brasil e a Bolívia viviam um processo de redemocratização após as ditaduras militares, porém o país andino teve o pior desempenho econômico da América Latina entre 1973 e 1998, segundo o artigo “Reflexões sobre a crise boliviana”,¹⁵⁷ do professor do Departamento de Economia da UFRGS André Moreira Cunha. O Brasil é o principal parceiro econômico da Bolívia e compartilha a maior extensão de fronteira internacional brasileira, 3.423 quilômetros (de acordo com o site: <http://www.itamaraty.gov.br>). A Argentina e o Brasil se tornaram o destino principal dos bolivianos. A década de 1990 é o início da presença boliviana no Bom Retiro.

Ao observar Gutierrez caminhando pelas ruas do bairro, tem-se a impressão de que ele está em Pachamama, a sua Mãe Terra. A rua é a extensão de sua atuação como agente de saúde e ativista social e cultural.

¹⁵⁶ Jorge Gutierrez Lopez concedeu entrevistas ao autor em 2013, 2014, 2015 e 2016.

¹⁵⁷ CUNHA, André Moreira. “Reflexões sobre a crise boliviana”. *Indicadores Econômicos FEE*, v. 32, nº 3. Porto Alegre, novembro de 2004, pp. 5-30.

Ele é um ator social com peso simbólico na comunidade boliviana, e é obrigado a administrar as ações sociais e culturais e as tentativas de cooptação. Em setembro de 2014, foi procurado por agentes bolivianos, residentes na Argentina, de empresa transnacional de produtos de autoajuda e empreendedorismo. Eles queriam a participação de Gutierrez para arregimentar consumidores sul-americanos numa palestra no vizinho bairro do Brás. No trabalho de campo, pude testemunhar a reunião e a palestra. Jorge Gutierrez foi educado com os conterrâneos, mas não assumiu nenhum compromisso e tampouco colaborou com as ações deste grupo; sua prática política é distinta, mas ele foi verificar o conteúdo da proposta dos agentes na reunião no Brás. O discurso da palestra era o da prosperidade através do empenho pessoal, *“no hay plata, no puede vivir”*, disse o palestrante na abertura do evento, na rua Coimbra, no Brás. A plateia era composta por imigrantes bolivianos, e estes contrastavam com as imagens projetadas na tela, que apresentavam famílias de sucesso econômico explícito, com traços de brancos europeus e ostentando consumo. O sentido da vida, segundo o teor da palestra, é obter resultados financeiros, e o caminho da felicidade poderia ser encontrado nos produtos à venda.

Atualmente Gutierrez é o presidente da Associação de Comunicadores Bolívia Brasil e trabalha como agente de saúde na Unidade Básica de Saúde (UBS) do Bom Retiro “O primeiro vínculo do imigrante com o Bom Retiro é a UBS”, diz ele, referindo-se às necessidades básicas do migrante ao instalar-se no bairro. O trabalho na UBS do Bom Retiro exige conhecimentos específicos. A rotina é o atendimento da comunidade sul-americana; os coreanos, em geral, fazem pouco uso da Unidade. De acordo com o Dr. Francisco Moreno,¹⁵⁸ os coreanos no Bom Retiro não acreditam no serviço público: “Não precisar do serviço público é bem-visto entre os coreanos”, aponta o médico da UBS. Ele conta que uma creche da comunidade coreana não aceitou trabalhar com a UBS. Segundo Moreno,

¹⁵⁸ O Dr. Francisco Moreno concedeu entrevistas ao autor em março de 2013 e em setembro de 2015.

os coreanos fazem um grande trabalho comunitário e solidário em torno das igrejas.

No campeonato de futebol no Centro de Acolhida João Paulo II, em 2014, equipes de diferentes matizes participaram.¹⁵⁹ Em 2013, Gutierrez organizou outro campeonato na quadra esportiva do AMA (Assistência Médica Ambulatorial) da rua Prates, e antes da partida final todos os presentes, atletas, familiares e amigos, rezaram em espanhol em memória do garoto boliviano assassinado dias antes na zona leste de São Paulo. Foi uma das manifestações embrionárias da Associação de Comunicadores Bolívia Brasil. Antes da internet, Gutierrez teve uma rádio pirata, colecionando problemas com o braço do Estado mais temido pelos imigrantes, a polícia: foram quatro detenções, uma delas por solidariedade ao grupo perseguido. Ele diz que hoje, com o Mercosul, ficou mais fácil conseguir documentação regular. Como a maioria dos imigrantes bolivianos trabalhou na costura, conseguiu produzir e vender.

O migrante, em geral, vive entre mundos territorial e cultural distantes, e a aproximação desses mundos, ou o enfrentamento do cotidiano carregado de paradoxos e intolerâncias, se dá pela ação social e cultural. É a resistência pela manutenção da memória afetiva com a Mãe Terra. Segundo o antropólogo Sidney A. da Silva, a comunidade boliviana busca no imaginário coletivo de culturas milenares ressignificar elementos culturais básicos, adaptando-os à realidade urbana.¹⁶⁰ Procurar elementos culturais nas tradições milenares do imaginário coletivo é comum entre os diferentes grupos no bairro do Bom Retiro. A cultura foi e ainda é o alimento da resistência e da possibilidade de apresentação de outra perspectiva para judeus, gregos, coreanos, bolivianos, peruanos e paraguaios no bairro. A cultura é a ferramenta da contranarrativa hegemônica. O antropólogo

¹⁵⁹ O torneio buscava não apenas a integração, mas também problematizar a autoestima do imigrante e do morador de rua. O nome Vimart dado ao torneio é em homenagem à esposa de Gutierrez, Vitoria Marlene Torrez, falecida em 2003, mãe de um filho também falecido nesse mesmo ano, e de Alan, que tinha apenas três anos na época.

¹⁶⁰ SILVA, Sidney Antonio da. *Bolivianos: a presença da cultura andina*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005. p. 61.

Sidney A. da Silva discorre sobre as diversas festas e manifestações culturais dos bolivianos¹⁶¹ no Brasil: “(...) as festas são uma oportunidade de ressocialização na própria cultura, ou seja, de um reencontro com práticas culturais que lhes eram familiares no país de origem(...)”. Essas práticas ajudam a conviver com o conflito de pertencer ao universo de origem e ao mesmo tempo ao universo de destino.

Em janeiro de 2015, Gutierrez foi à festa de Alasita, no Memorial da América Latina, no bairro da Barra Funda. Essa é uma das mais concorridas celebrações da comunidade boliviana em São Paulo. A festa de Alasita comemora a fartura, é um momento de agradecimento e renovação de pedidos. Durante o ano inteiro a família de Gutierrez guardou moedas num cofre de porquinho ao pé da imagem da Virgem Maria de Urkupiña. No dia da festa, ele quebrou o cofre e levou o dinheiro arrecadado para gastar, especialmente ao meio-dia, a melhor hora para se fazer qualquer pedido para a Virgem. Comprar ao meio-dia um objeto pequeno que represente um desejo, um carro ou uma casa, é uma das tradições da cerimônia. A dúvida era apenas sobre a hora mais adequada do pedido, por causa da diferença de fuso horário em relação a La Paz: qual meio-dia devia ser respeitado, o do Brasil ou da Bolívia? O horário boliviano foi escolhido.

Os filhos de Gutierrez, Naret e Alan,¹⁶² participam com frequência das atividades culturais. Eles expressam as identidades presentes, do tradicional ao pós-moderno, e transitam entre distintos universos simbólicos. Naret nasceu na Bolívia e se diz boliviano. A festa de Alasita para ele é o encontro com sua origem, a reprodução de tradições e a chance de namorar com uma jovem imigrante. Alan, um pouco mais novo, nasceu no Brasil e se diz brasileiro, embora afirme que não é visto como tal entre os brasileiros. Ambos conhecem música brasileira e rock das décadas de 1970 e 1980, e são curiosos a respeito do período da ditadura militar no Brasil. Alan

¹⁶¹ SILVA, Sidney Antonio da. *Bolivianos: a presença da cultura andina*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005, p. 56.

¹⁶² Naret e Alan concederam entrevistas ao autor em janeiro de 2015.

conseguiu uma bolsa e faz o segundo ano do ensino médio em escola particular, Naret estudou em escola pública e completou o ensino médio no final de 2015; em 2016 montou um pequeno negócio de manutenção de celulares no Bom Retiro.

De casa, Gutierrez administra a rádio *on-line* voltada para a comunidade sul-americana, que pode ser sintonizada no endereço <<http://radionuevamerica.blogspot.com.br>>. O nome *Nueva America* não é uma escolha casual; refere-se a uma comunidade imaginada a partir das novas relações estabelecidas pelo encontro de povos de países vizinhos com histórias e experiências similares. O que antes era o outro se tornou parte da mesma comunidade. *Nueva ou nuevo* são palavras muito usadas pelos hispânicos no Brasil: o restaurante pode ser Nuevo Sabor Latino, a rádio *on-line* é La Nueva Lider, ou Nueva America, o time de futebol é Nuevas Estrellas. Aos 60 anos, Jorge Gutierrez Lopez busca na reinterpretação da Mãe Terra a inspiração para sua prática política e cultural. Ajudar a organizar a comunidade boliviana fez parte de sua trajetória. Gutierrez utiliza a internet, ferramenta do século XXI, como instrumento de luta pela preservação de tradições culturais milenares e a organização da comunidade boliviana no Brasil. Ele atua em várias frentes, e até mesmo a escolha do local onde cortar o cabelo tem um significado especial. A barbearia e o cabeleireiro são lugares de encontro e socialização. Gutierrez costuma cortar o cabelo em um quarteirão do Bom Retiro com várias barbearias da comunidade boliviana.

Jorge Gutierrez Lopez e um time boliviano no AMA, rua Prates. Bom Retiro, 2013

6.5 O barbeiro de La Paz

O Sr. Marcelo Laura,¹⁶³ de La Paz, Bolívia, está no Brasil desde 2011, mora e trabalha no Bom Retiro. É a segunda vez que vive no Brasil, já residiu no mesmo bairro de 2005 a 2008. Seus três filhos, quatro netos e a ex-companheira vivem em La Paz. Ele exerce a mesma atividade no Brasil e na Bolívia: é barbeiro, atende principalmente os conterrâneos, como Jorge Gutierrez Lopez, porém em um lugar como o Bom Retiro é possível que cada cliente atendido pertença a uma origem diferente. Marcelo conta que certa vez um cliente pediu em português um tipo de corte e ele entendeu errado a encomenda. Quando terminou o serviço, enfrentou a ira do freguês, conseguiu entender só os palavrões. Estudou um pouco de português e atualmente trabalha na barbearia de uma senhora boliviana na rua Joaquim Murtinho, em um quarteirão com quatro barbearias contíguas de bolivianos.

Nas paredes da barbearia há fotografias de celebridades como referência para os cortes de cabelo. Nos finais de semana, Marcelo presta serviço por conta própria na Praça Kantuta, no vizinho bairro do Pari. Nessa praça há uma feira da comunidade boliviana todos os domingos, com inúmeras barracas que vendem produtos e refeições diversos. É um lugar de encontro da comunidade, e Marcelo Laura é um dos organizadores. No Brasil ele busca recriar a Bolívia, mas faz parte de seu projeto migratório poder viver entre os dois países.

A comunidade sul-americana é das mais recentes no Bom Retiro. Os primeiros imigrantes começaram a chegar ao bairro no início da década de 1990, processo que persistiu até os primeiros anos da década de 2010. Bolivianos, paraguaios e peruanos compõem a maioria, mas há equatorianos, colombianos e argentinos. Quase todos os bolivianos trabalharam ou trabalham com a costura, alguns com histórico de migração anterior. A presença no Bom Retiro se torna cada vez mais evidente entre os

¹⁶³ Marcelo Laura concedeu entrevistas ao autor em dezembro de 2014 e em julho de 2015.

outros grupos de imigrantes. A imigração proveniente de um país vizinho confere características distintas em relação às outras. É comum o movimento contínuo de idas e vindas, o retorno ao lugar de origem é desejo constante. Mario Romero,¹⁶⁴ colega de trabalho de Marcelo Laura, está no Brasil há três anos e diz que seu desejo é voltar para Santa Cruz de La Sierra, sua cidade natal.

O tempo que já dura a imigração sul-americana foi suficiente para criar uma segmentação social entre os bolivianos e a diversificação de atividades. Alguns negócios da comunidade estão sendo estabelecidos no bairro, e é usual o emprego e o agenciamento por conterrâneos. Aos poucos, ruas, casas e fachadas dos prédios do bairro expressam a presença sul-americana. Barbearias e cabeleireiros são pontos de encontro, referência para inserção e adaptação social, concentração de informações das mais diversas e de interesse dos diferentes grupos. Às sextas-feiras, tanto a antiga barbearia do Toninho, na rua Correia de Melo, como a sequência de barbearias na rua Joaquim Murtinho ficam lotadas não só de clientes, mas também de gente em busca de qualquer informação ou apenas para sociabilizar. Na rua Correia de Melo, a frequência, em geral, é de judeus e descendentes de portugueses e italianos, enquanto na rua Joaquim Murtinho a comunidade sul-americana é maioria.

Ao ser fotografado, Laura fez questão de uma pose específica: desenhou um coração com as mãos. A fotografia foi entregue a ele pouco tempo depois. Em outro dia, ele contou que o retrato em preto e branco está agora na cabeceira da cama de sua mãe, a sra. Noemi Apaza, em La Paz.

¹⁶⁴ Mario Romero concedeu entrevista ao autor em julho de 2015.

6.6 As identidades de Dóris

A Sra. Dóris Goulin Boccalato Betti,¹⁶⁵ 56 anos, nasceu em Santo André. Depois do seu casamento, em 1982, foi morar no Bom Retiro, bairro de nascimento do seu parceiro católico e de ascendência italiana. Ela descende pelo lado paterno de franceses, italianos e guaranis, e de lituanos pelo lado materno. Foi batizada católica quando era criança e se casou na igreja. Ela conta que quando foi morar no bairro era cumprimentada pelos vizinhos judeus em ídiche, não sabia responder no mesmo idioma, mas não se sentia distante daquele povo, considerava que “estava sendo testada”. Um dos vizinhos de origem judaica conferiu o nome da sua família materna, lituana, junto a um rabino, e este confirmou a procedência judia da bisavó de Dóris. Segundo os preceitos judaicos mais tradicionais, é considerado judeu até a terceira geração do lado materno, Dóris lembra o argumento do rabino. De acordo com este rabino, Dóris é judia. Quando soube, ela entristeceu, procurou saber mais da sua origem familiar materna, e as informações obtidas não eram absolutamente fidedignas; alguns parentes continuavam negando a origem judaica, mas depois a informação foi confirmada pela mãe dela.

Hoje, 30 anos depois da descoberta, se sente feliz por ser judia e católica: “Deus é um só”, argumenta ela. Stuart Hall comenta a impossibilidade da identidade única, não fragmentada:¹⁶⁶ “A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia”. No caso de Dóris, são várias identidades, e as aparentes contradições estão presentes no seu dia a dia. Inúmeros judeus que fugiram da Europa por conta do antissemitismo foram obrigados a esconder sua origem, não frequentavam a sinagoga e não se ocupavam das tradições ou as seguiam de forma velada. Havia sempre o receio da perseguição e do preconceito. Era o caso da família de Dóris.

¹⁶⁵ Dóris Goulin Boccalato Betti concedeu entrevista ao autor em dezembro de 2014, em sua residência.

¹⁶⁶ HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006, p. 13.

O túmulo da família materna da sra. Dóris se localiza em um cemitério cristão, em Santo André, no ABC paulista. Não tem cruz, há apenas uma estrela de cinco pontas. Antes de morar no Bom Retiro e conviver com os judeus, Dóris conta que não entendia o significado da estrela de cinco pontas na lápide da família; a Estrela de Davi tem seis pontas, está na bandeira do Estado de Israel, e a de cinco é a Estrela de Salomão, símbolo judaico comum até a Idade Média, hoje menos usual. Salomão foi filho de Davi, a Estrela de Salomão está contida na Estrela de Davi, segundo o judaísmo. Dóris não sabia que seus familiares tinham sido vítimas de um *pogrom*¹⁶⁷ na Lituânia.

Na cerimônia de abril de 2015, para lembrar a data do levante do Gueto de Varsóvia, na Casa do Povo, a Sra. Dóris leu para os presentes um texto de Jorge Amado, “Canção da Judia de Varsóvia”. Diz o texto, no início: “Meu nome já não o sei, só de Judia me chamam (...)”, e continua mostrando o drama da mulher judia frente ao nazismo, “(...) minha beleza se foi... meus lábios já não sorriem. Ontem mataram meu pai na vista da minha mãe; meus olhos são secos, secos não restou nenhuma lágrima (...)”, e Jorge Amado termina o texto mostrando a perseverança, determinação e esperança do povo judeu, além do resgate de sua identidade, “(...) dizem que em outras terras lutam mulheres em armas (...)”, e mais adiante: “(...) e moça judia então, nome de Novo eu teria!”.

Dóris se sente portadora de várias identidades. Na sala de seu apartamento, na Rua Afonso Pena, há uma mesa com a Bíblia, uma estatueta representando São Francisco e um candelabro de sete braços da tradição judaica, o *Menorah*. Ter ido morar no Bom Retiro possibilitou descobrir a trajetória de seus ancestrais judeus. O ambiente de diversidade cultural do bairro colaborou para ela entender o receio dos familiares de se identificarem como judeus. O Bom Retiro possibilitou conviver em harmonia com as suas distintas origens e transitar entre elas. Atualmente Dóris

¹⁶⁷ *Pogrom* é um ataque violento coletivo contra minorias, especialmente judeus. O termo tornou-se conhecido internacionalmente após ataques contra a comunidade judaica na Rússia czarista no final do século XIX.

participa das aulas de teatro e do coral Tradição na Casa do Povo. Ela ensaia todas as semanas e participa das apresentações do grupo. Uma das características do coral é só cantar no idioma ídiche. Ela conta que não compreende as letras das músicas na língua ídiche, mas consegue sentir.

Dóris Betti, em sua residência no Bom Retiro. São Paulo, SP, 2014

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Bom Retiro é o lugar mais cosmopolita do Brasil. A composição social é estratificada, são encontradas no bairro das camadas mais populares às altas. As relações sociais assimétricas permeiam a trama social construída na diversidade étnica e cultural. Na segunda década do século XXI ocorre um inusitado encontro de culturas milenares no bairro. Gregos, judeus da Europa e da África, coreanos, armênios, povos andinos, chineses e descendentes de italianos, entre outros, são os fios das tramas sociais no espaço que tem a diversidade como norma. Apesar dos ressentimentos contidos, preconceitos velados e conflitos vários, o bairro se renova constantemente como abrigo da diversidade e do imigrante. Imigrar é um direito e inúmeras consequências decorrem da luta pelo exercício desse direito pelos diferentes grupos no Bom Retiro; um lugar com histórico em que a infraestrutura, a organização espacial, a localização e os equipamentos públicos propiciaram e continuam propiciando a ocupação por imigrantes.

A história do bairro foi construída pela trajetória de imigrantes e pelas relações desenvolvidas no dia a dia entre atores sociais diversos e heterogêneos. Não é apenas um grupo de determinada região do planeta a ocupar o bairro, o espectro é muito amplo. Laços de solidariedade dentro dos grupos fizeram e fazem a diferença no desenvolvimento das comunidades e na tentativa da construção de um discurso. Imigrantes só se tornam uma comunidade se forem organizados, estruturados e com fortes relações entre seus membros. A organização possibilita a construção da própria narrativa. Ao longo do tempo o Bom Retiro ficou conhecido como bairro de italianos, depois bairro dos judeus e no fim do século XX como um bairro coreano. A vasta gama étnica e cultural foi acrescentada com a presença dos sul-americanos. Em 2016, o lugar pertence a várias comunidades, algumas mais fortes economicamente, mais visíveis, outras mais discretas e em fase de estruturação. Decerto o Bom Retiro vive uma polifonia social e cultural, é o bairro da diversidade, da cultura representada

e exposta. É difícil considerá-lo como reduto de apenas uma comunidade, mas não é difícil encontrar um coreano que vive no Bom Retiro há anos e fala o idioma português com dificuldade ou judeus que se comunicam em ídiche. É o espaço da pluralidade em constante disputa e de fronteiras fluidas nem sempre visíveis, ou algumas vezes muito claras. O convívio diário com a alteridade reforça o desejo de reiterar a identidade. Ao mesmo tempo, grupos se distanciam e se aproximam. Inusitados encontros entre diferentes acontecem.

O Bom Retiro expressa neste momento histórico uma amostra de movimentos populacionais transnacionais, as migrações inseridas no contexto da ordem capitalista do século XXI, dos mercados globalizados e da mão de obra precarizada. Entretanto, os projetos migratórios são frutos do desejo de mudança e são realizados por sujeitos dedicados às transformações, sujeitos fazendo história. A renovação do lugar como receptor de imigrantes tornou o espaço um universo rico de histórias de personagens que sempre estiveram dispostos a escrever o roteiro de suas vidas. Gente, cada um da forma na qual acredita, determinada a criar seu canto no mundo, o lugar da sociabilização, muitas vezes o provisório se perpetuando, outras vezes a luta pelo permanente, a descoberta da terra prometida, um caminho aberto para os descendentes, mesmo que esse lugar seja longe da origem.

O Bom Retiro é o lugar em que o fotógrafo deve estar sempre pronto para o inusitado e aberto à aprendizagem. A principal característica do bairro é a diversidade cultural, mas a complexidade da ocupação do espaço no Bom Retiro não se restringe às diferenças culturais e étnicas. Há o convívio com classes sociais distintas e antagônicas. Há atores sociais ativos no Bom Retiro com pouca ou nenhuma visibilidade. Muitos deles exercem o papel de mediadores das relações sociais e culturais no bairro. O porteiro é um trabalhador com funções específicas, mas socialmente é visto apenas em determinadas situações, mediando conflitos ou executando um favor, naturalizado como se fosse parte de suas tarefas. Uma delas, talvez a mais

importante, seja a de conseguir o entendimento entre moradores diversos, com línguas e culturas diversas, na função de mediador de relações sociais.

Em um edifício na rua Guarani há um aviso aos moradores para “não bater a porta”, escrito em português com a versão coreana ao lado. O sr. Francisco Elias Mello,¹⁶⁸ de Marília, SP, ex-carteiro aposentado, é o porteiro de um edifício construído pela comunidade judaica na década de 1950. Ainda há judeus, mas a maioria é da comunidade coreana; os chineses são os mais novos vizinhos, e muitos moradores alugam os apartamentos dos antigos proprietários judeus. Ao receber a fotografia em preto e branco que fiz dele, o sr. Francisco ficou satisfeito com o resultado; olhando a imagem com atenção, definiu: “a foto parece mais real”; habituado com imagens coloridas da televisão, mídia impressa e internet, reconheceu na abstração do preto e branco a interpretação da realidade como documento, a fotografia objeto, não como a representação única, definitiva, mas a aparência da realidade. O sr. Francisco disse “parece” mais real. Ele fez a distinção entre a realidade e a representação da realidade, como se a existência ganhasse significado ou materialidade através da imagem fotográfica. Francisco Elias Mello, ao se referir sobre a aparência da realidade fotográfica, estabeleceu um diálogo com Boris Kossoy:¹⁶⁹ “O assunto representado configura o conteúdo explícito da imagem fotográfica: a face aparente e externa de uma micro-história do passado, cristalizada expressivamente”.

O Sr. Lídio dos Santos Neto¹⁷⁰ é uma pessoa que não precisa da fotografia. Não tem endereço fixo, não usa documento e muito menos é pessoa jurídica, o eufemismo do trabalho assalariado precarizado. Não participa de nenhum programa social ou cultural, tanto público como privado. Foi funcionário da prefeitura durante dez anos e atleta de ponta do centenário Clube Esperia, na zona norte da capital paulista: “Eu tinha 18 anos, fiquei em quarto lugar na corrida de São Silvestre, pode conferir no

¹⁶⁸ Francisco Elias Mello concedeu entrevista ao autor em setembro de 2015.

¹⁶⁹ KOSSOY, Boris. *Realidades e Ficções na Trama Fotográfica*, São Paulo: Ateliê Editorial, 1999, p. 37.

¹⁷⁰ Lídio dos Santos Neto concedeu entrevistas ao autor em junho de 2013 e em agosto de 2014.

arquivo da *Gazeta Esportiva*”, diz o sr. Lídio. Seu sustento vem das sobras do consumo de moradores, trabalhadores, empresários e frequentadores do Bom Retiro - o sr. Lídio é catador de papel. Ele não tem moradia, não dorme todos os dias no mesmo lugar, circula pelo Bom Retiro. No bairro há uma grande quantidade de rolos e caixas de papel descartados pelas confecções e lojas. Lídio é um personagem não visto.

Ao receber sua fotografia de presente, um ano depois, lembrou o local da realização da imagem: “Na rua dos homens de preto”, disse em referência aos judeus ortodoxos da rua Talmud Thorá. Depois Lídio fez o seguinte comentário: “Gostei da minha representação”. Ele ficou feliz e orgulhoso com a interpretação visual. O sr. Lídio estabeleceu uma relação entre a produção do catador de papel e a do fotógrafo: segundo o seu olhar, tanto o trabalho do catador como o do fotógrafo só é possível fazer caminhando, andar a pé é a única forma de realização dos dois trabalhos.

André Rouillé discorreu sobre o fato de a reportagem dialógica¹⁷¹ ir além da simples captação da aparência das coisas. Rouillé escreveu sobre a fotografia que coloca o outro, o fotografado, não como objeto, mas sujeito: “Tornar visíveis os sem-fisionomia e sem-imagem, os excluídos tanto da visibilidade dominante como da vida social e política: os estrangeiros em seu próprio país”. São inúmeros os não vistos no Bom Retiro, não são só os imigrantes que estão em terra estrangeira, muitos excluídos andam pelo bairro sem ser percebidos, porém são pessoas portadoras de valores e qualidades. Para torná-las visíveis é preciso se tornar visível, para olhar o outro é necessário se aproximar e dialogar. No Bom Retiro faz parte do cotidiano lidar com a diferença. O bairro expressa um pouco do Mundo e do Brasil também. As desigualdades fazem parte do cenário, mas ali é o lugar do encontro de desejos. Quase todos vieram de longe para realizá-los.

¹⁷¹ ROUILLÉ, André. *A fotografia entre documento e arte contemporânea*. São Paulo: Senac, 2009, p. 184.

Francisco Elias Mello, rua Guarani. Bom Retiro, São Paulo, SP, 2015

Lídio dos Santos Neto, catador de papel. Bom Retiro, São Paulo, SP, 2013

Área destacada:
bairro do Bom Retiro

A numeração indica
a página da imagem
realizada no local
correspondente

N

Fonte: Google Maps

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGEE, James; EVANS, Walker. *Elogiemos os homens ilustres*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

ALVES, José Augusto Lindgren. *Os Bálcãs novamente esquecidos*. *Revista Brasileira de Política Internacional*, vol. 47. Brasília, janeiro-junho de 2004.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BARBUJANI, Guido. *A invenção das raças*. São Paulo: Contexto, 2007.

BARTHES, Roland. *A câmara clara*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1996.

BURGI, Sergio e COSTA, Helouise (orgs.). *As origens do fotojornalismo no Brasil: um olhar sobre o Cruzeiro, 1940 – 1960*. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2012.

BURKE, Peter. *Testemunha ocular: história e imagem*. Florianópolis: Edusc, 2001.

CALDEIRA, Teresa P. *Cidade de muros: crime, segregação, cidadania em São Paulo*. São Paulo: Editora 34 / EDUSP, 2000.

CANCLINI, Néstor García. *A globalização imaginada*. São Paulo: Iluminuras, 2003.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *Brasil judaico: mosaico de nacionalidades*. São Paulo: Editora Maayanot, 2013.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci; HIRANO, Sedi (orgs.). *Histórias migrantes, um mosaico de nacionalidades e múltiplas culturas*. São Paulo: Humanitas, 2014.

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das mídias*. São Paulo: Contexto, 2012.

CHOI, Keum Joa. “Além do arco-íris: a imigração coreana no Brasil”. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Departamento de História, FFLCH, USP, 1991.

COLLIER, John Jr. *Antropologia visual: a fotografia como método de pesquisa*. São Paulo: EDUSP, 1973.

COSTA, Sérgio. *Dois Atlânticos. Teoria social, antirracismo, cosmopolitismo*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

CYTRYNOWICZ, Roney. *Paralelos: 95 anos de Unibes contados através da história de São Paulo*. São Paulo: Narrativa Um, 2011.

DERTÔNIO, Hilário. *O bairro do Bom Retiro*. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura, PMSP, 1971.

DUBOIS, Philippe. *O acto fotográfico*. Lisboa: Vega, 1992.

DYER, Geoff. *O instante contínuo: uma história particular da fotografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os outsiders*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo: EDUSP, 1999.

FAUSTO, Boris. *Negócios e ócios: histórias da imigração*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

FLUSSER, Vilém. *Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

FRANK, Robert. *The Americans*. New York: Aperture, 1959.

FREUND, Gisèle. *La fotografia como documento social*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1976.

GIL, Antônio Carlos Amador. *O Lugar dos indígenas na Nação Mexicana. Tensões e reconfigurações da identidade nacional mexicana no século XX*. Vitória: Aves de Águia, 2013.

GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere, Volume 2*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

GUIMARÃES, Alexandre Queiroz. Estado e economia na Coreia do Sul - do Estado desenvolvimentista à crise asiática e à recuperação posterior, In _____ Revista de Economia Política. Vol. 30, nº 1. São Paulo, 2010.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio Janeiro: DP&A Editora, 2006.

HARVEY, David. *A produção capitalista do espaço*. São Paulo: Annablume, 2005.

HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence (orgs.). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

IGLÉSIAS, Francisco. *Trajetória política do Brasil, 1500 – 1964*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

KIM, Yoo Na. *A jovem Coreia*. São Paulo: Ssua Editora, 2008.

KOSSOY, Boris. *Realidades e Ficções na Trama Fotográfica*, Ateliê Editorial, 1999.

KOSSOY, Boris. *Fotografia e História*. Ateliê Editorial, 2012.

KOSSOY, Boris. *Os Tempos da Fotografia, o efêmero e o perpétuo*. Ateliê Editorial, 2007.

KOUDELKA, Josef. *Gypsies*. Aperture, New York, 1975.

KULCSÁR, João (org.). *Retratos imigrantes*. São Paulo: SESI-SP, 2015.

LANNA, Ana Lúcia Duarte; PEIXOTO, Fernanda Arêas; LIRA, José Tavares Correia de; SAMPAIO, Maria Ruth Amaral de. *São Paulo, os estrangeiros e a construção das cidades*. São Paulo: Alameda, 2011.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

LEVI, Giovanni, Usos da biografia, In _____ *Usos e abusos da História Oral*. Coordenação de Marieta Ferreira, e Janaína Amado. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. “De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana”, In _____ *Revista de Brasileira de Ciências Sociais*, vol.17, nº 49, São Paulo, junho de 2002.

MANGILI, Liziane Peres. *Bom Retiro, bairro central de São Paulo: transformações e permanências, 1930-1954*. São Paulo: Alameda, 2011.

MEDINA, Cremilda. *Atravessagem: reflexos e reflexões na memória de repórter*. São Paulo: Summus, 2014.

MORIN, Edgar. *O mundo moderno e a questão judaica*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

NOGUEIRA, Oracy. “Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem”. *Tempo Social*, vol. 19, nº 1. São Paulo: Departamento de Sociologia, FFLCH, USP, 2006.

NOVAES, Sylvia Caiuby. “Imagem e Memória”, In: SCHWARCZ, Lilia Moritz; MAMMI, Lorenzo (orgs.). *8 x Fotografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

OLIVEIRA, Lucia Lippi. *O Brasil dos imigrantes*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

PAIVA, Raquel. “Novas formas de comunitarismo no cenário da visibilidade total; a comunidade do afeto”, In: _____ *MATRIZES: (revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da USP)*, ano 6, nº 1. São Paulo, julho-dezembro de 2012.

PÓVOA, Carlos Alberto. "A territorialização dos judeus na cidade de São Paulo: a migração do Bom Retiro ao Morumbi". Tese de Doutorado. São Paulo: Departamento de Geografia, FFLCH, USP, 2007.

PRADO, Caio Júnior. *História Econômica do Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1976.

PROST, Antoine. "Social e cultural indissociavelmente". In: _____ RIOUX, Jean Pierre; SIRINELLI, Jean François (orgs.). *Para uma História Cultural*. Lisboa: Estampa, 1998.

ROUILLÉ, André. *A fotografia entre documento e arte contemporânea*. São Paulo: Senac, 2009.

SAYAD, Abdelmalek. *A imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo: EDUSP, 1998.

SCHAPOCHNIK, Nelson. "Cartões postais, álbuns de família e ícones da intimidade". In: _____ *História da Vida Privada no Brasil*, vol. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SCHWARZ, Roberto. *Cultura e Política*. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

SENDACZ, José Aron. *Um Homem do Mundo*. São Paulo: Editora do Autor, 2005.

SENNETT, Richard. *Carne e Pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental*. Rio de Janeiro: Record, 2006.

SILVA, Sidney Antonio da. *Virgem/Mãe/Terra: Festas e Tradições Bolivianas na Metrópole*. São Paulo: HUCITEC/FAPESP, 2003.

SILVA, Sidney Antonio da. *Bolivianos: a presença da cultura andina*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005.

SIQUEIRA, Uassyr. "Clubes e sociedades dos trabalhadores do Bom Retiro: organização, lutas e lazer em um bairro paulistano, 1915-1924". Campinas: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp, 2002.

SKIDMORE, Thomas E. *Preto no branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

VIEIRA, César. *Em busca de um teatro popular*. São Paulo: Editora do Autor, 2005.

TELLES, Vera da Silva; CABANES, Robert (orgs.). *Nas tramas da cidade: trajetórias urbanas e seus territórios*. São Paulo: Humanitas, 2006.

TRUZZI, Oswaldo. "Etnias em convívio: o bairro do Bom Retiro em São Paulo". *Estudos Históricos* vol. 2, nº 28. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, 2001.

VILLAÇA, Flavio. "Reflexões sobre o centro de São Paulo. In: SCHICCHI, Maria Cristina; BENFATTI, Dênio (orgs.). *Urbanismo: dossiê São Paulo – Rio de Janeiro*. Campinas: Puccamp / Proureb, 2003.

REFERÊNCIAS CINEMATOGRAFICAS

BINISTI, Thierry. *Uma garrafa no mar de Gaza*. França / Canadá / Israel, 2011.

JARDIM, João e CARVALHO, Walter. *Janela da alma*. Brasil, 2001.

MENDONÇA, Kleber Filho. *O som ao redor*. Brasil, 2012.

MUYLAERT, Anna. *Que horas ela volta?* Brasil, 2015.

TOLEDANO, Eric e NAKACHE, Olivier. *Samba*. França, 2015.

WENDERS, Wim. *Palermo Shooting*. Alemanha / Itália / França, 2008.

Edson Viggiani Júnior

**Bom Retiro:
imagens, culturas e identidades**

Dissertação apresentada à Escola de
Comunicação e Artes da Universidade
de São Paulo para obter o título de
Mestre em Ciências da Comunicação

São Paulo
2016

EDSON VIGGIANI JÚNIOR

Bom Retiro: imagens, culturas e identidades

Dissertação apresentada à Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo para obter o título de Mestre em Ciências da Comunicação. Área de concentração: Teoria e Pesquisa em Comunicação. Linha de Pesquisa: Linguagens e Estéticas da Comunicação.

Orientador: Prof. Dr. Boris Kossoy

São Paulo

2016

Autor: Edson Viggiani Júnior

Título da Dissertação: Bom Retiro: imagens, culturas e identidades

Presidente da Banca: Prof. Dr. Boris Kossoy

Banca Examinadora:

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Aprovada em: ____ / ____ / ____

AGRADECIMENTOS

Esta pesquisa não seria possível sem a colaboração e o incentivo de inúmeras pessoas e instituições. Início pelo orientador, Prof. Dr. Boris Kossoy, que foi fundamental no desenvolvimento e na qualificação deste trabalho. Agradeço às docentes da USP Profa. Dra. Cremilda Medina, Profa. Dra. Sandra Reimão, Profa. Dra. Stella Maris Scatena Viladarga, Profa. Dra. Sylvia Cauiby Novaes e Profa. Dra. Maria Luiza Tucci Carneiro pela gentileza e disposição. Às Profas. Dras. Simonetta Persichetti, da Faculdade Cásper Líbero, e Cristina Maranhão, do Senac pelas observações. À CAPES pela bolsa de estudos. Agradeço a minha companheira, Denise Ramiro, que esteve presente em todo o processo, realizando leituras críticas e comentários; a minha filha Alice Viggiani, acompanhando desde o início do trabalho, sua interferência foi decisiva na produção gráfica e na finalização; a meu filho, Camilo Viggiani pelas dicas e os comentários; a minha mãe, Ivone Regente Viggiani e a meus irmãos, Magdalena Viggiani Jalbut e Ricardo Viggiani, por me apoiarem sempre. Alguns amigos colaboraram das mais diferentes formas e a eles dirijo tamb'ém meus agradecimentos: Rosangela Andrade, do Clube do Analógico, que foi imprescindível pelo trabalho do laboratório fotográfico; Marcos Issa e Salomon Cytrynowicz da Prata e Pixel, pela digitalização dos negativos; Julio Epifany que cuidou da versão; e a editora Denise Pessoa que trabalhou na revisão dos textos. Agradeço a todos os moradores do Bom Retiro e a algumas pessoas e instituições em especial: Jung Yun Chi, Margarida Regula, Marina e Hugueta Sendacz, Paulo Frangiotti, Jairo Degenszajn, Francisco Moreno, Helio Joffe, Jorge Gutierrez Lopez, Casa do Povo, Associação de Comunicadores Bolívia Brasil, Unibes, Ten Yad e Colégio Polilogos. Agradeço ainda a amigos, parentes e colaboradores da pesquisa: Rodrigo Brancher, Adri Felden, Jonas Chun, Patrícia Negrão, Marina Pecoraro, Marcelo Min (*in memoriam*), Milton Belintani (*in memoriam*), Júlia Ramiro Belintani, Diego Chilio, Carolina e Iara Ramiro, Mateus Lopes, Virgínia Albertini, Ricardo e Júlia Jalbut, Sylvia (*in memoriam*), Mônica, Patrícia e Décio Jackievicus, Fabíola Lugão Viggiani, Lena Viggiani, Neide (*in memoriam*) e Carmen Vasconcellos.

RESUMO

Esta pesquisa tem por objeto identificar e compreender as difusas fronteiras e os encontros entre as distintas etnias, culturas e nacionalidades presentes no bairro do Bom Retiro, zona central de São Paulo. A abordagem é multidisciplinar, e a fotografia é utilizada como método de pesquisa, meio de informação e expressão. A urbanização do lugar iniciou-se na última década do século XIX e intensificou-se com a construção da estação da Luz, no início do século XX. Desde então, o bairro é o mais cosmopolita do Brasil, porta de entrada para as mais diferentes origens; uma de suas principais características é a conexão residência-trabalho, desde a formação do bairro até os dias de hoje. O Bom Retiro tornou-se uma referência do comércio de confecções na capital paulista a partir da inserção da comunidade judaica no início do século XX, depois desenvolvido pela comunidade coreana e, mais recentemente, com o trabalho dos sul-americanos. É um pequeno universo de acentuadas diferenças étnicas e culturais e classes sociais distintas em convivência. A luta pela construção da própria narrativa pelos diferentes grupos alimentou identidades e alteridades, criando um espaço singular de polifonia cultural e de relações incomuns.

Palavras-chave: cultura; etnia; fotografia; identidade; imigração

ABSTRACT

This research has the purpose to identify and understand the diffuse borders and encounters between different races, cultures and nationalities present in the neighborhood of Bom Retiro, in central Sao Paulo. The approach is multidisciplinary, and photography is used as a research method, means of information and expression. The urbanization of the place began in the last decade of the nineteenth century and intensified with the construction of the Estação da Luz, in the early twentieth century. Since then, the neighborhood is the most cosmopolitan of Brazil, gateway to the most different origins; one of its main features is the connection home-to-work, since the formation of neighborhood up to the present day. The Bom Retiro became a reference on trading of clothing goods in São Paulo from the insertion of the Jewish community in the early twentieth century, then developed by the Korean community and more recently with the work of the South Americans. It's a micro world of sharp ethnic and cultural differences and coexistence of different social classes. The struggle for the construction of the narrative itself by different groups fed identities and otherness, creating a unique space of cultural polyphony and unusual relationships.

Keywords: culture; ethnicity; photography; identity; immigration

SUMÁRIO

LISTA DE ABREVIATURAS	7
INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO 1. Ensaio fotográfico	16
CAPÍTULO 2. Fotografia: teoria e método	77
2.1 A experiência fotográfica	79
2.2 Fotografia: arte e ciência, sua complexa tradução	83
2.3 Referencial teórico	89
CAPÍTULO 3. Os tempos do Bom Retiro	94
CAPÍTULO 4. O lugar da memória	111
4.1 A Casa é do povo	111
4.2 As vozes da América do Sul	121
4.3 O álbum da travessia	129
CAPÍTULO 5. Fotografia e cultura	133
5.1 Sob a luz de santo Eduardo	134
5.2 A escolha da terra prometida	140
5.3 O estúdio da rua Prates	142
CAPÍTULO 6. Atores sociais, identidades e representações	148
6.1 O charango e a Bíblia	148
6.2 Coreia sem fronteiras	152
6.3 Entre o Oriente e o Ocidente	159
6.4 Reinventando a Mãe Terra	163
6.5 O barbeiro de La Paz	168
6.6 As identidades de Dóris	170
CONSIDERAÇÕES FINAIS	173
ANEXO: Mapa do bairro do Bom Retiro	178
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	179
REFERÊNCIAS CINEMATOGRAFICAS	183

LISTA DE ABREVIATURAS

ABEC	Associação Brasileira de Educação Coreana
AMA	Assistência Médica Ambulatorial
Conseg	Conselho Comunitário de Segurança do Bom Retiro
CPDOC	Centro de documentação
CPTM	Companhia Paulista de Trens Metropolitanos
ECA	Escola de Comunicação e Artes
FAPESP	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo
FAU	Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
FFLCH	Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
FGV	Fundação Getúlio Vargas
FUNARTE	Fundação Nacional de Artes
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ICIB	Instituto Cultural Israelita Brasileiro
MERCOSUL	Mercado Comum do Sul
ONG	Organização Não-Governamental
TAIB	Teatro de Arte Israelita Brasileiro
UBS	Unidade Básica de Saúde
Unibes	União Brasileiro-Israelita do Bem Estar Social
Unicamp	Universidade de Campinas
USP	Universidade de São Paulo

INTRODUÇÃO

Este projeto de mestrado começou a ser elaborado a partir do desenvolvimento do trabalho de documentação fotográfica do bairro do Bom Retiro, no primeiro semestre de 2013, que foi contemplado com o Prêmio Marc Ferrez 2012, da FUNARTE. O Bom Retiro é um bairro essencialmente cosmopolita e de tramas sociais em sincronia com a globalização. Ao fotografar o Bom Retiro, a singularidade do lugar ficou evidente. O que eu via em minhas próprias fotos me inquietava; percebi que minha documentação fotográfica ganharia valor na medida em que fosse sistematicamente situada e contextualizada em termos históricos e sociais. Foi quando comecei a considerar a ideia de uma pesquisa de mestrado.

Os jogos infantis realizados nas ruas do Bom Retiro foram objeto de pesquisa do sociólogo Florestan Fernandes no artigo de 1944 “As trocinhas do Bom Retiro: contribuição ao estudo folclórico e sociológico da cultura e dos grupos infantis”. Fernandes discorre, entre outras coisas, sobre a consciência de grupo que as brincadeiras proporcionavam. Nasci no Bom Retiro, na rua Adoração, em 1958, e lá passei a primeira infância. Minha família se instalara no bairro em 1888, vinda do sul da Itália. O olhar de criança mirava a ocupação da rua e a relação com amigos de diferentes origens; a vizinhança propiciava o convívio com a diferença. As casas geminadas e a rua sem saída facilitavam a diplomacia infantil através dos rituais das brincadeiras. As crianças expressavam a inquietude das tensões e contradições, mas também a chance de um convívio lúdico e de múltiplas relações.

Diferentes classes sociais vivem no bairro, as relações sociais e culturais são assimétricas, mas é possível observar no Bom Retiro uma troca cultural concomitante à luta pela preservação da cultura de origem. A composição social e étnica faz do bairro um lugar singular no Brasil. Mesmo em São Paulo, não há um bairro com tanta diversidade de etnias e de nacionalidades. Por outro lado, não há uma “pequena Itália”, nem “cidade

dos coreanos” e tampouco uma área restrita aos judeus tradicionais. Todas as comunidades estão próximas geograficamente. Trama social complexa em espaço exíguo.

Uma das complexidades são as questões étnicas camufladas nos conflitos entre classes sociais; em geral, as comunidades étnicas e religiosas são socialmente estratificadas. Outra é identificar quais são os grupos étnicos e culturais que sofrem maior discriminação por parte da sociedade brasileira. A assimilação de migrantes no Brasil, em particular em São Paulo, é contraditória e vinculada ao lugar de origem e à classe social. Cada migração tem um histórico distinto, com características próprias; algumas emigrações forçadas forjando trajetórias intensas. Sobre o Bom Retiro, devemos falar em identidades, sempre no plural. No interior das comunidades há conflitos e contradições, os diversos grupos não são necessariamente homogêneos, buscam construir o discurso afinado com os seus interesses, de classe social, de etnia ou de comunidade religiosa. Cada um que viveu ou conheceu o Bom Retiro poderá contar uma história distinta sobre o bairro; as diferentes comunidades buscam construir a própria narrativa, quase sempre em oposição ao senso comum, ao preconceito e à discriminação.

O Bom Retiro é um laboratório da pós-modernidade neste momento histórico de questionamentos dos paradigmas sobre nacionalismo, identidades culturais e migrações na era globalizada. O conceito de nação de Benedict Anderson contribui para iniciar o debate sobre a questão do nacionalismo: “definição de nação: uma comunidade política imaginada – e imaginada como sendo intrinsecamente limitada e, ao mesmo tempo, soberana”.¹ Limitada porque há fronteiras definidas e finitas, e imaginada porque não é possível conhecer todos os membros da comunidade. Fronteiras reais e simbólicas operam no bairro e tangenciam a transformação dos conceitos de nação. É impossível ignorar o outro no Bom

¹ ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 32.

Retiro. As comunidades estão muito próximas, e as novas levas de imigrantes em geral ocupam o espaço utilizando de estruturas preexistentes. O outro é sempre presente e muito próximo.

Néstor García Canclini, em *A globalização imaginada*, procura olhar para o processo de globalização não apenas pelo prisma das questões econômicas, mas também pelo das articulações culturais surgidas nessas novas relações. Canclini expõe a dificuldade pós-globalização com relação ao estudo de sociedades nacionais e de etnias, pois já não se constituem como observatórios (antropológicos) definidos. O autor contesta quem diz que a globalização tem caráter apenas homogeneizador: “Muito do que se fala sobre a globalização é falso; por exemplo, que ela uniformiza todo o mundo”.² No Bom Retiro ocorre um processo dialético entre as culturas de origem e a luta de resistência através da preservação da cultura original e da integração numa sociedade distinta e culturalmente plural. Canclini argumenta que a globalização não é um paradigma político ou cultural, sendo consequência de movimentos muitas vezes contraditórios (local-global, local-local):³ “Os conhecimentos disponíveis sobre a globalização constituem um conjunto de narrativas, obtidas por meio de aproximações parciais, em muitos pontos divergentes”. No caso do Bom Retiro, as conexões globais se misturam e se confundem com as conexões locais. Os movimentos migratórios sentidos no bairro expressam, muitas vezes, projetos internacionalistas: instituições de origem coreana debatendo sobre a unificação da Coreia; diferentes grupos da comunidade judaica articulando possíveis colaborações com o Estado de Israel; bolivianos discutindo, até via internet, o destino político do Estado Plurinacional da Bolívia.

Os objetivos desta pesquisa foram: tentar identificar por que o lugar se renova continuamente como um bairro agregador de etnias e classes sociais distintas e como as relações culturais se definem na dinâmica dessa trama social urbana; atentar para a criação dos novos códigos e

² CANCLINI, Néstor García. *A globalização imaginada*. São Paulo: Iluminuras, 2003, p. 41.

³ Ibidem, p. 43.

representações entre os diferentes grupos e as redes sociais criadas. É interessante como cada grupo vê o bairro e se vê no bairro em relação aos outros. Procurei detectar, no desenvolvimento deste trabalho, as identidades e alteridades, o preconceito velado e as fronteiras rompidas. Busquei, de forma genérica, lançar um olhar sobre as nuances das fronteiras construídas pelas relações sociais dos diferentes grupos e, de forma específica, realizar o registro das reiteraões culturais, do cotidiano e das ações sociais, a condição que cada imigrante ou grupo de imigrantes que se instalou no Bom Retiro reflete na forma como irá se relacionar com o país e o bairro. Os condicionantes se referem ao período e às circunstâncias da emigração, as necessidades de mão de obra naquele período determinado no país receptor e em que situação material e de formação educacional se encontrava o imigrante. Esses condicionantes influenciam não só na relação com o lugar de chegada, mas também, como é o caso do Bom Retiro, no modo como os imigrantes e seus diferentes grupos irão se relacionar entre si.

Como argumenta David Harvey em *A produção capitalista do espaço*, "a consciência dos moradores urbanos influencia-se pelo ambiente da experiência, do qual nascem as percepções, as leituras simbólicas e as aspirações";⁴ as relações são construídas no cotidiano e se expressam pelas ações sociais e culturais. Vivenciando o bairro, é possível ouvir os mais díspares idiomas: coreano, guarani, aimará, espanhol, português, iídiche, grego, entre outros. Os letreiros das lojas e até mesmo placas indicativas de eventos são escritos em diversas línguas. Nem sempre o cardápio do restaurante, a academia de ginástica ou a fachada da creche têm alguma referência em português. A televisão de um estabelecimento comercial pode estar ligada num programa da Coreia do Sul, e o culto religioso pode ser celebrado em grego. Há encontros e desencontros, fronteiras fluídas e difusas, e ao mesmo tempo trocas culturais improváveis.

No início da pesquisa, em 2013, entrevistei o historiador Roney Cytrynowicz, e ele atentou para uma perspectiva possível sobre o bairro do

⁴ HARVEY, David. *A produção capitalista do espaço*. São Paulo: Annablume, 2005, p. 170.

Bom Retiro: a do trabalho, por ser ele o denominador comum da diversidade social e étnica. Sem dúvida, esse é um caminho. Por outro lado procurei olhar para o bairro não apenas a partir da perspectiva da luta de classes. Para revelar a riqueza das relações que estão ocorrendo procurei observar as nuances culturais e estabelecer as tramas na evidente tensão que há por conta da desigualdade social e cultural. Jung Yun Chi, pesquisadora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, considera que o bairro pode ser visto como lugar de passagem, pois é muito comum o sujeito, ao ascender socialmente, ir embora do Bom Retiro, caso de grande parte da comunidades italiana, judaica e coreana. Outro olhar é entender o bairro como o lugar do devir, o canto do mundo escolhido para morar, fazer negócios, trabalhar, constituir família, ir à igreja, beber com os amigos e viver. É o discurso de muitos no lugar, especialmente dos mais velhos ou da segunda e terceira gerações já estabelecidas no bairro. É possível dizer que não há apenas um Bom Retiro, mas vários. São muitas histórias entrelaçadas no mesmo espaço, que é diverso culturalmente e de estratos sociais distintos, mesmo no interior de cada grupo.

É comum nos trabalhos acadêmicos sobre o Bom Retiro a referência apenas a determinada etnia ou comunidade, enfatizando um período histórico definido pela ocupação migratória. Uma das pesquisas que tratam da diversidade étnica no lugar é a do pesquisador da Universidade Federal de São Carlos Oswaldo Truzzi. No artigo “Etnias em convívio: o bairro do Bom Retiro em São Paulo”, publicado na revista *Estudos históricos*⁵ do centro de documentação da Fundação Getúlio Vargas, Truzzi diz que a complementaridade econômica dos diversos grupos e a ocupação sucessiva, sem sincronia de etnias, são atenuantes de conflitos no bairro do Bom Retiro. Sem dúvida, o fato de haver interdependência econômica entre os grupos contribui para que se estabeleça um convívio tolerante. Porém, no período estudado pelo autor do artigo, as comunidades sul-americanas iniciavam a ocupação no bairro, mas ainda não eram notadas, não tinham

⁵ TRUZZI, Oswaldo. Etnias em convívio: o bairro do Bom Retiro em São Paulo. *Estudos históricos* vol. 2, n 28. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, 2001.

visibilidade, diferentemente do que ocorre hoje, quando buscam o próprio espaço, nem que seja virtual, pela internet. Além disso, as diversas comunidades procuraram sedimentar sua passagem pelo bairro: criaram instituições, empresas, grêmios esportivos, escolas, sinagogas, igrejas evangélicas coreanas e sul-americanas, igrejas católicas, igrejas ortodoxas grega e armênia.

Os grupos se sucedem, entretanto; as pessoas que deixam o bairro o fazem após ascender socialmente; muitos permanecem, criam vínculos e cultivam constantemente as tradições de origem, mesmo com as necessárias adaptações. Neste momento, no Bom Retiro, percebe-se o imbricamento de comunidades distintas: a presença coreana é evidente, a comunidade judaica ainda é grande, e os sul-americanos continuam ocupando os espaços menos valorizados do bairro; estão no início do processo histórico de organização, criando as próprias instituições, algumas igrejas protestantes e negócios. Os projetos migratórios são distintos, de origens diferentes, mas disputam o mesmo espaço.

Novas identidades surgem nas tramas sociais e na diversidade cultural, e Stuart Hall debate essas questões: “A identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente no momento do nascimento”.⁶ O Bom Retiro é o espaço urbano no qual ocorrem encontros inusitados, só possíveis devido às características históricas especiais do desenvolvimento do bairro; é um lugar de grandes personagens anônimos, imigrantes, alguns refugiados, todos com histórias a ponto de sair pela garganta. As identidades transcendem fronteiras, e o sentimento de nação está mais perto do coração e da memória afetiva que do território. As novas gerações são criadas em ambientes diferentes daquele em que seus antepassados cresceram, frequentam escolas, convivem com crianças e jovens de outras origens e têm assim outras referências, nem sempre alinhadas com o projeto familiar.

⁶ HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006, p. 28.

A harmonia é aparente, há uma tensão oculta. O discurso da convivência pacífica e harmoniosa é repetido com mais constância pelas camadas sociais mais altas que vivem no bairro. Embora haja um fortalecimento da narrativa da harmonia pela exaltação das virtudes do lugar, ao se aproximar é possível verificar o conflito contido. A alteridade, muitas vezes, é o contraponto necessário para a construção da identidade. O ambiente de harmonia aparente dissimula os conflitos sociais, é e possível que a identidade aconteça por aproximação; os sul-americanos não são uma comunidade, mas várias; pode, no entanto, algum evento, situação ou circunstância especial que agrupe paraguaios, bolivianos e peruanos.

O bairro é um espaço em constante transformação, mas o caráter cosmopolita permanece. É comum encontrar atuais moradores do Bom Retiro que tiveram outras experiências migratórias, são cidadãos do mundo. Qualquer um, de qualquer lugar do planeta, consegue se sentir em casa no Bom Retiro, um lugar que constantemente ganha novos significados e ao qual cada comunidade busca acrescentar a sua distinção. O bairro foi desenvolvido em sua origem para abrigar moradia e trabalho, constituindo-se assim como lugar de confinamento da classe trabalhadora. Os primeiros habitantes, italianos, portugueses e espanhóis, iniciaram o processo - mesmo que involuntário ou desprezioso, e também conflituoso - de criação de um espaço no qual a pluralidade é a norma. Pluralidade e constante transformação sintetizam o Bom Retiro. Cada grupo procura reiterar suas tradições culturais, ocupar espaços e construir uma narrativa própria. Os conflitos ficam mais explícitos na luta pelo espaço. Na busca dessas afirmações, acabam se aprofundando vínculos com o lugar. A memória sombreando o presente e as identidades surgidas nesse ambiente lembram uma colcha de retalhos, uma continuidade assimétrica, a sensação de continuidade num todo ao mesmo tempo descontínuo e entrelaçado.

Ao tentar identificar reiteraões culturais, as tradições e costumes dos imigrantes, notamos como se desenvolvem as relações com o Estado e a sociedade brasileira. Neste momento, o Brasil apresenta suas contradições e

conflitos, preconceitos latentes, qualidades e defeitos. O olhar do estrangeiro revela alguns aspectos do nacional brasileiro e ao mesmo tempo ajuda a construir um sentido de nação; a alteridade percebe o extraordinário e identifica o que nos parece comum. O imigrante coloca em pauta o mito da democracia racial, da nação tolerante, receptiva e sem preconceitos. Habitam o Bom Retiro povos com diferenças culturais extremas, mas alguns fatos históricos tangenciam suas trajetórias distintas: o medo em relação ao país desconhecido, a clandestinidade, a consciência da necessidade de agrupar elementos da mesma comunidade e a solidariedade organizada.

O Bom Retiro recebe há mais de um século gente de vários cantos do mundo. Nem todos são imigrantes, alguns podem ser considerados refugiados. Muitas das pessoas que escolheram o bairro para viver passaram por conflitos armados, fome, tragédias familiares e crise econômica e social. Sua experiência de vida e o desejo comum de um futuro digno para os descendentes enriqueceram o universo social brasileiro. As comunidades de imigrantes marcaram presença no bairro e fizeram história no Brasil, construíram e continuam construindo a própria narrativa e, concomitantemente, estão em confluência com o samba, a feijoada, o futebol, o jogo do bicho, os passeios pelo Jardim da Luz, o pastel da feira e o feirante, capaz de aprender palavras em coreano para vender melhor. Ao olhar para uma realidade de múltiplas relações sociais e culturais como é a do Bom Retiro, é preciso ter consciência de que essa é apenas uma das inúmeras perspectivas possíveis. É um olhar, não “o” olhar. Assim, parto da ideia de que as comunidades estudadas são personagens ativos da história. Em seguida apresento o ensaio fotográfico e, no capítulo seguinte trato de questões sobre fotografia pertinentes à pesquisa e às referências teóricas utilizadas. Nos outros capítulos procuro assinalar certos fatores históricos determinantes na formação do Bom Retiro, procedimento que julgo necessário para localizar os atores sociais no cenário do bairro, os protagonistas dos capítulos seguintes.

1. Ensaio fotográfico

Fotografias realizadas em filme preto

e branco no Bom Retiro entre 2013 e 2016

Passagem do trem da CPTM e rua Silva
Pinto. Bom Retiro, São Paulo, SP, 2013

Encontro das ruas Três Rios,
Silva Pinto e da Graça.
Bom Retiro, São Paulo, SP, 2016

Trem da CPTM.
Bom Retiro, São Paulo, SP, 2015

Vista geral do bairro a partir
da rua Matarazzo.
Bom Retiro, São Paulo, SP, 2015

Vista geral do bairro a partir da rua Prates.
Bom Retiro, São Paulo, SP, 2013

Vista geral do bairro a partir da rua Javaés.
Bom Retiro, São Paulo, SP, 2013

Estacionamento de automóveis,
rua Rodolfo Miranda.
Bom Retiro, São Paulo, SP, 2014

Oficina mecânica, rua Guarani.
Bom Retiro, São Paulo, SP, 2013

Loja de manequins, rua Ribeiro de Lima.
Bom Retiro, São Paulo, SP, 2013

Vendedor do comércio na rua José Paulino.
Bom Retiro, São Paulo, SP, 2013

Vitrine de loja na rua Solon.
Bom Retiro, São Paulo, SP, 2013

Rua José Paulino.
Bom Retiro, São Paulo, SP, 2013

Celebração de Purim na Casa do Povo,
rua Três Rios.
Bom Retiro, São Paulo, SP, 2016

Bloco do Bule e Teatro Popular União
e Olho Vivo durante o carnaval, rua Jaraguá.
Bom Retiro, São Paulo, SP, 2016

Bloco do Bule e Teatro Popular União
e Olho Vivo durante o carnaval, rua Jaraguá.
Bom Retiro, São Paulo, SP, 2016

Encontro das ruas Solon e da Graça.
Bom Retiro, São Paulo, 2013

Feira-livre, rua Guarani.
Bom Retiro, São Paulo, SP, 2013

Lídio dos Santos Neto, catador
de papel, rua Talmud Thorá.
Bom Retiro, São Paulo, SP, 2013

Senhoras bolivianas, rua Joaquim Murtinho.
Bom Retiro, São Paulo, SP, 2015

Celebração de Purim
na Casa do Povo, rua Três Rios.
Bom Retiro, São Paulo, SP, 2016

Fachada de edifício residencial
entre restaurante coreano e serviço
de chaveiro, rua Guarani.
Bom Retiro, São Paulo, SP, 2016

Fachada de edifício residencial
entre restaurante coreano e serviço
de chaveiro, rua Guarani.
Bom Retiro, São Paulo, SP, 2013

Mario Romero, barbeiro boliviano,
rua Joaquim Murtinho.
Bom Retiro, São Paulo, SP, 2015

Encontro da Associação de
Comunicadores Bolívia Brasil
na Casa do Povo, rua Três Rios.
Bom Retiro, São Paulo, SP, 2015

Jovens moradores do bairro, rua Anhaia.
Bom Retiro, São Paulo, SP, 2013

Sônia e seu filho Alan, rua Amazonas.
Bom Retiro, São Paulo, SP, 2013

Senhores gregos reunidos em frente
ao restaurante Acrópoles, rua da Graça.
Bom Retiro, São Paulo, SP, 2016

Horário de fechamento do
comércio, rua José Paulino.
Bom Retiro, São Paulo, 2013

Vendedora no comércio da rua Anhaia.
Bom Retiro, São Paulo, SP, 2013

Miki no estúdio fotográfico, rua Três Rios.
Bom Retiro, São Paulo, SP, 2015

Margarida Regula no estúdio fotográfico
da família, rua dos Italianos.
Bom Retiro, São Paulo, SP, 2013

Rabino David Weitman na entrada da
sinagoga Kehilat Israel e do Memorial
da Imigração Judaica, rua da Graça.
Bom Retiro, São Paulo, SP, 2015

Francisco Rosa, rua dos Italianos.
Bom Retiro, São Paulo, SP, 2013

Feira-livre, rua Jaraguá.
Bom Retiro, São Paulo, SP, 2013

Barracas de comidas gregas na festa
junina promovida pela Igreja Ortodoxa
Grega, rua Solon.
Bom Retiro, São Paulo, SP, 2015

Rua Três Rios.
Bom Retiro, São Paulo, SP, 2013

Travessa na rua Visconde de Taunay.
Bom Retiro, São Paulo, SP, 2013

Interior de apartamento de família
boliviana, rua da Graça.
Bom Retiro, São Paulo, SP, 2015

Pertences de catadores de papel abrigados
em um posto de gasolina desativado.
Bom Retiro, São Paulo, SP, 2013

Catador de papel e banca de jornal
na esquina das ruas Ribeiro de Lima
e José Paulino.
Bom Retiro, São Paulo, SP, 2013

Rua Joaquim Murtinho.
Bom Retiro, São Paulo, SP, 2014

Cerimônia religiosa na Igreja
Ortodoxa Grega, rua Matarazzo.
Bom Retiro, São Paulo, SP, 2013

Reza matinal na Sinagoga *Adat Ischurum*,
conhecida como Shil da Vila, rua Prates.
Bom Retiro, São Paulo, SP, 2014

Reza matinal na Sinagoga *Adat Ischurum*, conhecida como Shil da Vila, rua Prates. Bom Retiro, São Paulo, SP, 2014

Dia das Mães na *Assemblea*
de Dios, rua Prates.
Bom Retiro, São Paulo, SP, 2015

Apresentação do coral Tradição
na Unibes, rua Rodolfo Miranda.
Bom Retiro, São Paulo, SP, 2014

Igreja Missionária Oriental
de São Paulo, rua Mamoré.
Bom Retiro, São Paulo, SP, 2015

Almoço após o culto na Igreja Missionária
Oriental de São Paulo, rua Mamoré.
Bom Retiro, São Paulo, SP, 2015

Celebração do Dia das Mães
na *Asamblea de Dios*, rua Prates.
Bom Retiro, São Paulo, SP, 2015

Aula de esportes no Colégio
Polilogos na rua Solon.
Bom Retiro, São Paulo, SP, 2014

Futebol entre bolivianos no clube
do Nacional, rua Anhaia.
Bom Retiro, São Paulo, SP, 2013

Crianças de ascendência boliviana
brincam na rua João Kopke.
Bom Retiro, São Paulo, SP, 2013

Missa durante a Páscoa na Igreja
Santo Eduardo, rua dos Italianos.
Bom Retiro, São Paulo, SP, 2013

Creche durante o culto na Igreja
Jesus para as Nações.
Bom Retiro, São Paulo, SP, 2016

Criança de ascendência boliviana
brincando na rua.
Bom Retiro, São Paulo, SP, 2013

Crianças chinesas.
Bom Retiro, São Paulo, SP, 2016

Pai e filho de ascendência coreana
esperam o transporte escolar.
Bom Retiro, São Paulo, SP, 2013

Comércio na rua José Paulino.
Bom Retiro, São Paulo, SP, 2016

Esquina das ruas Três Rios e Afonso
Pena e ao fundo a torre da
Igreja de Nossa Senhora Auxiliadora.
Bom Retiro, São Paulo, SP, 2016

Passagem do trem da CPTM.
Bom Retiro, São Paulo, SP, 2013

2. Fotografia, teoria e método

Algumas definições sobre fotografia foram necessárias para fundamentar esta pesquisa sobre a diversidade cultural no bairro do Bom Retiro. O debate teórico teve a decisiva participação da orientação durante o processo de elaboração das diretrizes teóricas. No caso deste trabalho, a fotografia é forma de expressão, fonte de informação e método; o fazer fotográfico tornou-se uma troca constante entre o olhar e os caminhos percorridos pelas imagens, muitas vezes independentemente do pesquisador e autor. As possibilidades da documentação fotográfica a partir da observação experiente foram as premissas desta pesquisa. Procurar perceber como os vários grupos buscam criar suas narrativas.

A fotografia é uma interpretação da realidade. Fragmento da vida em determinado espaço e corte de tempo. Define Boris Kossoy em *Realidades e Ficções na Trama Fotográfica*:

A imagem fotográfica contém em si o registro de um dado fragmento selecionado do real: o assunto (recorte espacial) congelado num determinado momento de sua ocorrência (interrupção temporal). Em toda fotografia há um recorte espacial e uma interrupção temporal, fato que ocorre no instante (ato) do registro.⁷ (KOSSOY 1999)

Fotografia é o encontro do tempo e do espaço desenhados pela luz, elemento do ambiente essencial para dar volume, densidade e forma, além de ajudar a construir as possíveis atenções e ocultações das imagens.

Luz é informação, matéria-prima do encontro de tempo e espaço. Como disse uma senhora grega frequentadora da Igreja Ortodoxa Grega, na rua Matarazzo, Bom Retiro: “Fotografia é uma palavra grega, a língua portuguesa tem mais de 25 mil palavras vindas do grego”, ensina a professora aposentada Hariklia Gouliou,⁸ de Edessa, na Grécia: “fotografia é escrever com a luz”, diz ela, que chegou ao Brasil em 1960 e não é mais moradora do bairro, mas continua participando das atividades da igreja. A

⁷ KOSSOY, Boris. *Realidades e Ficções na Trama Fotográfica*. São Paulo: Ateliê Editorial, 1999, p. 29.

⁸ Hariklia Gouliou concedeu entrevista ao autor em abril de 2014, na sede da igreja.

luz é não só uma escrita, é desenho e escultura também. A penumbra na Igreja Ortodoxa Grega faz parte do discurso religioso e do ambiente iconográfico.

Philippe Dubois, em *O Acto fotográfico* analisou as várias formas como a fotografia foi percebida ao longo da história. Ele considera que a fotografia é inseparável de sua experiência referencial: “vestígio de um real”.⁹ Há um diálogo entre Dubois e Kossoy em *Fotografia e História*: “Apesar da aparente neutralidade do olho da câmera e de todo o verismo iconográfico, a fotografia será sempre uma interpretação”.¹⁰ Fotografar é fazer escolhas, interpretar a realidade, e chegar perto é uma condição necessária.

A fotografia possibilita buscar informações não verbais, códigos visuais à espera de decodificação. John Collier Jr. argumenta: “A arte fotográfica é um processo de abstração; jamais construímos algo produzindo um documento completo. Em todo sentido, praticamente a fotografia é um processo que impõe muita seleção”.¹¹ O fotógrafo deve saber que muito do que vê não será fotografado. Olhar é selecionar, consciente da impossibilidade de dar conta de qualquer realidade; o conjunto de imagens a partir de registros fotográficos busca a construção de uma narrativa visual. Uma tarefa complexa com aparência banal: “(...) quando fotografamos, devemos nos considerar empenhados num trabalho de sutilezas”,¹² argumenta John Collier Jr. sobre o trabalho dos fotógrafos com pretensões etnográficas.

Para esta pesquisa, fotografei com filme preto e branco, câmera discreta e luz ambiente. Durante o registro fotográfico, causou surpresa que eu não fizesse fotografias com câmera digital e ainda mais o fato de fazê-las em preto e branco. Para os jovens era quase uma novidade, e para os mais velhos funcionava como um disparador da memória afetiva.

⁹ DUBOIS, Philippe. *O Acto fotográfico*. Lisboa: Vega, 1999, p. 39.

¹⁰ KOSSOY, Boris. *Fotografia e História*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2012, p. 126.

¹¹ COLLIER JR, John. *Antropologia Visual; a fotografia como método de pesquisa*. São Paulo: EDUSP, 1973, p. 36.

¹² COLLIER. *Ibidem*, p. 45.

2.1 A experiência fotográfica

Durante o trabalho de campo, levei uma pequena caixa de fotografias e dei algumas ampliações aos personagens. Ao receber uma fotografia houve quem ficasse indiferente, mas o comum eram respostas como “Vou colocar num quadro”, ou “Vou guardar para a vida toda”. Algumas pessoas ficam emocionadas, comentam a técnica e se estão ou não adequadamente retratadas. A partir dessas experiências deixo de ser apenas o pesquisador, mas passo pelo crivo da recepção, da leitura que moradores e frequentadores do bairro fazem das imagens. Houve caso de decepção pelo fato de ser uma imagem em preto e branco, e muitos outros de surpresa e empatia.

É comum a lembrança de detalhes do momento da fotografia. O processo é longo: abordar o personagem, realizar uma fotografia elaborada, revelar, editar e ampliar a fotografia e, por fim, entregá-la ao fotografado. A partir desse instante, a imagem ganha significados diversos, independentemente de qualquer vontade ou desejo do autor. O objeto fotográfico criado passa a pertencer ao fotografado.

O filósofo tcheco Vilém Flusser discorre sobre a fotografia em preto e branco: “As fotografias em preto-e-branco são a magia do pensamento teórico, conceitual, e é precisamente nisto que reside seu fascínio. Revelam a beleza do pensamento conceitual abstrato”.¹³ A fotografia em preto e branco é identificada com o passado, toda fotografia é, mas em tempos digitais a fotografia realizada com filme preto e branco é visto especialmente como memória e arte. Para fotografar em preto e branco é necessário pensar em preto e branco. O resultado já é previsto no momento da fotografia, a luz indica os poucos, mas indispensáveis, tons de cinza. É simplesmente interpretação da realidade. Documental e criativo ao mesmo tempo.

¹³ FLUSSER, Vilém. *Filosofia da caixa-preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002, p. 39.

O historiador Jacques Le Goff diz: “A matéria fundamental da história é o tempo”.¹⁴ A fotografia é um tempo congelado, fragmento do dia a dia, objeto que materializa a memória, recheado de afeto e de caráter ambíguo; é realizada no presente e no instante imediatamente após sua realização faz parte do passado. A fotografia torna físicos o momento fugaz, a ocorrência, a fração de segundo materializada, capaz de criar um objeto com vida. Toda fotografia se refere ao acontecido, ao que já foi visto, à história, ao passado. Uma cena nunca se repete. A fotografia cria mais uma possibilidade de leitura do passado no futuro, dá corpo à memória, perpetua fragmentos temporais, é a lembrança palpável.

Boris Kossoy define a trajetória de uma fotografia; são três estágios na visão do autor: a origem do desejo de registrar um dado real, a intenção do fotógrafo; em seguida, o próprio ato fotográfico; e, por fim, os caminhos que essa fotografia percorre.¹⁵ Algumas das fotografias realizadas já ganharam vida própria durante o processo de produção desta pesquisa. Um objeto (fotográfico) é mais próximo do mundo privado, não é uma imagem digital com circulação nas redes sociais, mas sim uma imagem de circulação restrita, que faz parte da vida íntima, quase em extinção, e pode estar num porta-retrato, na carteira ou simplesmente guardada numa caixa qualquer com outras lembranças afetivas materiais.

A fotografia realizada com câmera digital dá um resultado imediato; a fotografia feita com filme guarda o suspense, a incerteza e a sensação de um momento único e duradouro. A popularização da fotografia construiu a ideia do acesso fácil, da banalização da imagem. A escolha da fotografia com câmera digital pela indústria da fotografia se deve ao fato de ela propiciar uma acumulação de capital exponencialmente maior e mais rápida, além de atender às necessidades contemporâneas de uma sociedade cada vez mais pautada pelo consumismo. As possibilidades técnicas, tanto na captura como na pós-produção, são infinitas e podem ser executadas rapidamente. O tempo da fotografia analógica é bem diferente daquele da

¹⁴ LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Editora da Unicamp, 1990, p. 8.

¹⁵ KOSSOY, Boris. *Fotografia e História*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2012, p. 47.

fotografia digital. O procedimento necessário cria uma dinâmica para a pesquisa. Meu desafio pessoal como fotógrafo é respeitar o corte do momento da realização da fotografia, por isso a apresentação das imagens com o friso preto como moldura. Para a minha pesquisa, as questões sobre o digital e o analógico são pertinentes. Escolhi fotografar em película; essa escolha tenta expressar a pesquisa em si, a teoria e o trabalho de campo. Ao mesmo tempo, faço uso das novas tecnologias para edição, estudo, acervo de dados e apresentações. Analógico e digital se completam. Além das ampliações fotográficas físicas, procuro digitalizar as imagens editadas, e a internet é um espaço importante a ser ocupado.

A fotografia carrega o aspecto ambíguo da subjetividade e da objetividade. Tecnicamente, a objetiva tornou-se o nome da lente da câmera; poderia chamar-se subjetiva, pois toda fotografia é criada a partir do olhar de quem fotografa, é uma obra subjetiva. A antropóloga Sylvia Caiuby Novaes, no artigo “Imagem e Memória”, indica uma das características da fotografia para a pesquisa de campo: “O que a fotografia revela é a possibilidade de fazer disparar na análise antropológica os aspectos mais emocionais, subjetivos e sensíveis que a pura etnografia não consegue”.¹⁶ Este registro fotográfico do bairro do Bom Retiro leva em conta aspectos da realidade simbólica, suas representações e experiências vividas.

Boris Kossoy, em *Realidades e Ficções na Trama Fotográfica* considera que a fotografia é uma representação da realidade, ressaltando a condição ficcional da fotografia e ao mesmo tempo sua ligação imediata com o passado:

Uma segunda realidade; construída, codificada, sedutora em sua montagem, em sua estética, de forma alguma ingênua, inocente, mas que é, todavia, o elo material do tempo e espaço representado, pista decisiva para desvendarmos o passado.¹⁷ (KOSSOY 1999)

¹⁶ NOVAES, Sylvia Caiuby. Imagem e Memória. In: *8 X fotografia*. SCHWARCZ, Lília e MAMMI, Lorenzo (orgs.). São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 114.

¹⁷ KOSSOY, Boris. *Realidades e Ficções na Trama Fotográfica*. São Paulo: Ateliê Editorial, 1999, p. 22.

A realidade parece ser mais criativa que qualquer ficção, a representação é uma criação e ao mesmo tempo indício do fato, do ocorrido, da história. Olhar é mergulhar no desconhecido e aflorar inquietudes diversas. A fotografia documental tem seu lado ficcional, e isso não constitui numa contradição do documento fotográfico, mas sim a ambivalência, a decodificação diversa e a necessária consciência da subjetividade da linguagem fotográfica. O autor fotográfico apresenta um olhar dentre inúmeros possíveis, e as imagens criadas serão interpretadas.

Boris Kossoy resume o pensamento: “A fotografia, isto é, o registro criativo do assunto, corresponde à segunda realidade, a do documento. A realidade nele registrada também é fixa e imutável, porém sujeita a múltiplas interpretações”.¹⁸ Kossoy fala tanto do ato fotográfico como das inúmeras possibilidades de decodificação das imagens. A mesma imagem pode ter significados diversos segundo a percepção que se tem dela e também de acordo com o contexto em que é apresentada.

¹⁸ KOSSOY, Boris. *Realidades e Ficções na Trama Fotográfica*. São Paulo: Ateliê Editorial, 1999, p. 47.

2.2 Fotografia: arte e ciência, sua complexa tradução

A fotografia transita entre a arte e a ciência, e a ambiguidade é uma condição. A decodificação das imagens será sempre distinta para cada “leitor”, cada pessoa tem uma sensação diferente com cada fotografia e estabelece com cada uma delas uma relação diversa, de afeto, de repulsa, de cumplicidade ou apenas de indiferença. André Rouillé argumenta: “Ao longo da história da fotografia, as práticas, os atores, os usos, as imagens, as formas e as técnicas mobilizadas vão continuar a oscilar entre estes dois polos; a ciência e a arte, que se afirmam com força desde os primeiros dias”.¹⁹ Este hibridismo de arte e ciência, próprio da imagem fotográfica, é sua característica mais especial; o passado a ser desvendado e o conteúdo a ser analisado concebido esteticamente.

A fotografia é mestiça de forma e conteúdo. Informação e ocultamento contidos nas altas e baixas luzes, o jogo da fotografia é o revelado e o velado. O oculto, o que esperávamos que fosse e não encontramos, aquilo que nos surpreende ou nos deixa em dúvida, o que parece que pertence à imagem, mas não vemos, apenas supomos, cada um o que imagina parecer; “assim é, se lhe parece”, diria o dramaturgo italiano Luigi Pirandello (1867-1936).

Fotografia é meio de expressão, e também a tarefa de criar documentos visuais e ajudar a entender as relações culturais em meio à pluralidade nacional, étnica e social. Olhar o outro, olhar a diversidade e os encontros. A opção pelo filme, pela câmera analógica em lugar da digital visa a recuperar a relação pessoal, a sair do imediatismo da fotografia digital. O ritual é distinto. Fotografar com filme estabelece uma relação com o fotografado além do fugaz momento do ato fotográfico, divide a curiosidade do resultado. Além disso, a chance de errar é maior, e o filme é finito, de modo que o fotógrafo é obrigado a ser mais preciso, meticuloso e observador.

¹⁹ ROUILLÉ, André. *A fotografia entre documento e arte contemporânea*. São Paulo: Senac, 2009, p. 199.

Independentemente de fotografar com filme ou com câmera digital, fotografo considerando que aquele é sempre um momento único em minha vida e na dos sujeitos, uma cena que não se repetirá e que ao mesmo tempo poderá pertencer à memória afetiva de alguém. Uma das características da fotografia é a possibilidade da permanência. Boris Kossoy comenta: “O fato é efêmero, sua memória, contudo, permanece pela fotografia”.²⁰ A fotografia dá materialidade à memória; a abstração da lembrança ganha forma, conteúdo e significados específicos para quem vê.

Roland Barthes convida ao debate: “No fundo, a fotografia é subversiva, não quando aterroriza, perturba ou mesmo estigmatiza, mas quando é pensativa”.²¹ A fotografia não precisa ter a pretensão de definir uma realidade, mas pode fazer parte da construção de narrativas; longe da ideia de criar uma “verdade imparcial”, é uma interpretação da realidade. Boris Kossoy define o caráter da imagem fotográfica: “Fotografia é memória e com ela se confunde. Fonte inesgotável de informação e emoção. Memória visual do mundo físico e natural, da vida individual e social”.²²

Ser dono da própria história é um passo em direção à cidadania. O campo de pesquisa não deve ser encarado como o objeto de estudo, mas sim como o sujeito do estudo. Olhar é uma troca. Para o fotógrafo, é imperativa a proximidade com aquilo que se quer estudar. Cremilda Medina, no livro *Atravessagem: Reflexos e reflexões na memória de repórter*, dá uma dica para quem se aventura na arte da reportagem:

(...) quando o jornalista se aproxima curioso do outro sujeito, permeável à incerteza, se flagra desarmado de ferramentas para extrair declarações predeterminadas. Não sabe, ensaia compreender. Sujeito e sujeito (não, objeto) deparam em iguais condições, desfaz-se a hierarquia entre a pergunta e a resposta. Inicia-se um processo de troca confiante em que ambos se alteram.²³ (MEDINA 2014)

²⁰ KOSSOY, Boris. *Os tempos da fotografia: o efêmero e o perpétuo*. São Paulo: Ateliê Editorial. 2007, p. 42.

²¹ BARTHES, Roland. *A câmara clara*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984, p. 62.

²² KOSSOY, Boris. *Fotografia e História*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2012, p.168.

²³ MEDINA, Cremilda. *Atravessagem: Reflexos e reflexões na memória de reporter*. São Paulo: Summus, 2014, p. 77.

As observações devem ser traduzidas pelas experiências. Chegar perto pressupõe a relação sujeito/sujeito e é a chance de aprofundar a pesquisa. André Rouillé, em *A fotografia entre documento e arte contemporânea*, dialoga com o texto de Cremilda Medina. Sobre a relação do fotógrafo com o fotografado, ele diz: “O modelo torna-se um ator, um verdadeiro parceiro, um sujeito”.²⁴ Rouillé nomeia uma categoria: a reportagem dialógica; nela, o fotógrafo estabelece uma relação horizontal com o fotografado. Dorothea Lange, uma das mais importantes fotógrafas da equipe da Farm Security Administration, nos Estados Unidos, na década de 1930, comenta acerca da postura do fotógrafo diante dos acontecimentos e circunstâncias da realidade: “saber de antemão o que se está procurando nos faz fotografar apenas nossas próprias concepções prévias, o que é muito limitador”.²⁵ Um roteiro rígido ou preconceções sobre o que se pretende estudar não abre brecha para o fortuito, para o conhecimento surpreendente e para fatos não previstos.

Os personagens do Bom Retiro, bairro de universo rico o suficiente para ser um “personagem” à parte, e suas vidas entrelaçadas são agentes ativos da história. O migrante e seus descendentes não são figuras passivas, buscaram a “terra prometida” e a visão consciente de um futuro para os filhos. A óptica segundo a qual vencedores são ativos e os oprimidos são passivos não cabe no lugar estudado. O processo de documentação fotográfica é o encontro do inesperado; a leitura, ou a decodificação, das imagens realizadas é um segundo momento de observação e reflexão. O ato de fotografar é o de fazer uma escolha, editar é identificar a essência do assunto fotografado na aparência da imagem. Ao fotografar, ouvi histórias de vida, expectativas, frustrações, realizações e desejos; procurei chegar perto para entender melhor. Este trabalho busca utilizar a expressão fotográfica e o texto de forma complementar, um não é ilustração do outro.

Há um pensamento contemporâneo em circulação, com ressonância na mídia, a respeito da ideia de o referente (tema, conteúdo, objeto) na

²⁴ ROUILLÉ, André. *A fotografia entre documento e arte contemporânea*. São Paulo: Senac, 2009, p. 183.

²⁵ DYER, Geoff. *O instante contínuo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 14.

fotografia não ser tão importante, de a fotografia ter ganhado nomeações e novas categorias criadas para atender aos conceitos ou similares. Robert Frank, autor de *The Americans*,²⁶ é tido como referência inaugural. Frank também é uma das principais referências desta pesquisa, mas acredito que o documental já é por si só imaginário, parte sempre da óptica particular, é uma interpretação, a representação daquilo que se está estudando articulada subjetivamente. O referente deve ser observado em sua complexidade. É necessário ter consciência de que o próprio pesquisador pode ser portador de ideias preconcebidas e de que suas ideias podem estar fora de lugar. Outra referência influente nesta pesquisa é o histórico da fotografia humanista europeia e brasileira, em especial a de fotógrafos brasileiros com quem tive a chance de aprender a olhar - Luis Humberto, Celso Oliveira, Antônio Augusto Fontes, Gustavo Moura, Elza Lima, Tiago Santana, Marlene Bergamo, Luiz Abreu, Eneida Serrano, Flavio Canalonga, Sergio Vieira e Paulo Leite, entre outros.

O livro *The Americans* pode abrir uma discussão sobre o olhar estrangeiro. Robert Frank é suíço, e documentou os Estados Unidos num momento histórico especial: guerra fria, macarthismo e perseguição a tudo que fosse encarado como contrário ao pensamento subjacente ao tradicional *american way of life*, que caracterizou a sociedade norte-americana na década de 1950. Seu olhar surpreende pelo fato de apresentar outro discurso e construir uma narrativa absolutamente distinta do senso comum. Apontou contradições e conflitos sem reproduzir estereótipos, apresentando uma nação não disposta à pluralidade. Robert Frank criou novos paradigmas para a fotografia; há uma aparente despretensão na técnica, pode ser que aí resida sua distinção. Essa falta de pretensão é o desafio proposto por ele, que olhou os Estados Unidos com a surpresa e o

²⁶ Robert Frank, fotógrafo suíço, nascido em 1924, atualmente vive no Canadá. Em 1955 foi contemplado com uma bolsa da Fundação Guggenheim para documentar os Estados Unidos e viajou pelo país durante dois anos. *The Americans* foi publicado originalmente na França em 1958, e no ano seguinte nos Estados Unidos (DYER, Geoff. *O instante contínuo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 15).

senso de novidade do estrangeiro, mas não superficialmente como o turista. Frank estava atento às entrelinhas visuais que a vida lhe oferecia.

Outro caminho que vem sendo desenvolvido é a reprodução de estereótipos e a estética dos programas de manipulação de imagens como norma intelectual e artística. O ato fotográfico ganha distância do fato, da ocorrência; o pressuposto não é a busca do conhecimento, mas sim a construção da crença. O imaginário coletivo formado por cores gritantes e saturadas não é restrito à nação brasileira, o mercado editorial internacional se alimenta de crenças, preconceitos e olhares superficiais - a narrativa do senso comum. Esse mercado muitas vezes oculta os trabalhos contemporâneos mais significativos.

Por outro lado, autores ainda desconhecidos, vindos de diversas áreas e gerações, procuram produzir fotografias com processos ditos alternativos. Cursos de técnicas fotográficas do século XIX e início do XX, experiências contemporâneas no laboratório fotográfico, ensaios realizados em película ou com câmera digital, ou mesmo utilizando técnicas que misturam o digital e o analógico, são encontrados mais frequentemente. O processo criativo estabelece as características especiais da produção fotográfica. O contraponto do trabalho mais próximo do artesanal, em relação ao digital, é necessário para estabelecer um debate visual heterogêneo, fundamental no questionamento da criação de um discurso imagético hegemônico. A fotografia é interessante pela diversidade do olhar não excludente.

O fotógrafo, ao representar, se apresenta. As grandes reportagens são referências importantes deste trabalho. Olhar despido da necessidade da veiculação imediata. Voltar ao assunto, estabelecer uma relação de troca com os fotografados. Cada fotograma é uma ideia distinta, particular. Não há uma regra única nem um método de trabalho que sirva para todas as situações. O fotógrafo deve criar o seu, de acordo com a necessidade e a circunstância. Mesmo assim, o resultado da narrativa visual expressa tanto o tema quanto o autor. O objeto fotográfico é também cercado de incertezas e dúvidas.

O filme *Palermo Shooting* (2008), do diretor alemão Wim Wenders, tem como protagonista Finn, um fotógrafo bem-sucedido porém perturbado com a finitude da vida. Interpretado pelo ator Campino, ele trava um diálogo com a Morte, interpretada por Dennis Hopper (1936–2010).²⁷ Wenders coloca questões contemporâneas pertinentes à fotografia. No filme, a Morte (Hopper) comenta a respeito dos fotógrafos: “Gravamos tudo, mas da perspectiva oposta, vocês sempre acham que seu olhar é tão exclusivo, em especial vocês fotógrafos, é difícil achar alguém mais cheio de si”, e continua falando sobre as características da fotografia, “a vida capturada, eu gosto, em especial, da ideia do negativo, o reverso da vida, o lado oposto da luz”, Finn (Campino) contesta: “As câmeras nem funcionam mais assim, elas passaram a funcionar com uma coisa chamada digital”; e a Morte (Hopper) argumenta: “Mas é essa a minha questão, com a foto digital você não precisa confiar no que está lá. É um convite aberto à manipulação. Tudo acaba ficando aleatório, confuso, apressado. Você perde a essência”. Essa é justamente uma das principais dificuldades da fotografia: a busca da essência. No filme de Wenders, a Morte (Hopper) critica o fato de se abandonar a busca da essência.

²⁷ Dennis Hopper, nascido no Kansas, Estados Unidos, foi fotógrafo antes de se dedicar à carreira de ator. Sua obra fotográfica faz parte dos acervos do Museum of Modern Art (MoMA) e do Metropolitan Museum of Art, em Nova Iorque. Em 2014 foi realizada uma mostra de seu trabalho fotográfico na Royal Academy of Arts, em Londres. (<http://revistazum.com.br/colunistas/dennis-hopper/> 13 de julho de 2015)

2.3 Referencial teórico

Cabe ressaltar as principais leituras e contribuições pertinentes que foram decisivas para conduzir esta pesquisa de caráter multidisciplinar. O artigo de Oracy Nogueira, “Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem”, de 1954, publicado em 2006 na revista *Tempo Social*, do Departamento de Sociologia da USP, analisa comparativamente os diferentes aspectos do preconceito racial nos Estados Unidos e no Brasil. Basicamente, Nogueira considera que o preconceito nos Estados Unidos é de sangue (origem), não importa a classe social ou aparência física. Ele cita estratégias utilizadas por negros com traços étnicos não tão evidentes, que migravam para outras regiões para fugir da discriminação racial no país. No Brasil, segundo Nogueira, o preconceito é de marca. A classe social e a aparência física têm muita relevância. A pesquisa de Oracy Nogueira ajuda a entender que os aspectos étnicos são marcas de distinção, mas a posição social é fator importante para a inserção do imigrante na sociedade brasileira. O preconceito está exacerbado e atrelado não apenas a questões de origem, mas também à classe social.²⁸

No artigo de Raquel Paiva, “Novas formas de comunitarismo no cenário da visibilidade total: a comunidade do afeto”, publicado na revista *Matrizes*, do programa de pós-graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, surge um debate pertinente para esta pesquisa: “Os direitos dos homens são uma invenção artificial, advinda das relações sociais e políticas que os homens estabelecem na sociedade, já que não nascem iguais, nem livres”.²⁹ As comunidades no bairro do Bom Retiro se organizam em instituições para dar conta de suas necessidades específicas: ao reiterarem as tradições, elas aumentam o vínculo com o bairro.

²⁸ NOGUEIRA, Oracy. “Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem”. *Tempo social*, v. 19, nº 1. São Paulo: Departamento de Sociologia, FFLCH, Universidade de São Paulo, 2006.

²⁹ PAIVA, Raquel. “Novas formas de comunitarismo no cenário da visibilidade total: a comunidade do afeto”. In ____ *Matrizes*, ano 6, nº 1. São Paulo: Escola de Comunicação e Artes, USP, jul-dez. 2012, p. 68.

Esses novos vínculos criados em relação com o que já está estabelecido no Bom Retiro ajudam a observar aspectos do preconceito racial e como se realiza a inserção de imigrantes na sociedade brasileira. O tema permite abordagens segundo a óptica de diferentes áreas das ciências sociais; muitos autores se debruçaram sobre a questão do racismo e do preconceito velado no Brasil. O racismo à brasileira é dissecado pelo brasilianista Thomas Skidmore em *Preto no branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*, em que ele observa que “de modo geral, os brasileiros viam o mais branco como melhor”.³⁰ Os primeiros imigrantes a se instalar no bairro do Bom Retiro eram brancos europeus, majoritariamente italianos do sul, o que não quer dizer que não sofriam preconceito, mas a discriminação era mais pela classe social e menos pela origem. O livro de Lilia Moritz Schwarcz *O espetáculo das raças* analisa a recepção e a elaboração no Brasil do racismo científico e como a miscigenação foi vista ao longo da História.³¹ Acrescente-se a Schwarcz e Skidmore a obra de Sérgio Costa *Dois Atlânticos. Teoria Social, antirracismo, cosmopolitismo*, em que o autor discute a falsa ideia de uma nação mestiça e tolerante.³² Ele questiona a prática de olhar para o Brasil sob a óptica da monocultura da mestiçagem³³ e afirma que deveríamos observar a diversidade, pensar numa nação plural e mudar a gramática para melhor problematizar essas questões.

Para buscar discutir alguns temas frequentes nas relações sociais e culturais que surgem no Bom Retiro, como nacionalismo, identidades e alteridades, foi proveitosa a consulta à obra de Benedict Anderson: “A nação sempre é concebida como uma profunda camaradagem horizontal”.³⁴ O sentimento nacional coloca no mesmo nível indivíduos de classes sociais e etnias diferentes e antagônicas. Para dialogar com Anderson, foi também útil

³⁰ SKIDMORE, Thomas. *Preto no branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 87.

³¹ SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

³² COSTA, Sergio. *Dois Atlânticos. Teoria social, antirracismo, cosmopolitismo*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2006, p. 218.

³³ Ibidem, p.133.

³⁴ ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 34.

para esta pesquisa o livro de Néstor García Canclini *A globalização imaginada*, em que o autor discute a globalização e contesta alguns paradigmas, sobre o papel facilitador da tecnologia na globalização, ele afirma que não é determinante, mas parte do processo. Mais adiante, Canclini discorre sobre o peso das pessoas no processo global:

Ao dizer que não se trata apenas de movimentos de capitais, bens e mensagens, penso no desarraigamento dos imigrantes, na dor dos exilados, na tensão entre os bens possuídos e os prometidos pelas mensagens publicitárias; em suma, nas cisões dramáticas das pessoas que não vivem onde nasceram.³⁵ (CANCLINI 2003)

A invenção das tradições de Eric Hobsbawm e Terence Ranger³⁶ e *A identidade cultural na pós-modernidade* de Stuart Hall,³⁷ são trabalhos que auxiliam a problematizar tais questões. Diz Stuart Hall:

As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre a 'nação', sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas histórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas. (HALL, 1992)

A fotografia produz sentidos, pode produzir conhecimento e crença e é capaz de fazer o papel da conexão entre passado e presente. Para Eric Hobsbawm e Terence Ranger, as tradições são rearranjos do passado, não necessariamente muito antigo, mas ligadas a aspectos simbólicos.

Para entender melhor as imigrações dentro do contexto da formação do bairro do Bom Retiro e de seu desenvolvimento, foi importante a consulta às obras de Maria Luiza Tucci Carneiro *Brasil judaico: mosaico de nacionalidades*³⁸ e *Histórias migrantes: um mosaico de nacionalidades e*

³⁵ CANCLINI, Néstor García. *A globalização imaginada*. São Paulo: Iluminuras, 2003, p. 58.

³⁶ HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. São Paulo: Paz e Terra, 2012.

³⁷ HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006, p. 51.

³⁸ CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *Brasil judaico: mosaico de nacionalidades*. São Paulo: Editora Maayanot, 2013.

múltiplas culturas,³⁹ este organizado junto com o sociólogo Sedi Hirano, da Universidade de São Paulo. Outra referência relevante foi o livro *Bolivianos: a presença da cultura andina*, de Sidney Antonio da Silva,⁴⁰ que aprofunda questões sobre a imigração andina, além de *O Brasil dos imigrantes*, de Lucia Lippi Oliveira, que traz um panorama da imigração no Brasil e é referência sobre os imigrantes italianos em São Paulo.⁴¹

Devo mencionar ainda outras obras: a pesquisa de Keum Joa Choi em “Além do arco-íris: a imigração coreana no Brasil”,⁴² que contribuiu muito para que eu conhecesse o universo do migrante coreano; *A Imigração ou os paradoxos da alteridade*, de Abdelmalek Sayad,⁴³ que aprofunda o debate sobre migração, utilizando a premissa de Pierre Bourdieu de que “o imigrante é um sem lugar” para desenvolver conceitos a partir da análise da imigração argelina na França e aborda o sentimento de provisoriade como característica do imigrante - no Bom Retiro, esse aspecto se aproxima mais de características das imigrações mais recentes: os jovens sul-americanos. Cito também *O mundo moderno e a questão judaica*, de Edgar Morin, que trata das identidades culturais do povo judeu, colaborando para uma melhor compreensão das questões judaicas:

Há doravante uma bipolaridade no campo recoberto pela palavra judeu. Num polo, essa palavra é o substantivo que define seu ser por sua pertinência ao povo e à religião da Bíblia, e por sua relação umbilical com o Estado-nação de Israel. No outro polo, a palavra é um adjetivo para definir uma das qualidades, um dos traços da identidade. Entre os dois polos, há toda uma gama de posições intermediárias. É por isso

³⁹ CARNEIRO, Maria Luiza Tucci; HIRANO, Sedi (orgs). *Histórias migrantes: um mosaico de nacionalidades e múltiplas culturas*. São Paulo: Humanitas, 2014.

⁴⁰ SILVA, Sidney Antonio da. *Bolivianos: a presença da cultura andina*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005.

⁴¹ OLIVEIRA, Lucia Lippi. *O Brasil dos imigrantes*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

⁴² CHOI, Keum Joa. “Além do arco-íris: a imigração coreana no Brasil”. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Departamento de História, FFLCH, USP, 1991.

⁴³ SAYAD, Abdelmalek. *A Imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo: EDUSP, 1998.

que a noção de judeu se tornou confusa, equívoca, complexa e às vezes contraditória.⁴⁴ (MORIN 2007)

A comunidade judaica no Bom Retiro é heterogênea, é a expressão desse comentário de Morin.

Dentre os trabalhos dedicados ao Bom Retiro, destaco o livro de Liziane Peres Mangili *Bom Retiro, bairro central de São Paulo: transformações e permanências*⁴⁵ e a tese da área de geografia do prof. dr. Carlos Alberto Póvoa, “A Territorialização dos judeus na cidade de São Paulo: a migração do Bom Retiro ao Morumbi”,⁴⁶ que trata da trajetória do imigrante de religião judaica polonês, romeno, russo e de outras nacionalidades em São Paulo, com referências históricas que ajudam a elucidar como ocorreu a ocupação espacial e territorial do Bom Retiro. Finalmente, devo mencionar *São Paulo, os estrangeiros e a construção das cidades*, organizado por Ana Lúcia Duarte Lanna, Fernanda Arêas Peixoto, José Tavares Correia de Lira e Maria Ruth Amaral de Sampaio⁴⁷ em que alguns dos ensaios se referem às imigrações que ocorreram no Bom Retiro.

⁴⁴ MORIN, Edgar. *O mundo moderno e a questão judaica*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007, p. 178.

⁴⁵ MANGILI, Liziane Peres. *Bom Retiro, bairro central de São Paulo: transformações e permanências, 1930-1954*. São Paulo: Alameda, 2011.

⁴⁶ PÓVOA, Carlos Alberto. “A Territorialização dos judeus na cidade de São Paulo: a migração do Bom Retiro ao Morumbi”. Tese de Doutorado. São Paulo: Departamento de Geografia, FFLCH, USP, 2007.

⁴⁷ LANNA, Ana Lúcia Duarte; PEIXOTO, Fernanda Arêas; LIRA, José Tavares Correia de; MARIA RUTH AMARAL DE SAMPAIO (orgs). *São Paulo, os estrangeiros e a construção das cidades*. São Paulo: Alameda, 2011.

3. Os tempos do Bom Retiro

No final do século XIX e princípio do XX, o café ditava a economia brasileira. São Paulo começava a se desenvolver, recebia grande número de imigrantes e iniciava o processo de urbanização.⁴⁸ Nesse período iniciou-se o processo de formação de um lugar com características cosmopolitas na área central da capital paulista, o Bom Retiro. O bairro está localizado entre os rios Tietê e Tamanduateí dos lados norte e leste, e do lado sul ficam a linha férrea e a Estação da Luz, inaugurada no começo do século XX, local de chegada de imigrantes vindos do porto de Santos no início da formação do bairro. Até a década de 1880, o local pertencia à elite da cidade; algumas famílias eram de cafeicultores e de funcionários estrangeiros de empresas ferroviárias. A origem do nome Bom Retiro é referência a uma chácara na região com esse nome.⁴⁹ Com a chegada dos imigrantes, a maioria composta por italianos, grandes áreas foram divididas em pequenos lotes; quanto mais próximo da várzea, menos valorizado era o terreno. A venda destes lotes representou um dos primeiros empreendimentos no lugar, acumulação de capital pelos proprietários e o estabelecimento de novas relações sociais. Aos poucos, o espaço que era apenas lugar de lazer para as classes dominantes, passou a ser um bairro operário, fabril e residencial. A proximidade com o centro e os recursos hídricos garantidos pelos rios facilitaram a instalação de pequenas indústrias de olaria e, posteriormente, cervejarias e indústrias têxteis, substituindo as chácaras.

A província se transformava, o capital excedente do café impulsionava a vida urbana paulistana, a malha ferroviária em expansão contribuía para a ocupação dos bairros centrais do Brás e do Bom Retiro. A estrada de ferro São Paulo Railway (depois Santos-Jundiaí) começou a funcionar em 1867.⁵⁰ Em consequência da instalação da ferrovia para escoar o café até o porto de

⁴⁸ PRADO, Caio Júnior. *História Econômica do Brasil*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1976, p. 188.

⁴⁹ DERTÔNIO, Hilário. *O bairro do Bom Retiro*. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura - PMSP, 1971, p. 12.

⁵⁰ *Ibidem*, p. 13.

Santos, vários negócios surgiram em torno da linha do trem. Pensões, refeitórios, armazéns, depósitos e pequenas fábricas. As relações de trabalho no Brasil ainda eram pré-capitalistas, e o sonho de ascensão social de habitantes de diferentes origens se encontrou no Bom Retiro e iniciou o processo de formação de um operariado com sotaques italiano, espanhol e português. O bairro recebeu na década de 1880 o primeiro alojamento para imigrantes, depois transferido para o bairro do Brás ainda no século XIX. Os imigrantes, especialmente os italianos, trabalhavam na indústria e também criaram pequenos empreendimentos familiares; eram artesãos habilidosos e criativos. Produziam do sapato ao chapéu, da cadeira ao batente da porta, do *gnocchi* (nhoque) ao *crustuli*. O Bom Retiro surgia como um bairro operário.⁵¹

O lugar abrigou, desde a sua origem, trabalho e moradia, muitas vezes no mesmo espaço. A proximidade com o centro fez do bairro um dos primeiros na capital paulista a receber equipamentos públicos como o bonde elétrico. No asfalto da rua Visconde de Taunay, perto da rua Barra do Tibaji, ainda hoje é possível visualizar vestígios dos trilhos da linha do bonde. Porém, desde sua formação, a região seria definida pela segregação entre os que viviam de um lado e do outro dos trilhos, segundo Mangili comentando a pesquisa de Flávio Vilaça “Reflexões sobre o centro de São Paulo”, de 2003. Um lado da linha do trem era operário; o outro, um bairro planejado, nobre e sede do governo do estado, os Campos Elíseos.⁵² A diversidade de atividades e a centralidade do Bom Retiro colaboraram para a instalação de fábricas, escolas e de algumas das faculdades pioneiras em São Paulo. Em 1921, a Ford instalou uma fábrica na rua Solon, inicialmente para produzir o Ford Bigode; a fábrica funcionou até 1953. O prédio não foi demolido, e o espaço é ocupado há 12 anos pela ONG Instituto Criar de TV, Cinema e Novas Mídias. A Escola de Farmácia de São Paulo, na rua Três Rios, é de 1905, e durante um tempo abrigou a Faculdade de Odontologia.

⁵¹ MANGILI, Liziane Peres. *Bom Retiro, bairro central de São Paulo: transformações e permanências, 1930-1954*. São Paulo: Alameda, 2011, p. 45.

⁵² Ibidem, p. 36.

Com a fundação da USP, na década de 1930, a faculdade transferiu-se para a Cidade Universitária, no bairro do Butantã. O prédio da antiga Faculdade de Farmácia e Odontologia abriga atualmente o Centro Cultural Oswald de Andrade. Em frente está o Colégio de Santa Inês, de 1907, inicialmente voltado para a educação de meninas católicas e que hoje recebe alunos de origens variadas.⁵³ O Bom Retiro expressava o desenvolvimento capitalista em São Paulo: uma modernização em ritmo acelerado e condições precárias de trabalho e moradia para os habitantes estrangeiros e brasileiros.

Um fato importante foi a liberação da travessia da linha do trem por um viaduto e uma passagem de nível no começo do século XX. O livre trânsito de pessoas facilitou o desenvolvimento do bairro. Atualmente os Campos Elíseos são uma área menos valorizada e ocupada em parte por pessoas em situação vulnerável e dependentes de drogas. Outro fato relevante foi a edificação da Estação da Luz, ao lado do Jardim da Luz, gerando o aumento da oferta de trabalho e a possibilidade de negócios e lazer perto da moradia para os habitantes do bairro. De acordo com a pesquisa de Liziane Peres Mangili, nos bairros em que as áreas de várzea dos rios Tietê e Tamanduateí eram desprovidas de urbanização, a retificação de trechos do rio Tietê e canalização do rio Tamanduateí facilitaram a ocupação desses terrenos, que só foi efetivada a partir da década de 1930, no governo de Prestes Maia.⁵⁴

No começo do século XX, judeus oriundos de diferentes países passaram a se estabelecer no bairro, vindos principalmente do leste europeu. Com o recrudescimento do nazifascismo, o número de judeus começou a aumentar significativamente, acrescentando outras características ao bairro. Posteriormente vieram gregos, armênios e sírios. A partir da década de 1970, coreanos e, na década de 1990, sul-americanos fixaram-se no bairro, especialmente bolivianos, paraguaios e peruanos, além

⁵³ DERTÔNIO, Hilário. *O bairro do Bom Retiro*. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura - PMSP, 1971, pp. 35, 39.

⁵⁴ MANGILI, Liziane Peres. *Bom Retiro, bairro central de São Paulo: transformações e permanências, 1930-1954*. São Paulo: Alameda, 2011, p. 122.

de migrantes nordestinos, entre outras origens e nacionalidades. O Bom Retiro atualmente tem intensa atividade econômica, gerada pelo comércio de roupas, pequenas fábricas de confecções e suas necessidades de apoio, venda de máquinas de costura, tecidos, fios, manequins, além da prestação de serviços. Alguns antigos galpões se transformaram em oficinas mecânicas em áreas mais próximas à várzea. É também espaço de moradia (residências, apartamentos, pensões, cortiços) e continua sendo uma porta de entrada no Brasil para as mais diferentes etnias e nacionalidades. Na década de 2010, a novidade é a imigração de origem chinesa. Eventos históricos como a Guerra da Unificação Italiana, a Primeira e a Segunda Guerras Mundiais, a ascensão do nazifascismo e a perseguição aos judeus, a Guerra Civil da Grécia, a crise política na Coreia, o êxodo dos sul-americanos e, ainda, as migrações nordestinas tiveram todos ressonância no Bom Retiro.

Os primeiros imigrantes italianos instalados no bairro não tinham assimilado a ideia do sentimento nacional italiano, a consequência da Guerra da Unificação foi a extrema miséria e o abandono político e social, principalmente no sul da Itália⁵⁵. Vieram para o Brasil em busca de trabalho e de um lugar para viver com mais dignidade, estavam dispostos a construir outro destino. No livro de Antônio Carlos Amador Gil *O Lugar dos indígenas na nação mexicana*, é citado um fato do período colonial mexicano que tem similaridade com o que ocorreu no Bom Retiro em relação aos italianos: “Durante o período colonial, os diversos grupos étnicos que existiam na região foram nomeados como indígenas pelos conquistadores”;⁵⁶ muitos dos primeiros napolitanos, sicilianos, calabreses, toscanos e outros da península Itálica se descobriram italianos porque foram assim nomeados no Brasil . O

⁵⁵ Mirian Silva Rossi no ensaio Um olhar sobre os antecedentes da emigração meridional In _____ *Histórias migrantes: um mosaico de nacionalidades e múltiplas culturas*, coloca que o resultado do processo de unificação da Itália (1860-1870) foi a vitória do projeto político Monárquico-centralista dos Savoia, “expandiu um reino e enterrou todos os outros”; segundo a autora a população rural do sul formada por pequenos proprietários de terra (campesinato) foi a que mais sofreu, a Itália se constituiu como país, mas não como nação, p. 357.

⁵⁶ GIL, Antônio Carlos Amador. *O Lugar dos indígenas na nação mexicana*. Vitória: Aves de Águia, 2013, p. 39.

“italianês”, falado no bairro no início do século XX foi descrito pelo escritor, jornalista e engenheiro Alexandre Ribeiro Marcondes Machado (1892-1933), sob o pseudônimo de Juó Bananére.⁵⁷ Ex-estudante da Escola Politécnica, no Bom Retiro, Alexandre Machado criou poemas e prosas a partir do dialeto inventado naquele pedaço central e então operário da cidade: “*O maggiore distrito di Zan Baolo, o maise bello e ch’io maise dimiro, é o Bó Retiro*”, escreveu Juó Bananére. Não era o italiano (e seus dialetos), português tampouco, era uma língua mesclada das duas.

As Américas eram vistas na Europa como o ideal de oportunidade para uma vida melhor. O Brasil no final do século XIX iniciava a discussão sobre sua “qualidade racial” e as suas consequências no destino da nação. Propiciar a imigração virou política de Estado, mesmo com alguns interregnos. O período de formação do bairro do Bom Retiro coincide com o debate nacional sobre a constituição do povo brasileiro e de seu caráter. O racismo científico fazia eco nos estudos acadêmicos, e a miscigenação era vista como “degeneração racial”: a mistura étnica era um dos argumentos para explicar o subdesenvolvimento do país, a ideia era branquear a população. A imigração latina europeia, a maioria no Bom Retiro, estava mais próxima do ideal de branqueamento da nação.⁵⁸

O italiano em São Paulo sofria preconceito por uma suposta ignorância, era o *carcamano*, segundo Lúcia Lippi de Oliveira em *O Brasil dos imigrantes*: “Ser trabalhador braçal e desprestigiado no Brasil faz o imigrante desenvolver uma consciência étnica em nome da qual descobre que é italiano”,⁵⁹ os diferentes dialetos italianos do século XIX, que estiveram, algumas vezes em lados opostos, presentes na luta pela unificação italiana, se encontraram no Bom Retiro. O preconceito em relação aos italianos em São Paulo era mais social e menos pela origem. A

⁵⁷ DERTÔNIO, Hilário. *O bairro do Bom Retiro*. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura - PMSP, 1971, p. 50.

⁵⁸ COSTA, Sergio. *Dois Atlânticos. Teoria social, antirracismo, cosmopolitismo*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2006, p. 156.

⁵⁹ OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *O Brasil dos imigrantes*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002, p. 40.

composição latina dava um aspecto étnico mais homogêneo no período inicial da formação do bairro.

Os diferentes grupos instalados no Bom Retiro começaram a constituir associações de trabalhadores, escolas, grêmios esportivos e culturais, além de instituições voltadas ao bem-estar de cada comunidade, tanto as latinas (portugueses, espanhóis e italianos) como a judaica; algumas dessas iniciativas existem até hoje. Em geral, as entidades criadas tinham preocupações étnicas ou eram marcadas pela origem. Muitos impressos da classe trabalhadora eram escritos em italiano ou em espanhol. Em alguns casos, a identidade era mais de classe social e menos étnica. Lúcia Lippi de Oliveira comenta a distinção social entre os imigrantes italianos em São Paulo: “As profundas diferenças sociais que marcavam a colônia italiana se faziam presentes toda vez que interesses econômicos estavam em jogo. Tais interesses acabavam por sobrepujar uma identidade nacional italiana”.⁶⁰

Em 1910, um grupo de operários imigrantes reunidos inicialmente na antiga rua dos Imigrantes, fundou o Sport Club Corinthians Paulista, que desde o início pretendia abrigar pessoas de origens diversas. A rua dos Imigrantes mudou de nome, passando a chamar-se rua José Paulino, e tornou-se a mais conhecida e movimentada do bairro; era lá que aconteciam os jogos dessa agremiação. O Corinthians veio a ser o clube de futebol com a maior torcida na cidade de São Paulo, e pelos nomes no registro de sua fundação é possível perceber a participação de portugueses, espanhóis e italianos. Perrone, Pereira e Bataglia são alguns deles, segundo o jornalista e pesquisador Celso Unzelte, da Faculdade Cásper Líbero. Entre os fundadores do clube havia sapateiro, condutor de bonde, pintor de parede, além de outras profissões. O primeiro presidente foi um alfaiate de origem italiana. Até esse período, o futebol era amador e privilégio das classes dominantes. Nenhum clube ou agremiação não pertencente à elite podia participar dos campeonatos oficiais da cidade. O Corinthians surgiu na intenção de romper com esse paradigma, porém não se pretendia representante de nenhum grupo específico de imigrantes. O futebol popular

⁶⁰ OLIVEIRA. Op. Cit, p. 42.

aconteciam nos terrenos baldios e nas várzeas, o Bom Retiro é referência obrigatória no que toca à origem do futebol paulista.

Segundo a pesquisa de Uassyr Siqueira, da Unicamp, “Clubes e sociedades dos trabalhadores do Bom Retiro: organização lutas e lazer em um bairro paulistano, 1915-1924”, havia pelo menos 13 clubes de futebol no bairro.⁶¹ Atualmente, próximo à várzea do rio, há apenas o Nacional do Bom Retiro, na rua Anhaia, fundado em março de 1913. Até pouco tempo atrás o Nacional lembrava esse período amador do futebol de várzea, um campo de terra com raros tufo de grama nas beiradas e muita lama na época das chuvas. Em 2014 colocaram grama artificial. O convívio social propiciado pelo futebol, porém, continua intenso. Aos domingos, diversos grupos da comunidade boliviana alugam a quadra menor do clube; ao lado do bar circulam senhores aposentados que assistem às partidas de futebol e participam do jogo de cartas. Felício Palermo, aposentado que nasceu e vive no bairro, é assíduo frequentador do campo do Nacional. Descendente de italianos, foi jogador do Corinthians no início da década de 1960, divide a mesa do carteador com o presidente do clube, Jacob Kuperman⁶², gaúcho de Erechim e judeu de origem polonesa. Kuperman dirige o clube há 35 anos e diz com orgulho que muitos profissionais, principalmente do Corinthians, deram os seus primeiros chutes naquele campo.

A imigração judaica no Bom Retiro foi mais intensa depois da Segunda Guerra Mundial, mas desde o início do século XX os judeus participaram da ocupação do bairro.⁶³ A história dos judeus no Brasil remete ao período colonial português. A primeira sinagoga das Américas está localizada em Recife, capital pernambucana, e foi construída em 1624 por judeus que vieram com o holandês Maurício de Nassau; eram judeus de

⁶¹ SIQUEIRA, Uassyr. “Clubes e sociedades dos trabalhadores do Bom Retiro: organização lutas e lazer em um bairro paulistano, 1915-1924”. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp, 2002, p. 105.

⁶² Testemunhos de Felício Palermo e Jacob Kuperman concedidos ao Autor em abril de 2014 no clube do Nacional.

⁶³ PÓVOA, Carlos Alberto. “A Territorialização dos judeus na cidade de São Paulo: a migração do Bom Retiro ao Morumbi”. Tese de Doutorado. São Paulo: Departamento de Geografia, FFLCH, USP, 2007, p.157.

ascendência portuguesa perseguidos pela Inquisição. Com a expulsão de Maurício de Nassau de Pernambuco, muitos deles emigraram para o Suriname, a Jamaica e Nova Amsterdã (atual Nova Iorque).⁶⁴ Durante o Império, judeus do leste europeu vieram para o Rio de Janeiro e Santos atraídos pela liberdade de culto garantida pela Constituição de 1824.⁶⁵ Na segunda metade do século XIX, os judeus sofreram perseguições na Rússia czarista e iniciaram um processo migratório para a Argentina e o Brasil. O crescente antissemitismo e a instabilidade política na Europa forçaram a emigração no início do século XX.⁶⁶

A maioria dos judeus que chegaram a São Paulo no início do século XX teve como destino o Bom Retiro. De acordo com a pesquisa de Sarah Feldman, a ocupação do bairro não seguiu a lógica da maior parte da cidade, de demolir e construir, mas sim a da “apropriação de uma mesma estrutura física”,⁶⁷ esse tipo de desenvolvimento, fora do padrão paulistano, segue assim até os dias de hoje. Quando a comunidade coreana começou a ocupar o bairro, na década de 1970, procurou utilizar as condições estruturais que já havia no Bom Retiro, e os sul-americanos estão seguindo o mesmo caminho. Os judeus que vinham com algum capital conseguiam estabelecer-se no comércio e ajudavam aos que vinham em condições desfavoráveis. Estes ou trabalhavam com os outros judeus, ou vendiam de porta em porta, como mascates. A confecção foi a área que recebeu mais atenção. Neste aspecto, houve uma complementaridade econômica com as atividades dos imigrantes latinos já instalados no bairro, segundo a pesquisa de Oswaldo Truzzi.⁶⁸

A comunidade judaica articulou-se economicamente e procurou constituir redes de apoio ao criar instituições que a representassem,

⁶⁴ FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo: EDUSP, 1999, p. 86.

⁶⁵ CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *Brasil judaico: mosaico de nacionalidades*. São Paulo: Editora Maayanot, 2013. p. 35.

⁶⁶ CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *Ibidem*, p. 50.

⁶⁷ FELDMAN, Sarah. “Bom Retiro: bairro de estrangeiros, bairro central, 1928-1945, in _____ *São Paulo, os estrangeiros e a construção das cidades*. São Paulo: Alameda, 2011, p. 44.

⁶⁸ TRUZZI, Oswaldo. Etnias em convívio: o bairro do Bom Retiro em São Paulo. *Estudos históricos* vol. 2, n.º 28. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, 2001.

revelando um grande poder de organização e articulação. A primeira sinagoga de São Paulo foi a Kahalat Israel (Comunidade Israelita de São Paulo), aberta em 1912, inicialmente utilizada como espaço de reza e abrigo para imigrantes judeus. Ficava na antiga rua Correia dos Santos, hoje rua Lubavitch, no Bom Retiro. Em 1957, foi transferida para a rua da Graça. Judeus de diferentes origens radicados no bairro construíram outras sinagogas. Nos anos de 2014 e 2015 a sinagoga Kahalat Israel sofreu uma reforma e no mesmo prédio, junto à sinagoga, foi criado o Memorial da Imigração Judaica inaugurado em fevereiro de 2016. A solidariedade e a organização foram a base do desenvolvimento da comunidade judaica no Bom Retiro. Em 1915 foi criada a Sociedade Beneficente das Damas Israelitas, que a partir de 1940 se fundiu com o Lar da Criança Israelita, criando a Ofidas (Organização Feminina Israelita de Assistência Social). Em 1916 foi criada a Sociedade Beneficente Amigo dos Pobres, a ERZA, e em 1929, a Sociedade Beneficente Linath Hatzedek, que passou a se chamar Policlínica em 1935. Em 1976, essas três instituições se fundiram e criaram a Unibes - União Brasileiro-Israelita do Bem-Estar Social,⁶⁹ sediada na rua Rodolfo Miranda e que até os dias atuais presta assistência social no Bom Retiro. Dentre as atuais atividades da Unibes há uma creche em convênio com a prefeitura, e a maior parte das crianças é da comunidade sul-americana.

Em 1922, judeus da Europa Oriental fundaram a Escola Renascença, com ensino formal e judaico, que permaneceu no Bom Retiro até 2004. Uma das mais importantes ações para o desenvolvimento e a manutenção da comunidade judaica foi a criação da Sociedade Cooperativa de Crédito Popular do Bom Retiro, em 1928.⁷⁰ “No fio do bigode”, como a sra. Amália Knoploch,⁷¹ filha de poloneses, nascida e residente no Bom Retiro, definiu a inserção da cultura do crédito, fundamental para o financiamento de

⁶⁹ CYTRYNOWICZ, Roney. *Paralelos: 95 anos de Unibes contados através da história de São Paulo*. São Paulo: Navarrativa Um, 2011, p. 101.

⁷⁰ PÓVOA, Carlos Alberto. “A Territorialização dos judeus na cidade de São Paulo: a migração do Bom Retiro ao Morumbi”. Tese de Doutorado. São Paulo: Departamento de Geografia, FFLCH, USP, 2007, p.156.

⁷¹ Amália Knoploch concedeu entrevista ao autor em julho de 2015, em sua residência.

negócios, especialmente na área de confecções. A identidade cultural (religiosa e linguística) era suficiente para estabelecer uma relação de confiança e solidariedade. O crédito completou as necessidades básicas para fazer do Bom Retiro um lugar possível de se viver para judeus das mais diferentes nacionalidades; o bairro era uma referência para o recém-chegado, o lugar em que o exercício da fé estava próximo, com comércio de produtos judaicos, escola com ensino de tradições judaicas, crédito para morar e fazer negócios. Ações religiosas, sociais e econômicas em rede criaram uma consciência cultural e desenvolveram o embrião da organização da comunidade judaica em São Paulo. No início do século XX, as diferentes culturas em convívio no bairro eram as de europeus latinos e judeus. Depois vieram os gregos, sírios, armênios e, após a década de 1970, os coreanos. Assim tomaram forma todas as condições históricas, sociais e culturais para fazer do Bom Retiro o espaço cosmopolita por excelência.

O governo Getúlio Vargas (1930-1945) adotara uma perspectiva antissemita, oficialmente impunha dificuldades para a entrada de judeus, mas muitos conseguiram entrar no país como turistas ou se fazendo passar como católicos.⁷² Depois da Segunda Guerra Mundial o Brasil se industrializava, estava em curso um processo de democratização da sociedade e da política, o país começava a deixar de ser essencialmente rural, vivia uma época de desenvolvimento das forças produtivas e tornou-se um dos destinos de sobreviventes do Holocausto; nesse período o bairro do Bom Retiro é ocupado cada vez mais por uma comunidade judaica plural. Nas décadas de 1950 e 1960, os inúmeros conflitos no Oriente Médio (Guerra do Sinai, Egito, Gamal Abdel Nasser) e o Levante da Hungria (1956) também motivaram a vinda de judeus do Norte da África e da Europa.⁷³

Mangili relata sobre o confinamento da zona de tolerância criada no Bom Retiro: “Em 1940, através de determinação do interventor Adhemar de Barros, a zona de tolerância é instalada no Bom Retiro”, o confinamento

⁷² CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *Brasil judaico: mosaico de nacionalidades*. São Paulo: Editora Maayanot, 2013, p. 37.

⁷³ Ibidem, p. 39.

explicitava uma política pública eugênica e antissemita. As ruas eram próximas do muro da linha do trem, que separava o Bom Retiro de outros bairros. Em 1953, depois de protestos dos moradores, a zona do meretrício foi removida do bairro.⁷⁴ Do outro lado do bairro, próximo à várzea, o Bom Retiro se expandia. Os lotes ficavam menores, aumentava o adensamento populacional, o bairro era ocupado por uma camada socialmente mais pobre. Um universo plural, de grande diversidade cultural, surgia no centro da capital paulista. Conviver com as diferenças culturais fazia parte, e faz até hoje, do cotidiano dos moradores do Bom Retiro.

O maior período de crescimento e força da comunidade judaica foi da década de 1950 à de 1970. A acumulação de capital no comércio possibilitou o empreendimento da comunidade judaica na construção de prédios mais altos com mais de uma finalidade; era a época da verticalização de São Paulo. Segundo artigo de Stamatia Koulioumba, no livro *São Paulo, os estrangeiros e a construção das cidades*, engenheiros e arquitetos em atividade no Bom Retiro, após a década de 1950, eram, em sua maioria, imigrantes da comunidade judaica.⁷⁵ Na década de 1970, o Bom Retiro começou a receber os coreanos, um povo especialmente emigrante, com grande capacidade de organização, produção e solidariedade; o bairro ganhou uma nova perspectiva, e não foi apenas a da busca da hegemonia étnica do Bom Retiro: mas a comunidade coreana buscou o protagonismo no universo da confecção. Inúmeros coreanos escolheram o Bom Retiro primeiro para estabelecer negócios e depois para

⁷⁴ MANGILI, Liziane Peres. *Bom Retiro, bairro central de São Paulo: transformações e permanências, 1930-1954*. São Paulo: Alameda, 2011, p. 102. As casas de tolerância formavam um agrupamento de pequenas casas coladas umas às outras, conhecido como zona do meretrício. Tratava-se de uma área que ocupava as ruas, Aimorés, Itaboca e Carmo Cintra e as partes compreendidas entre a linha férrea e a rua José Paulino e as ruas Silva Pinto e Ribeiro de Lima. Era uma área de forte ocupação da comunidade judaica.

⁷⁵ KOULIOUMBA, Stamatia. "Construtores estrangeiros e a produção arquitectónica moderna do Bom Retiro". In _____. *São Paulo, os estrangeiros e a construção das cidades*. São Paulo: Alameda, 2011, p. 274.

viver, por sua localização central, oferta de moradia, estrutura e capacidade de produção competitiva.⁷⁶

A comunidade coreana foi capaz de rivalizar com a comunidade judaica quanto a visibilidade; quanto à inserção na economia do Bom Retiro, conseguiu a hegemonia em pouco tempo. A igreja é o espaço da organização da comunidade; a confecção, sua distinção e expectativa de ascensão social. A comunidade judaica investiu na educação dos filhos e teve sucesso. Por outro lado, as novas gerações não reproduziram a mesma capacidade de produção nas confecções. A comunidade coreana ocupou, então, esse espaço. As lojas mais tímidas ou os galpões dos judeus eram alugados para os coreanos. Estes, sem nenhuma timidez, produziram um estilo, um jeito de ser, pois o coreano é um povo com profunda especificidade. Alguns dos primeiros coreanos no Bom Retiro, até meados da década de 1980, estudaram em escolas de ensino judaico, já que não havia ainda escolas específicas para a comunidade coreana. Muitos jovens se conheceram, houve um intercâmbio cultural e até caso de loja de confecção de empresário coreano com projeto de arquiteto judeu,⁷⁷ mas os casamentos eram e ainda são endogâmicos.

Um povo só é emigrante por que as circunstâncias históricas obrigam a isso. As constantes dificuldades sociais, invasão estrangeira, conflitos armados e crises econômicas criaram um forte sentimento de solidariedade, uma identidade forjada na adversidade. A Coreia, depois do domínio japonês (1910-1945), enfrentou uma guerra civil alimentada pelo conflito entre União Soviética e Estados Unidos. Dividido pelo paralelo 38, o país se partiu em Coreia do Norte e Coreia do Sul, ficando então estabelecido que um mesmo povo viveria em territórios diferentes, sem chance de convívio. A Coreia do Sul enfrentou, na década de 1960, a ditadura e uma forte dependência econômica dos Estados Unidos. Depois, na década de 1980, veio o período da democratização. A imigração coreana para o Brasil começou oficialmente

⁷⁶ KIM, Yoo Na. *A jovem Coreia*. Ssua Editora, 2008, p. 112.

⁷⁷ SAMPAIO, Maria Ruth Amaral de. Os coreanos no Bom Retiro, in ____ *São Paulo, os estrangeiros e a construção das cidades*. São Paulo: Editora Alameda, 2011, p. 96.

em 1963, através de instituições.⁷⁸ No final da década de 1990, a Coreia do Sul sofreu uma crise econômica pela falta de regulação da economia.⁷⁹ Em geral, o Bom Retiro recebe o coreano que já passou por outro país ou por outro lugar no Brasil. Alguns entraram no país através do Paraguai ou da Bolívia, e vários vieram do interior do Paraná e de São Paulo. Depois do insucesso na agricultura, aos poucos os coreanos procuraram organizar-se nas zonas urbanas; a clandestinidade era uma constante, e a solidariedade, um meio de vida. A dedicação ao trabalho na confecção envolvia toda a família e possibilitou acumulação suficiente para estabelecer novos negócios. A comunidade coreana investiu, e ainda investe, na educação dos filhos e também teve sucesso. Entretanto, é muito comum que um dos filhos permaneça no negócio da família. O casamento endogâmico ainda é a regra.

São Paulo foi o lugar de maior desenvolvimento capitalista no Brasil. Mesmo assim, desde o início do século XX já não havia emprego formal para todos. Os negócios por conta própria⁸⁰ eram comuns no Bom Retiro, e essa tradição econômica permaneceu no bairro alimentada pelo acréscimo de diferentes etnias e culturas, algumas, sem dúvida, com maior peso simbólico e real (judeus entre as décadas de 1950 e 1970, coreanos da década de 1990 até hoje). A partir da década de 1990, os sul-americanos começaram a ocupar o Bom Retiro, especialmente bolivianos. A imigração boliviana no Brasil teve início na década de 1950, com estudantes que depois de formados permaneceram no Brasil; na segunda metade da década de 1970, o exílio fez parte do histórico de uma geração que lutou contra as ditaduras sul-americanas; principalmente argentinos, uruguaios e chilenos procuraram abrigo em outra ditadura, mas em processo de abertura política e com maior desenvolvimento econômico: o Brasil.

⁷⁸ CHOI, Keum Joa. “Além do arco-íris: a imigração coreana no Brasil”. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Departamento de História, FFLCH, USP, 1991, p. 158.

⁷⁹ GUIMARÃES, Alexandre Queiroz. Estado e economia na Coreia do Sul - do Estado desenvolvimentista à crise asiática e à recuperação posterior, In _____ Rev. de Econ. Polít. Vol. 30, nº 1. São Paulo, 2010.

⁸⁰ MANGILI, Liziane Peres. *Bom Retiro, bairro central de São Paulo: transformações e permanências, 1930-1954*. São Paulo: Alameda, 2011, p. 53. Mangili comenta que inúmeros imigrantes italianos no Bom Retiro na primeira metade do século XX trabalhavam como pedreiros, vidraceiros, marceneiros, ferreiros ou com confecção de chapéus e calçados.

Na década de 1980 e com muito mais intensidade na de 1990, bolivianos, em maior número, seguidos por paraguaios e peruanos, migraram para o Brasil, e São Paulo foi seu principal destino.⁸¹ As oportunidades de trabalho no Brasil eram maiores e o Bom Retiro era um dos lugares que reuniam as condições necessárias para o estabelecimento de imigrantes: a possibilidade de trabalho e moradia no mesmo espaço, sendo possível utilizar estruturas preexistentes e multiplicá-las. A nova geração sul-americana no Bom Retiro reproduz as mesmas relações de trabalho a que seus ancestrais foram submetidos no início, e mesmo a expressão “submetidos” deve conter aspas, pois segundo os bolivianos é uma escolha, faz parte do processo do projeto migratório.

As migrações sentidas no Bom Retiro, especialmente de coreanos e bolivianos, desde as três últimas décadas do século XX até os dias de hoje, estão inseridas no contexto histórico da expansão do capitalismo através da integração de mercados. As diversas comunidades fazem da cultura uma estratégia de organização, de formação de uma consciência étnica. Olhar o outro é uma condição no Bom Retiro, não é uma escolha. A existência ganha sentido ao se demarcar o território, mesmo no plano simbólico, a alteridade revela a identidade. A tentativa de permanência das tradições e dos costumes e o sentimento de pertencimento aprofundam os vínculos com o bairro, o local se torna uma referência frente ao global. As relações sociais assimétricas atuam na forma como a cultura original é ressignificada.

No século XIX e na primeira metade do século XX, as migrações eram motivadas pela miséria na Europa, além de perseguições religiosas e políticas; no século XXI, elas se inserem no contexto do capitalismo global. Coreanos e bolivianos no Bom Retiro têm outras coisas em comum além da relação conflituosa e hierárquica do trabalho na costura. São culturas milenares sendo ressignificadas, perspectivas de mundo adaptadas à realidade do dia a dia do bairro, a uma nova realidade - neste caso a

⁸¹ SILVA, Sidney Antonio da. *Bolivianos: a presença da cultura andina*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005, p. 16.

alteridade sempre presente e em constante negociação. De acordo com a pesquisa de Keum Joa Choi, o coreano herdou características do pensamento do confucionismo: autoritarismo, disciplina e respeito à hierarquia e do budismo também: respeito aos ancestrais e aprofundamento da amizade.⁸² Algumas ações da comunidade coreana explicitam essas características.

O reconhecimento da pluralidade do estado boliviano é recente. São diversas nações num mesmo país. Para Sidney A. da Silva, os imigrantes andinos no Brasil são camponeses com histórico de migração interna na Bolívia, do campo para algum centro urbano, e já enfrentavam a discriminação no país de origem. A reiteration da cultura andina pré-colombiana, discriminada pelo lado hispânico da Bolívia, é a estratégia de um discurso em oposição ao senso comum, contrário à tentativa de criminalizar o imigrante e seus projetos de vida. Segundo Silva, a crença em Pachamama, a Mãe Terra,⁸³ como responsável pela fartura pressupõe uma série de obrigações e convenções. A relação com a natureza dá significado à vida; a inserção no meio urbano, numa realidade completamente diversa, duplamente discriminada, induz a construção de novas leituras da religiosidade.

Decerto não é exagero dizer que no Bom Retiro há um encontro de culturas milenares: gregos, italianos, judeus, africanos, coreanos e andinos. Todos obrigados a buscar a tolerância para com o outro. A cultura é o elemento de distinção e conscientização da condição social do imigrante. A tensão é contida, circula nas sombras. Em comum entre os diferentes, a busca por um lugar melhor para as próximas gerações. Inúmeros viveram na clandestinidade, são ativos da história, não passivos, e a cultura é a ferramenta de resistência e da organização das diversas comunidades. Porém, a cultura se desenvolve em constante troca e adaptação com a

⁸² CHOI, Keum Joa. "Além do arco-íris: a imigração coreana no Brasil". Dissertação de Mestrado. São Paulo: Departamento de História, FFLCH, USP, 1991, pp.129, 133.

⁸³ SILVA, Sidney Antonio da. *Bolivianos: a presença da cultura andina*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005, p. 28.

realidade do momento histórico em determinado espaço. A mulher coreana conquistou um lugar que não tinha antes da emigração:⁸⁴ transformou a antiga divisão sexual do trabalho e assumiu maior relevância social. Em geral, a literatura sobre as imigrações andinas diz que na maioria os imigrantes são homens jovens. Entretanto, é evidente nas ruas do Bom Retiro cada vez mais a presença feminina em diversas atividades, da costura aos serviços. É possível também perceber cada vez mais a presença de mulheres bolivianas mais velhas, de origem quéchua ou aimará com os cabelos longos trançados e usando a tradicional saia longa com pregas, a *pollera*.

Segundo o Portal da Prefeitura de São Paulo, a população do bairro em 2010 era de aproximadamente 33 mil pessoas. De acordo com o Conseg⁸⁵ - Conselho Comunitário de Segurança do Bom Retiro, o número de pessoas nos dias de semana em épocas do ano com maior atividade comercial chega perto de 200 mil. O jornal *Folha de S.Paulo*, no “DNA Paulistano” de 2008, estimou que todas as classes sociais estão presentes no bairro, mas é composto em sua maioria pela classe C (de acordo com o site:

<<http://www.nossasaopaulo.org.br/observatorio/biblioteca/DnaPaulistanoCentro.pdf>>).

O bairro do Bom Retiro é um espaço em contínua transformação, mas seu caráter cosmopolita permanece como sua maior singularidade, o encontro da diversidade e a ocorrência de inusitados intercâmbios culturais. Além da diversidade de origem, no bairro se encontram outras instituições culturais de cunho popular: o Grêmio Gaviões da Fiel Torcida se localiza no bairro desde 1979 e o grupo Teatro Popular União e Olho Vivo desde 1982. A Gaviões da Fiel é a maior torcida organizada do Corinthians e escola de samba do Grupo Especial da Liga Independente das Escolas de Samba de

⁸⁴ CHOI, Keum Joa. “Além do arco-íris: a imigração coreana no Brasil”. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Departamento de História, FFLCH, USP, 1991, pp. 141, 142.

⁸⁵ O autor acompanhou uma das reuniões mensais do Conseg no Centro Cultural Oswald de Andrade, na rua Três Rios, no Bom Retiro, em março de 2013.

São Paulo. O grupo União e Olho Vivo é uma companhia de teatro popular criada em 1966, uma das mais antigas companhias de teatro popular em atividade no Brasil.⁸⁶ No período de maior caracterização judaica do bairro, a pluralidade da comunidade era evidente. No início da década de 1950, judeus progressistas criaram o ICIB - Instituto Cultural Israelita Brasileiro, espaço pensado para abrigar e difundir a cultura judaica e manter viva a memória da luta contra o Holocausto. O lugar, na rua Três Rios é carinhosamente conhecido como Casa do Povo, e foi quase abandonado após a década de 1990. Retomou as atividades em 2011, abrindo o espaço para outras comunidades, entre elas, o grupo de bolivianos da Associação de Comunicadores Bolívia Brasil, para a realização de reuniões, assembleias e cursos. Nos capítulos seguintes serão apresentadas algumas dessas histórias contemporâneas da diversidade cultural no Bom Retiro.

⁸⁶ VIEIRA, César. *Em busca de um teatro popular*. São Paulo, 2005, p. 355.

4. O lugar da memória

A memória é um instrumento de resistência, e há inúmeras formas de representá-la. Neste capítulo, será representada por um edifício memorial, pela comunicação comunitária e por um álbum de fotografia.

4.1 A Casa é do povo

O Instituto de Cultura Israelita no Brasil (ICIB) ficou conhecido como a Casa do Povo. Começou a ser criado em 1945 por judeus progressistas imigrantes da Europa oriental e se estabeleceu em 1953 na rua Três Rios.⁸⁷ Na década de 1950, o Bom Retiro se configurava como um bairro com predominância da comunidade judaica e de caracter heterogêneo, mesmo entre os judeus; os idealizadores da Casa do Povo eram judeus laicos e falavam o iídiche. O espaço é herança da luta pela organização da comunidade judaica em São Paulo desde a década de 1920; inúmeros movimentos progressistas ajudaram a amadurecer a ideia da criação do ICIB, entre eles o Centro Cultura e Progresso.⁸⁸ Atualmente, a direção da Casa do Povo busca ressignificar o espaço, que foi idealizado para ser a memória da resistência da cultura judaica, monumento contra o Holocausto. A Casa do Povo abrigou também a Escola Scholem Aleichem (1949–81) e o Teatro de Arte Israelita Brasileiro (TAIB), de 1960 ao início de 2000. A instituição é um ícone da cidade de São Paulo, fundamentado no pensamento universalista e ao mesmo tempo com vínculos profundos com o bairro do Bom Retiro.

No início da década de 2010, a geração que era criança até 1970 e tinha laços afetivos com a Casa do Povo voltou a ocupar o lugar, organizando, administrando e disponibilizando-o para atividades culturais abertas aos

⁸⁷ Em 1953 foi inaugurado o edifício modernista, projeto do engenheiro e arquiteto Ernest Mange. (http://casadopovo.org.br/arquivos/casadopovo_apresentacao.pdf).

⁸⁸ CYTRYNOWICZ, Roney. “Uma história de 60 anos que inspira novos sonhos e projetos”. *Jornal Nossa Voz, Caderno Especial*. São Paulo, novembro e dezembro de 2014.

mais diferentes grupos. A Casa do Povo⁸⁹ foi muito atuante até a década de 1980; 2013 tornou-se a data símbolo da reocupação do espaço, hoje plural e heterogêneo. Há atividades das mais diversas, integradas ao ambiente do bairro, de perspectiva democrática e em sintonia com as questões contemporâneas da urbanidade e da cultura no contexto global. Uma das ações inaugurais desta nova fase da Casa do Povo foi a encenação de *Bom Retiro 958 metros* pelo grupo Teatro da Vertigem,⁹⁰ em 2013. A peça versava sobre conflitos no bairro: o título faz alusão à distância percorrida nas ruas do bairro pelos atores. O último ato aconteceu dentro do espaço do Teatro de Arte Isrelita Brasileiro, o TAIB⁹¹ na Casa do Povo. O TAIB, criado em 1960, foi um teatro de resistência, muitas peças em iídiche foram encenadas ali, e no período da ditadura militar o teatro sofreu com perseguições e censuras. Acompanhei a apresentação do grupo Teatro da Vertigem, e foi possível perceber que a proposta de diálogo entre a Casa do Povo, com sua história e memória, e o seu entorno se tornou explícita.

A lembrança da espoliação e da perseguição na Europa influenciou a comunidade judaica do bairro a investir na educação dos filhos - a riqueza pode-se tomar, o saber não. Os negócios de família, especialmente as confecções, ficaram no plano secundário, para a segunda geração de judeus do bairro. Os filhos, em geral profissionais liberais, realizaram, talvez, o sonho dos pais, interrompido pelas perseguições e a emigração forçada. Herdaram cultura e educação, e hoje em dia seguem os preceitos religiosos básicos, mas a maioria abandonou as lojas e bazares, os que enriqueceram deixaram o Bom Retiro para morar em bairros mais nobres, principalmente em Higienópolis, Cerqueira César, Jardins, Pinheiros e Morumbi.⁹²

⁸⁹ CYTRYNOWICZ, Roney. “Uma história de 60 anos que inspira novos sonhos e projetos”. *Jornal Nossa Voz*, Caderno Especial. São Paulo, novembro e dezembro de 2014.

⁹⁰ O autor assistiu à peça *Bom Retiro 958 metros* em 2013.

⁹¹ WALDMAN, Berta. “O teatro iídiche em São Paulo”. *Jornal Nossa Voz*, Caderno Especial. São Paulo, novembro e dezembro de 2014.

⁹² PÓVOA, Carlos Alberto. “A Territorialização dos judeus na cidade de São Paulo: a migração do Bom Retiro ao Morumbi”. Tese de Doutorado. São Paulo: Departamento de Geografia, FFLCH, USP, 2007.

Dr. Jairo Degenszajn,⁹³ médico do Hospital Universitário da USP e atual presidente da Casa do Povo, foi morador do Bom Retiro; ex-estudante do colégio Scholem Aleichem, é um dos que trabalham para resgatar o espaço, identificado com ideais humanistas. Ele contou que a preocupação inicial é privilegiar atividades variadas, em invés de reformar o prédio. Considera importante uma reforma, mas acredita que ela só terá sentido com a ocupação do lugar. Cada vez mais, a Casa é do povo, com as inúmeras atividades culturais e sociais. Em fevereiro de 2016, num domingo de manhã, estudantes secundaristas das escolas públicas do estado se reuniram no salão principal para discutir o encaminhamento da luta contra a política educacional do governo do estado de São Paulo. Desde 2013, as ações são inúmeras e multidisciplinares; algumas se tornaram regulares: coral da terceira idade, aulas de teatro com grupos independentes; sessões de cinema; trabalhos de coletivos; redação de jornal alternativo; preservação da biblioteca, que tem 6 mil exemplares de livros escritos em ídiche; oficina de costura criativa, entre outras atividades constantes. Depois da reocupação do espaço, foi desenvolvido um projeto de reforma do prédio.⁹⁴

A Casa do Povo abrigou o jornal *Nossa Voz*, fechado depois do golpe militar de 1964.⁹⁵ Benjamin Seroussi desenvolveu, junto com Mariana Lorenzi, o projeto editorial do jornal. Benjamin faz parte do conselho do jornal e se dedica ao resgate da Casa. Durante a cerimônia em memória dos resistentes do levante do Gueto de Varsóvia em abril de 2015, Benjamin argumentou sobre o marco que melhor expressa a luta do povo judaico: a direção da Casa do Povo não considera a libertação do campo de concentração de Auschwitz como data oficial para celebração da resistência, como ocorre nos Estados Unidos e na maior parte do mundo.

⁹³ O Dr. Jairo Degenszajn concedeu entrevista ao autor em abril de 2015 na Casa do Povo.

⁹⁴ Projeto de autoria do arquiteto Isay Weinfeld, aprovado em lei federal de cultura e em fase de captação de patrocínio. Disponível em: (http://casadopovo.org.br/arquivos/casadopovo_apresentacao.pdf).

⁹⁵ Em 2014, o jornal *Nossa Voz* passou a ser novamente editado, desta vez viabilizado pela lei federal de incentivo à cultura, com periodicidade trimestral e distribuído sem custo pelas bancas do Bom Retiro e instituições parceiras. (*Jornal Nossa Voz*, São Paulo, 2015).

Segundo Benjamin, Auschwitz representaria mais a vitimização e menos a luta.⁹⁶

Numa das cerimônias do levante do Gueto de Varsóvia, no final do mês de abril de 2014, um dos oradores enfatizou a luta contra a discriminação e deu vivas aos que se levantaram contra o fascismo, saudando “este Brasil que canta e é feliz”, em referência à música de Caetano Veloso. O compositor baiano cristalizou em arte musical um jeito capaz de seduzir cristãos, mouros, judeus e budistas. O convite à alegria, ao samba sensual está no imaginário coletivo construído historicamente por décadas. As identidades transcendem fronteiras, e a nação está mais perto do coração e do afeto que do território. O judeu criado no Bom Retiro carrega toda a história de luta do povo judaico em confluência com os outros imigrantes e seus descendentes: os antigos italianos da parte baixa do bairro, coreanos, gregos, armênios, paraguaios e bolivianos. Ocorre um sentimento de dupla nacionalidade, ou a nacionalidade da pós-modernidade, surge uma cultura transnacional.

Um dos idealizadores da Casa do Povo, morador do Bom Retiro desde 1930, quando chegou ao Brasil, e atuante no jornal *Nossa Voz*, o poeta e intelectual José Aron Sendacz (1918–1984), polonês de Varsóvia, traz, em livro biográfico sobre sua obra, alguns conceitos que estão em diálogo com o orador contemporâneo sobre o Estado de Israel e da integração da comunidade judaica à sociedade escolhida para viver:⁹⁷ “Sempre defendemos a ideia de autodeterminação dos povos. Cada povo tem o direito de determinar o seu destino”, diz o poeta polonês, e continua mais adiante argumentando sobre a nefasta relação de dependência econômica de Israel em relação aos Estados Unidos. A trajetória de José

⁹⁶ Desde 2013, o dia do levante do Gueto de Varsóvia voltou a ser data de encontro na Casa do Povo para simbolizar a resistência; não são atores passivos da história, são protagonistas decididos a lutar por seu próprio destino contra a discriminação e o preconceito. O autor acompanhou essas cerimônias em 2013 e 2014.

⁹⁷ SENDACZ, José Aron. *Um Homem do Mundo*. São Paulo: Editora do Autor, 2005, p. 134.

Aron Sendacz expressa uma perspectiva universalista, porém mostrando uma preocupação no sentido do envolvimento com a nação e o bairro.⁹⁸

Toda semana tem ensaio do coral “Tradição” na Casa do Povo, e uma das integrantes é a sra. Amalia Knoploch,⁹⁹ filha de um casal de judeus poloneses e contadora aposentada. Ela nasceu no Bom Retiro e ainda mora no bairro. A singularidade é que o coral só canta em iídiche, e nem todas as integrantes do grupo conhecem o idioma. A sra. Amalia conhece bem. Ela diz que o nome Knoploch significa “casa de botão” em iídiche. Seus pais fugiram do nazismo, numa emigração forçada que dividiu a família. No Bom Retiro trabalharam com confecção, a mãe era costureira e o pai passava ternos. A confiança era a principal moeda de troca do casal. O crédito que eles tinham na vizinhança era suficiente para conseguir apoio e ajuda de outros membros da comunidade, conta a sra. Amalia. Uma das lembranças da infância no Bom Retiro é a moradia simples; havia apenas um cômodo, e a cozinha e o banheiro eram coletivos, banho só uma vez por semana. Ela e o irmão brincavam na rua com outras crianças, judias e não judias.¹⁰⁰ A solidariedade sempre fez parte da vida de Amalia Knoploch, atualmente ela retribui o que recebeu participando como voluntária de uma instituição judaica internacional, com trabalho dedicado à mulher, a Organização das Mulheres Pioneiras. São comuns entre os moradores do Bom Retiro relatos sobre parentes que nunca mais se viram. Foi assim na vida de Amalia Knoploch.¹⁰¹

A identidade nacional possibilita criar uma distinta comunidade imaginada composta por diferentes classes sociais, categorias étnicas e religiosas. A identidade de classe social pode ser denominador comum entre

⁹⁸ SENDACZ, José Aron. *Um Homem do Mundo*. São Paulo: Editora do Autor, 2005, p. 135.

⁹⁹ Amália Knoploch concedeu entrevista ao autor em julho de 2015, em sua residência.

¹⁰⁰ Amália Knoploch contou que quando era criança malhou o Judas com a vizinhança católica e a sua mãe a proibiu de continuar a participar. A alteridade fez perceber a identidade. A experiência serviu como processo pedagógico da consciência da origem da sua família.

¹⁰¹ Amália Knoploch contou que hoje ela se ocupa de resgatar, via redes sociais, familiares e amigos espalhados pelo mundo. Ela mora no mesmo apartamento que o pai conseguiu comprar contando com a solidariedade da comunidade judaica.

diferentes etnias, origens e religiões. A identidade nacional brasileira é uma construção histórica e social, sujeita a mudanças e transformações. O bairro surge como a solução para o sem lugar que busca a categoria de cidadão. No bairro do Bom Retiro o protagonista é o imigrante, ele não é passivo na história. São atores sociais que sem planejamento prévio, constroem um espaço culturalmente diverso e de identidades pós-modernas, laboratório de novos paradigmas do conceito de nação. O Bom Retiro foi o espaço de organização da comunidade judaica. Mesmo com a perda da hegemonia no lugar, o bairro ainda é a principal referência da memória afetiva dos judeus em São Paulo.¹⁰²

Marina Sendacz,¹⁰³ artista plástica e educadora, cuida da biblioteca que ganha corpo na Casa do Povo, da qual foi presidente. Ela se ocupa da meticulosa tarefa de organização e catalogação dos 6 mil livros em ídiche recolhidos junto aos judeus do bairro. A maioria trazida ao longo do século XX por refugiados e imigrantes judeus do leste europeu. Marina nasceu no Bom Retiro, filha do casal de judeus poloneses José Aron Sendacz, falecido em 1984, e Hugueta Sendacz, maestrina do coral Tradição. Marina mora com a mãe no Bom Retiro e segue o caminho familiar, procurando reiterar tradições culturais. Ela conserva um acervo com algumas obras raras e de grande valor histórico e documental.¹⁰⁴

No livro biográfico¹⁰⁵ de José Aron Sendacz, o poeta define o ídiche como uma língua milenar; judeus que emigraram para a Alemanha acrescentaram ao alemão “hebraísmos”, especialmente em assuntos religiosos e do cotidiano, idioma desenvolvido nos guetos e enriquecido

¹⁰² No Bom Retiro ocorre um sentimento de pertencimento distinto da identidade nacional, é o lugar no qual há a certeza de se encontrar uma sinagoga, uma livraria específica ou o pão *beagle*, ou até mesmo comprar uma carpa nadando numa peixaria com aquário e serviço da culinária *kasher*.

¹⁰³ Marina Sendacz concedeu entrevistas ao autor em outubro de 2014 em sua residência, e em março de 2015 na Casa do Povo.

¹⁰⁴ A sra. Hugueta Sendacz e sua filha Marina Sendacz lembraram que os respectivos pais liam histórias infantis em ídiche para elas.

¹⁰⁵ SENDACZ, José Aron. *Um Homem do Mundo*. São Paulo: Editora do Autor, 2005, p. 118.

pelas línguas do leste europeu. A língua é expressão da resistência e da luta pela sobrevivência. Não é o idioma oficial de Israel (a língua hebraica foi escolhida), mas foi o idioma assumido pela maioria dos judeus do Bom Retiro. Maria Luiza Tucci Carneiro discorre sobre o uso do ídiche pelos judeus no Brasil:¹⁰⁶ “O ídiche, enquanto língua de origem e tradição, era amplamente difundido entre os judeus da Europa oriental e central, que, ao chegarem ao Brasil, continuavam a usá-lo como primeira língua”. Entre outras coisas, o que faz do Bom Retiro um bairro singular é a possibilidade de ser um lugar de resistência do idioma comum entre os judeus de várias partes do mundo e, ao mesmo tempo, estabelecer relações com outras culturas.

As manifestações tradicionais judaicas são reinterpretadas na Casa do Povo. Em abril de 2016 foi comemorada ali a Festa de Purim, organizada pelo Coletivo Shlepers, com direção de Daniel Szafran e canto em ídiche de Tânia Grinberg. Um contador de histórias fez a interpretação para o público considerando o Purim como o carnaval judaico, disse ele que é a celebração da salvação do povo judeu na antiga Pérsia. As portas ficaram abertas para quem quisesse participar, o público sentou na escadaria e a calçada foi tomada.¹⁰⁷

A Escola Scholem Aleichem (1949–81), na Casa do Povo, priorizava o ídiche em relação ao hebraico através de expressões artísticas, literatura, música e teatro, segundo a pesquisa de doutorado na área de Letras de Sonia Goussinsky, da USP,¹⁰⁸ argumenta ainda que preservar o idioma é tentar conservar um jeito de ser, uma perspectiva de mundo. A luta pela conservação dos livros em ídiche e por constituir uma biblioteca específica é uma das mais representativas ações do resgate da Casa do Povo, e ao

¹⁰⁶ CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *Brasil judaico: mosaico de nacionalidades*. São Paulo: Editora Maayanot, 2013. p. 40.

¹⁰⁷ No final da festa, o bloco afro Ilú Obá De Min, composto apenas por mulheres negras, se apresentou com tambores. A Casa do Povo não naturaliza as tradições, mas problematiza e propõe um diálogo plural.

¹⁰⁸ GOUSSINSKY, Sonia. “Era uma vez uma voz: o cantar ídiche, suas memórias e registros no Brasil”. Tese de Doutorado. São Paulo: FFLCH, USP, 2012, p.96.

promovê-la Marina Sendacz e todos os que estão envolvidos com essa instituição aprofundam vínculos com o bairro do Bom Retiro.

Através dos séculos, a cultura e a manutenção das tradições têm sido o instrumento de luta pela sobrevivência e unidade da comunidade judaica. Na Casa do Povo, a professora de teatro Zelda Bullis Goldenberg desenvolve um grupo de teatro com a turma da terceira idade.¹⁰⁹ Várias senhoras de distintas origens judaicas se dedicavam a explicar a preparação do peixe para a próxima celebração religiosa. Detalhes não coincidentes na confecção do alimento são motivos de debate sobre o que cada uma considerava o verdadeiro sentido das tradições. Todas diziam estar de acordo com as recomendações do rabino e a origem de cada personagem representava a pequena diferença entre os ritos. É possível perceber maior flexibilidade nos costumes. Há uma adaptação de acordo com a realidade ao redor e no encontro das mais diferentes origens judaicas em intenso convívio. É preciso ter clareza de que quase sempre as relações sociais e culturais são assimétricas, mas é inegável que ocorre no bairro do Bom Retiro uma troca cultural intensa a despeito das reiterações das tradições nas manifestações e ações dos diferentes grupos.

A sra. Hugueta Sendacz,¹¹⁰ mãe de Marina Sendacz, pianista e regente, saiu do frio da Polônia e chegou ao Brasil em 1929, ainda no colo dos pais. Ela contou que eles foram imediatamente apresentados ao clima tropical: chuva e calor ao mesmo tempo. A sra. Hugueta participa com empenho das atividades da comunidade no bairro. É maestrina do coral Tradição desde 1988, além de atuar no teatro da terceira idade. Um dos primeiros lugares em que morou com os pais no Bom Retiro foi a pensão de uma senhora italiana na rua Anhaia. Era apenas um quarto, o banheiro era coletivo e não havia cozinha, o preparo do alimento era feito em latões, conta a sra. Hugueta. Dona Rosalina, proprietária do estabelecimento, não

¹⁰⁹ O autor acompanhou um dos ensaios do grupo de teatro na Casa do Povo em abril de 2014.

¹¹⁰ Hugueta Sendacz concedeu entrevistas ao autor em outubro de 2014 e em janeiro de 2016, sempre em sua residência.

aceitava crianças e não falava português, mas sentiu afeto pela pequena Hugueta Sendacz. A maestrina do coral Tradição aprendeu italiano antes da língua portuguesa na infância vivida no Bom Retiro. De criança, lembra do susto da primeira vez que viu as mulheres da zona do meretrício na rua Aimorés.¹¹¹ Imaginou que tinham saído do manicômio.

O coral Tradição canta inúmeras canções de cunho político, cultural e social. Certa vez, a sra Hugueta fez uma partitura especial para a regente de um coral de senhoras coreanas, para que pudessem cantar juntas a música popular judaica “Somos todos irmãos”. Um encontro do iídiche com o coreano, mediado pelo português, e a universalidade da linguagem musical fez eco nas ruas do Bom Retiro. Em junho de 2015,¹¹² a sra. Hugueta promoveu um ensaio aberto do coral Tradição na Casa do Povo; todo o público cantou em pé “Somos todos irmãos”, com transmissão ao vivo pela rádio *on-line* Nueva America, da comunidade boliviana. A Associação de Comunicadores Bolívia Brasil fez um acordo com a Casa do Povo: divulga os eventos em troca de utilizar o espaço para reuniões e cursos.

Detalhe do passaporte polonês de José Aron Sendacz e sua mãe. Varsóvia, Polônia, 1930.

¹¹¹ MANGILI, Liziane Peres. *Bom Retiro, bairro central de São Paulo: transformações e permanências, 1930-1954*. São Paulo: Alameda, 2011, p. 102.

¹¹² O autor acompanhou o ensaio do coral Tradição em junho de 2015 na Casa do Povo.

Detalhe do atestado de saúde emitido em Varsóvia, Polônia, com a fotografia de Hugueta Sendacz e os pais em 1929

Marina e Hugueta Sendacz em fotos de 1949 (álbum de família) e 2014.

4.2 As vozes da América do Sul

A Casa do Povo abrigou atividades promovidas pela Associação de Comunicadores Bolívia Brasil ao longo de 2015. Em outubro desse mesmo ano ocorreu a palestra “Nova mídia imigrante comunitária”, com a participação de ativistas culturais e sociólogos bolivianos radicados no Brasil.¹¹³ Na abertura, Benjamin Seroussi, diretor da Casa do Povo, recepcionou os participantes e resumiu o pensamento da atual direção da Casa: “A história da comunidade boliviana no Brasil passa pelo Bom Retiro, aqui vocês estão em casa, os bolivianos vivem hoje o que os judeus viveram nos anos 1940 e 1950. Os judeus precisavam de um lugar e fizeram a Casa do Povo, (...) aqui acolheu um teatro, uma escola (...), e agora tem que continuar o diálogo com o bairro, (...) um bairro difícil, mas acolhedor, a Casa é de vocês”, completou o diretor.

No mês de maio de 2015, a Associação de Comunicadores Bolívia Brasil realizou um seminário¹¹⁴ para bolivianos que trabalham com rádio *on-line*. As professoras Denise Cogo e Isabel Pezzengrilde ministraram o curso para cerca de 45 alunos no espaço cedido pela Casa do Povo em troca da divulgação de seus eventos nas rádios geridas pelos bolivianos. Os alunos eram quase todos homens, jovens e maduros, havia poucas mulheres. Este é um movimento independente da atuação do Estado. No caso do Bom Retiro, independente da atuação do Estado de várias nações, criando um movimento independente transnacional.

O amadurecimento para a criação desta entidade ocorreu a partir de um acontecimento trágico: o assassinato do garoto boliviano Brayan Y. C., de apenas cinco anos de idade, em junho de 2013. A Associação de Comunicadores Bolívia Brasil surgiu neste contexto, aglutinando diversos produtores e ativistas sociais e culturais bolivianos com algumas

¹¹³ O autor participou como ouvinte da palestra “Nova mídia imigrante comunitária” em outubro de 2015 na Casa do Povo.

¹¹⁴ O autor participou como ouvinte do curso promovido pela Associação de Comunicadores Bolívia Brasil em maio de 2015 na Casa do Povo.

necessidades distintas, mas muitas preocupações comuns. O interesse mais premente era construir um discurso diferente do senso comum, uma narrativa contra-hegemônica sem assumir o papel da vitimização. O Bom Retiro é o lugar da costura, do imigrante, e faz parte do espaço político e cultural de São Paulo; é também central e próximo ao Brás, um dos maiores redutos da comunidade boliviana. No ano de 2015, a Associação de Comunicadores Bolívia Brasil promoveu cursos e seminários na Casa do Povo. Algumas rádios *on-line* estão no bairro, e um dos principais articuladores do grupo mora no Bom Retiro há 20 anos, Jorge Gutierrez Lopez, boliviano de Oruro, atual presidente da Associação de Comunicadores Bolívia Brasil com mandato de quatro anos. O debate na comunidade discutiu uma perspectiva para saírem das sombras, uma perspectiva de afirmação cultural e valorização da própria origem.

Ao longo do curso, foi possível perceber os principais interesses e questões pertinentes à comunidade boliviana. Na primeira semana, as professoras, experientes em rádio comunitária e também em pedagogia, colocaram a questão da pluralidade do ouvinte, a questão de saber para quem se está falando, basicamente a preocupação com o conteúdo, os efeitos e os processos. Para um dos alunos, a dúvida era como saber quem são os ouvintes, “não conheço nem os bolivianos, como imaginar paraguaios e peruanos?”, indagou José Gamboa Nuñez,¹¹⁵ diretor-geral do jornal *El Chasqui*, “*el mensajero del pueblo boliviano!*”,¹¹⁶ periódico mensal em espanhol, com 16 páginas, voltado para a comunidade boliviana em São Paulo e com distribuição gratuita.

¹¹⁵ José Gamboa Nuñez e Hugo Fernando, membros da Associação de Comunicadores Bolívia Brasil, concederam entrevistas ao autor em maio de 2015. Hugo é um dos produtores do site <www.nuevaamerica.com>.

¹¹⁶ Os principais anúncios de *El Chasqui* são de empresas especializadas em envio de dinheiro para a Bolívia, e a maioria dos classificados se refere, ao trabalho na costura. As pautas são variadas, destaque às atividades da comunidade boliviana no Brasil. (*El Chasqui*, año 5, ed. 043, marzo del 2015).

Na semana seguinte, a atividade da aula foi a divisão da classe em dez turmas de quatro a cinco componentes cada uma. Os dois grupos¹¹⁷ com presença feminina mostraram preocupação com a saúde familiar e deram informes sobre cuidados higiênicos; outro grupo, composto por jovens e homens maduros, focou em dicas de prevenção à aids. Outra turma ainda formada apenas por rapazes, fez um programa sobre a pluralidade da cultura musical entre novos imigrantes, do rock de Raul Seixas a canções andinas. Num dos informativos levantou-se o debate sobre o litígio territorial entre a Bolívia e o Chile; e, por fim, variedades, iniciando com uma saudação aos bolivianos e ao Brasil: “Esta terra maravilhosa que é o Brasil”, definia um dos últimos radialistas a se apresentar, seguido de uma canção de Julio Iglesias.

As principais questões levantadas durante o debate após as apresentações eram o cuidado para naturalizar o preconceito, temas culturais e de identidade, problematização das necessidades e desejos da comunidade boliviana, decerto em fase de elaboração de outra narrativa e vivendo um processo de construção de uma consciência coletiva comunitária. A rádio *on-line* é diferente da rádio pirata que vários dos participantes do seminário tiveram. Ela é legal, não há perseguição do Estado, a polícia não pode prender por esse motivo, o alcance é global, vai além da fronteira da vizinhança e tem imagem; a luta, neste momento, se dá em outro plano, se dá no plano da narrativa, e a comunidade se mobiliza de várias formas, a internet é um instrumento historicamente novo e cria uma certa singularidade no projeto migratório dos bolivianos em São Paulo. As professoras colocaram que a audiência deveria sempre ser levada em conta, era preciso promover trocas com o ouvinte, assim os programadores saberiam com quem estavam falando. Alguns bolivianos demonstraram

¹¹⁷ Os grupos tinham que produzir um programa de rádio de cinco minutos e após as reuniões de pautas eles se apresentavam. Foram dez programas em espanhol (apenas dois em espanhol e português) com pautas diversas. Na grade de apresentação teve programas sobre aids entre os jovens, músicas para jovens, esportes, saúde, humor, informação para costureiras, notícias do Brasil e informações gerais para bolivianos residentes em São Paulo. Uma das apresentações esportivas era sobre o campeonato europeu de clubes de futebol, os destaques eram o Barcelona e Lionel Messi; outra resenha esportiva dava ênfase aos jogos no Brasil e à Libertadores da América.

medo ao tentar falar em português; a professora Isabel Pezzengrilde lembrou que o português falado no Brasil incorporou expressões e termos de outras línguas: “o portunhol é bem-vindo, palavras são incorporadas”, disse.

A naturalização de um humor preconceituoso que depõe contra a própria cultura e diminui as dificuldades vivenciadas foi colocada em discussão, o reforço de preconceitos é uma visão de mundo à qual se opor. O preconceito velado pode estar presente no cotidiano, e a discriminação declarada aparece na mídia, os sul-americanos surgem apenas como problema. Na reportagem, “Frequência andina”, da revista *Veja São Paulo*,¹¹⁸ há uma nítida construção de um discurso preconceituoso sem o devido cuidado jornalístico, há a preocupação de produzir a crença no sentido da criminalização do imigrante. A matéria fala de problemas causados por rádios piratas e cita rádios legalmente constituídas na internet, algumas delas no Bom Retiro, geridas por bolivianos, com conteúdo voltado para o imigrante e que não cometem nenhuma ilegalidade. Criminalizar ações sociais e culturais é estratégia para negar a legitimidade dessas atividades. Na VIII Marcha dos Imigrantes, no centro de São Paulo, em dezembro de 2014, uma das principais reivindicações era por uma cidadania sul-americana e pelo fim da militarização das fronteiras. O discurso era especialmente contra a xenofobia. Africanos e sul-americanos formavam quase a totalidade dos participantes da manifestação.

Na palestra “Nova mídia imigrante comunitária”, em outubro de 2015, na Casa do Povo, um dos palestrantes, o sociólogo boliviano Wilmer Lopez, mestrando na USP, fez referência ao papel da mídia no Brasil na consolidação de uma imagem preconceituosa do boliviano e do projeto migratório da comunidade: “A imprensa brasileira apresenta uma identidade negativa dos bolivianos, as notícias são sem contexto, os comunicadores bolivianos devem colocar este contexto”; ele completa citando nominalmente os veículos de comunicação *Folha de S.Paulo*, *Globo* e *Veja*, como portadores de um olhar discriminatório e impossibilitados de

¹¹⁸ “Frequência andina”. *Veja São Paulo*, ano 47, n 30. São Paulo, 23/07/ 2014, p. 45.

compreender o universo do imigrante. Lopez ainda discorreu sobre como o discurso preconceituoso atinge a autoestima do boliviano e falou sobre pluralidade, segundo o sociólogo algo do qual os bolivianos deveriam se orgulhar: “Qual país do mundo tem uma visão de país plurinacional?”, questionou. Ele se referiu ao fato de a Bolívia ter se tornado um estado plurinacional a partir da nova Constituição, de 2009, reconhecendo a diversidade cultural de 36 etnias existentes no país, além de suas instituições e normas.

Em novembro de 2015, na Casa do Povo,¹¹⁹ no lançamento da campanha contra violência produzida pela Associação de Comunicadores, o editor de conteúdo do site <www.boliviacultural.com.br>, o boliviano Antonio Andrade Vargas, no Brasil há 20 anos, argumentou que no início do processo migratório tinha caso de boliviano “que baixava os olhos” quando encontrava outro conterrâneo, a discrição como método de sobrevivência; a cultura, segundo ele, foi o caminho encontrado para a resistência, promover a cultura boliviana para construir outra narrativa. O antropólogo Sidney A. da Silva analisa a estratégia da negação da própria etnia, semelhante ao que aconteceu com os negros no período após a escravidão:¹²⁰ “(...) consiste em desvincular-se dos vários preconceitos imputados ao seu grupo étnico, mediante a ruptura das relações com este durante determinado tempo”, o anonimato, muitas vezes, faz parte do roteiro do imigrante. Andrade Vargas, do site www.boliviacultural.com.br, diz que os bolivianos estão saindo dos guetos; ele criou um serviço de denúncia *on-line*, com o apoio da Secretaria Municipal dos Direitos Humanos, no qual 80% das denúncias são feitas por mulheres bolivianas.

Na palestra “Nova mídia imigrante comunitária” (outubro de 2015, na Casa do Povo) Eduardo Schwartzberg, outro sociólogo boliviano palestrante,

¹¹⁹ O autor participou como ouvinte do lançamento da campanha contra a violência promovida pela Associação de Comunicadores Bolívia Brasil em novembro de 2015 na Casa do Povo. O debate versou sobre a consequência dos estigmas do trabalhador precarizado, do desconforto com a situação de imigrante originário de um universo real e simbólico distintos e em luta assimétrica em relação a sociedade brasileira.

¹²⁰ SILVA, Sidney Antonio da. *Bolivianos: a presença da cultura andina*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005, p. 34.

mestrando na USP, argumentou que é necessário reconstruir a ideia de comunidade, e ela só se viabiliza com organização. Ele completou ressaltando o papel das rádios comunitárias no aprofundamento do conceito de comunidade no contexto contemporâneo do capitalismo global e na cultura; como instrumento de construção de uma narrativa alternativa, “as rádios reforçam a ideia de comunidade”, segundo o sociólogo. Organização para se constituir como comunidade, assim fizeram os judeus no Bom Retiro no século XX, como lembrou Benjamin Seroussi, diretor da Casa do Povo durante a palestra: “Atualmente os bolivianos estão a se organizar”. A cultura é a forma de resistência, a busca na valorização da origem como elemento para problematizar a autoestima, mas o instrumento utilizado pertence à modernidade, a internet cria a possibilidade de participação da comunidade em rede e continuamente. As redes solidárias foram decisivas em favor da comunidade judaica em São Paulo, especialmente no Bom Retiro, em um período de instabilidade mundial e dificuldade de sobrevivência.

A internet pode ser mais um canal, porém necessário, para imaginar a comunidade boliviana em São Paulo e para formação e articulação de redes solidárias. A singularidade contemporânea, neste caso, é a troca. Bolivianos utilizando a estrutura que é símbolo da luta de resistência cultural de outro grupo, da comunidade judaica, construída após a Segunda Guerra Mundial; a reprodução do cosmopolitismo no Bom Retiro se evidencia, o bairro não só abrigou e abriga o imigrante como é o próprio espaço da organização e também do exercício político e cultural.

O processo migratório permanece, e a estrutura se reproduz. O sociólogo Wilmer Lopez completou sua fala na palestra “Nova mídia imigrante comunitária” (outubro de 2015, na Casa do Povo), questionando se o conceito de escravidão do século XVI, conceito colonial, não estaria impedindo que vejamos a legitimidade do projeto migratório dos países sul-americanos, especialmente no caso boliviano. A partir da experiência boliviana, Wilber Lopez diz que na Argentina as leis de imigração são mais favoráveis que as leis brasileiras, mas paradoxalmente o preconceito é

maior, observação também contida em relatos de imigrantes bolivianos com trajetórias migratórias na Argentina e no Brasil.¹²¹

A perspectiva do migrante é distinta, e o tema do trabalho escravo é dos mais delicados e complexos ao se problematizar as imigrações, e, em especial, a imigração boliviana no Brasil. Sem dúvida, o capitalismo global e a integração de mercados flexibilizaram as relações entre capital e trabalho.¹²² As condições são insalubres, a jornada é longa, e a moradia quase sempre é improvisada no local de trabalho. Olhando a partir da perspectiva do boliviano, é a chance de ascensão social de toda a sua família; a emigração não é apenas uma escolha, mas também a possibilidade de conseguir investimento em sua Mãe Terra, lugar de poucos recursos e política pública insuficiente; a emigração é um recurso de sobrevivência e paradoxalmente de independência, mesmo em situações adversas. O Bom Retiro é o espaço com as características necessárias para abrigar esse projeto migratório.¹²³

A ONG Repórter Brasil, através da Lei de Acesso à Informação, conseguiu junto ao Ministério do Trabalho e Previdência Social, a lista de casos de empresas que o poder público caracterizou como utilizando trabalho análogo ao escravo e com processos jurídicos em andamento de dezembro de 2013 a dezembro de 2015. São 340 empresas no Brasil; na capital paulista há casos somente em oficinas de costura, algumas localizadas no Brás, outras na zona leste e três no bairro do Bom Retiro. O aliciamento e a contratação de trabalhadores imigrantes muitas vezes é

¹²¹ Segundo o palestrante Wilber Lopez, o imigrante de baixa renda é visto, em geral, como transgressor; no caso da imigração boliviana há o preconceito em relação ao país de origem, economicamente mais pobre e quanto ao tipo étnico, não europeu ou asiático.

¹²² SILVA, Sidney Antonio da. *Bolivianos: a presença da cultura andina*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005, p. 19.

¹²³ O envio de dinheiro do migrante sul-americano é o compromisso de saída, há algumas casas especializadas em remessa de dinheiro para países da América do Sul no Bom Retiro.

realizada pelos membros da própria comunidade, conhecedores de toda a trajetória migratória, eles se tornam agentes reprodutores dessa estrutura.¹²⁴

As rádios *on-line* voltadas para os imigrantes sul-americanos são ouvidas nas oficinas de costura, nos celulares e bares de São Paulo, principalmente nos bairros do Bom Retiro, Brás, Pari e em alguns lugares da zona leste, contribuindo para que a comunidade saia do anonimato, debata suas lutas específicas, ganhe um corpo e uma gramática. A discussão das condições, circunstâncias, necessidades e desejos é colocada no ar. Uma nova comunidade se organiza e ganha forma própria. As heranças culturais são ressignificadas e adaptadas. Ao perder o receio de procurar visibilidade e afirmação cultural, a comunidade boliviana luta pelo direito de construir a sua própria narrativa. Na adversidade está sendo construída outra comunidade, que se utiliza das ferramentas contemporâneas de comunicação. Uma comunidade judaica singular foi criada no bairro, outra comunidade singular é a boliviana. A memória do garoto assassinado move a resistência simbólica, e a organização da Associação de Comunicadores se inscreve na resistência concreta. Na Casa do Povo se realiza um movimento de interseção de culturas, o encontro de interesses de parte das comunidades judaica e boliviana, de onde irão surgir novas perspectivas e paradigmas.

Oficina de trabalho da Associação de Comunicadores Bolívia Brasil, Casa do Povo, 2015

¹²⁴ O artigo “Migrações contemporâneas no Brasil: desafio para as políticas sociais” da cientista social Rosana Baeninger, publicado no livro *Migrações e Trabalho* (Ministério Público do Trabalho de 2015, p. 81) analisa o olhar de Hanna Arendt a respeito do debate do imigrante, Arendt diz, paradoxalmente, da necessidade de o imigrante ser transgressor para ser percebido pela sociedade; a lei só é sensível ao criminoso.

4.3 O álbum da travessia

O sr. Chi-Hyung Lee¹²⁵ é diretor-administrador do Colégio Polilogos, localizado na rua Solon, no Bom Retiro. Ele é coreano, está no Brasil desde 1989 e conta que esta foi a primeira escola no Brasil a receber um certificado do Ministério da Educação da Coreia do Sul. O colégio é mantido pela Associação Brasileira de Educação Coreana (ABEC), instituição sem fins lucrativos da comunidade coreana. O Colégio Polilogos foi criado em 1998 e o currículo escolar está de acordo com as normas pedagógicas sul-coreanas, além de seguir também as determinações do Ministério da Educação do Brasil. A filosofia pedagógica é “a preparação de crianças e jovens para o exercício pleno da cidadania, construindo conhecimento para atuar no mundo globalizado”; a escola, desde o início, é preocupada em receber os imigrantes e seus filhos, formar pessoas conectadas com o mundo contemporâneo e conscientes de que será fundamental saber conviver com povos distintos. O Bom Retiro é o lugar dos diferentes próximos.

Lee contou sobre a sua última viagem para a Coreia do Sul e o quanto se sentiu deslocado de sua origem. Não é mais visto pelos coreanos na Coreia como um “autêntico” coreano. Tampouco se sente tão coreano como os da Coreia. Pessoas que vivem em situação de trânsito territorial experimentam um conflito contínuo. Stuart Hall discute a questão da identidade, pertinente ao se estudar o Bom Retiro: “o sujeito previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas”.¹²⁶ É como se o migrante vivesse numa fronteira difusa, algo sem classificação definida, categoria de um não lugar ou uma categoria a ser criada.

Lee mostrou dois álbuns de fotografia pertencentes a sua família, mais precisamente, um álbum em dois volumes. Ele os guarda com carinho, quis

¹²⁵ Chi-Hyung Lee concedeu entrevista ao autor em julho de 2014, no Colégio Polilogos.

¹²⁶ HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006, p.12.

mostrar para poder compartilhar as fotografias em preto e branco. Seu pai foi fotógrafo amador, e ele é herdeiro de um rico documento. Há inúmeros detalhes nas imagens, lembranças que compõem a epopeia de uma família de imigrantes, várias gerações retratadas, fotografias produzidas desde o início do século XX. Algumas das imagens foram realizadas ainda com negativo de vidro, outras são coloridas, de períodos mais recentes. A família de Lee viveu três anos na Argentina antes de vir para o Brasil. Lee ainda fala frases misturando palavras em espanhol e outras em português. As fotografias ficaram mais raras após a substituição da fotografia analógica pela digital.

Chi-Hyung Lee tem ainda a responsabilidade da guarda do livro de registros da genealogia da família, o *jokbo*. Ele recebeu a incumbência do pai e deve passá-la para o filho mais velho, a herança é sempre para o primogênito masculino. Segundo Lee, ele pertence à 45ª geração. Era comum, ao ascender socialmente, uma família adquirir um nome. Lee conta que o registro mais antigo do *jokbo* é de um militar, o próximo guardião será seu filho mais velho. A atualização das informações é feita no espaço de 25 anos; Lee pretende ir à Coreia do Sul em 2016 para recolher os registros mais recentes. As mulheres ganham o registro apenas no nascimento, quando casam passam a fazer parte do livro da família do companheiro. A filha de Lee foi registrada apenas no nascimento, se casar passará a fazer parte do livro do esposo.

Stuart Hall analisa:¹²⁷ “No mundo moderno, as culturas nacionais em que nascemos se constituem em uma das principais fontes de identidade cultural”. Não é uma tarefa simples ser brasileiro sem o ser. Benedict Anderson argumenta:¹²⁸ “A condição nacional é o valor de maior legitimidade universal na vida política dos nossos tempos”. A identidade não é biológica, a “condição nacional” não é natural, é construída. A dupla cidadania e ao mesmo tempo o duplo sentimento do nacional é uma constante no bairro do Bom Retiro. No caso específico do bairro, há um contínuo desenvolvimento

¹²⁷ HALL. Op. Cit, p.47.

¹²⁸ ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 28.

de novas identidades. Paradigmas e conceitos de nacionalismo são colocados em pauta; identidades culturais, religiosas e étnicas são expostas.

Uma das fotografias do álbum era uma cena de casamento; havia a bandeira japonesa ao fundo, presença obrigatória em todo e qualquer evento na Coreia sob o domínio japonês (1910–45). Outra foto tem as marcas de uma rasura no negativo de vidro, porém é cuidadosamente guardada como único registro de alguns ancestrais. O álbum é portador de afeto e carinho, a sombra da bandeira do dominador não foi suficiente para excluir a fotografia da lembrança familiar. Em geral, os álbuns antigos de fotografias têm um aspecto mais intimista, muito distante do similar das redes sociais. Eram feitos para apresentação de lembranças escolhidas a parentes e amigos próximos. Mantinham viva a memória, pedaço benevolente da criação da própria narrativa, da história pessoal e familiar, reforçando o sentimento de pertencimento. Se o imigrante é um sem lugar (*átomos*), como analisa Pierre Bourdieu, ou um sujeito sem cidadania, como disse Hanna Arendt, seu lugar pode estar num álbum de fotografias. Ele o leva consigo e compartilha com quem imagina fazer parte de sua comunidade. Ele habita no álbum de fotografia, o lugar feliz de sua família, o espaço da narrativa visual da travessia de sua gente.

Em “Cartões postais, álbuns de família e ícones da intimidade”, Nelson Schapochnik apresenta uma trama que o álbum fotográfico cria:¹²⁹ “A fotografia se afigura um suporte da memória, quando não a própria história visual da família em que se entrecruzam a celebração da vida e a entronização dos mortos.” No álbum da família de Lee, as pessoas estão representadas com alegria, lembrança dignificante de uma trajetória singular. Os ascendentes conseguiram realizar a travessia da migração e são cultuados com um olhar afetuoso; cuidar do álbum é a garantia da unidade e da sacralização do histórico familiar.

¹²⁹ SCHAPOCHNIK, Nelson. “Cartões postais, álbuns de família e ícones da intimidade.” In _____ NOVAES, Fernando A. (org). *História da vida privada no Brasil*, vol. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 457.

Chi-Hyung Lee com um ano de idade. Álbum de família, Coreia do Sul, Seul, 1963

Turma de formatura da escola do correspondente ao ensino fundamental da Coreia do Sul. Chi-Hyung Lee é o último à direita na terceira sequência. Álbum de escola, Seul, 1974

5. Fotografia e cultura

A memória é a essência da fotografia, e a lembrança é a mais importante herança do fotógrafo. O legado do fotógrafo é a memória, concebida, criada e materializada. Boris Kossoy define uma característica da fotografia:¹³⁰ “Toda fotografia tem atrás de si uma história.” Fotografar é atribuir significados às mais distintas manifestações sociais, culturais e de tudo o que se refere à vida; a fotografia tem a pretensão de subverter a expectativa do tempo, o passado é sempre presente, a imagem fotográfica registra o momento, imediatamente se refere ao passado e é realizada para ser vista no futuro. A fotografia é, de forma paradoxal, fábula e documento, representação da realidade de infinitas interpretações, porém de inúmeros atributos para o conhecimento histórico e antropológico, além de ser um dispositivo da lembrança afetiva.

Os estúdios fotográficos do Bom Retiro expressam as distinções sociais e culturais presentes no bairro. Suas diferentes trajetórias indicam alguns caminhos percorridos pelos movimentos migratórios e acontecimentos internacionais com reflexos naquele espaço central da cidade de São Paulo. Cada fotografia realizada pelos fotógrafos tem uma história; fotógrafos imigrantes anônimos que se instalaram naquela região foram, e são ainda, testemunhas e protagonistas da diversidade cultural que torna o Bom Retiro um bairro singular. São cinco estúdios fotográficos em atividade até o início de 2016, considerando a fotografia como atividade principal do estabelecimento. As imagens expostas nas vitrines dizem mais dos sonhos e desejos que propriamente dos acontecimentos. Rostos jamais envelhecem nas fotografias, mas nos colocam inexoravelmente diante do tempo. Do negativo de vidro ao digital, os fotógrafos são os criadores da memória, da imagem que gostaríamos de ser, dos nossos sonhos, alguns do tamanho de um três por quatro.

¹³⁰ KOSSOY, Boris. *Fotografia e História*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2012, p. 47.

5.1 Sob a luz de santo Eduardo

No dia 13 de outubro de 1951, na rua dos Italianos, Franciscek Regula (1922–2013), natural da Iugoslávia, abria seu estúdio de fotografia. A data marcada foi em homenagem ao dia de santo Eduardo, escolhido como patrono do Bom Retiro pelos católicos do bairro. Na inauguração, o Padre Ângelo Gioelli parou a procissão em frente ao estúdio para benzer o novo empreendimento da comunidade. Regula veio com a família para o Brasil em 1924, de Banja Luka, região hoje pertencente à Bósnia e Herzegovina. Margarida Maria Regula,¹³¹ psicóloga aposentada, herdou do pai, o estúdio fotográfico na rua dos Italianos, o mais antigo em atividade no bairro do Bom Retiro.

Filho de poloneses, Franciscek Regula nasceu no Reino Da Sérvia, Croatas e Eslovenos, em 1922. A família de Regula se estabeleceu em Curitiba depois de um período de trabalho em fazenda de café em São Carlos, SP. Ele gostava de música, o pai tocava músicas da cultura polonesa em festas junto com uma banda. Regula desejava um violino *Stradivarius* para tocar com o pai. Aos dez anos começou a trabalhar no estúdio de um fotógrafo alemão em Curitiba e economizou para comprar o instrumento musical. Quando se tornou adulto, arriscou-se em São Paulo e se estabeleceu como fotógrafo na capital paulista. Em 1964, decidiu naturalizar-se brasileiro: tornou-se Francisco, criou raízes, aprofundou vínculos e assumiu a identidade brasileira, absolutamente dedicado aos assuntos da comunidade, em especial, os da igreja santo Eduardo, no Bom Retiro. Em 2015, sua filha, Margarida, guarda o violino adquirido pelo pai e ainda procura nas cópias de documentos antigos, alguns escritos em croata ou espanhol, outros em polonês, a origem da família. Tateia um percurso possível a partir de documentos, fragmentos de trajetórias épicas. Seu avô paterno, polonês de origem, lutou na Primeira Guerra Mundial pelos Estados Unidos, indicando uma emigração anterior. Muitas vezes podemos visualizar

¹³¹ Margarida Maria Regula concedeu entrevistas ao autor em 2013, 2014, 2015 e 2016.

em meio a esses documentos a única fotografia existente de alguns membros de determinada família.

O fotógrafo de bairro, em geral, dá vida orgânica à memória e aos sonhos. Produz fotografias para necessidades burocráticas e afetivas. É a certeza da passagem de migrantes, trabalhadores e estudantes, gente à procura de trabalho, noiva e noivo, crianças e tudo o mais que for possível num lugar que abriga diversas culturas. É muito comum encontrar nas residências rastros deixados pelo fotógrafo de bairro. Quase todas as pessoas daquele pedaço do Bom Retiro, de 1950 até os dias de hoje, passaram pelo estúdio da família Regula. O sr. Francisco e sua filha, Margarida, contribuíram com a composição de álbuns, a criação de fotos para a posteridade, a produção de fotos para documentos e a construção da narrativa da história das famílias.

As imagens fixadas no mural do estúdio da família Regula expressam a luz de uma época. Fotografias iluminadas com lâmpadas, sem flash, luz contínua a compor a trama do tecido social e cultural que o devir costura e constrói no bairro; a luz numa fotografia é uma pista para determinar um período histórico. Registro visual que confere afeto a um simples documento num retrato três por quatro. No passado reside a fábula do Bom Retiro, retratos coloridos ou colorizados e imagens em preto e branco, algumas expostas no balcão do estúdio, são a expressão onírica de comunidades imaginadas. O pequeno estúdio da rua dos Italianos sobrevive vendendo produtos periféricos da fotografia e fazendo retratos para renovação de vistos (especialmente para os sul-americanos), carteira de identidade, documentos profissionais e também de escolas, profissionais, grêmios e clubes; o estúdio fica na parte mais baixa do bairro, perto do rio, ao lado da delegacia, e é o mais próximo da sede da torcida organizada do Corinthians, a Gaviões da Fiel, garantia de solicitação de três por quatro para as carteiras dos associados. Nos retratos em preto e branco feitos pelo sr. Regula, há evidente contorno nas feições produzido pela luz, nota-se um volume construído pela iluminação.

Uma das primeiras imagens mostrando a entrada de bolivianos no Bom Retiro está na parede do estúdio. A fotografia é de um casal sentado e quatro filhos ao redor, todos devidamente trajados para a composição do retrato de estúdio. Fazer uma fotografia para um documento qualquer é um sinal do exercício de cidadania. Aquela imagem do início da década de 1990 representava a ascensão social da família. Rara fotografia, feita com apuro técnico e um olhar digno, um contraponto à narrativa estigmatizada do imigrante. Este é um dos discursos que incomodam a comunidade boliviana e transpiram nos debates atuais entre os diversos grupos de imigrantes: ou o tratamento é a marginalização via criminalização, ou o olhar é piedoso, sem problematizar as principais demandas.

O preconceito contra o imigrante boliviano não é somente pelo estigma do trabalho escravo, mas também pelos fatos de a Bolívia ser um país economicamente pobre, comercialmente dependente do Brasil, e de o fenotípico do imigrante indicar a origem de nações pré-colombianas, sempre observada com o uso pejorativo da expressão “índio”. O pedaço do bairro no qual o estúdio se localiza é menos valorizado comercialmente e abriga maior número de imigrantes sul-americanos.¹³²

Um pequeno anúncio no balcão do estúdio de Margarida Regula informa a venda de fotografias com uso do programa Photoshop, “sem olheiras e marcas”. As fotografias realizadas pelo pai de Margarida também não deixavam olheiras ou marcas indesejadas, ele as retocava manualmente com pincéis finíssimos e tintas apropriadas. Margarida não consegue abandonar o estúdio. Não pela necessidade do trabalho, ganharia o mesmo alugando o espaço e não correria o risco de enfrentar assaltos, como os dois ocorridos em 2014. O estúdio da rua dos Italianos representa para ela o Bom Retiro idealizado, construído pela memória das fotografias expostas, pelas câmeras antigas sem uso funcional mas com importância simbólica, a lembrança seletiva, assim como é a fotografia, uma seleção de fragmentos

¹³² Os primeiros negócios de sul-americanos começam a surgir, loja de conveniência para remessa de dinheiro e uso da internet, restaurantes e bares, porém ainda não há nenhum estúdio fotográfico administrado por um imigrante sul-americano.

do cotidiano, dos ritos e cerimônias, dos encontros, do fortuito e dos documentos criados.

A sra. Guilhermina Pedroso Camargo Regula,¹³³ viúva do fotógrafo Regula, conhecida como dona Gema, conta, sem perder o ritmo do tricô, que aos sábados no estúdio do marido havia fila de noivos para serem fotografados. No ambiente fotográfico havia lareira, coluna, tapetes e um pequeno oratório para a criança se ajoelhar para as fotografias de primeira comunhão. As imagens ainda guardadas pela família revelam o cuidadoso labor do fotógrafo, documento histórico precioso, retratos reveladores de sonhos e desejos. As fotografias expressam um ar de confiança: tudo vai dar certo, há um futuro sendo construído. Regula trabalhou materializando ritos de passagem dos moradores do Bom Retiro da segunda metade do século XX até o início do XXI. Autodidata, ele fotografava, revelava, ampliava, retocava, algumas vezes colorizava a imagem e atendia o cliente. Eram fotografias feitas para sempre. Dona Gema foi muito bem representada pelas fotos realizadas por seu companheiro; a imagem que permanece na memória é a do olhar do marido e fotógrafo.

Os Bálcãs, na Europa, foram um dos lugares mais conflituosos do mundo. O Bom Retiro recebeu inúmeros imigrantes de diferentes etnias, religiões e nacionalidades da península balcânica. A região foi controlada pelos turcos otomanos desde o século XVI e esteve no epicentro da crise política e econômica resultante da industrialização na Europa que ocasionou a Primeira Guerra Mundial (1914–1918). Depois da queda do Império Otomano, foi criado o Reino Dos Sérvios, Croatas e Eslovenos, logo depois transformado em Reino da Iugoslávia. Ao fim da Segunda Guerra Mundial, após a luta contra o nazifascismo, o marechal Tito assumiu a República Socialista Federativa da Iugoslávia, que foi desintegrada no final do século XX, depois de guerras e intensos conflitos políticos e étnicos.¹³⁴ Inúmeros imigrantes de diferentes religiões, como muçulmanos, católicos e judeus, e

¹³³ Gema Regula concedeu entrevista ao autor em janeiro de 2015, no estúdio fotográfico.

¹³⁴ ALVES, José Augusto Lindgren. “Os Bálcãs novamente esquecidos”. *Revista Brasileira de Política Internacional*, Vol. 47. Brasília, janeiro-junho de 2004.

de origens distintas, como búlgaros, gregos, bósnios e sérvios, fizeram do Bom Retiro sua nova aldeia ou o abrigo provisório tornado permanente.

O bairro tornou-se o espaço da polifonia cultural. É comum ver ali imigrantes com históricos de passagem pelos Estados Unidos, ou outro país, antes da tentativa de viver no Brasil. Há também aqueles que vieram para cá e depois migraram novamente. Vários têm parentes em outros lugares além do país de origem. A fotografia estabelece um diálogo com o passado, sugere certa proximidade com entes distantes ou já falecidos. O fotógrafo realiza a mediação entre passado e presente. Há um peso simbólico no espaço físico dos estúdios num bairro como o Bom Retiro, as imagens são as referências que confirmam a passagem das pessoas e suas histórias. Da região dos Bálcãs veio ainda outro fotógrafo que se estabeleceu no bairro, o Miki.

Folheto promocional do estúdio Regula no início da década de 1950

Fotografia de Francisco Regula dos seus pais. Curitiba, PR, 1942

Fotografia de Francisco Regula de sua filha Margarida Regula. São Paulo, SP, 1954

5.2 A terra prometida em algum canto do bairro

Do lado oposto ao estúdio dos Regula, situado na rua dos Italianos, Chaim Ben Avram, o fotógrafo Miki¹³⁵, estabeleceu-se na rua Três Rios, em 1971. Ele nasceu em Belgrado, capital da Sérvia, invadida pela Alemanha nazista na Segunda Guerra Mundial. A família, refugiada, foi da então Iugoslávia para a Palestina em 1947; naquele momento, a recém-instituída Organização das Nações Unidas dava a chancela para a criação do Estado de Israel. Porém, a ascensão de Nasser no Egito na década de 1950 aumentou a tensão na região, e a diuturna iminência de conflito armado na Palestina materializou a ideia da emigração. O Brasil foi o destino da família em 1955. Miki, acompanhando os pais e os dois irmãos, foi morar no Bom Retiro aos 17 anos. Vive e trabalha no bairro até hoje. Ele conta com o apoio da mulher e dos filhos no estúdio. A fotografia sempre fez parte de sua vida profissional. A precisão e habilidade Miki herdou do pai, marceneiro. O fotógrafo reza todos os dias pela manhã na sinagoga da rua Prates (Shil da Vila) e também é maçom: “não podemos alimentar só o corpo e não o espírito, o corpo e o espírito entram em conflito. É preciso alimentar o espírito todos os dias, assim como o corpo”, afirma o fotógrafo.

A família de Miki encontrou no Bom Retiro seu lugar depois de realizar uma emigração forçada. Ele luta diariamente para manter suas tradições no lugar escolhido para viver.¹³⁶ Miki procura seguir os preceitos religiosos, por isso seu estúdio não abre aos sábados, em respeito ao *shabat*. A identidade religiosa está acima da identidade nacional, e ao mesmo tempo as experiências vivenciadas aprofundaram os vínculos com o bairro. Miki sempre procurou atualizar-se fazendo cursos de especialização em fotografia. Continua produzindo fotos para documentos, com tiragem mínima de seis unidades, por um valor exatamente igual ao praticado pelo estúdio

¹³⁵ Miki concedeu entrevista ao autor em fevereiro de 2015, em seu estúdio fotográfico.

¹³⁶ Maria Luiza Tucci Carneiro analisa o sentimento do povo judaico no Brasil: “discriminados em seus países de origem, os emigrantes judeus fizeram do Brasil a sua Terra Prometida garantindo a sobrevivência do patrimônio religioso e cultural do Judaísmo através de uma rede de instituições e estratégias educacionais” (CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *Brasil judaico: mosaico de nacionalidades*. São Paulo: Editora Maayanot, 2013, p. 42).

de Margarida Regula; ambos entregam as imagens na hora e executam a tarefa com competência. A fugacidade do momento é inversamente proporcional à permanência da imagem. Em poucos minutos, uma representação para compor um documento ou o registro de um rito de passagem, e o fotógrafo deu materialidade à memória.

As atuais condições do bairro possibilitam a entrada e a fixação de estrangeiros e migrantes do território brasileiro. Os projetos migratórios são diferentes. As antigas instituições se renovam, buscam novos significados, e assim as migrações contemporâneas estão construindo suas representações. Dentro do estúdio há um aviso em espanhol pedindo que o cliente facilite o troco. As fotografias para documentos são muito solicitadas pela comunidade sul-americana. No início de 2015, Miki reformou o espaço e colocou na frente do estabelecimento um cartaz com promoções escrito em coreano. Ele sentiu a necessidade de ser mais competitivo para fazer frente aos outros estúdios do bairro. Em março de 2016, um estúdio de um fotógrafo coreano do mesmo padrão do de Miki instalou-se há poucas casas de distância. Miki colocou outro cartaz na frente de seu estúdio, desta vez em hebraico.

Miki é fiel às suas tradições e crenças de seu povo, e ao mesmo tempo busca adaptar-se às novas tecnologias que o mercado fotográfico impõe. Seu estúdio fica em um importante centro de comércio com circulação intensa de pessoas. No dia a dia, reza em hebraico pela manhã, responde em espanhol para clientes bolivianos, peruanos e paraguaios e no fim da tarde saboreia uma *burikita* na confeitaria de seu irmão mais novo, David Ben Avram, na mesma rua do estúdio. A *burikita* é um quitute, uma receita de família. Miki é um cidadão do mundo, quase sem sair do bairro. O destino da família de Miki, assim como o de muitas outras do Bom Retiro, foi fugir de conflitos nacionalistas e religiosos. O bairro supre suas necessidades profissionais, culturais, espirituais e afetivas. Miki encontrou o seu canto, o lugar do afeto, com suas querências e seus conflitos. Perto do estúdio de Miki há mais três estúdios fotográficos, todos administrados por fotógrafos coreanos. Um deles pelo casal Letícia e Francisco.

5.3 O estúdio da rua Prates

Quando chegou ao Brasil, em 2004, o fotógrafo Kyoung Bin Lim, nascido em Seul, capital da Coreia do Sul, não conseguia entender a burocracia, a quantidade de filas e a falta de compromisso dos brasileiros com os prazos. Graduado em fotografia publicitária na Coreia, após um período de bons negócios, ele teve problemas com o seu ex-sócio e decidiu emigrar. O seu pai viera para o Brasil em 1994; Kyoung chegou dez anos depois. Diferentemente do irmão, resolveu tentar construir uma nova vida em outro país. A partir desse período, os imigrantes coreanos vinham pelas “cartas de convite”: em geral, a intermediação da migração era feita por um parente ou amigo já estabelecido, fato comum até os dias de hoje. Kyoung trabalhou no início com importação, e dois anos depois se estabeleceu como fotógrafo no Bom Retiro. Montou um estúdio na rua Ribeiro de Lima com o mesmo nome do que tinha em Seul, Ciel, “céu” em francês. Amigos coreanos lhe apresentaram uma conterrânea, Eun Yong Jo, da cidade de Inchon, na Coreia do Sul. Ambos adotaram nomes sociais em português: Letícia e Francisco¹³⁷. Casaram-se em 2009, não tiveram filhos: o estúdio foi montado em outra rua do Bom Retiro, na rua Prates, e trabalham juntos desde então.

Letícia chegou ao Brasil em 1983, aos 15 anos. É designer industrial graduada na Escola de Belas Artes, em São Paulo. Ela trabalha com o companheiro no estúdio e é a tradutora cultural de Francisco. Ele ainda tem dificuldades com a língua portuguesa. Sua linguagem é visual, é um fotógrafo talentoso, de técnica apurada. Letícia faz muito mais que mera tradução do idioma. Ela vive há mais tempo no Brasil, enfrentou uma graduação, aprendeu a lidar com as diferenças, com as contradições e os conflitos, com as informalidades e formalidades brasileiras. Letícia faz a intermediação entre a origem de Francisco e a realidade brasileira, é ela que faz o trânsito entre os diferentes universos de Francisco. Letícia não

¹³⁷ Letícia e Francisco concederam entrevista ao autor em maio de 2015 no estúdio do casal.

pretende voltar para a Coreia: “o Brasil é a minha casa”, ela diz, diferentemente de Francisco, que definiu um gradiente da migração: “Cinco anos, muita saudade; dez anos, começa a acostumar”. Ele não descarta a ideia de voltar a seu país de origem quando se aposentar, embora esteja começando a se adaptar ao Brasil. Os pais de Francisco voltaram para a Coreia, ele os visita todo ano.

“Letícia já é brasileira”, afirma Francisco sobre a companheira. Nascida Eun Yong Jo, coreana e brasileira por adoção, ela convive intensamente com a diversidade desde os 15 anos. Conhece as necessidades e dificuldades do imigrante coreano, e ao lidar com os clientes do bairro, desenvolveu uma percepção própria das diferenças culturais. O estúdio Ciel atende principalmente a comunidade coreana de alto poder aquisitivo: “80% de coreanos”, segundo Letícia, “10% chineses e 10% os outros”. Ela completa contando que em 2015 pela primeira vez um boliviano entrou no estúdio para ser fotografado. “Eles são tímidos”, observa. Ao comentar sobre identidades e alteridades sentidas na vizinhança, Letícia identifica o italiano como o tipo humano mais próximo do coreano; “são explosivos, falam alto, como nós, coreanos”, argumenta. As imagens expostas na vitrine do estúdio indicam as evidentes preferências da clientela, a maioria fotografias de crianças e jovens da comunidade coreana. Fotografar a criança ao completar um ano é tradição na comunidade. O casamento e a comemoração ao chegar aos 60 anos de idade são outros ritos solicitados pelo estúdio. O espaço é muito bem equipado e possui inúmeros elementos para compor fotografias de crianças e noivos, o estúdio mantém, ainda, um site em português.

Francisco gostaria de fotografar na rua, realizar algum trabalho documental, mas ainda não se sente seguro para andar pela cidade com equipamento fotográfico. Ele observa que São Paulo é sedutora para o fotógrafo que pretende sair do senso comum, há inúmeros locais a explorar. Francisco mostra com orgulho suas câmeras digitais e analógicas e comenta a falta de troca de informação com outros fotógrafos, tanto brasileiros como os colegas de profissão da comunidade coreana.

Em geral, os coreanos se casam entre si e contratam para documentar o evento um fotógrafo profissional de dentro da comunidade, pela facilidade de comunicação, identidade cultural e a confiança. Francisco e Letícia expressam uma constante entre migrantes coreanos: fizeram um casamento endogâmico via apresentação por amigos ou parentes e, o que é comum, frequentam a igreja presbiteriana.

Circunstâncias históricas obrigaram o povo coreano a realizar constantes emigrações. A Coreia ficou sob o domínio japonês de 1910 até o final da Segunda Guerra Mundial, em 1945. Após a independência, nesse mesmo ano, a Coreia foi ocupada ao Norte pela União Soviética e ao Sul pelos Estados Unidos, e depois dividida pelo paralelo 38 por acordo internacional em Coreia do Norte, comunista, e a Coreia do Sul, capitalista. Conflitos e contradições levaram à Guerra Civil da Coreia (1950–53). Intervenções militares externas e a instabilidade política e econômica tiveram como consequência a massiva emigração coreana para vários lugares no mundo: Alemanha, Rússia, China, Japão, Estados Unidos, Canadá, Paraguai, Bolívia e Brasil, entre outros países.

No início da década de 1960, a emigração se tornou política de estado na Coreia do Sul, e o Brasil foi um dos países receptores. As relações diplomáticas entre os dois países foram restabelecidas em 1959. De acordo com a pesquisa de Keum Joa Choi, o governo coreano dava a chancela e uma instituição também coreana organizava todo o processo. A Sociedade Cultural Coreia-Brasil mediou as primeiras negociações, e as levadas iniciais miravam a atividade agrícola; a maioria se instalou no Paraná e em São Paulo. Mesmo com o fim da política estatal de emigração, os coreanos continuaram com o processo migratório.¹³⁸

A família de Letícia decidiu emigrar no conturbado período de redemocratização da Coreia do Sul, no início da década de 1980, após duas décadas de ditadura militar. Francisco veio para o Brasil quando a Coreia se recuperava da grave crise econômica de 1997 no sudeste asiático. Ele era

¹³⁸ CHOI, Keum Joa. “Além do arco-íris: a imigração coreana no Brasil”. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Departamento de História, FFLCH, USP, 1991.

fotógrafo especialista em publicidade na Coreia do Sul, procurava atender à demanda do capitalismo coreano. Seu negócio, porém, era sensível à instabilidade econômica, e Francisco decidiu emigrar. Alexandre Queiroz Guimarães¹³⁹ analisa a política econômica deste período: “A Coreia do Sul, à semelhança do Japão, construiu um modelo econômico marcado por forte intervenção estatal. Consolidou-se uma relação muito próxima entre o Estado e os grupos empresariais”, afirma o economista e cientista político sobre a origem do desenvolvimento e da industrialização do país. Grandes empresas foram criadas com investimento e política estatal; a burocracia ganhou eficiência, e o estado, capacidade tributária, condições necessárias que possibilitaram o desenvolvimento tecnológico. Segundo Guimarães, a desregulamentação da economia foi o que levou à crise em 1997.

Na década de 1970, os coreanos no Brasil começaram a se aventurar em atividades urbanas. A realidade agrária brasileira era bem mais dura do que supunham os primeiros imigrantes coreanos, que escolheram São Paulo como destino principal. A Liberdade, bairro ocupado majoritariamente por imigrantes japoneses, perto do centro, foi o lugar da chegada. O japonês do Brasil era o que havia de mais próximo da cultura coreana. Muitos coreanos falavam japonês, alguns tinham passaporte japonês. A comunidade japonesa já pertencia à polifonia cultural paulistana, e o coreano procurou introduzir-se na comunidade do bairro através da identidade cultural pela proximidade, mesmo com o histórico de dominação japonesa na Coreia.

O comércio de porta em porta de toda e qualquer mercadoria coreana foi o início da prosperidade e da acumulação necessária pela comunidade, o que possibilitou constituir um grande número de confecções. Os negócios começaram então a se deslocar para os bairros do Brás e do Bom Retiro. A mulher coreana teve papel decisivo nesse processo. Basta uma caminhada nas principais ruas do Bom Retiro para verificar a presença feminina nos empreendimentos comerciais.

¹³⁹ GUIMARÃES, Alexandre Queiroz. “Estado e economia na Coreia do Sul - do Estado desenvolvimentista à crise asiática e à recuperação posterior”. *Revista de Economia Política*, vol. 30, nº 1. São Paulo, março de 2010.

A comunidade coreana tornou-se bem organizada em São Paulo, e uma rede de solidariedade foi estruturada para receber novos imigrantes. São inúmeras associações e várias igrejas que auxiliam os recém-chegados, só no Bom Retiro há cerca de 30 igrejas protestantes coreanas em atividade. A comunidade coreana marcou definitivamente o lugar. No início havia um grande número de clandestinos, que enfrentaram condições precárias de trabalho envolvendo toda a família. A partir desse primeiro trabalho os coreanos conseguiram abrir lojas oferecendo produtos sofisticados e de qualidade, sempre lutando contra o preconceito e o estigma da precariedade. No Bom Retiro, há um restaurante coreano em cada rua; há também academia de *taekwondo*, mercearias, escolas, creches, confeitarias, cabeleireiros, serviços de advocacia e contabilidade, agências de viagens, confecções e estúdios fotográficos voltados para a comunidade.

É comum a mulher coreana no Bom Retiro participar ativamente dos negócios da família. Letícia não é exceção. O fotógrafo Francisco faz parte da geração de coreanos que emigraram com formação universitária e dentro do espírito do capitalismo coreano. Para ele, é muito difícil enfrentar a burocracia do Brasil e adaptar-se à cultura brasileira sem a presença da sua companheira. As relações familiares ganham um significado especial e se transformam de acordo com as circunstâncias históricas. A mulher coreana no Bom Retiro da década de 2010, apesar de manter inúmeras tradições culturais, é socialmente diferente das primeiras mulheres coreanas que chegaram ao Brasil.¹⁴⁰

Na década de 2010, bolivianos e demais vizinhos sul-americanos começaram a conquistar visibilidade. As diferentes comunidades no Bom Retiro procuram ocupar espaços, vão marcando território. Porém a trama social e cultural é de tal forma complexa que não há um só quarteirão com apenas uma comunidade. Alguns “pedaços”, como escreve José Guilherme Cantor Magnani, antropólogo da USP, em “De perto e de dentro: notas para

¹⁴⁰ CHOI, Keum Joa. “Além do arco-íris: a imigração coreana no Brasil”. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Departamento de História, FFLCH, USP, 1991, p. 141.

uma etnografia urbana”,¹⁴¹ os grupos vão deixando as suas marcas em confluência com as histórias alheias. A pluralidade das origens singulariza o bairro. Enquanto os judeus organizaram a venda a crédito no Bom Retiro na década de 1920 e viabilizaram os primeiros negócios da comunidade judaica, os coreanos fizeram do Bom Retiro uma referência da moda no Brasil no final do século XX, até hoje a marca de distinção da comunidade.¹⁴²

As identidades culturais são construídas, e a fotografia é uma representação da realidade, instrumento para a realização de narrativas. Os fotógrafos que se instalaram no Bom Retiro foram testemunhas da história privada e pública de imigrantes de diversas origens e classes sociais. De forma constante, os estúdios fotográficos estabelecidos no Bom Retiro registraram o movimento das comunidades. O fotógrafo é o sujeito conhecido e reconhecido por quase todos, o responsável pela imagem definitiva da lembrança, do tempo retratado. A fotogenia do outro depende da generosidade do fotógrafo. As imagens produzidas ganham vida própria, expostas em porta-retratos, penduradas nas paredes, compondo álbuns de família ou apenas guardadas numa caixa.

O casal Letícia e Francisco no estúdio na rua Prates. Bom Retiro, São Paulo, SP, 2015

¹⁴¹ MAGNANI, José Guilherme Cantor. “De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 17, n 49. São Paulo, junho de 2002.

¹⁴² KIM, Yoo Na. *A jovem Coreia*. São Paulo: Ssua Editora, 2008, p. 70.

6. Atores sociais, identidades e representações

As lideranças surgem no ambiente de diversidade cultural no Bom Retiro. A igreja é referência para imigrantes de diversas origens, e a cultura é instrumento de resistência. Um grupo só se torna uma comunidade com organização. A seguir, a trajetória de atores sociais e relatos de identidades reveladas.

6.1 O charango e a Bíblia

Na rua Prates, a mesma do estúdio fotográfico do casal de coreanos Letícia e Filipe, a sra. Eleodora Mamani Condori,¹⁴³ 60 anos, natural de La Paz, viúva, com cinco filhos e nove netos, todos residentes na Bolívia, frequenta aos domingos a Asamblea de Dios Bom Retiro Hispánico, *“la iglesia que te ama”*, como está escrito no pequeno cartaz com a representação das bandeiras de países sul-americanos na entrada do culto evangélico. A sra. Mamani está no Brasil desde 2004, conversa com a família toda semana via internet e envia mensalmente para a Bolívia parte do dinheiro ganho na costura. “Deus me cuida”, ela diz. A igreja é o lugar de encontro, da socialização, um espaço no qual cada um pode se sentir à vontade para ter orgulho da própria origem e se encontrar com os seus. Em maio de 2015, a sra. Mamani comemorou o Dia das Mães com outros imigrantes bolivianos que lá estavam, estabelecendo laços identitários, criando uma nova comunidade. Quase todos eram trabalhadores da costura, moradores do Bom Retiro.

A igreja é uma das principais referências para o imigrante. O pastor Wilfredo Cruz,¹⁴⁴ 47 anos, natural de Oruro, chegou ao Brasil em 2000 e há nove anos mora no Bom Retiro. Há dois anos é um dos pastores da

¹⁴³ Eleodora Mamani Condori concedeu entrevista ao autor em julho de 2015, na sede da igreja.

¹⁴⁴ Wilfredo Cruz concedeu entrevistas ao autor em maio de 2013, na sede da igreja, e em maio de 2015, em sua residência no Bom Retiro.

Asamblea de Dios, foi lá que o pastor Willy, como é chamado, conheceu Ana Maria, sua companheira, boliviana de Santa Cruz de La Sierra. Ele produz roupas em casa e vende na rua. O principal local do comércio é na rua Oriente, no Brás. Na Bolívia, ele trabalhava como “motorista de todo tipo” e a pouca perspectiva de trabalho o fez pensar em migrar. Quando adolescente, aprendeu a tocar charango (instrumento andino) com um amigo evangélico. Apesar da origem católica da família, passou a tocar em todas as oportunidades festivas e religiosas em seu país. Junto com amigos, formou um grupo musical evangélico e folclórico. O sonho deles era chegar ao Rio de Janeiro. Saindo da Bolívia, ele conta que a verba do empreendimento terminou em Campo Grande, no Mato Grosso do Sul. Lá aceitou uma proposta de trabalho na costura em São Paulo, em um negócio de conterrâneos na zona leste da capital. Ficou dois meses no emprego, no bairro de Guaianases, trabalhando sem remuneração.

Wilfredo Cruz tinha medo da polícia; o dono da oficina em Guaianases fazia pressão dizendo que os trabalhadores deviam agradecer pelo aprendizado na costura. “O comum é estar submetido a alguém, salvo os que são chamados por parentes”, define o pastor Willy sobre as condições precárias de trabalho, muitas vezes reproduzidas com a colaboração dos próprios imigrantes. Procurou uma igreja e desembarcou no Bom Retiro. Antes de se estabelecer no bairro, Willy percorreu alguns lugares no Brasil. Tocar charango e conhecer a Bíblia, além do próprio carisma, lhe garantia trabalho nas igrejas. Sua melhor lembrança é dos dois anos que passou no Maranhão, percorrendo inúmeras pequenas cidades do interior, ele enaltece o espírito alegre e simples que experimentou entre os maranhenses. Willy desenvolveu uma percepção própria do Brasil; o que mais chamou sua atenção foi a desigualdade social e econômica: “O Brasil tem essa diferença que mora lado a lado”, disse ele, “o Bom Retiro expressa bem essa distinção”. Segundo o pastor, o Mercosul facilitou a legalização de muitos bolivianos como ele.

Até 2013 Willy tocava charango¹⁴⁵ na *Asamblea de Dios*. Os fiéis alugavam um espaço em um estacionamento na rua João Kopke, no Bom Retiro. No ano seguinte, o mesmo grupo de fiéis alugou um salão na rua Prates. O músico Willy aprendeu religião com os outros pastores e passou a dividir as celebrações em espanhol com o pastor Ivan. Segundo Willy, ninguém é remunerado pelo trabalho na igreja, as despesas são divididas entre frequentadores e líderes. Durante um culto, em julho de 2015, uma jovem boliviana pediu a palavra e reclamou dos conterrâneos que exploravam a mão de obra dos imigrantes. O pastor Willy argumentou que um dos pilares do cristianismo é o poder de transformação do ser humano. No culto havia senhoras e jovens, alguns casais e crianças. É comum a conversão religiosa com o objetivo de participar da comunidade, participar da igreja representa estar mais próximo do universo de origem, da própria perspectiva de mundo, pertencer a um grupo que lhe é familiar, que fala a mesma língua e do mesmo estrato social.

O pastor Willy convidava os fiéis portadores de celulares a colocarem um aplicativo da Bíblia no aparelho. Na cerimônia do Dia das Mães na *Asamblea de Dios* havia entre os presentes um jovem com a camisa do Barcelona e corte de cabelo semelhante ao dos jogadores de futebol, uma senhora de cabelo trançado trajando uma *pollera*, a saia de pregas comum entre as mulheres andinas, e meninas dançando com fitas. As necessidades circunstanciais reforçam o desejo de marcar a própria origem. Aos domingos pela manhã, nas duas calçadas da rua Prates, quase esquina com a rua Mamoré, verifica-se um movimento intenso de fiéis. De um lado, coreanos com sinais de riqueza; do outro lado, bolivianos que estão há menos tempo no Brasil e no bairro, evidentemente pertencentes às camadas mais pobres. São óbvias as diferenças sociais, econômicas e étnicas. Entretanto, há semelhanças: alguns viveram na clandestinidade, foram (e são ainda) alvo de preconceito, trabalham com a costura, são herdeiros de culturas milenares, e o Bom Retiro foi o cenário escolhido para organização de uma nova

¹⁴⁵ Instrumento de cordas de origem andina.

comunidade, tanto para os coreanos quanto para bolivianos, uma trama social permeada de alteridade e identidade.

As relações sociais assimétricas entre as diferentes comunidades dificultam a aproximação; por outro lado, paradoxalmente, a busca pela afirmação cultural apresenta na aparência um clima de tolerância. Mesmo o imigrante convertido a uma nova religião continua, de certa forma, ligado a sua cultura original, há uma adaptação de sua visão de mundo. A igreja é também espaço de organização da comunidade. Assim como acontece entre os coreanos, a confraternização em torno do alimento após as celebrações é parte do roteiro da jornada dos bolivianos na *Asamblea de Dios*. A conversa após o culto, a troca de informações sobre trabalho, sobre acesso a direitos e a possibilidade de os jovens se conhecerem, são as razões básicas do encontro religioso da comunidade boliviana. Para organizar essa igreja não procuraram ajuda do Estado, nem de outra igreja maior, nem de alguma instituição brasileira, boliviana ou de qualquer lugar; o movimento é independente.

Wilfredo Cruz tocando charango na igreja, rua João Kopke. Bom Retiro. São Paulo, SP, 2013

6.2 Coreia sem fronteiras

A rua Prates, na altura da Rua João Kopke, no Bom Retiro, separa a entrada de duas igrejas cristãs, de um lado da rua, a de uma igreja hispânica e, do outro, a de uma igreja de origem coreana. O Pastor Moisés Hwang,¹⁴⁶ nascido em Seul, Coreia do Sul, tem 56 anos, e é um dos líderes da Igreja Missionária Oriental de São Paulo. Hwang vive no Bom Retiro e celebra toda semana inúmeros cultos em coreano. No espaço da missão há o salão principal da igreja, outro salão para cultos menores e abertos para pessoas de fora da comunidade coreana, um galpão para festas e cultos semanais para moradores de rua e catadores de papel e ainda uma quadra de esportes. São três entradas, a principal pela rua Mamoré, a lateral pela rua Prates, com acesso direto ao salão da igreja, e a outra pela rua Joaquim Murtinho.

No Brasil desde 1976, o pastor Moisés, vindo do Paraguai por fronteira sem controle, ficou cinco anos vivendo na clandestinidade, sem documentos. A década de 1970 foi um período de entrada clandestina de coreanos no Brasil, era comum o trajeto ser feito via Paraguai ou Bolívia. Há inúmeros pontos de fronteira com controle ineficiente, outros sem nenhum acidente geográfico que os separe e sem nenhuma fiscalização. Um trecho muito utilizado é a fronteira entre a cidade paraguaia Pedro Juan Caballero e Ponta Porã, no Mato Grosso do Sul, onde apenas uma rua separa os dois países. É evidente a presença de coreanos em atividades comerciais nas cidades de Ciudad del Este e Pedro Juan Caballero. Este trajeto migratório coincide com a rota do tráfico de drogas, contribuindo para a construção social do preconceito contra os coreanos, apesar de os movimentos serem distintos.

O pastor Moisés conta que sobreviveu com a solidariedade de outros coreanos já instalados no Brasil. As contínuas dificuldades contribuíram para o povo coreano desenvolver uma profunda consciência da necessidade de praticar a solidariedade entre os seus. Segundo a pesquisa de Keum Joa

¹⁴⁶ Moisés Hwang concedeu entrevista ao autor em fevereiro de 2015, na sede da igreja.

Choi, a solidariedade faz parte das tradições coreanas; ele descreve o *Kye*, uma forma de assistência mútua,¹⁴⁷ um consórcio de ajuda colaborativa e de aprofundamento de vínculos com a comunidade. Os coreanos se desenvolveram de forma independente, criaram as próprias instituições e empresas e produziram uma narrativa muito especial no Brasil; o Bom Retiro é o cenário desse encontro, o local da afirmação cultural.

O primeiro lugar de moradia em São Paulo de Hwang foi o bairro da Mooca, onde ele aprendeu a torcer pelo Palmeiras. Logo depois mudou-se para o Bom Retiro e ainda vive no bairro. Em 1980, uma lei do Congresso Nacional tentou regularizar a situação do estrangeiro no Brasil melhorando a condição precária de clandestinos sul-americanos e também coreanos, mas a grande dificuldade era apresentar documentação provando a chegada e a permanência no Brasil - a maioria estava no país ilegalmente e não tinha documentos. Em 1988, o governo brasileiro anistiou estrangeiros dando um visto provisório, facilitando a regulamentação de aproximadamente 4 mil coreanos,¹⁴⁸ segundo Keum Joa Choi.

No período da chegada do pastor Moisés ao Bom Retiro, o lugar vinha se tornando, aos poucos, o espaço na cidade dedicado às confecções da comunidade coreana. Judeus, árabes e italianos ganhavam mais um novo vizinho: o coreano, na visão do pastor Moisés “o italiano do Oriente”, por causa do jeito alegre dos dois povos. Quando Moisés chegou ao bairro, não havia ali nenhuma escola dedicada aos coreanos, por isso ele estudou numa escola da comunidade judaica; lá conheceu a sua esposa, com quem tem dois filhos e três netos. O bairro do Bom Retiro tornou-se o lugar adequado para a instalação de uma estrutura fundamentada principalmente nas relações privadas. O coreano é um empreendedor, não por natureza, mas por sua história e formação cultural. Uma parte da comunidade judaica do Bom Retiro trabalhava com confecção. Os conflitos entre as comunidades no bairro eram inevitáveis, mas não necessariamente violentos ou explícitos.

¹⁴⁷ CHOI, Keum Joa. “Além do arco-íris: a imigração coreana no Brasil”. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Departamento de História, FFLCH, USP, 1991, p. 151.

¹⁴⁸ Ibidem, p.122.

A igreja foi o lugar de recepção do imigrante, especialmente o clandestino, e até hoje tem função aglutinadora na comunidade coreana, é o centro da vida social e cultural e desempenha importante papel na reprodução das relações econômicas. A atividade religiosa é um caminho comum para a integração. A igreja é lugar de encontro e serve a várias finalidades; é a oportunidade de saber dos negócios e das ações culturais, e principalmente o espaço para jovens se conhecerem e iniciarem um relacionamento. No início, o trabalho na Igreja Missionária era voltado apenas para a comunidade coreana do bairro. Ao formalizar uma igreja e institucionalizar a atividade religiosa, os vínculos com o lugar se aprofundaram, e aos poucos a igreja deixou de ser frequentada apenas por coreanos. Nos finais de semana há cultos em coreano e outros em português; há também um culto semanal para moradores de rua, seguido de lanche. Assim como nas igrejas da comunidade sul-americana, as funções após o culto são tão ou mais importantes que as celebrações. Lanches e almoços são comuns nesses eventos, são nesses momentos que laços são aprofundados e novas relações se iniciam. A trama da vida do coreano no Brasil é tecida na igreja.

O pastor Moisés considera a diversidade étnica e cultural do Brasil “uma bênção que não pode ser desperdiçada”; ele vê o bairro do Bom Retiro como a síntese racial e social de todo o país: “Brasil em miniatura”, define. Pela sua trajetória de vida, Moisés acredita que no Brasil o preconceito social é maior que o racial; ele diz que a solidariedade entre brasileiros e estrangeiros era maior quando chegou, apesar da lembrança do trabalho duro na confecção de roupas, que envolvia toda a família. A forma como o coreano no Brasil encarava a divisão social do trabalho era estigmatizada: “a máfia coreana”, dizia a imprensa paulista na década de 1980 sobre as condições de trabalho.¹⁴⁹ A moradia, o trabalho e os sonhos eram os mesmos de toda a família. Essas foram as principais características que propiciaram a ascensão social da comunidade coreana e a conquista de

¹⁴⁹ CHOI, Keum Joa. “Além do arco-íris: a imigração coreana no Brasil”. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Departamento de História, FFLCH, USP, 1991.

distinção social pela competência no ramo de confecção; o preconceito em relação ao coreano foi do estigma do trabalho precário ao ciúme pelo sucesso.

O Bom Retiro é um bairro com características cosmopolitas desde a sua formação, no final do século XIX e início do XX. Ali se construiu um “cosmopolitismo sem pretensão”, no dizer de uma jovem brasileira que mora há pouco tempo na rua Guarani. Essa diversidade cultural e social é identificada como síntese da nação pelo olhar de um estrangeiro do Oriente, o pastor Moisés. Stuart Hall comenta sobre um dado da pós-modernidade:¹⁵⁰ “As nações modernas são, todas, híbridos culturais”, e a composição étnica do Bom Retiro é expressão dessa modernidade à qual Hall se refere. O interessante é que a questão da discriminação e do preconceito não é minimizada pelo imigrante, mas sim problematizada a partir de experiências vividas. Para o pastor Moisés, num universo de diversidade cultural, a maior dificuldade da convivência é o prejulgamento do outro, daquele que não pertence à comunidade. São comuns os depoimentos de imigrantes sul-americanos que tratam do mesmo tema.

Escolher um time de futebol local pelo qual torcer é algo que, de alguma forma, faz o imigrante sentir que pertence à nova sociedade escolhida para viver. O futebol é um caminho para a inserção social; outro é a escola. O encontro de dois jovens imigrantes coreanos numa escola da comunidade judaica é um fato da globalização e uma possibilidade concreta no Bom Retiro. Num mundo cada vez mais marcado por relações impessoais, de intolerância e prevalência da economia de mercado como processo civilizatório, a riqueza cultural do espaço não passa despercebida ao olhar do estrangeiro.

O imigrante não esquece a própria origem, mas convive com a ausência da terra de origem. O pastor Moisés pretende continuar com a sua tarefa missionária e quer regressar para a Coreia, mas não ao sul do paralelo

¹⁵⁰ HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006, p. 62.

38 - quer ir para a Coreia do Norte. Ele defende que ambas são formadas por um só povo e que a separação entre sul e norte não foi escolha do coreano. Por isso acredita que deve ir ao encontro dos que necessitam de ajuda. Ele sabe do risco que é tentar pregar o Evangelho na Coreia do Norte, mas considera que isso faz parte da sua missão: “O coreano é raçudo”, afirma.

A ideia de ser um missionário é herança da juventude. O pai de Moisés foi ancião, líder religioso, um sujeito com sabedoria e fé suficientes para ser referência para os outros. A Igreja Missionária no Bom Retiro, tem ajuda financeira de várias partes do mundo e da comunidade coreana no Brasil, sendo grande e independente o bastante para continuar o projeto de missão no bairro sem a presença de Moisés, e além disso seus filhos já são crescidos e donos do próprio destino. Essa foi a forma que ele encontrou de encerrar o ciclo migratório, voltar para a Coreia, lugar que, mesmo geograficamente distante, sempre esteve tão próximo e presente. O debate sobre a reunificação dos países coreanos é percebido no Bom Retiro. No ano de 2015, foi promovido pela Associação Brasileira dos Coreanos um “concurso de perguntas e respostas sobre a unificação da península coreana”.

Frequentar a igreja pode significar a sobrevivência, a informação e o estreitamento de laços estabelecidos. O sr. Choon Bae Kim,¹⁵¹ coreano de Gangwon-do, nascido em 1938, antes da divisão da Coreia, está no Brasil desde 1975 e naturalizou-se em 1982. Ele é proprietário da distribuidora de água Celestial. Em São Paulo, foi morar no Brás, e há 15 anos mudou-se para o Bom Retiro. Aos 77 anos de idade, ainda tem energia para fazer entregas diariamente em quase todas as ruas do bairro, abastecendo casas, lojas, escolas e igrejas. Era budista na Coreia, mas aqui tornou-se protestante, frequenta a Igreja Missionária Oriental do Bom Retiro. Lá ele encontra paz de espírito, conterrâneos e alguns de seus clientes, entre os

¹⁵¹ Choon Bae Kim concedeu entrevista ao autor em setembro de 2015.

quais figura a própria Igreja. A conversão religiosa tornou-se mais simples pela necessidade de sociabilização.

Com o incentivo à emigração pelo governo da Coreia do Sul, 17 mil coreanos, entre 1963 e 1974, foram trabalhar na Alemanha Ocidental.¹⁵² O sr. Choon Bae Kim foi operário metalúrgico em Nuremberg, e após cinco anos de contrato foi obrigado a sair do país. Sobre a Alemanha, ele afirma: “é difícil para o estrangeiro”; ele pensou então no Brasil como destino, fantasiando como seria o país escolhido, “era o paraíso”, segundo ele. Chegou ao Rio de Janeiro de avião, uma imagem para não esquecer, mas pensou em trabalhar na agricultura. Tinha sido pequeno proprietário rural na Coreia, conhecia o suficiente para se aventurar no Brasil. Ele criara uma imagem da nação brasileira: além da cidade maravilhosa, a terra fértil, o povo acolhedor e o café abundante e de qualidade. Plantou café, mas foi enganado pelo vendedor de sementes, perdeu tudo, “77 mil pés”, conta o sr. Choon. Mesmo assim, não se refere a sua história com ressentimento - “todo lugar tem malandro” - exceto ao se referir sobre a sua infância, na Coreia sob domínio japonês: “Sou vítima da guerra”, diz.

O fracasso na agricultura no Tocantins transformou-se em participação política. O sr. Choon foi candidato a prefeito de Taquatinga, no Tocantins, pelo PSDB, em 1997. Não se elegeu, mas viu de perto o Brasil profundo, conheceu a estrutura político-partidária numa cidade de 15 mil habitantes no coração do centro-oeste brasileiro. Nascido na Coreia antes da divisão, Choon foi mão de obra temporária na Alemanha. Naturalizado brasileiro, fez do Bom Retiro o seu último reduto. Ele continua trabalhando e aparenta ser mais jovem que a sua idade, característica comum entre os coreanos. Tem quatro filhos e três netos nascidos no Brasil; uma das netas conquistou uma bolsa de estudos de artes visuais na Coreia do Sul, mas pretende voltar para o Brasil.

Cada grupo ou comunidade se relaciona de forma diferente com o bairro do Bom Retiro. As escolhas de pessoas como Choon tornaram o

¹⁵² CHOI, Keum Joa. “Além do arco-íris: a imigração coreana no Brasil”. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Departamento de História, FFLCH, USP, 1991.

Brasil especial e o bairro do Bom Retiro um caso singular. Ao questionar sua inserção na sociedade, o imigrante é o ator social capaz de colocar em xeque o mito nacional da democracia racial brasileira e a autoimagem de país hospitaleiro.

Moisés Hwang na Igreja Missionária Oriental. Bom Retiro, São Paulo, SP, 2015

Choon Bae Kim entregando água. Bom Retiro, São Paulo, SP, 2015

6.3 Entre o Oriente e o Ocidente

Estudante de gestão ambiental na USP, Lucas Jung Ki Kim,¹⁵³ 18 anos, nascido em São Paulo, conta que quando era criança não sabia se estava no Brasil ou na Coreia, nem mesmo o que era o Brasil. Na infância, estudou em colégio coreano no Bom Retiro. É filho de casal de coreanos e hoje se considera brasileiro. Foi apenas uma vez para a Coreia, há quatro anos, e gostou de lá, mas declarou: “Prefiro o Brasil ainda, as pessoas, o ambiente. Não sei se acostumei bem demais com o Brasil e mal acostumei com a Coreia. Tento associar as duas culturas.” Lucas toca contrabaixo aos domingos nos cultos da Igreja Jesus para as Nações; seu pai é o pastor da congregação.

Filipe Kim,¹⁵⁴ pai de Lucas, nasceu em Seul, na Coreia do Sul, e aos nove anos de idade veio com a família para o Brasil. O seu pai era da Coreia do Norte e se refugiou na Coreia do Sul, mas a instabilidade política obrigou a família de Kim a emigrar. Em 1975, os pais de Filipe vieram com os cinco filhos para São Paulo e se estabeleceram primeiro no bairro da Liberdade, depois na Aclimação. O pai dedicou-se ao mesmo ofício exercido na Coreia: era relojoeiro. Aos 17 anos, Filipe Kim abriu a própria relojoaria e com ela ajudava a sustentar a família inteira. Formou-se em Direito pela Unesp e durante 15 anos geriu um escritório de comércio exterior na Avenida Paulista, com 30 funcionários. Ele conta que um “chamado de Deus” o fez desistir dos negócios e passar a dedicar-se à vida religiosa. Há cinco anos mora e trabalha no Bom Retiro.

Segundo o pastor Filipe Kim, sua Igreja é diferente da maioria das igrejas cristãs da comunidade coreana. São aproximadamente 50 igrejas em São Paulo, 30 delas no Bom Retiro e quase todas voltadas para a “colônia”, descreve Kim. A Igreja Jesus para as Nações é uma igreja evangélica pentecostal da ala protestante, na definição do pastor Kim, há quatro anos à frente da Igreja. “Nossa igreja é uma igreja brasileira; apesar de eu ser

¹⁵³ Lucas Jung Ki Kim concedeu entrevista ao autor em março de 2016, na sede da igreja.

¹⁵⁴ Filipe Kim concedeu entrevista ao autor em fevereiro de 2016 na sede da igreja.

coreano, o culto é celebrado em português, a diferença é que o pastor é coreano”, disse Kim, e completou argumentando que se preocupa com o coreano de segunda geração, que não fala coreano e abandona a igreja dos pais. Na igreja da rua dos Bandeirantes, os cultos têm tradução simultânea para o coreano; senhores coreanos ainda encontram dificuldade em assimilar o português, e alguns jovens voluntários se dispõem a fazer a versão. Na igreja, além de pessoas e casais da comunidade coreana, há moradores do bairro que têm outras origens e também casais exogâmicos. Segundo o pastor Filipe, seu trabalho é “recuperar almas, pastorear é intervir na vida dos fiéis”. Às vezes Filipe contorna situações familiares, dá consultoria financeira e sempre dá voz aos frequentadores da igreja. A congregação, segundo ele, não tem fins lucrativos, o aluguel e as demais despesas são quitados através de doações voluntárias.

Uma creche funciona durante os cultos para cuidar das crianças pequenas, contando com o trabalho de voluntários. Vanessa Kim, esposa de Filipe, é professora no Colégio Polilogos e colabora ativamente com a igreja, toda a família participa das tarefas. Fabiana Eun Ji Kim,¹⁵⁵ 16 anos, filha do casal, estudante do ensino médio, é voluntária na creche; aos sábados assiste a aulas de música *gospel* e sonha em fazer um intercâmbio cultural na Coreia do Sul. Ela visitou o país oriental uma vez e “gostou muito”, diz que se sente culturalmente mais próxima da Coreia. Filipe problematiza a questão da identidade: “Estou há 40 anos no Brasil e nunca me senti brasileiro, mas na Coreia não sou coreano, minha identidade ficou no ar, sou estrangeiro aqui, sou estrangeiro na Coreia”. Ele procura manter coração e mente próximos da Coreia e argumenta que tanto a língua portuguesa como a coreana se tornaram influentes no mundo. Entre outras coisas, assina um canal de televisão a cabo da Coreia; a intenção é fazer que os filhos permaneçam familiarizados com a língua coreana, dominar as duas línguas é um salto profissional para os jovens, diz Filipe. Letras é uma das perspectivas de estudo de Fabiana; outra carreira a considerar, segundo ela, é matemática.

¹⁵⁵ Fabiana Eun Ji Kim concedeu entrevista ao autor em março de 2016, na sede da igreja.

O pastor Filipe mora no Bom Retiro há cinco anos. Escolheu o bairro pela facilidade de conciliar a localização do trabalho do casal, moradia e escola dos filhos, “é um bairro que produz, escolhi gostar do Bom Retiro, é prático, mas não aconchegante.” Ele completa dizendo que a convivência étnica e cultural é “maravilhosa”, e de forma pragmática resume: “Não posso me desvincular da colônia. Deus me mostrou o lugar, escolheu aqui”. Lucas, um dos filhos de Filipe, olha para o Bom Retiro a partir de outra perspectiva, considera o bairro aconchegante e prático: “Na minha rua tem tudo, café, farmácia, tem a igreja, a gente frequenta, é pertinho, a maioria dos meus amigos mora aqui na redondeza, é bom ter tudo próximo de você”. Lucas diz ainda que a maioria dos seus amigos é descendente de coreanos, mas gostaria de ter mais contato com as outras culturas presentes no bairro, o convívio com outros estudantes da faculdade passou a aumentar o espectro cultural de suas amizades.

O pastor Filipe não se arrepende de abandonar o escritório de comércio exterior em favor do trabalho missionário. Durante o período em que exerceu a advocacia, trabalhou no mundo do futebol. Jogou futebol na faculdade, era atacante, representou a escola durante três anos. Na advocacia, trabalhou durante oito anos com futebol. Fez contratos, tinha trânsito livre na maioria dos grandes clubes da capital paulista, trouxe para o Brasil treinadores e jogadores de categorias de base da Coreia para intercâmbio e intermediou contratos de atletas brasileiros que foram jogar na Coreia do Sul.

Ele conta que era um período pouco profissional, diferente dos dias atuais. Um dos motivos pelos quais abandonou o trabalho com o futebol foi um evento em 2001. Ele era o responsável por levar o Santos Futebol Clube para inaugurar o Estádio de Daegu, na cidade de mesmo nome na Coreia do Sul. No ano seguinte, o estádio foi utilizado para a Copa do Mundo. O governo coreano o procurou para que ele levasse um time brasileiro de ponta para a inauguração. O jogo foi televisionado para toda a Coreia. A experiência foi boa, mas ruim financeiramente. O amadorismo dos dirigentes

não deixou saudade, “muito fanatismo e pouco profissionalismo”, segundo Filipe. Lucas herdou do pai o gosto pelo futebol; joga no time da congregação e participa do campeonato de futebol de salão entre igrejas cristãs coreanas promovido pela Igreja Missionária Oriental no Bom Retiro.

Almoço depois do culto na Igreja Jesus para as Nações, rua dos Bandeirantes. Bom Retiro, São Paulo, SP, 2016

6.4 Reinventado a Mãe Terra

Durante o ano de 2014, no Centro de Acolhida João Paulo II, na rua Afonso Pena, Bom Retiro, aos domingos jovens bolivianos, paraguaios, peruanos e moradores de rua brasileiros realizavam um campeonato de futebol de salão, a Copa Vimart de futebol. O torneio era organizado por Jorge Gutierrez Lopez,¹⁵⁶ 60 anos, boliviano de Oruro. Gutierrez foi jogador de futebol profissional na Bolívia. Era o principal organizador da Copa Vimart e uma liderança reconhecida entre os andinos; é sempre lembrado quando a comunidade boliviana pensa em organizar qualquer evento esportivo ou cultural. Gutierrez foi obrigado a abandonar o futebol por causa de uma contusão em 1986, quando veio ao Brasil fazer tratamento no São Paulo Futebol Clube e os médicos o condenaram para a prática esportiva profissional.

Gutierrez resolveu ficar no Brasil. Depois de circular entre os bairros Mooca, Vila Guilherme e Brás, fixou-se no Bom Retiro em 1989; até hoje trabalha e mora no bairro. Na década de 1980 o Brasil e a Bolívia viviam um processo de redemocratização após as ditaduras militares, porém o país andino teve o pior desempenho econômico da América Latina entre 1973 e 1998, segundo o artigo “Reflexões sobre a crise boliviana”,¹⁵⁷ do professor do Departamento de Economia da UFRGS André Moreira Cunha. O Brasil é o principal parceiro econômico da Bolívia e compartilha a maior extensão de fronteira internacional brasileira, 3.423 quilômetros (de acordo com o site: <http://www.itamaraty.gov.br>). A Argentina e o Brasil se tornaram o destino principal dos bolivianos. A década de 1990 é o início da presença boliviana no Bom Retiro.

Ao observar Gutierrez caminhando pelas ruas do bairro, tem-se a impressão de que ele está em Pachamama, a sua Mãe Terra. A rua é a extensão de sua atuação como agente de saúde e ativista social e cultural.

¹⁵⁶ Jorge Gutierrez Lopez concedeu entrevistas ao autor em 2013, 2014, 2015 e 2016.

¹⁵⁷ CUNHA, André Moreira. “Reflexões sobre a crise boliviana”. *Indicadores Econômicos FEE*, v. 32, nº 3. Porto Alegre, novembro de 2004, pp. 5-30.

Ele é um ator social com peso simbólico na comunidade boliviana, e é obrigado a administrar as ações sociais e culturais e as tentativas de cooptação. Em setembro de 2014, foi procurado por agentes bolivianos, residentes na Argentina, de empresa transnacional de produtos de autoajuda e empreendedorismo. Eles queriam a participação de Gutierrez para arregimentar consumidores sul-americanos numa palestra no vizinho bairro do Brás. No trabalho de campo, pude testemunhar a reunião e a palestra. Jorge Gutierrez foi educado com os conterrâneos, mas não assumiu nenhum compromisso e tampouco colaborou com as ações deste grupo; sua prática política é distinta, mas ele foi verificar o conteúdo da proposta dos agentes na reunião no Brás. O discurso da palestra era o da prosperidade através do empenho pessoal, *“no hay plata, no puede vivir”*, disse o palestrante na abertura do evento, na rua Coimbra, no Brás. A plateia era composta por imigrantes bolivianos, e estes contrastavam com as imagens projetadas na tela, que apresentavam famílias de sucesso econômico explícito, com traços de brancos europeus e ostentando consumo. O sentido da vida, segundo o teor da palestra, é obter resultados financeiros, e o caminho da felicidade poderia ser encontrado nos produtos à venda.

Atualmente Gutierrez é o presidente da Associação de Comunicadores Bolívia Brasil e trabalha como agente de saúde na Unidade Básica de Saúde (UBS) do Bom Retiro “O primeiro vínculo do imigrante com o Bom Retiro é a UBS”, diz ele, referindo-se às necessidades básicas do migrante ao instalar-se no bairro. O trabalho na UBS do Bom Retiro exige conhecimentos específicos. A rotina é o atendimento da comunidade sul-americana; os coreanos, em geral, fazem pouco uso da Unidade. De acordo com o Dr. Francisco Moreno,¹⁵⁸ os coreanos no Bom Retiro não acreditam no serviço público: “Não precisar do serviço público é bem-visto entre os coreanos”, aponta o médico da UBS. Ele conta que uma creche da comunidade coreana não aceitou trabalhar com a UBS. Segundo Moreno,

¹⁵⁸ O Dr. Francisco Moreno concedeu entrevistas ao autor em março de 2013 e em setembro de 2015.

os coreanos fazem um grande trabalho comunitário e solidário em torno das igrejas.

No campeonato de futebol no Centro de Acolhida João Paulo II, em 2014, equipes de diferentes matizes participaram.¹⁵⁹ Em 2013, Gutierrez organizou outro campeonato na quadra esportiva do AMA (Assistência Médica Ambulatorial) da rua Prates, e antes da partida final todos os presentes, atletas, familiares e amigos, rezaram em espanhol em memória do garoto boliviano assassinado dias antes na zona leste de São Paulo. Foi uma das manifestações embrionárias da Associação de Comunicadores Bolívia Brasil. Antes da internet, Gutierrez teve uma rádio pirata, colecionando problemas com o braço do Estado mais temido pelos imigrantes, a polícia: foram quatro detenções, uma delas por solidariedade ao grupo perseguido. Ele diz que hoje, com o Mercosul, ficou mais fácil conseguir documentação regular. Como a maioria dos imigrantes bolivianos trabalhou na costura, conseguiu produzir e vender.

O migrante, em geral, vive entre mundos territorial e cultural distantes, e a aproximação desses mundos, ou o enfrentamento do cotidiano carregado de paradoxos e intolerâncias, se dá pela ação social e cultural. É a resistência pela manutenção da memória afetiva com a Mãe Terra. Segundo o antropólogo Sidney A. da Silva, a comunidade boliviana busca no imaginário coletivo de culturas milenares ressignificar elementos culturais básicos, adaptando-os à realidade urbana.¹⁶⁰ Procurar elementos culturais nas tradições milenares do imaginário coletivo é comum entre os diferentes grupos no bairro do Bom Retiro. A cultura foi e ainda é o alimento da resistência e da possibilidade de apresentação de outra perspectiva para judeus, gregos, coreanos, bolivianos, peruanos e paraguaios no bairro. A cultura é a ferramenta da contranarrativa hegemônica. O antropólogo

¹⁵⁹ O torneio buscava não apenas a integração, mas também problematizar a autoestima do imigrante e do morador de rua. O nome Vimart dado ao torneio é em homenagem à esposa de Gutierrez, Vitoria Marlene Torrez, falecida em 2003, mãe de um filho também falecido nesse mesmo ano, e de Alan, que tinha apenas três anos na época.

¹⁶⁰ SILVA, Sidney Antonio da. *Bolivianos: a presença da cultura andina*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005. p. 61.

Sidney A. da Silva discorre sobre as diversas festas e manifestações culturais dos bolivianos¹⁶¹ no Brasil: “(...) as festas são uma oportunidade de ressocialização na própria cultura, ou seja, de um reencontro com práticas culturais que lhes eram familiares no país de origem(...)”. Essas práticas ajudam a conviver com o conflito de pertencer ao universo de origem e ao mesmo tempo ao universo de destino.

Em janeiro de 2015, Gutierrez foi à festa de Alasita, no Memorial da América Latina, no bairro da Barra Funda. Essa é uma das mais concorridas celebrações da comunidade boliviana em São Paulo. A festa de Alasita comemora a fartura, é um momento de agradecimento e renovação de pedidos. Durante o ano inteiro a família de Gutierrez guardou moedas num cofre de porquinho ao pé da imagem da Virgem Maria de Urkupiña. No dia da festa, ele quebrou o cofre e levou o dinheiro arrecadado para gastar, especialmente ao meio-dia, a melhor hora para se fazer qualquer pedido para a Virgem. Comprar ao meio-dia um objeto pequeno que represente um desejo, um carro ou uma casa, é uma das tradições da cerimônia. A dúvida era apenas sobre a hora mais adequada do pedido, por causa da diferença de fuso horário em relação a La Paz: qual meio-dia devia ser respeitado, o do Brasil ou da Bolívia? O horário boliviano foi escolhido.

Os filhos de Gutierrez, Naret e Alan,¹⁶² participam com frequência das atividades culturais. Eles expressam as identidades presentes, do tradicional ao pós-moderno, e transitam entre distintos universos simbólicos. Naret nasceu na Bolívia e se diz boliviano. A festa de Alasita para ele é o encontro com sua origem, a reprodução de tradições e a chance de namorar com uma jovem imigrante. Alan, um pouco mais novo, nasceu no Brasil e se diz brasileiro, embora afirme que não é visto como tal entre os brasileiros. Ambos conhecem música brasileira e rock das décadas de 1970 e 1980, e são curiosos a respeito do período da ditadura militar no Brasil. Alan

¹⁶¹ SILVA, Sidney Antonio da. *Bolivianos: a presença da cultura andina*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005, p. 56.

¹⁶² Naret e Alan concederam entrevistas ao autor em janeiro de 2015.

conseguiu uma bolsa e faz o segundo ano do ensino médio em escola particular, Naret estudou em escola pública e completou o ensino médio no final de 2015; em 2016 montou um pequeno negócio de manutenção de celulares no Bom Retiro.

De casa, Gutierrez administra a rádio *on-line* voltada para a comunidade sul-americana, que pode ser sintonizada no endereço <<http://radionuevamerica.blogspot.com.br>>. O nome *Nueva America* não é uma escolha casual; refere-se a uma comunidade imaginada a partir das novas relações estabelecidas pelo encontro de povos de países vizinhos com histórias e experiências similares. O que antes era o outro se tornou parte da mesma comunidade. *Nueva* ou *nuevo* são palavras muito usadas pelos hispânicos no Brasil: o restaurante pode ser Nuevo Sabor Latino, a rádio *on-line* é La Nueva Lider, ou Nueva America, o time de futebol é Nuevas Estrellas. Aos 60 anos, Jorge Gutierrez Lopez busca na reinterpretação da Mãe Terra a inspiração para sua prática política e cultural. Ajudar a organizar a comunidade boliviana fez parte de sua trajetória. Gutierrez utiliza a internet, ferramenta do século XXI, como instrumento de luta pela preservação de tradições culturais milenares e a organização da comunidade boliviana no Brasil. Ele atua em várias frentes, e até mesmo a escolha do local onde cortar o cabelo tem um significado especial. A barbearia e o cabeleireiro são lugares de encontro e socialização. Gutierrez costuma cortar o cabelo em um quarteirão do Bom Retiro com várias barbearias da comunidade boliviana.

Jorge Gutierrez Lopez e um time boliviano no AMA, rua Prates. Bom Retiro, 2013

6.5 O barbeiro de La Paz

O Sr. Marcelo Laura,¹⁶³ de La Paz, Bolívia, está no Brasil desde 2011, mora e trabalha no Bom Retiro. É a segunda vez que vive no Brasil, já residiu no mesmo bairro de 2005 a 2008. Seus três filhos, quatro netos e a ex-companheira vivem em La Paz. Ele exerce a mesma atividade no Brasil e na Bolívia: é barbeiro, atende principalmente os conterrâneos, como Jorge Gutierrez Lopez, porém em um lugar como o Bom Retiro é possível que cada cliente atendido pertença a uma origem diferente. Marcelo conta que certa vez um cliente pediu em português um tipo de corte e ele entendeu errado a encomenda. Quando terminou o serviço, enfrentou a ira do freguês, conseguiu entender só os palavrões. Estudou um pouco de português e atualmente trabalha na barbearia de uma senhora boliviana na rua Joaquim Murtinho, em um quarteirão com quatro barbearias contíguas de bolivianos.

Nas paredes da barbearia há fotografias de celebridades como referência para os cortes de cabelo. Nos finais de semana, Marcelo presta serviço por conta própria na Praça Kantuta, no vizinho bairro do Pari. Nessa praça há uma feira da comunidade boliviana todos os domingos, com inúmeras barracas que vendem produtos e refeições diversos. É um lugar de encontro da comunidade, e Marcelo Laura é um dos organizadores. No Brasil ele busca recriar a Bolívia, mas faz parte de seu projeto migratório poder viver entre os dois países.

A comunidade sul-americana é das mais recentes no Bom Retiro. Os primeiros imigrantes começaram a chegar ao bairro no início da década de 1990, processo que persistiu até os primeiros anos da década de 2010. Bolivianos, paraguaios e peruanos compõem a maioria, mas há equatorianos, colombianos e argentinos. Quase todos os bolivianos trabalharam ou trabalham com a costura, alguns com histórico de migração anterior. A presença no Bom Retiro se torna cada vez mais evidente entre os

¹⁶³ Marcelo Laura concedeu entrevistas ao autor em dezembro de 2014 e em julho de 2015.

outros grupos de imigrantes. A imigração proveniente de um país vizinho confere características distintas em relação às outras. É comum o movimento contínuo de idas e vindas, o retorno ao lugar de origem é desejo constante. Mario Romero,¹⁶⁴ colega de trabalho de Marcelo Laura, está no Brasil há três anos e diz que seu desejo é voltar para Santa Cruz de La Sierra, sua cidade natal.

O tempo que já dura a imigração sul-americana foi suficiente para criar uma segmentação social entre os bolivianos e a diversificação de atividades. Alguns negócios da comunidade estão sendo estabelecidos no bairro, e é usual o emprego e o agenciamento por conterrâneos. Aos poucos, ruas, casas e fachadas dos prédios do bairro expressam a presença sul-americana. Barbearias e cabeleireiros são pontos de encontro, referência para inserção e adaptação social, concentração de informações das mais diversas e de interesse dos diferentes grupos. Às sextas-feiras, tanto a antiga barbearia do Toninho, na rua Correia de Melo, como a sequência de barbearias na rua Joaquim Murtinho ficam lotadas não só de clientes, mas também de gente em busca de qualquer informação ou apenas para sociabilizar. Na rua Correia de Melo, a frequência, em geral, é de judeus e descendentes de portugueses e italianos, enquanto na rua Joaquim Murtinho a comunidade sul-americana é maioria.

Ao ser fotografado, Laura fez questão de uma pose específica: desenhou um coração com as mãos. A fotografia foi entregue a ele pouco tempo depois. Em outro dia, ele contou que o retrato em preto e branco está agora na cabeceira da cama de sua mãe, a sra. Noemi Apaza, em La Paz.

¹⁶⁴ Mario Romero concedeu entrevista ao autor em julho de 2015.

6.6 As identidades de Dóris

A Sra. Dóris Goulin Boccalato Betti,¹⁶⁵ 56 anos, nasceu em Santo André. Depois do seu casamento, em 1982, foi morar no Bom Retiro, bairro de nascimento do seu parceiro católico e de ascendência italiana. Ela descende pelo lado paterno de franceses, italianos e guaranis, e de lituanos pelo lado materno. Foi batizada católica quando era criança e se casou na igreja. Ela conta que quando foi morar no bairro era cumprimentada pelos vizinhos judeus em ídiche, não sabia responder no mesmo idioma, mas não se sentia distante daquele povo, considerava que “estava sendo testada”. Um dos vizinhos de origem judaica conferiu o nome da sua família materna, lituana, junto a um rabino, e este confirmou a procedência judia da bisavó de Dóris. Segundo os preceitos judaicos mais tradicionais, é considerado judeu até a terceira geração do lado materno, Dóris lembra o argumento do rabino. De acordo com este rabino, Dóris é judia. Quando soube, ela entristeceu, procurou saber mais da sua origem familiar materna, e as informações obtidas não eram absolutamente fidedignas; alguns parentes continuavam negando a origem judaica, mas depois a informação foi confirmada pela mãe dela.

Hoje, 30 anos depois da descoberta, se sente feliz por ser judia e católica: “Deus é um só”, argumenta ela. Stuart Hall comenta a impossibilidade da identidade única, não fragmentada:¹⁶⁶ “A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia”. No caso de Dóris, são várias identidades, e as aparentes contradições estão presentes no seu dia a dia. Inúmeros judeus que fugiram da Europa por conta do antissemitismo foram obrigados a esconder sua origem, não frequentavam a sinagoga e não se ocupavam das tradições ou as seguiam de forma velada. Havia sempre o receio da perseguição e do preconceito. Era o caso da família de Dóris.

¹⁶⁵ Dóris Goulin Boccalato Betti concedeu entrevista ao autor em dezembro de 2014, em sua residência.

¹⁶⁶ HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006, p. 13.

O túmulo da família materna da sra. Dóris se localiza em um cemitério cristão, em Santo André, no ABC paulista. Não tem cruz, há apenas uma estrela de cinco pontas. Antes de morar no Bom Retiro e conviver com os judeus, Dóris conta que não entendia o significado da estrela de cinco pontas na lápide da família; a Estrela de Davi tem seis pontas, está na bandeira do Estado de Israel, e a de cinco é a Estrela de Salomão, símbolo judaico comum até a Idade Média, hoje menos usual. Salomão foi filho de Davi, a Estrela de Salomão está contida na Estrela de Davi, segundo o judaísmo. Dóris não sabia que seus familiares tinham sido vítimas de um *pogrom*¹⁶⁷ na Lituânia.

Na cerimônia de abril de 2015, para lembrar a data do levante do Gueto de Varsóvia, na Casa do Povo, a Sra. Dóris leu para os presentes um texto de Jorge Amado, “Canção da Judia de Varsóvia”. Diz o texto, no início: “Meu nome já não o sei, só de Judia me chamam (...)”, e continua mostrando o drama da mulher judia frente ao nazismo, “(...) minha beleza se foi... meus lábios já não sorriem. Ontem mataram meu pai na vista da minha mãe; meus olhos são secos, secos não restou nenhuma lágrima (...)”, e Jorge Amado termina o texto mostrando a perseverança, determinação e esperança do povo judeu, além do resgate de sua identidade, “(...) dizem que em outras terras lutam mulheres em armas (...)”, e mais adiante: “(...) e moça judia então, nome de Novo eu teria!”.

Dóris se sente portadora de várias identidades. Na sala de seu apartamento, na Rua Afonso Pena, há uma mesa com a Bíblia, uma estatueta representando São Francisco e um candelabro de sete braços da tradição judaica, o *Menorah*. Ter ido morar no Bom Retiro possibilitou descobrir a trajetória de seus ancestrais judeus. O ambiente de diversidade cultural do bairro colaborou para ela entender o receio dos familiares de se identificarem como judeus. O Bom Retiro possibilitou conviver em harmonia com as suas distintas origens e transitar entre elas. Atualmente Dóris

¹⁶⁷ *Pogrom* é um ataque violento coletivo contra minorias, especialmente judeus. O termo tornou-se conhecido internacionalmente após ataques contra a comunidade judaica na Rússia czarista no final do século XIX.

participa das aulas de teatro e do coral Tradição na Casa do Povo. Ela ensaia todas as semanas e participa das apresentações do grupo. Uma das características do coral é só cantar no idioma ídiche. Ela conta que não compreende as letras das músicas na língua ídiche, mas consegue sentir.

Dóris Betti, em sua residência no Bom Retiro. São Paulo, SP, 2014

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Bom Retiro é o lugar mais cosmopolita do Brasil. A composição social é estratificada, são encontradas no bairro das camadas mais populares às altas. As relações sociais assimétricas permeiam a trama social construída na diversidade étnica e cultural. Na segunda década do século XXI ocorre um inusitado encontro de culturas milenares no bairro. Gregos, judeus da Europa e da África, coreanos, armênios, povos andinos, chineses e descendentes de italianos, entre outros, são os fios das tramas sociais no espaço que tem a diversidade como norma. Apesar dos ressentimentos contidos, preconceitos velados e conflitos vários, o bairro se renova constantemente como abrigo da diversidade e do imigrante. Imigrar é um direito e inúmeras consequências decorrem da luta pelo exercício desse direito pelos diferentes grupos no Bom Retiro; um lugar com histórico em que a infraestrutura, a organização espacial, a localização e os equipamentos públicos propiciaram e continuam propiciando a ocupação por imigrantes.

A história do bairro foi construída pela trajetória de imigrantes e pelas relações desenvolvidas no dia a dia entre atores sociais diversos e heterogêneos. Não é apenas um grupo de determinada região do planeta a ocupar o bairro, o espectro é muito amplo. Laços de solidariedade dentro dos grupos fizeram e fazem a diferença no desenvolvimento das comunidades e na tentativa da construção de um discurso. Imigrantes só se tornam uma comunidade se forem organizados, estruturados e com fortes relações entre seus membros. A organização possibilita a construção da própria narrativa. Ao longo do tempo o Bom Retiro ficou conhecido como bairro de italianos, depois bairro dos judeus e no fim do século XX como um bairro coreano. A vasta gama étnica e cultural foi acrescentada com a presença dos sul-americanos. Em 2016, o lugar pertence a várias comunidades, algumas mais fortes economicamente, mais visíveis, outras mais discretas e em fase de estruturação. Decerto o Bom Retiro vive uma polifonia social e cultural, é o bairro da diversidade, da cultura representada

e exposta. É difícil considerá-lo como reduto de apenas uma comunidade, mas não é difícil encontrar um coreano que vive no Bom Retiro há anos e fala o idioma português com dificuldade ou judeus que se comunicam em ídiche. É o espaço da pluralidade em constante disputa e de fronteiras fluidas nem sempre visíveis, ou algumas vezes muito claras. O convívio diário com a alteridade reforça o desejo de reiterar a identidade. Ao mesmo tempo, grupos se distanciam e se aproximam. Inusitados encontros entre diferentes acontecem.

O Bom Retiro expressa neste momento histórico uma amostra de movimentos populacionais transnacionais, as migrações inseridas no contexto da ordem capitalista do século XXI, dos mercados globalizados e da mão de obra precarizada. Entretanto, os projetos migratórios são frutos do desejo de mudança e são realizados por sujeitos dedicados às transformações, sujeitos fazendo história. A renovação do lugar como receptor de imigrantes tornou o espaço um universo rico de histórias de personagens que sempre estiveram dispostos a escrever o roteiro de suas vidas. Gente, cada um da forma na qual acredita, determinada a criar seu canto no mundo, o lugar da sociabilização, muitas vezes o provisório se perpetuando, outras vezes a luta pelo permanente, a descoberta da terra prometida, um caminho aberto para os descendentes, mesmo que esse lugar seja longe da origem.

O Bom Retiro é o lugar em que o fotógrafo deve estar sempre pronto para o inusitado e aberto à aprendizagem. A principal característica do bairro é a diversidade cultural, mas a complexidade da ocupação do espaço no Bom Retiro não se restringe às diferenças culturais e étnicas. Há o convívio com classes sociais distintas e antagônicas. Há atores sociais ativos no Bom Retiro com pouca ou nenhuma visibilidade. Muitos deles exercem o papel de mediadores das relações sociais e culturais no bairro. O porteiro é um trabalhador com funções específicas, mas socialmente é visto apenas em determinadas situações, mediando conflitos ou executando um favor, naturalizado como se fosse parte de suas tarefas. Uma delas, talvez a mais

importante, seja a de conseguir o entendimento entre moradores diversos, com línguas e culturas diversas, na função de mediador de relações sociais.

Em um edifício na rua Guarani há um aviso aos moradores para “não bater a porta”, escrito em português com a versão coreana ao lado. O sr. Francisco Elias Mello,¹⁶⁸ de Marília, SP, ex-carteiro aposentado, é o porteiro de um edifício construído pela comunidade judaica na década de 1950. Ainda há judeus, mas a maioria é da comunidade coreana; os chineses são os mais novos vizinhos, e muitos moradores alugam os apartamentos dos antigos proprietários judeus. Ao receber a fotografia em preto e branco que fiz dele, o sr. Francisco ficou satisfeito com o resultado; olhando a imagem com atenção, definiu: “a foto parece mais real”; habituado com imagens coloridas da televisão, mídia impressa e internet, reconheceu na abstração do preto e branco a interpretação da realidade como documento, a fotografia objeto, não como a representação única, definitiva, mas a aparência da realidade. O sr. Francisco disse “parece” mais real. Ele fez a distinção entre a realidade e a representação da realidade, como se a existência ganhasse significado ou materialidade através da imagem fotográfica. Francisco Elias Mello, ao se referir sobre a aparência da realidade fotográfica, estabeleceu um diálogo com Boris Kossoy:¹⁶⁹ “O assunto representado configura o conteúdo explícito da imagem fotográfica: a face aparente e externa de uma micro-história do passado, cristalizada expressivamente”.

O Sr. Lídio dos Santos Neto¹⁷⁰ é uma pessoa que não precisa da fotografia. Não tem endereço fixo, não usa documento e muito menos é pessoa jurídica, o eufemismo do trabalho assalariado precarizado. Não participa de nenhum programa social ou cultural, tanto público como privado. Foi funcionário da prefeitura durante dez anos e atleta de ponta do centenário Clube Esperia, na zona norte da capital paulista: “Eu tinha 18 anos, fiquei em quarto lugar na corrida de São Silvestre, pode conferir no

¹⁶⁸ Francisco Elias Mello concedeu entrevista ao autor em setembro de 2015.

¹⁶⁹ KOSSOY, Boris. *Realidades e Ficções na Trama Fotográfica*, São Paulo: Ateliê Editorial, 1999, p. 37.

¹⁷⁰ Lídio dos Santos Neto concedeu entrevistas ao autor em junho de 2013 e em agosto de 2014.

arquivo da *Gazeta Esportiva*”, diz o sr. Lídio. Seu sustento vem das sobras do consumo de moradores, trabalhadores, empresários e frequentadores do Bom Retiro - o sr. Lídio é catador de papel. Ele não tem moradia, não dorme todos os dias no mesmo lugar, circula pelo Bom Retiro. No bairro há uma grande quantidade de rolos e caixas de papel descartados pelas confecções e lojas. Lídio é um personagem não visto.

Ao receber sua fotografia de presente, um ano depois, lembrou o local da realização da imagem: “Na rua dos homens de preto”, disse em referência aos judeus ortodoxos da rua Talmud Thorá. Depois Lídio fez o seguinte comentário: “Gostei da minha representação”. Ele ficou feliz e orgulhoso com a interpretação visual. O sr. Lídio estabeleceu uma relação entre a produção do catador de papel e a do fotógrafo: segundo o seu olhar, tanto o trabalho do catador como o do fotógrafo só é possível fazer caminhando, andar a pé é a única forma de realização dos dois trabalhos.

André Rouillé discorreu sobre o fato de a reportagem dialógica¹⁷¹ ir além da simples captação da aparência das coisas. Rouillé escreveu sobre a fotografia que coloca o outro, o fotografado, não como objeto, mas sujeito: “Tornar visíveis os sem-fisionomia e sem-imagem, os excluídos tanto da visibilidade dominante como da vida social e política: os estrangeiros em seu próprio país”. São inúmeros os não vistos no Bom Retiro, não são só os imigrantes que estão em terra estrangeira, muitos excluídos andam pelo bairro sem ser percebidos, porém são pessoas portadoras de valores e qualidades. Para torná-las visíveis é preciso se tornar visível, para olhar o outro é necessário se aproximar e dialogar. No Bom Retiro faz parte do cotidiano lidar com a diferença. O bairro expressa um pouco do Mundo e do Brasil também. As desigualdades fazem parte do cenário, mas ali é o lugar do encontro de desejos. Quase todos vieram de longe para realizá-los.

¹⁷¹ ROUILLÉ, André. *A fotografia entre documento e arte contemporânea*. São Paulo: Senac, 2009, p. 184.

Francisco Elias Mello, rua Guarani. Bom Retiro, São Paulo, SP, 2015

Lídio dos Santos Neto, catador de papel. Bom Retiro, São Paulo, SP, 2013

Área destacada:
bairro do Bom Retiro

A numeração indica
a página da imagem
realizada no local
correspondente

N

Fonte: Google Maps

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGEE, James; EVANS, Walker. *Elogiemos os homens ilustres*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

ALVES, José Augusto Lindgren. *Os Bálcãs novamente esquecidos*. *Revista Brasileira de Política Internacional*, vol. 47. Brasília, janeiro-junho de 2004.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BARBUJANI, Guido. *A invenção das raças*. São Paulo: Contexto, 2007.

BARTHES, Roland. *A câmara clara*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1996.

BURGI, Sergio e COSTA, Helouise (orgs.). *As origens do fotojornalismo no Brasil: um olhar sobre o Cruzeiro, 1940 – 1960*. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2012.

BURKE, Peter. *Testemunha ocular: história e imagem*. Florianópolis: Edusc, 2001.

CALDEIRA, Teresa P. *Cidade de muros: crime, segregação, cidadania em São Paulo*. São Paulo: Editora 34 / EDUSP, 2000.

CANCLINI, Néstor García. *A globalização imaginada*. São Paulo: Iluminuras, 2003.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *Brasil judaico: mosaico de nacionalidades*. São Paulo: Editora Maayanot, 2013.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci; HIRANO, Sedi (orgs.). *Histórias migrantes, um mosaico de nacionalidades e múltiplas culturas*. São Paulo: Humanitas, 2014.

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das mídias*. São Paulo: Contexto, 2012.

CHOI, Keum Joa. “Além do arco-íris: a imigração coreana no Brasil”. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Departamento de História, FFLCH, USP, 1991.

COLLIER, John Jr. *Antropologia visual: a fotografia como método de pesquisa*. São Paulo: EDUSP, 1973.

COSTA, Sérgio. *Dois Atlânticos. Teoria social, antirracismo, cosmopolitismo*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

CYTRYNOWICZ, Roney. *Paralelos: 95 anos de Unibes contados através da história de São Paulo*. São Paulo: Narrativa Um, 2011.

DERTÔNIO, Hilário. *O bairro do Bom Retiro*. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura, PMSP, 1971.

DUBOIS, Philippe. *O acto fotográfico*. Lisboa: Vega, 1992.

DYER, Geoff. *O instante contínuo: uma história particular da fotografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os outsiders*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo: EDUSP, 1999.

FAUSTO, Boris. *Negócios e ócios: histórias da imigração*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

FLUSSER, Vilém. *Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

FRANK, Robert. *The Americans*. New York: Aperture, 1959.

FREUND, Gisèle. *La fotografia como documento social*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1976.

GIL, Antônio Carlos Amador. *O Lugar dos indígenas na Nação Mexicana. Tensões e reconfigurações da identidade nacional mexicana no século XX*. Vitória: Aves de Águia, 2013.

GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere, Volume 2*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

GUIMARÃES, Alexandre Queiroz. Estado e economia na Coreia do Sul - do Estado desenvolvimentista à crise asiática e à recuperação posterior, In _____ Revista de Economia Política. Vol. 30, nº 1. São Paulo, 2010.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio Janeiro: DP&A Editora, 2006.

HARVEY, David. *A produção capitalista do espaço*. São Paulo: Annablume, 2005.

HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence (orgs.). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

IGLÉSIAS, Francisco. *Trajetória política do Brasil, 1500 – 1964*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

KIM, Yoo Na. *A jovem Coreia*. São Paulo: Ssua Editora, 2008.

KOSSOY, Boris. *Realidades e Ficções na Trama Fotográfica*, Ateliê Editorial, 1999.

KOSSOY, Boris. *Fotografia e História*. Ateliê Editorial, 2012.

KOSSOY, Boris. *Os Tempos da Fotografia, o efêmero e o perpétuo*. Ateliê Editorial, 2007.

KOUDELKA, Josef. *Gypsies*. Aperture, New York, 1975.

KULCSÁR, João (org.). *Retratos imigrantes*. São Paulo: SESI-SP, 2015.

LANNA, Ana Lúcia Duarte; PEIXOTO, Fernanda Arêas; LIRA, José Tavares Correia de; SAMPAIO, Maria Ruth Amaral de. *São Paulo, os estrangeiros e a construção das cidades*. São Paulo: Alameda, 2011.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

LEVI, Giovanni, Usos da biografia, In _____ *Usos e abusos da História Oral*. Coordenação de Marieta Ferreira, e Janaína Amado. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. “De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana”, In _____ *Revista de Brasileira de Ciências Sociais*, vol.17, nº 49, São Paulo, junho de 2002.

MANGILI, Liziane Peres. *Bom Retiro, bairro central de São Paulo: transformações e permanências, 1930-1954*. São Paulo: Alameda, 2011.

MEDINA, Cremilda. *Atravessagem: reflexos e reflexões na memória de repórter*. São Paulo: Summus, 2014.

MORIN, Edgar. *O mundo moderno e a questão judaica*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

NOGUEIRA, Oracy. “Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem”. *Tempo Social*, vol. 19, nº 1. São Paulo: Departamento de Sociologia, FFLCH, USP, 2006.

NOVAES, Sylvia Caiuby. “Imagem e Memória”, In: SCHWARCZ, Lilia Moritz; MAMMI, Lorenzo (orgs.). *8 x Fotografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

OLIVEIRA, Lucia Lippi. *O Brasil dos imigrantes*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

PAIVA, Raquel. “Novas formas de comunitarismo no cenário da visibilidade total; a comunidade do afeto”, In: _____ *MATRIZES: (revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da USP)*, ano 6, nº 1. São Paulo, julho-dezembro de 2012.

PÓVOA, Carlos Alberto. "A territorialização dos judeus na cidade de São Paulo: a migração do Bom Retiro ao Morumbi". Tese de Doutorado. São Paulo: Departamento de Geografia, FFLCH, USP, 2007.

PRADO, Caio Júnior. *História Econômica do Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1976.

PROST, Antoine. "Social e cultural indissociavelmente". In: _____ RIOUX, Jean Pierre; SIRINELLI, Jean François (orgs.). *Para uma História Cultural*. Lisboa: Estampa, 1998.

ROUILLÉ, André. *A fotografia entre documento e arte contemporânea*. São Paulo: Senac, 2009.

SAYAD, Abdelmalek. *A imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo: EDUSP, 1998.

SCHAPOCHNIK, Nelson. "Cartões postais, álbuns de família e ícones da intimidade". In: _____ *História da Vida Privada no Brasil*, vol. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SCHWARZ, Roberto. *Cultura e Política*. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

SENDACZ, José Aron. *Um Homem do Mundo*. São Paulo: Editora do Autor, 2005.

SENNETT, Richard. *Carne e Pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental*. Rio de Janeiro: Record, 2006.

SILVA, Sidney Antonio da. *Virgem/Mãe/Terra: Festas e Tradições Bolivianas na Metrópole*. São Paulo: HUCITEC/FAPESP, 2003.

SILVA, Sidney Antonio da. *Bolivianos: a presença da cultura andina*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005.

SIQUEIRA, Uassyr. "Clubes e sociedades dos trabalhadores do Bom Retiro: organização, lutas e lazer em um bairro paulistano, 1915-1924". Campinas: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp, 2002.

SKIDMORE, Thomas E. *Preto no branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

VIEIRA, César. *Em busca de um teatro popular*. São Paulo: Editora do Autor, 2005.

TELLES, Vera da Silva; CABANES, Robert (orgs.). *Nas tramas da cidade: trajetórias urbanas e seus territórios*. São Paulo: Humanitas, 2006.

TRUZZI, Oswaldo. "Etnias em convívio: o bairro do Bom Retiro em São Paulo". *Estudos Históricos* vol. 2, nº 28. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, 2001.

VILLAÇA, Flavio. "Reflexões sobre o centro de São Paulo. In: SCHICCHI, Maria Cristina; BENFATTI, Dênio (orgs.). *Urbanismo: dossiê São Paulo – Rio de Janeiro*. Campinas: Puccamp / Proureb, 2003.

REFERÊNCIAS CINEMATOGRAFICAS

BINISTI, Thierry. *Uma garrafa no mar de Gaza*. França / Canadá / Israel, 2011.

JARDIM, João e CARVALHO, Walter. *Janela da alma*. Brasil, 2001.

MENDONÇA, Kleber Filho. *O som ao redor*. Brasil, 2012.

MUYLAERT, Anna. *Que horas ela volta?* Brasil, 2015.

TOLEDANO, Eric e NAKACHE, Olivier. *Samba*. França, 2015.

WENDERS, Wim. *Palermo Shooting*. Alemanha / Itália / França, 2008.